(n.t.)
REVISTA LITERÁRIA
EM TRADUÇÃO
ANO X - 1º VOL. - JUN. 2020 - EDIÇÃO BILÍNGUE SEMESTRAL - BRASIL
20
ISSN 2177-5141

tradução
μετάφραση
ترجمه
ਅਨੁਵਾਦ
Übersetzung
ñembohasa
traducción
перевод
ກແກວ
תרגום
vertaling
번 역
käännös
translation
тəржемə
översättning
თარგმანი
përkthim
թարգմանություն
canjı
okujjulula
turkakipt'äwi
translatio
tradukado
ಅನುವಾದ
překlad
çeviri
翻訳

Ficha catalográfica elaborada por:
Francisca Rasche CRB 14/691

(n.t.) Revista Literária em Tradução -- n. 1, set. 2010 -.- Florianópolis, 2010 – [recurso eletrônico].

Semestral, ano 10, n. 20, 1º vol., jun. 2020
Bilíngue: 11 idiomas
Editada por Gleiton Lentz e Roger Sulis; ilustrada por Aline Daka
Sistema requerido: PDF
Modo de acesso: https://www.notadotradutor.com/
Portal interativo: Archive.Org
ISSN 2177-5141

1. Literatura. 2. Poesia. 3. Tradução. II. Título.

Indexada na Sumários.Org e Latindex

INTRO

“Toda literatura tem sua Babilônia.”

Helen Waddell

www.notadotradutor.com
notadotradutor@gmail.com

(n.t.)

Edição e Coordenação
Gleiton Lentz

Coedição e Consultoria
Roger Sulis

Ilustração e Curadoria
Aline Daka

Revisão e Assistência
Amanda Zampieri

Consultoria Linguística
Scott Ritter Hadley

Revisão dos Originais
Equipe (n.t.)

Agradecimentos

Fac-símiles e originais: ▪ Hemeroteca Nacional de México/UNAM, para "Cantares mexicanos"; ▪ Archive.Org, para "oἱ μεθ'", de Q. de Esmirna; ▪ Aozora Bunko (Jap.), para "白痴", de A. Sakaguchi; ▪ Интернет-библиотека Алексея Комарова (Rús.), para "Страсти-мордасти", de M. Górki; ▪ Archive.Org, para "Duex histoires insolites", de V. de L'Isle-Adam; ▪ Archive.Org, para "The Man and the Snake", de A. Bierce; Gutenberg.Org, para "Authorship", de L. M. Alcott; Penn Libraries (EUA), para "Every literature has its Babylon", de H. Waddell; ▪ Google Books, para "Ritorno all'uomo", de C. Pavese; ▪ Biblioteca Centrală Mihai Eminescu (Rom.), para "Aranca, ştima lacurilor", de C. Petrescu; ▪ Hemeroteca Digital/BN (Brasil), para "O missionário", de C. Farrère; ▪ CDLI - Cuneiform Digital Library Initiative (EUA), para "Nin-mul-an-gim". **Direitos de publicação:** ▪ Flora Tristán (Peru), para "Tímida y avergonzada", de M. E. Cornejo; ▪ Diputació de Barcelona (Esp.), para "Teoria dels colors", de J. P. i Fabre; ▪ Espasa Calpe/Seix Barral (Arg./Esp.), para "Clases de Arlt", de R. Arlt; ▪ Dorbon-Ainé (Fra.), para "Le missionnaire", de C. Farrère.

EDITORIAL

Desde a antiguidade, nosso conhecimento sobre a Torre de Babel se baseou no relato presente no *Livro do Gênesis* (11: 1-9), de onde provém o mito, nas narrativas de Heródoto (*Histórias I*), que comentou sobre ela em meados do século V a.C., e na Tabuinha de Esagil, de 229 a.C., que fornecia as dimensões e os andares da edificação. E também, imageticamente, através das pinturas criadas ao longo da história, de Bruegel a Doré, que a retrataram, de fato, porém, à semelhança do Minarete de Samarra, no Iraque.

Escrita pelos hebreus no século V a.C., a história, que se transformou em mito, servia para explicar a existência da enorme variedade de idiomas no mundo. Projetada pelos homens que falavam uma só língua e que ansiavam construir uma torre alta o suficiente para alcançar o céu, foi logo derrubada por seu deus, que se irritou com a soberba humana de querer chegar às alturas. Com a queda, as pessoas foram espalhadas sobre a Terra, mas desta vez, falando inúmeros idiomas diferentes para que não mais se entendessem. Mas, para além do mito, teria, de fato, existido a Torre de Babel?

Na última década, alguns estudiosos, como Andrew George (UCL), começaram a associar a milenar edificação a uma estrutura já conhecida, o Etemenanki, um zigurate dedicado ao deus da criação Marduk, que contava com uma torre de sete andares, cujas fundações ainda permanecem visíveis na antiga Babilônia. É comum considerá-lo a inspiração para a história bíblica, porque, nas ruínas da mesma cidade, em 1917, o arqueólogo alemão Robert Koldewey descobriu a "Estela da Torre de Babel", datada de 604-562 a.C., que traz uma inscrição em neobabilônico narrando a história da construção do templo, que em sumério significa "Templo da fundação do Céu e da Terra" (𒂍𒋼𒀭𒆠).

A estela, que ilustra a capa desta edição da (n.t.), pertence atualmente à Coleção Schøyen, em Oslo. Sendo sua representação mais antiga, a Torre aparece em baixo relevo, com os primeiros andares altos e mais cinco em degrau, incluindo o templo no topo, que coroava a estrutura. À direita, aparece a figura de Nabucodonosor II, segurando um bastão na mão esquerda e um pergaminho com a planta do templo. Há também uma inscrição do imperador, onde se lê, resumidamente: "Etemenanki, Zigurate da Babilônia, eu o fiz, a maravilha do povo do mundo, levantei seu cume até o céu, fiz portas para as entradas, e cobri-o com betume e tijolos".

De acordo com a teoria mais recente, o que se sabe é que a edificação não foi construída em um único período, mas sim, que passou por sucessivas construções e reconstruções. Sua origem remonta ao reinado de Hammurabi, por volta de 1792-1750 a.C., tendo sido restaurada por Nabopolassar e concluída por Nabucodonosor II no século V a.C. Atualmente, se encontra em ruínas na paisagem iraquiana.

E a nós, enquanto tradutores, cabe rememorar essa história, não a bíblica, propriamente, mas a da profusão das línguas. E também, recontextualizar esse mito a partir das novas descobertas, pois somos o legado direto da Babel simbólica e milenar. Por isso, trazemos neste número especial, que comemora os 10 anos do projeto da (n.t.), mais de dez idiomas traduzidos, uma verdadeira *babel*. Abrimos com a seção de poesia com os *Cantares mexicanos*, clássico náhuatl traduzido por Sara Lelis de Oliveira; seguido de *A morte de Aquiles* | *οἱ μεθ' Ὅμηρον λόγοι*, do poeta épico grego Quinto de Esmirna, por Rafael Brunhara; *Tímida e envergonhada* | *Tímida y avergonzada*, da peruana María Emilia Cornejo, por Márcia Marques Marinho Castro; e em "prosa poética", *Teoria das cores* | *Teoria dels colors*, do catalão Josep Palau i Fabre, por Lucas Figueiredo Silveira.

Na sequência, na seção das narrativas, apresentamos o conto *A Idiota* | 白, do escritor japonês Ango Sakaguchi, por Karen Kazue Kawana; *Crassa-desgraça* | *Страсти-мордасти*, do russo Maksim Górki, por André Rosa; *Classes de Arlt* | *Clases de Arlt*, do argentino Roberto Arlt, por Lívia O. B. da Costa Carpentieri e Guilherme Barbosa Filho; *Duas histórias insólitas* | *Deux histoires insolites*, do francês Villiers de L'Isle-Adam, por Raíssa Furlanetto Cardoso; *O homem e a serpente* | *The Man and the Snake*, do estadunidense Ambrose Bierce, por Ana Resende; e o capítulo *Produção literária* | *Authorship*, da estadunidense Louisa May Alcott, por Rita Paschoalin. Já na seção dos ensaios, o prefácio *Toda literatura tem sua Babilônia* | *Every literature has its Babylon*, da irlandesa Helen Waddell, por Marco Calil; e o ensaio *Retorno ao homem* | *Ritorno all'uomo*, do italiano Cesare Pavese, por Cláudia Tavares.

E neste número estreamos uma nova, mas antiga seção, o Folhetim, para poder apresentar também contos longos ou novelas. E iniciamos com o conto *Aranka, o espírito das águas* | *Aranca, ştima lacurilor*, do escritor romeno Cezar Petrescu, traduzido por Fernando Klabin, e apresentado em duas partes.

E nas seções finais, "Memória da Tradução", trazemos a primeira tradução de Clarice Lispector, o conto *O missionário* | *Le missionnaire*, do escritor francês Claude Farrère, de 1941, publicada na antiga revista carioca *Vamos Ler!*, e em "Tabuinhas", o clássico sumério em honra aos escribas, Hino a Nisaba, *Nin-mul-an-gim* | *Senhora tingida como as estrelas celestes*, por Gleiton Lentz.

À guisa de conclusão, resta-nos, por fim, agradecer ao antigo deus do *Gênesis* por ter derrubado a torre e criado os idiomas, o que possibilitou o surgimento dos tradutores, pois sem a profusão das línguas, que lugar ocuparíamos nesta "babel"? E uma vez existindo, cá estamos não para afastar ou criar discórdia entre os povos, como queria o deus bíblico, mas sim para aproximar e cosmopolizar, pois esse é o nosso ofício e o que nos toca.

Bem-vindos ao Etemenanki! ■

Os editores

Desterro, setembro de 2021.

(n.t.) | 20°

Publicada na Ilha do Desterro,
em Santa Catarina, Brasil.

ISSN 2177-5141

SUMÁRIO

poesia

(n.t.) | Babilônia

CANTARES MEXICANOS
[f. 18r a f. 19r]

O TEXTO: Tradução inédita para o português de três cantos [fl. 18f a fl. 19f] em náhuatl clássico do manuscrito *Cantares mexicanos*. Trata-se dos cantos 4, 5 e 6 de um conjunto de 24, o qual compreende as folhas 16 verso a 26 verso, e cujo título geral é "Nican ompehua in motenehua melahuac cuicatl yn mehuaya tecpan Mexico Acolhuacan Tlalhuacpan ynic ymelel quiçaya tlahtoque" ("Eis aqui o princípio, quando se expressam os cantos entoados em México-Tenochtitlan, Acolhuacan e Tlalhuacpan para que seus governantes saíssem e se divertissem"). Os cantos provavelmente são de origem pré-hispânica em adoração a deuses e deusas da elite Nahua e em honra a governantes da Tríplice Aliança composta pelos colhuas-mexicas, os toltecas-acolhuas e os otomíes-tepanecas. Esses deuses e deusas, no entanto, foram substituídos por "Dios" e outras entidades católicas em espanhol, bem como por neologismos em náhuatl clássico para o Deus cristão no âmbito da catequização implementada no Altiplano Central do México durante o século XVI.

Texto traduzido: *Cantares mexicanos* [manuscrito]. In. MS 1628 *bis* [siglo XVI]. México: UNAM/Biblioteca Nacional de México, hojas 18f a 19f.

O AUTOR: Autoria desconhecida e coletiva. O conjunto de cantos foi compilado, transliterado, (re)escrito e intitulado por jovens Nahua aculturados, possivelmente sob a supervisão do missionário franciscano Bernardino de Sahagún (c. 1499-1590).

A TRADUTORA: Sara Lelis de Oliveira é doutora em Literatura pela Universidade de Brasília, tradutora e professora de espanhol. Pesquisa no campo da literatura em náhuatl clássico, traduzindo manuscritos coloniais do século XVI para o português e o espanhol.

Contato: saralelis@gmail.com

CANTARES MEXICANOS
[folios 18r-19r]

[f.16v]

Nican ompehua in motenehua melahuac cuicatl
yn mehuaya tecpan Mexico Acolhuacan Tlalhuacpan
ynic ymelel quiçaya tlahtoque

IV

[18r, l. 4] *Chalchiuhcal imanica huiya in quetzalcal imanica huiya a oncan in tontla'toa ohuaye tiMoteucçoçomatzin huiya can ticmaceuh aya ye oncahuantimani a in moteyo ye nican ohuaya etcetera.*

Tel a onca mocococauh aya tel a onca motlama'cehual y ixpan in tichoca yehua in Santa Maria oncan mitzixima Icelteotl in yehuan Dios a ohuaya ohuaya.

On tlacochycuiliuhyan ohuaye chimalycuilihuican in Tenochtitlan y oncan ya mani a in cacahuaxochitl yolloxochitl y in cueponticac y yxochiuh in Ipalnemoani cemanahuac i ye ontlachichina in tepilhuan ayyo ayyaha ohuaya ohuaya.

Ontlamahuizmahmani a in a Colhuacan xiuhtlacuilolli ya amoxcalaitec y oncan ya mani a in cacahuaxochitl yolloxochitl etc.

A yn ilhuicalitic oncan tonoc o in Dios in tetatzin nepapan xochitl tocontimaloa ayanca hui yaha yya yyaha ohuaya etcetera.

Çan mocehuallotitlan çan can ye ioncantlan onneyacalhuiloto aya antepilhuan huiya çan ye te'momahuiço y te'motleyo yehua ica piltihua y ica mahuiztihua y ayanca hui yaha yya yyaha etc.

Çan quetzalpetlatl ipan i momalintoc y in amotlatol aye antepilhuan hui yaha in Cahualtzin huiya Chimalpopocatzin o ayahui ho ayyaha etc.

O anca ye oncan ancopia ya oncan ye ipetl ycpal i yehuan Dios aya Icelteotl Ipalnemoa y ohuaya ohua.

V

Quauhyotica oceloyotica ma onnequechnahualo antepilhuani ycahcahuanca in chimallin cohua ma'limani oo yyao ayyaha ohuaya ohua.

Çan topan moyahua ya topan tzetzelihui a ne'calizxochitli ya huiltiloca in Icelteotl Dios tetatzin icahcahuacan y chimallin etc.

[18v] *Yn poçoni ya ye onca ça milini ya intlachinolli ya nemahuizçotiloya nechimaltocayotilo o a oyohualpan teuhtlan moteca ya ohuaya etc.*

O ahquenman ontlatzihuiz yaoxochitl mani yeehuaya atoyatempa in oncuepontimanique oceloxochitlin chimalli xochitli a oyohualpan teuhtlan moteca ya etc.

A oceloncacauhaxochitl aya onca ya mani ya çan ca y tzetzeliuhya in ixtlahuatl itiqui çan topan ahuiaxticac oo ac on anquinequi on anca ye timallotl in mahuiçotl ohuaya etc.

O acemele xochitl hacemelle ahuia mochiuhticaqui yolloxochitl i a ixtlahuacan yaonahuac oncan quiçaya a in tepilhuan ohya o anca ye timallotl etc.

Yn quauhtehuehueltica ocelopanitli nepanihui yeehuaya quetzallin chimaltica ye onnemamanalo çaquanpanitl huitoliuh on poçoni a ye oncan o hualehua ya yn chalcatl oo Amaqueme oo ayohuilo yhcahuaca yaoyotl ohuaya ohuaya.

Yn tlacotl xaxamacatoc ytztlin teyntimani o chimalteuhtli topan ia motecaya ho hualehua ya yn chalcatl oo etca.

VI

Nihualacic ye nica ye niYohyontzi huiya çan nicxochehelehuia yeehuaya inxochintla'tlapanaco yan tlalticpac ye nica nocoyatlapana in cacahuaxochitl, nocoyatlapana icniuhxochitl i ye tehua monacayon tetepiltzin Neçahualcoyotl teuctli Yohyontzin i yya'o ohuili yya ayyo yao ayyaha yohuiya.

Çan nicyatemotihuitz mocuic in yectli yhuan nicyatemohuian titocnihuan aya ma ompapacohua yehua icniuhtlamachoya yyao ohuili etc.

Achin ic nonahuiya o achin ic ompahpactinemi noyollo in tlalticpacqui ye niYohyontzin nixochiehelehuia oo nixochincuihcuicatinemi ya ohuaya etc.

Nicnehnequi nic ehelehuia in icniuhyotl in tecpillotl nixochiehelehuiya oo nixochin etc.

O anca iuhquin chalchihuitl ohuaya çan ca yuhquin cozcatl in quetzatllin patlahuac ipan ye nicmati a yectli ye mocuic aya tota Dios Ypalnemoani yca nonahuia ica nonnitotiya huehuetitlan o xopancalaitiqui ye niYohyontzin huiya ha noyol quimati ohuaya ohuaya.

[19r] *Ma xicyahuelintzotzona moxochihuehueuh ticuicanitl i yeehuaya ma izquixochitli man cacahuaxochitli, ma onmoyahua ya ma ontzetzelihui ye nica huehuetitlan o man tahuiyacan i ohuaya ohuaya.*

Ya çan ca xiuhquechol tzinitzcan tlauhquechol oncan oncuican tla'tohuaya y xochitl a y paqui hoo a ililio a ilililililincohui yao ayyaha ohuaya ohuaya.

A onca ya icaqui y xochinquahuitl y huehuetitlan a ayahue çan ye itech onnemi ya in quetzalinquechol in tototl ipan mochiuhtinemi o, yn Neçahualcoyotzin o xochicuicuicatinemi o i xochitl a ic paqui hoo a ililio a ililililincohui yao etc.

CANTARES MEXICANOS

[f. 18r a f. 19r]

Eis aqui o princípio, quando se expressam os cantos entoados
[fl. 16v] **nos palácios reais de México-Tenochtitlan[1], Acolhuacan[2] e Tlalhuacpan[3]**
para que seus governantes saíssem e se divertissem

IV

[18f, l. 4] Onde se localizam a casa de esmeraldas, uia,
e a casa do *quetzal*[4], uia.
De lá discursa o senhor, reverenciado, ouaie,
Mocteçuma[5], uia.
O senhor merece, aia,
aqui permanecerá onipresente a honra que lhe pertence…

Porém, lá está a riqueza do reverenciado, aia.
Lá, porém, está o mérito do reverenciado.
Diante dela, de Santa Maria, o senhor chora.
Lá, te reconhece Deus,
o único Deus, ouaia ouaia

Em Tenochtitlan, onde pintam os dardos,
onde pintam os escudos,
onde se encontram as flores *cacahuaxóchitl*[6] e *yolloxóchitl*[7],

---

1 Atual centro da Cidade do México e arredores. Literalmente, "lugar entre as tunas". (n.t.)
2 Literalmente, "lugar dos senhores da água". (n.t.)
3 Literalmente, "lugar onde as coisas se secam". (n.t.)
4 Ave típica do território mesoamericano, característica da região maia. (n.t.)
5 Nome de dois *tlahtoanime* (governantes), pai e filho, de México-Tenochtitlan. (n.t.)
6 Literalmente, "flor de cacau". (n.t.)
7 Literalmente, "flor de coração". (n.t.)

brotam as flores Daquele mediante o qual vivemos.
No mundo são libadas pelos nobres,
aiio aiiaa ouaia ouaia.

Lá, perdura a honra.
Em Colhuacan[8], está o livro pintado dos anos,
dentro da casa de livros,
onde permanecem a *cacahuaxóchitl* e a *yolloxóchitl*,
onde permanecem a *cacahuaxóchitl* e a *yolloxóchitl*...

No interior do céu,
onde Deus se reclina,
o reverenciado pai de todos,
o senhor exalta diversas flores assim,
ui iaa iia iiaa ouaia ouaia ouaia…

Mas junto ao seu povo,
onde é o seu lugar,
onde há sombra feita pelos nobres, uia,
somente sua honra, sua glória.
Ele, assim, se faz venerado senhor,
ui iaa iia iaa iaa iia iia ui...

Sobre o petate de *quetzal*
trançam-se suas palavras, aie.
Oh, senhores nobres, ui iaa,
reverenciados Cahualtzin[9] e Chimalpopocatzin[10],
aiaui aiiaa ui iaa aie…

De maneira que lá se perpetue o petate[11],
o trono de Deus, o único Deus,
mediante o qual vivemos, ouaia oua.

---

[8] Região localizada ao centro-sul de México-Tenochtitlan. Fundada pelos Tolteca, foi uma das grandes inspirações da cultura Mexica, determinando sua linhagem de governantes. Literalmente, "o lugar dos antepassados". (n.t.)
[9] Neto-guerreiro do primeiro governante Mexica. (n.t.)
[10] Terceiro governante Mexica. (n.t.)
[11] Espécie de tapete feito de palma. (n.t.)

V

Graças à sua bravura,
graças à sua grandeza,
os senhores nobres são abraçados.
Seu descanso é escudo.
Trançadas as serpentes,
oo iiao aiiaa ouaia oua.

Mas conosco esparrama-se,
conosco agita-se.
Na batalha de flores,
no lugar da alegria,
está Deus, o único Deus, pai de todos,
seu descanso é escudo...

[18v] Ira-se,
onde há faíscas na batalha
se digna grandemente.
Enobrece-se o escudo,
à noite o pó se junta,
ia ouaia ouaia ouaia...

Alguma vez devastará as flores inimigas remanescentes?
À beira do córrego brotam *oceloxóchitlin*[12].
Escudos, flores,
à noite o pó se junta,
à noite o pó se junta...

A *cacahuaxóchitl* do jaguar permanece lá,
onde chove no campo,
onde trabalha sobre nós contentes, oo.
Os senhores querem corpos podres,
é digno, ouaia ouaia ouaia…

---

[12] Plural de *oceloxóchitl*, flor conhecida por “flor-tigre”, “flor do dia” ou “tigrídia”. (n.t.)

Não sossegam, as flores não repousam.
Alegram-se!
Convertem-se em *yolloxóchitl* no deserto,
junto aos inimigos onde saiam os nobres, oia,
os corpos podres, ouaia ouaia ouaia...

Com tambores de madeira
levantam-se bandeiras de jaguar, ieeuaia.
Com escudos de *quetzal* ajoelham-se,
bandeiras de *çaquan*[13] se dobram.

Enfurecem-se lá,
fogem os inimigos de Chalco[14], oo,
para Amaquemecan[15], oo.
Respira-se e detém-se a guerra, ouaia ouaia.

Flechas de obsidiana, matança,
permanecemos pó de escudo.
Conosco se reuniam, oh,
fogem os inimigos de Chalco, oo oo oo oo…

---

[13] Ave típica do território mesoamericano. (n.t.)
[14] Literalmente, "lugar dos Chalca", região de povo inimigo dos Mexica. (n.t.)
[15] Província de Chalco. Literalmente, "o lugar dos revestimentos de papel". (n.t.)

VI

Cheguei aqui!
Sim, eu, o reverenciado Yohyontzin[16], uia,
só desejo flores, ieeuaia.
Despojo suas pétalas aqui,
sobre a terra despojo a *cacahuaxóchitl.*
Despojo as flores da amizade,
são a carne deles,
venerado nobre Neçahualcóyotl[17],
venerado senhor Yohyontzin,
i iiao ouili iia aiio iao iiiaa iouia.

Venho para buscar seu belo canto,
venho para procurar meus irmãos-amigos, aia.
Eles regozijam-se,
conheçam a amizade,
iiao ouili iia aiio iao aiia…

Alegrava-me um pouco,
um pouco, por isso meu coração
vive feliz sobre a terra.
Sim, eu, o venerado Yohyontzin,
desejo flores,
vivo cantando flores constantemente,
ia ouaia ouaia ouaia…

Anseio a amizade,
desejo a nobreza,
desejo flores, oo.
Vivo cantando flores constantemente,
ouaia ouaia ouaia…

Como esmeralda,
como joia rara,

---

[16] Epíteto de Neçahualcóyotl. (n.t.)
[17] *Tlahtoani* de Acolhuacan. (n.t.)

como longa pluma preciosa
contemplo o belo canto, aia,
do nosso Deus, Aquele mediante o qual vivemos.
Por isso, me alegro.
Por isso, discurso na casa dos tambores,
dentro da casa de verão.
Sim, eu, venerado Yohyontzin, uia,
meu coração conhece o belo canto deles, ouaia ouaia.

[19f] Toquem bem seus tambores floridos!
Você, cantor i ieeuaia,
espalhem a *izquixóchitl*[18] e a *cacahuaxóchitl.*
Elas caem aqui na casa dos tambores,
alegrem-se! Ouaia ouaia.

Onde cantam e gorjeiam o *xiuhquechol*[19],
o *tzinitzcan*[20] e o *tlauhquechol*[21].
Flores felizes, oo ilili,
canta "ilililí",
aiiaaa ouaia ouaia ouaia…

A árvore florida está de pé
no lugar dos tambores, aiaue.
Junto a ela vive o precioso pássaro *quechol.*
Conceba a vida, venerado Neçahualcóyotl,
vive cantando flores, flores com alegria, oo ilili a
canta "ilililí" ouaia ouaia ouaia…

---

[18] Literalmente "flor de esquite". (n.t.)
[19] Ave típica do território mesoamericano. (n.t.)
[20] Ave típica do território mesoamericano, apreciada por suas belas penas. (n.t.)
[21] Variedade de *quechol.* (n.t.)

A morte de Aquiles

(*Pós-Homéricas*, III.1-89)

Quinto de Esmirna

O texto: *Pós-Homéricas*, também conhecido como *Narrativas depois de Homero* ou *Continuação de Homero*, é um poema épico do século III d.C., com forte pendor homerizante, que retoma em 14 cantos os acontecimentos da *Ilíada* até o saque de Troia e o retorno dos heróis sobreviventes à Grécia. Possivelmente teve a função de preencher o vazio entre a *Ilíada* e a *Odisseia*, reescrevendo episódios narrados no *Ciclo Épico*, poemas dos séculos VII e VI a.C., que complementavam os acontecimentos narrados por Homero e que no tempo de Quinto eram raros ou perdidos. O trecho selecionado é o da morte de Aquiles no Livro III do poema (vv.1-89): após a morte de seu amado companheiro Antíloco, Aquiles lança-se sozinho sobre a cidadela de Troia em um rompante furioso e quase a conquista, não fosse a intervenção de Apolo.

Texto traduzido: Hopkinson, N. (Ed.). *Quintus Smyrnaeus' Posthomerica*. Cambridge: Harvard University Press, 2018.

O autor: Quinto de Esmirna é um poeta épico tardio, de origem controversa, grega ou romana. O pouco que se sabe dele vem de sua obra: em certo momento das *Pós-Homéricas* (12.306-13), fala de si mesmo como um jovem pastor em Esmirna, na Ásia Menor. Não é uma informação autobiográfica, mas metapoética, um modo encontrado por Quinto de possivelmente se filiar às duas grandes tradições épicas gregas do período arcaico: Hesíodo, que em seus poemas também se autodenomina um pastor, e o próprio Homero, a quem os antigos atribuíam a Esmirna sua terra natal.

O tradutor: Rafael Brunhara é doutor em Letras Clássicas pela USP e professor de língua e literatura grega na UFRGS. É autor de *As Elegias de Tirteu* (Humanitas, 2014), *Elegia Grega Arcaica: uma antologia* (Ateliê Editorial, 2021, em coautoria com Giuliana Ragusa) e de outros trabalhos em poesia grega antiga. Para a (n.t.) traduziu Tirteu.

ΟΙ ΜΕΘ᾽ ῞ΟΜΗΡΟΝ ΛΟΓΟΙ

λόγος γ, 1-89

"Τίς νύ μοι αἰνὸν ὀιστὸν ἐπιπροέηκε κρυφηδόν;
Τλήτω μεν κατέναντα καὶ εἰς ἀναφανδὸν ἱκέσθαι."

ΚΟΪΝΤΟΣ ΣΜΥΡΝΑΙΟΣ

– Αὐτὰρ ἐπεὶ φάος ἦλθεν ἐυθρόνου Ἠριγενείης,
δὴ τότ' ἄρ' Ἀντιλόχοιο νέκυν ποτὶ νῆας ἔνεικαν
αἰχμηταὶ Πύλιοι μεγά<λα> στενάχοντες ἄνακτα
καί μιν ταρχύσαντο παρ' ἠόσιν Ἑλλησπόντου
πολλὰ μάλ' ἀχνύμενοι. Περὶ δ' ἔστενον ὄβριμοι υἷες 5
Ἀργείων· πάντας γὰρ ἀμείλιχον ἄμπεχε πένθος
Νέστορι ἦρα φέροντας. Ὁ δ' οὐ μέγα δάμνατο θυμῷ·
ἀνδρὸς γὰρ πινυτοῖο περὶ φρεσὶ τλήμεναι ἄλγος
θαρσαλέως καὶ μή τι κατηφιόωντ' ἀκάχησθαι.
– Πηλείδης δ' ἑτάροιο χολούμενος Ἀντιλόχοιο 10
σμερδνὸν ἐπὶ Τρώεσσι κορύσσετο· τοὶ δὲ καὶ αὐτοὶ
καί περ ὑποτρομέοντες ἐυμμελίην Ἀχιλῆα
τείχεος ἐξεχέοντο μεμαότες, οὕνεκ' ἄρά σφι
Κῆρες ἐνὶ στέρνοισι θράσος βάλον· ἦ γὰρ ἔμελλον
πολλοὶ ἀνοστήτοιο κατελθέμεν Ἀιδονῆος 15
χερσὶν ὑπ' Αἰακίδαο δαΐφρονος, ὅς ῥα καὶ αὐτὸς
φθεῖσθαι ὁμῶς ἤμελλε παρὰ Πριάμοιο πόληι.
– Αἶψα δ' ἄρ' ἀμφοτέρωθε συνήλυθον εἰς ἕνα χῶρον
Τρώων ἔθνεα πολλὰ μενεπτολέμων τ' Ἀργείων

μαιμώωντ' ἐς Ἄρηα διεγρομένου πολέμοιο. 20
Πηλείδης δ' ἐν τοῖσι πολὺν περιδάμνατο λαὸν
δυσμενέων· πάντῃ δὲ φερέσβιος αἵματι γαῖα
δεύετο καὶ νεκύεσσι περιστείνοντο ῥέεθρα
Ξάνθου καὶ Σιμόεντος. Ὃ δ' ἑσπόμενος κεράιζε
μέχρις ἐπὶ πτολίεθρον, ἐπεὶ φόβος ἄμπεχε λαούς. 25
Καί νύ κε πάντας ὄλεσσε, πύλας δ' εἰς οὖδας ἔρεισε
θαιρῶν ἐξερύσας, ἢ καὶ συνέαξεν ὀχῆας
δόχμιος ἐγχριμφθείς, Δαναοῖσι δ' ἔθηκε κέλευθον
ἐς Πριάμοιο πόληα, διέπραθε δ' ὄλβιον ἄστυ,
εἰ μή οἱ μέγα Φοῖβος ἀνηλέι χώσατο θυμῷ, 30
ὡς ἴδεν ἄσπετα φῦλα δαϊκταμένων ἡρώων.
Αἶψα δ' ἀπ' Οὐλύμποιο κατήλυθε θηρὶ ἐοικὼς
ἰοδόκην ὤμοισιν ἔχων καὶ ἀναλθέας ἰούς·
ἔστη δ' Αἰακίδαο καταντίον· ἀμφὶ δ' ἄρ' αὐτῷ
γωρυτὸς καὶ τόξα μέγ' ἴαχεν, ἐκ δέ οἱ ὄσσων 35
πῦρ ἄμοτον μάρμαιρε, ποσὶν δ' ὑπὸ κίνυτο γαῖα.
Σμερδαλέον δ' ἤυσε μέγας θεός, ὄφρ' Ἀχιλῆα
τρέψῃ ἀπὸ πτολέμοιο θεοῦ ὄπα ταρβήσαντα
θεσπεσίην καὶ Τρῶας ὑπ' ἐκ θανάτοιο σαώσῃ·
– »Χάζεο, Πηλείδη, Τρώων ἑκάς, οὐ γὰρ ἔοικεν 40
οὔ σ' ἔτι δυσμενέεσσι κακὰς ἐπὶ Κῆρας ἰάλλειν,
μή σε καὶ ἀθανάτων τις ἀπ' Οὐλύμποιο χαλέψῃ.»
– Ὣς ἄρ' ἔφη· ὃ δ' ἄρ' οὔ τι θεοῦ τρέσεν ἄμβροτον αὐδήν·
ἤδη γάρ οἱ Κῆρες ἀμείλιχοι ἀμφεποτῶντο.
Τοὔνεκ' ἄρ' οὐκ ἀλέγιζε θεοῦ, μέγα δ' ἴαχεν ἄντην· 45
– »Φοῖβε, τί ἤ με θεοῖσι καὶ οὐ μεμαῶτα μάχεσθαι
ὀτρύνεις Τρώεσσιν ὑπερφιάλοισιν ἀμύνων;
Ἤδη γὰρ καὶ πρόσθε μ' ἀποστρέψας ὀρυμαγδοῦ
ἤπαφες, ὁππότε πρῶτον ὑπεξεσάωσας ὀλέθρου
Ἕκτορα τῷ μέγα Τρῶες ἀνὰ πτόλιν εὐχετόωντο. 50
Ἀλλ' ἀναχάζεο τῆλε καὶ ἐς μακάρων ἕδος ἄλλων
ἔρχεο, μή σε βάλοιμι καὶ ἀθάνατόν περ ἐόντα.»

– Ὣς εἰπὼν ἀπάτερθε θεὸν λίπε, βῆ δ' ἐπὶ Τρῶας
οἵ ῥ' ἔτι που φεύγεσκον ἅμα προπάροιθε πόληος,
καὶ τοὺς μὲν σεύεσκεν· ὃ δ' ἀσχαλόων ἐνὶ θυμῷ 55
Φοῖβος ἑὸν κατὰ θυμὸν ἔπος ποτὶ τοῖον ἔειπεν·
– »Ὢ πόποι, ὡς ὅ γε μαίνετ' ἀνὰ φρένας· ἀλλά μιν οὔ τι
οὐδ' αὐτὸς Κρονίδης ἔτ' ἀνέξεται οὔτέ τις ἄλλος
οὕτω μαργαίνοντα καὶ ἀντιόωντα θεοῖσιν.»
– Ὣς ἄρ' ἔφη καὶ ἄιστος ὁμοῦ νεφέεσσιν ἐτύχθη· 60
ἠέρα δ' ἑσσάμενος στυγερὸν προέηκε βέλεμνον
καί ἑ θοῶς οὔτησε κατὰ σφυρόν. Αἶψα δ' ἀνῖαι
δῦσαν ὑπὸ κραδίην· ὃ δ' ἀνετράπετ' ἠύτε πύργος,
ὅν τε βίη τυφῶνος ὑποχθονίῃ στροφάλιγγι
ῥήξῃ ὑπὲρ δαπέδοιο κραδαινομένης βαθὺ γαίης· 65
ὣς ἐκλίθη δέμας ἠὺ κατ' οὔδεος Αἰακίδαο.
Ἀμφὶ δὲ παπτήνας ὀλοὸν καὶ † ἄκρατον † ὁμόκλα·
– »Τίς νύ μοι αἰνὸν ὀιστὸν ἐπιπροέηκε κρυφηδόν;
Τλήτω μευ κατέναντα καὶ εἰς ἀναφανδὸν ἱκέσθαι,
ὄφρά κέ οἱ μέλαν αἷμα καὶ ἔγκατα πάντα χυθείη 70
ἡμετέρῳ περὶ δουρὶ καὶ Ἄιδα λυγρὸν ἵκηται.
Οἶδα γὰρ ὡς οὔ τίς με δυνήσεται ἐγγύθεν ἐλθὼν
ἐγχείῃ δαμάσασθαι ἐπιχθονίων ἡρώων,
οὐδ' εἴ περ στέρνοισι μάλ' ἄτρομον ἦτορ ἔχῃσιν,
ἄτρομον ἦτορ ἔχῃσι λίην καὶ χάλκεος εἴη. 75
Κρύβδα δ' ἀνάλκιδες αἰὲν ἀγαυοτέρους λοχόωσι·
τῶ μευ ἴτω κατέναντα, καὶ εἰ θεὸς εὔχεται εἶναι
χωόμενος Δαναοῖς, ἐπεὶ ἦ νύ μοι ἦτορ ἔολπεν
ἔμμεναι Ἀπόλλωνα λυγρῇ κεκαλυμμένον ὄρφνῃ.
Ὣς γάρ μοι τὸ πάροιθε φίλη διεπέφραδε μήτηρ 80
κείνου ὑπαὶ βελέεσσιν ὀιζυρῶς ἀπολέσθαι
Σκαιῇς ἀμφὶ πύλῃσι· τὸ δ' οὐκ ἀνεμώλιον ἦεν.»
– Ἦ καὶ λυγρὸν ὀιστὸν ἀμειλίκτοισι χέρεσσιν
ἕλκεος ἐξείρυσσεν ἀναλθέος· ἐκ δέ οἱ αἷμα
ἔσσυτο τειρομένοιο, πότμος δέ οἱ ἦτορ ἐδάμνα. 85

Ἀσχαλόων δ' ἔρριψε βέλος· τὸ δ' ἄρ' αἶψα κιοῦσαι
Πνοιαὶ ἀνηρείψαντο, δόσαν δέ μιν Ἀπόλλωνι
ἐς Διὸς οἰχομένῳ ζάθεον πέδον· οὐ γὰρ ἐῴκει
ἄμβροτον ἰὸν ὀλέσθαι ἀπ' ἀθανάτοιο μολόντα.

A MORTE DE AQUILES
(*Pós-Homéricas*, III.1-89)

"Quem furtivo me fere com maldita seta?
Que se atreva a aparecer e me enfrentar."

QUINTO DE ESMIRNA

Quando surgiu a luz da Manhã de belo trono
então levaram às naus o cadáver de Antíloco
pílios lanceiros, alto gemendo por seu soberano;
junto às margens do Helesponto deram-lhe exéquias
aos prantos. Em volta dele choravam os filhos brutais 5
de Argos. Abraçava-os luto não leve, em respeito
a Nestor. Mas ele era senhor de seu coração;
o sábio suporta a dor que envolve o espírito
com bravura: ao sofrimento nunca se curva.

Mas com raiva pela morte do parceiro o Pelida 10
se armava terrível contra os Troianos. Eles, porém,
mesmo tremendo ante o freixo aquileu
para fora da muralha afluíam ávidos pois
Kéres, deusas fatais, puseram audácia no peito.
Sim logo muitos desceriam ao Hades sem volta 15
pelas mãos do árdego Eácida; mas ele também
encontraria a morte às portas da Priâmea urbe.

Logo vêm de cada lado e se encontram numa só terra
tribos troianas inúmeras e argivos firmes na guerra

ávidos em Ares na hora em que a luta se eleva. 20
O Pelida entre eles sobrepujou o vasto exército
de seus inimigos: toda de sangue a terra nutriz
se encharcava e corpos atulhavam os fluxos
de Xanto e Simoente. E ele seguia, ceifando,
rumo à cidade, enquanto Pavor prendia as tropas. 25
Então a todos teria matado e os portões posto abaixo,
arrancando-lhe os gonzos e partindo os ferrolhos
com golpe de ombro, aos Dânaos criado passagem
à urbe de Príamo e arrasado uma abastada cidade,
se raiva não tomasse o impiedoso coração de Febo, 30
quando viu tantas tribos de heróis massacradas.
Súbito baixou do alto do Olimpo, feito fera selvagem,
tinha a aljava nos ombros e as mortíferas flechas.
Postou-se frente ao Eácida. Em volta dele
flecha e fáretra rugiam. Nos seus olhos 35
insaciável fogo fulgia. A terra tremia aos seus pés.
Temível gritou o grande Deus, para desviar da guerra
Aquiles, intimidá-lo com sobre-humana voz
de Deus, e da morte salvar os Troianos:

"Recua, Pelida, te afasta dos Trôas! Não mais convém 40
Kéres cruéis sobre teus inimigos lançar,
ou um dos Deuses do Olimpo te esmagará!"

Mas Aquiles não vacilou ante a voz imortal,
já o rondavam as implacáveis Kéres.
Por isso não fez conta do Deus, mas rugiu contra ele: 45

"Febo, por que a combater Deuses, contra meu desejo,
tu me incitas? Para salvar os arrogantes troianos?
Já me enganaste antes, me afastando do conflito,
quando primeiro resgataste Heitor da ruína,
o homem que os troianos tanto exaltaram! 50
Afasta-te tu! Vai para casa, com os outros Deuses,
longe! Ou te golpearei, mesmo que sejas imortal! "

Assim falou e deixou para trás o Deus; investiu
contra os troianos ainda em fuga ante a cidade;
enquanto os caçava, com o coração ofendido 55
Febo falou para si mesmo esta palavra:

"*Oh pópoi*, Como a mente dele desvaira! Mas agora
nem o próprio Cronida poderá tolerar, nem
mais ninguém, tal insânia e afronta aos Deuses!"

Assim falou e fez-se invisível entre as nuvens; 60
envolto em névoa, disparou o dardo funesto
que veloz o feriu no calcanhar. Súbito a dor
penetrou seu peito e o derrubou, como a torre
que a força de um tufão de subtérreos vórtices
põe abaixo, no abalo dos abismos da terra. 65
Assim tombava ao chão a bela figura do Eácida.
Mas olhando ao redor, destrutivo exclamou:

"Quem furtivo me fere com maldita seta?
Que se atreva a aparecer e me enfrentar,
para que seu sangue negro e todas as vísceras 70
embebam minha lança e desça ao Hades lúgubre!
Pois sei que não me poderá vencer de perto,
com lança, herói nenhum sobre a terra
mesmo um de coração muito intrépido no peito,
intrépido ao extremo, e corpo de bronze! 75
Às ocultas é que fracos emboscam mais fortes!

Que venha me enfrentar, mesmo se Deus arroga ser,
aquele que tem raiva dos Dânaos! Que em meu peito
eu creio ser Apolo quem se esconde em trevas nefastas!
Pois assim outrora explicou a minha querida mãe 80
que eu seria tristemente morto pelas flechas dele
às Portas Esqueias. Não foram palavras ao vento"

Disse. E com suas mãos implacáveis o dardo nefasto
arrancou da incurável ferida; o sangue borbotava.
Enfraquecendo, seu coração cedia à morte. 85
Aflito, lançou longe a flecha. E súbito movem-se
ventos a levá-las pelo ar e devolver a Apolo,
a caminho do pátio sagrado de Zeus. Pois não deve
uma seta imperecível perder-se de um Deus imortal.

TÍMIDA E ENVERGONHADA

MARÍA EMILIA CORNEJO

O TEXTO: Os quinze poemas desta seleção fazem parte da coletânea *En la mitad del camino recorrido*, de María Emilia Cornejo, organizada postumamente em 1989 por iniciativa de sua irmã gêmea, Ana María. Algumas das composições, responsáveis pela consagração da poeta como pioneira da poesia erótica feminina e do feminismo no Peru, como "Soy la muchacha mala de la historia", "Como tú lo estableciste" e "Tímida y avergonzada", já haviam sido publicadas em 1973, na revista literária *Eros*.

Texto traduzido: Cornejo, María Emilia. *En la mitad del camino recorrido.* Lima: Ediciones Flora Tristán, 1989.

A AUTORA: María Emilia Cornejo (1949-1972), poeta peruana, nasceu em Lima. Estudou Literatura na Faculdade de Letras da Universidad Nacional Mayor de San Marcos, época em que publicou, na *Colección Gesta No. 2* (outubro de 1970), organizada pela oficina de poesia da universidade, quatro poemas sob o pseudônimo de María Márquez. Destes, dois manifestavam inquietações sociais, enquanto os demais já introduziam as temáticas e abordagens que a consagrariam como uma das vozes mais influentes da Geração do 70. Em 1972, aos 23 anos, cometeu suicídio por overdose medicamentosa.

A TRADUTORA: Márcia Marques Marinho Castro é graduada em Letras (Português/Francês e Inglês/Literaturas) e pós-graduada em Tradução de Língua Espanhola pela UGF; também é mestre em Bioética e pós-graduada em Tradução de Língua Italiana (UERJ), Letras (UFF) e Relações Internacionais (UCAM). Há mais de vinte anos se dedica ao ensino de línguas estrangeiras e à tradução e revisão de textos.

Contato: castroy3m@msn.com

TÍMIDA Y AVERGONZADA

"Te beso y conviertes las cosas
en hechos silenciosos y llenos de asombro."

MARÍA EMILIA CORNEJO

*

hubiéramos querido tener en nuestras manos
la eternidad de nuestras vidas
pero sólo nos era permitido
ocupar el cuarto por tres horas.
la vieja cama rechinó hiriendo nuestros oídos,
para entonces ya nada importaba.
con las precauciones del caso
cara – a – cara
intentamos recuperar nuestro destino
y nos amamos desesperadamente.
yo
todavía conservo
una mata de tu pelo entre mis piernas.

*

terriblemente tuya
acudo noche a noche a la inquietud de tu cama,
bric-a-brac, bric-a-brac, bric-a-brac,
los grillos nos espían.
un torrente de mariposas
cubre la desnudez de nuestros cuerpos
y celosamente conserva las ondulaciones de tu talle.
yo
guardo en mi memoria
tus labios explorando mi cuerpo.

*

me encontraste en la mitad de todos mis caminos
me tomaste de la mano
y yo te seguí ansiosamente,
ninguna cama nos aguardaba
sin embargo
cualquier lugar era apropiado
para juntar nuestras desdichas.
mis senos maduraron como dos frutos entre tus manos
y descubrí que el amor
no siempre necesita un lecho de rosas.

*

envueltos en las sábanas de tu cama, esa cama tuya
cargada de pesares
descubrimos las mil formas del amor;
mis senos como palomas alimentaron tus angustias
y tus pasos se perdían locos en la llanura de mi vientre,
¡oh! fauno enamorado
cabalgabas sobre mí desesperadamente.
tus labios tomaron posesión de mi sexo
y una lluvia de estrellas bañó nuestros cuerpos
y tu semen vino a mí curando todas mis penas.
al final fumamos y nos quejamos del viejo colchón de paja
limpiamos nuestros sexos
hurgamos en viejos poemas la definición de lo nuestro
volvimos a fumar
y las cuatro paredes de tu cuarto se hicieron evidentes
tan claras y evidentes.
yo te dije adiós y tú prometiste llamarme.

*

entro lentamente por tus venas
hasta inundar
todos los rincones de tu cuerpo
rescato tu nombre milenario
en cada arteria
te pierdo y me encuentro
en la profundidad de tu mirada
sin compañía alguna
invado tus pulmones
y vivo
y me recreo
con el aire que respiras
avanzo por debajo de tu piel
y organizo con exactitud
el metabolismo de tus penas
y tu cuerpo se convierte
en la zona sagrada de mi vida.
sin embargo,
hoy es mañana
y mañana será nunca.

*

te beso en los ojos, en la cóncava mudez de tu inocencia,
te beso y todo tu cuerpo se viste
con flores de un canto primaveral,
te beso y conviertes las cosas
en hechos silenciosos y llenos de asombro,
te beso al fin
te beso.

*

todas las cosas tuyas
te poseen
como un secreto
en cada una de tus partes.
en el reloj
de caracoles sonoros
eres
las manecillas llorosas
que aguardan
segundos y minutos;
tienes con el tiempo y el reloj
una sagrada alianza
y
cual dios
todo lo detienes
y todo lo conviertes en espera;
y sólo tú sabes
cuántas horas he perdido
tratando de olvidarte,
entre libros de polvo y años
que algún poeta enamorado
a su amada dedicó;
tratando de olvidarte
en cada una de tus cosas
en todas las cosas tuyas
que te guardan y conservan;
y tienen vida,
la biblia que tiene tu palabra,
de ceniza y cal ardiente,
de enfermedad, delirio y muerte;
la rosa que tiene tu perfume,
de tibieza y paz constante,
de amor, dulzura y vida;
y la losa con tu nombre
que te aguarda eternamente,
desde el origen del mundo
y de tus días.

*

me encontraste en la mitad de todos mis caminos
y avanzaste lentamente hasta inundar
todos los rincones de mi vida.
ahora,
soy la mujer que sigue
sigilosamente
tus pasos
la que aguarda en cada esquina tu llegada,
soy la mujer incondicional
que nada pide a cambio
la que siempre te recibe
y te abre las piernas sin chistar.
soy la mujer,
tu mujer,
que guarda tus más grandes recuerdos;
la que nunca olvidará tu nombre
soy la mujer que conservará como un tesoro
todos tus orgasmos
tu desesperada forma de amarme.
soy la mujer,
tu mujer,
y te amaré
hasta entregarte toda mi piel.

*

camino por las calles buscando el invierno en tus ojos,
inventando atardeceres que ya no llegarán
con su olor de flores frescas
trato de conservarte en el barro modelado,
en el hijo que perdí
(sólo Dios sabe por qué).
tus preguntas se pierden
y cada vez más cerca están, dormitando,
las respuestas que no llegaré a pronunciar,
y tus pasos
esos lentos pasos tuyos,
se van incontrolables.

*

he vuelto al camino de la soledad
al camino de la transparencia y la limpieza
he vuelto a los lugares inéditos
donde miedos milenarios pugnan por salir.
he vuelto,
yo lo sé,
a la angustia de una noche que se acaba,
al poema terminado,
al silencio,
a mi vida.

*

la casa
nuestra casa,
hoy es
un libro,
una flor,
un bosque
y un río.
es un amigo,
un saludo,
música ligera
en soledades
invernales;
y es
tu mano en la mía
juntos,
tu cuerpo y yo.

*

de día
mi cuarto es primavera
de flores y rosas
y
cuando llega la noche
es aquel viejo reloj
cansado y sin horas
que espera,
y simplemente espera
al tiempo
que viene en mi contra.

es sólo el tiempo
que viene en mi contra
y no me deja morir
porque
ya no
ya no le temo a la muerte
pues
sentada junto a ella
hoy
ya no tengo
la culpa
de
sentirme sola.

SOY LA MUCHACHA MALA DE LA HISTORIA

soy
la muchacha mala de la historia,
la que fornicó con tres hombres
y le sacó cuernos a su marido.

soy la mujer
que lo engañó cotidianamente
por un miserable plato de lentejas,
la que le quitó lentamente su ropaje de bondad
hasta convertirlo en una piedra
negra y estéril,
soy la mujer que lo castró
con infinitos gestos de ternura
y gemidos falsos en la cama.

soy
la muchacha mala de la historia.

COMO TÚ LO ESTABLECISTE

sola,
descubro que mi vida transcurrió perfectamente
como tú lo estableciste.

ahora
cuando la sensación de algo inacabado,
inacabado y ajeno
invade de escrúpulos mis buenas intenciones,
sólo ahora
cuando me siento en la mitad de todos mis caminos
atada a frases hechas
a cosas que se hacen por haberlas aprendido
como se aprende una lección de historia,
puedo pensar
que de nada sirvieron los consejos
ni las interminables conversaciones con tu madre,
y esas largas horas de mi vida
perdidas
en aprendizajes extraños
sobre pesas y medidas,
colores
y
sabores
y
en el vano intento de ir tras el sol
tras el vuelo de los pájaros,
de repente quiero acabar
con mi baño de todas las mañanas,
con el café pasado,
con mi agenda cuidadosamente estructurada
de citas y visitas
a las que asisto puntualmente;
pero es tarde
hace frío
y estoy sola.

TÍMIDA Y AVERGONZADA

tímida y avergonzada
dejé que quitaras lentamente mis vestidos,
desnuda
sin saber qué hacer y muerta de frío
me acomodé entre tus piernas
¿es la primera vez?
preguntaste,
sólo pude llorar.
oí que me decías que todo iba a salir bien
que no me preocupara,
yo recordaba las largas discusiones de mis padres,
el desesperado llanto de mi madre
y su voz diciéndome:
"nunca confíes en los hombres".

Comprendiste mi dolor
y con infinita ternura
cubriste mi cuerpo con tu cuerpo,
tienes que abrir las piernas, murmuraste,
y yo me sentí torpe y desolada.

TÍMIDA E ENVERGONHADA

"Eu te beijo e convertes as coisas
em feitos silenciosos e cheios de assombro."

MARÍA EMILIA CORNEJO

*

quiséramos ter em nossas mãos
a eternidade de nossas vidas
mas só nos era permitido
ocupar o quarto por três horas.
a velha cama rangeu, ferindo nossos ouvidos,
àquela altura, nada mais importava.
com as devidas precauções
cara – a – cara
tentamos recuperar nosso destino
e nos amamos desesperadamente.
eu
ainda conservo
um tufo de teu cabelo entre minhas pernas.

*

terrivelmente tua
acudo, noite após noite, à inquietação de tua cama,
bric-a-brac, bric-a-brac, bric-a-brac,
os grilos nos espiam.
uma torrente de borboletas
cobre a nudez de nossos corpos
e cuidadosamente preservam as ondulações de tua figura.
eu
guardo em minha memória
teus lábios explorando meu corpo.

*

tu me encontraste na metade de todos os meus caminhos
tu me pegaste pela mão
e eu te segui ansiosamente,
nenhuma cama nos aguardava
no entanto
qualquer lugar era apropriado
para juntar nossos infortúnios.
meus seios amadureceram como dois frutos entre tuas mãos
e descobri que o amor
nem sempre necessita de um leito de rosas.

*

envoltos nos lençóis da tua cama, essa cama tua
carregada de pesares
descobrimos as mil formas do amor;
meus seios, como pombas, alimentaram tuas angústias
e teus passos se perdiam, loucos, na planeza de meu ventre,
ó! fauno enamorado
cavalgavas sobre mim desesperadamente.
teus lábios tomaram posse de meu sexo
e uma chuva de estrelas banhou nossos corpos
e teu sêmen veio a mim, curando todas as minhas dores.
ao final fumamos e nos queixamos do velho colchão de palha
limpamos nossos sexos
vasculhamos em velhos poemas a definição do nosso
voltamos a fumar
e as quatro paredes de teu quarto se fizeram evidentes
tão claras e evidentes.
eu te disse adeus e tu prometeste me telefonar.

*

entro lentamente por tuas veias
até inundar
todos os cantos do teu corpo
resgato teu nome milenar
em cada artéria
eu te perco e me encontro
na profundidade do teu olhar
sem companhia alguma
invado teus pulmões
e vivo
e me deleito
com o ar que respiras
avanço por debaixo da tua pele
e organizo com exatidão
o metabolismo de tuas dores
e teu corpo se converte
na zona sagrada de minha vida.
no entanto,
hoje é amanhã
e amanhã será nunca.

*

eu te beijo nos olhos, na côncava mudez da tua inocência,
eu te beijo e todo o teu corpo se veste
com flores de um canto primaveril,
eu te beijo e convertes as coisas
em feitos silenciosos e cheios de assombro,
eu te beijo, por fim,
eu te beijo.

*

todas as coisas tuas
te possuem
como a um segredo
em cada uma de tuas partes.
no relógio
de fusos sonoros
és
os ponteiros chorosos
que aguardam
segundos e minutos;
tens com o tempo e o relógio
uma sagrada aliança
e
como deus
tudo deténs
e tudo convertes em espera;
e só tu sabes
quantas horas perdi
tratando de esquecer-te,
entre livros de poeira e anos
que algum poeta enamorado
à sua amada dedicou;
tratando de esquecer-te
em cada uma de tuas coisas
em todas as coisas tuas
que te guardam e conservam;
e têm vida,
a bíblia que tem tua palavra,
de cinzas e cal ardente,
de doença, delírio e morte;
a rosa que tem teu perfume,
de tepidez e paz constante,
de amor, doçura e vida;
e a lápide com teu nome
que te aguarda eternamente,
desde a origem do mundo
e de teus dias.

*

tu me encontraste na metade de todos os meus caminhos
e avançaste lentamente até inundar
todos os cantos da minha vida.
agora,
sou a mulher que segue
sigilosamente
teus passos
a que aguarda em cada esquina tua chegada,
sou a mulher incondicional
que nada pede em troca
a que sempre te recebe
e te abre as pernas sem contestar.
sou a mulher,
tua mulher,
que guarda tuas maiores lembranças;
a que nunca se esquecerá do teu nome
sou a mulher que conservará, como a um tesouro,
todos os teus orgasmos
tua desesperada forma de me amar.
sou a mulher,
tua mulher,
e te amarei
até entregar-te toda a minha pele.

*

caminho pelas ruas procurando o inverno em teus olhos,
inventando entardeceres que não mais chegarão
com seu odor de flores frescas
trato de conservar-te no barro modelado,
no filho que perdi
(só Deus sabe por quê).
tuas perguntas se perdem
e cada vez mais perto estão, dormitando,
as respostas que não chegarei a pronunciar,
e teus passos
esses lentos passos teus,
tornam-se incontroláveis.

*

voltei ao caminho da solidão
ao caminho da transparência e da limpeza
voltei aos lugares inéditos
de onde medos milenares lutam para sair.
voltei,
eu sei,
à angústia de uma noite que se acaba,
ao poema terminado,
ao silêncio,
à minha vida.

*

a casa
nossa casa,
hoje é
um livro,
uma flor,
um bosque
e um rio.
é um amigo,
uma saudação,
música leve
na melancolia
invernal;
e é
tua mão na minha
juntos,
teu corpo e eu.

*

de dia
meu quarto é primavera
de flores e rosas
e
quando chega a noite
é aquele velho relógio
cansado e sem horas
que espera,
e simplesmente espera
pelo tempo
que vem de encontro a mim.

é só o tempo
que vem de encontro a mim
e não me deixa morrer
porque
não mais
não mais temo a morte
pois,
sentada junto a ela,
hoje
não tenho mais
culpa
por me
sentir sozinha.

SOU A GAROTA MÁ DA HISTÓRIA

sou
a garota má da história,
a que fornicou com três homens
e colocou chifres em seu marido.

sou a mulher
que o enganou cotidianamente
por um mísero prato de lentilhas,
a que lhe tirou lentamente a roupagem de bondade
até convertê-lo em uma pedra
negra e estéril,
sou a mulher que o castrou
com infinitos gestos de ternura
e gemidos falsos na cama.

sou
a garota má da história.

COMO TU ESTABELECESTE

sozinha,
descubro que minha vida transcorreu perfeitamente
como tu estabeleceste.

agora
quando a sensação de algo inacabado,
inacabado e alheio
toma de escrúpulos minhas boas intenções,
só agora
quando me sinto na metade de todos os meus caminhos
atada a frases feitas
a coisas que alguém faz por tê-las aprendido
como se aprende em uma aula de História,
posso pensar
que de nada serviram os conselhos
nem as intermináveis conversas com tua mãe,
e essas longas horas de minha vida
perdidas
em estranhos aprendizados
sobre pesos e medidas,
cores
e
sabores
e
no vão intento de ir atrás do sol
atrás do voo dos pássaros,
de repente quero acabar
com meu banho de todas as manhãs,
com o café passado,
com minha agenda cuidadosamente estruturada
em compromissos e visitas
aos quais compareço pontualmente;
mas está tarde
faz frio
e estou sozinha.

TÍMIDA E ENVERGONHADA

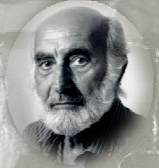
tímida e envergonhada
deixei que tirasses lentamente minhas roupas,
nua
sem saber o que fazer e morta de frio
eu me acomodei entre as tuas pernas
é a primeira vez?
perguntaste,
só consegui chorar.
ouvi que me dizias que tudo correria bem
que eu não me preocupasse,
eu me lembrava das longas discussões de meus pais,
do choro desesperado de minha mãe
e de sua voz me dizendo:
"nunca confies nos homens".

Compreendeste minha dor
e, com infinita ternura,
cobriste meu corpo com teu corpo,
tens que abrir as pernas, murmuraste,
e eu me senti torpe e desolada.

prosa poética

(n.t.) | Babilônia

Teoria das cores

Josep Palau i Fabre

O texto: Seleção com três poemas em prosa de Palau i Fabre, “El Danubi blau” (“O Danúbio azul”), “Capítol en Blanc” (“Capítulo em branco”) e “L’or no és groc” (“O ouro não é amarelo”), que integram o conjunto de sete poemas intitulado “Teoria dels colors” (“Teoria das cores”). A série, escrita originalmente em catalão e traduzida para o francês pelo próprio poeta, faz parte do livro *Poemes de l’Alquimista*, de 1952. Constam aqui os poemas que representam as cores azul e branca, as preferidas de Picasso, segundo o poeta, e outro referente ao “ouro”, devido à sua predileção pela alquimia medieval.

Texto traduzido: Palau i Fabre, Josep. *Poemes de l’Alquimista*. Barcelona: Diputació de Barcelona, 1997.

O autor: Josep Palau i Fabre (1917-2008), poeta, prosador e ensaísta catalão, nasceu em Barcelona. Viveu exilado em Paris entre as décadas de 1940 e 1960, quando entrou em contato com a literatura francesa, principalmente com Rimbaud, Balzac e Artaud, autores que traduziu ao catalão. Foi um dos mais importantes poetas de sua geração, tendo escrito inúmeras obras sobre Picasso e sido laureado com o Premi d’Honor de les Lletres Catalanes. Reuniu sua obra poética em *Poemes de l’Alquimista* e sua ensaística em *Quaderns de l’Alquimista*. Em 2005 foi publicada sua *Obra Literària Completa*, em dois volumes.

O tradutor: Lucas Figueiredo Silveira é graduando em Letras Português-Francês pela USP, com período na Université Lumière Lyon II. É colaborador da *Revista Rosa* e tradutor de francês e catalão.

TEORIA DELS COLORS

"Un vers sobre la quartilla, una taca sobre la carta,
un color sobre la tela, són funcions elementals, essencials."

JOSEP PALAU I FABRE

EL DANUBI BLAU

El blau va néixer en el mar per a inundar-nos. Inundà la cambra, inundà el pensament. Les tovalles es tornaren blaves abans del dinar, i no podem tocar cap fruit que no sigui blau ni podem menjar sinó claror blava…

Els ulls blaus, ¿ho veuen tot blau? ¿I els ulls verds, tot verd? ¿I els negres, tot negre? Però els nostres ulls canvien de color a cada instant i arribem a fer-nos la il·lusió que les coses són canviants. Només els ulls blaus tenen aquesta propietat de permanència. Res no altera la visió blava de les coses. I la barca del pensament, igual que la de rems, navega sobre el blau.

El blau tenyeix, destenyeix. Sincronitza amb el temps. Hi ha malalties blaves, hores blaves, músiques blaves. El blau és sempre musical, des de l'ultramarí fins a l'atzur transparent. La flauta del pastor és blava. Hi ha amors blaus també. Són els que es mantenen purs, quan els amants naveguen l'un dins l'altre ulls endins. Si el silenci els acompanya, el blau es manté intacte, i poden arribar al bes blau, a l'abraçada blava… El blau és més pur que el blanc, que és incitant, excitant, nerviós, metàl·lic. La Puríssima Concepció vesteix de blau o porta, almenys, una franja blava.

La cinta blava en el cabell de les noies i ja no goseu tocar-les.

14 de desembre del 1946

CAPÍTOL EN BLANC

El blanc es fa desitjar. La violació comença. ¿Deixar o no deixar el blanc? Però deixar-lo és sempre deixar-lo per a un altre. Tots els espais en blanc són per a mi, són per a vós, són per a qui primer hi arribi. Una tela en blanc, una quartilla en blanc, una carta en blanc. Tot és possible. Tot s'amaga darrere el blanc. El blanc és sempre metàl·lic, acerat, i punxa els ulls. Un vers sobre la quartilla, una taca sobre la carta, un color sobre la tela, són funcions elementals, essencials, necessàries. Però un vers en requereix un altre, una frase en demana una altra, un color sol amb el blanc resulta incestuós, provocatiu, ofensiu, immoral. És una copulació massa ostensible. ¿A qui es dirigeix principalment el blanc? ¿A la nostra ploma, al nostre enteniment, al nostre pinzell? A cap d'ells: el blanc es dirigeix sempre al nostre sexe. Cal violar el blanc. Allí la taca roja diu la seva sang, el blau diu el seu mar o el verd la seva entranya. Cal combatre la inhumanitat del blanc fins a fer-lo plorar, fer-lo gemegar, fer-li confessar tots els secrets, obligar-lo a despullar-se. Llavors potser ens dirà amb accent desesperat les nits passades vora el foc, amb la tristesa entre els grisos de la mà. O sabrem una passió nodrida entre les dents sense ni un tros de pa per mastegar. O ens revelarà, a cau d'orella, aquell matí puríssim que duia amagat sota l'arc de la cella.

No hi ha cap marbre de Grècia darrera el blanc.

14 de desembre de 1946

L'OR NO ÉS GROC

No el groc jo canto, sinó l'or.

L'or dels retaules, l'or dels nostres somnis, el nombre d'or, el límit d'or, cossos daurats de l'Edat d'Or...

Els infants parlen del *color d'or*. Les coses grogues són unes altres, i són sempre inferiors. Però ells tenen, per a veure-ho, la mirada d'or que nosaltres hem perdut. Nolsaltres, els homes de mirada groga...

23 de desembre de 1946

TEORIA DAS CORES

"Um verso sobre a folha, uma mancha sobre a carta,
uma cor sobre a tela, são funções elementares, essenciais."

JOSEP PALAU I FABRE

O DANÚBIO AZUL

O azul nasceu no mar para nos inundar. Inundou o quarto, inundou o pensamento. As toalhas tornaram-se azul antes da refeição, e não nos é permitido tocar nenhum fruto que não seja azul, nem de comer senão a claridade azul...

Os olhos azuis, veem tudo azul? E os verdes, veem tudo verde? E os escuros, tudo escuro? Mas nossos olhos mudam de cor a cada instante, o que nos faz ter a ilusão de que as coisas são mutáveis. Somente os azuis têm essa capacidade de permanência. Nada perturba a visão azul das coisas. E o barco do pensamento, como o barco a remo, navega sobre o azul.

O azul mancha, desmancha. Sincroniza-se com o tempo. Existem doenças azuis, horas azuis, músicas azuis. O azul é sempre musical, do ultramarino até o azul mais transparente. A flauta do pastor é azul. Existem também amores azuis. São aqueles que se mantêm puros, quando os amantes navegam dentro dos olhos um do outro. Se o silêncio os acompanha, o azul se mantém intacto e podem chegar ao beijo azul, ao abraço azul... O azul é mais puro do que o branco, que é incitante, excitante, nervoso, metálico. A Virgem Maria se veste de azul ou ao menos leva consigo uma faixa azul.

Uma fita azul no cabelo das meninas e já não se ousa mais tocá-las.

14 de dezembro de 1946

CAPÍTULO EM BRANCO

O branco se faz desejar. A violação começa. O branco, deixar ou não deixar? Mas deixá-lo é sempre deixá-lo para algum outro. Todos os espaços em branco são para mim, são para você, são para os primeiros que os alcançarem. Uma tela em branco, uma folha em branco, uma carta em branco. Tudo é possível. Tudo se esconde atrás do branco. O branco é sempre metálico, de aço e fere os olhos. Um verso sobre a folha, uma mancha sobre a carta, uma cor sobre a tela, são funções elementares, essenciais, necessárias. Mas um verso requer outro, uma frase pede por outra, uma cor sozinha com o branco torna-se incestuosa, provocadora, ofensiva, imoral. É uma cópula demasiado explícita. A quem se dirige o branco? À nossa caneta, à nossa inteligência, ao nosso pincel? A nenhum deles: o branco se dirige sempre ao nosso sexo. É preciso violar o branco. Aí, a mancha vermelha proclama seu sangue, o azul alarga suas águas, o verde esconde suas vísceras. É preciso combater a inumanidade do branco até fazê-lo chorar, fazê-lo gemer, fazê-lo confessar todos os segredos, obrigá-lo a desnudar-se. Então, talvez ele nos conte, com um acento desesperado, das noites passadas perto do fogo, na espera, com a tristeza entre o cinza das mãos. Ou saberemos de uma paixão nutrida entre os dentes, sem nem um só pedaço de pão para mastigar. Ou nos revelará, ao pé do ouvido, aquela madrugada puríssima que mantinha escondida sob o arco da sobrancelha.

Não há mármore grego por trás do branco.

14 de dezembro de 1946

O OURO NÃO É AMARELO

Não é o amarelo que eu canto, mas o ouro.

O ouro dos retábulos, o ouro dos nossos sonhos, o número de ouro, o limite de ouro, os corpos dourados da Idade de Ouro...

As crianças falam sobre a *cor do ouro*... As coisas amarelas são outras, e são sempre inferiores. Mas elas têm, por perceberem bem, o olhar de ouro que nós perdemos. Nós, os homens de olhar amarelo...

23 de dezembro de 1946

contos

(n.t.) | Babilônia

A Idiota
Ango Sakaguchi

O texto: O conto "A Idiota" (白痴), de Ango Sakaguchi, publicado originalmente na revista japonesa *Shinchō* (新潮), em 1º de junho de 1946, descreve o cotidiano sem expectativas de Izawa, jovem repórter e diretor de filmes educativos, que mora em um bairro nos subúrbios de Tóquio, durante o final da Segunda Guerra. Os habitantes do bairro vivem em um estado de amnésia e brutalidade na iminência de serem bombardeados pelas forças americanas. Em meio a esse cenário angustiante, certa noite, a existência de Izawa é transformada por um incidente inusitado. O texto suscita questões sobre o instinto de sobrevivência dos seres humanos em situações extremas e sobre a irracionalidade da guerra.

Texto traduzido: 坂口 安吾. **白痴**, 「新潮, 第四十三巻第六号」1946（昭和21）年6月1日発行.

O autor: Ango Sakaguchi (1906-1955), romancista e ensaísta japonês, nasceu na província de Niigata. Seu verdadeiro nome é Heigo Sakaguchi. Aos 20 anos, ingressou na Universidade de Tōyō para estudar budismo e filosofia indiana. Ao lado de Osamu Dazai e Sakunosuke Oda, é considerado um *buraiha* (da Escola dos decadentes e libertinos), grupo constituído de escritores de índole dissoluta, cujos textos abordavam temas como a amoralidade e a crise de identidade do Japão no pós-guerra. Autor controverso, por suas ideias e textos, pode ser considerado um "subversivo", autor de 堕落論 (*Discurso da decadência*), de 1946.

A tradutora: Karen Kazue Kawana atualmente é doutoranda do programa de Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem (Unicamp). Mestre e doutora em Filosofia (IFCH/Unicamp) e mestre em Língua, Literatura e Cultura Japonesa (FFLCH/USP). Para a (n.t.) traduziu Osamu Dazai, Nankichi Niimi, Riichi Yokomitsu, Motojirō Kajii e Akiko Yosano.

Contato: kkawanak@gmail.com

白痴

「それらの雑多のカケラの間にはさまれて白痴の顔
がころがっているだけだった。」

坂口 安吾

その家には人間と豚と犬と鶏と家鴨（あひる）が住んでいたが、まったく、住む建物も各々の食物も 殆（ほとん）ど変っていやしない。物置のようなひん曲った建物があって、階下には主人夫婦、天井裏には母と娘が間借りしていて、この娘は相手の分らぬ子供を孕（はら）んでいる。

伊沢の借りている一室は母屋から分離した小屋で、ここは昔この家の肺病の息子がねていたそうだが、肺病の豚にも贅沢すぎる小屋ではない。それでも押入と便所と戸棚がついていた。

主人夫婦は仕立屋で町内のお針の先生などもやり（それ故肺病の息子を別の小屋へ入れたのだ）町会の役員などもやっている。間借りの娘は元来町会の事務員だったが、町会事務所に寝泊りしていて町会長と仕立屋を除いた他の役員の全部の者（十数人）と公平に関係を結んだそうで、そのうちの誰かの種を宿したわけだ。そこで町会の役員共が醵金（きょきん）してこの屋根裏で子供の始末をつけさせようというのだが、世間は無駄がないもので、役員の一人に豆腐屋がいて、この男だけ娘が姙娠してこの屋根裏にひそんだ後も通ってきて、結局娘はこの男の妾のようにきまってしまった。他の役員共はこれが分るとさっそく醵金をやめてしまい、この分れ目の一ヶ月分の生活費は豆腐屋が負担すべきだと主張して、支払いに応じない八百屋と時計屋と地主と何屋だか七八人あり（一人当り金五円）娘は今に至るまで地団駄（じだんだ）ふんでいる。

この娘は大きな口と大きな二つの眼の玉をつけていて、そのくせひどく痩（や）せこけていた。家鴨を嫌って、鶏にだけ食物の残りをやろうとするのだが、家鴨が横からまきあげるので、毎日腹を立てて家鴨を追っかけている。大きな腹と尻を前後に突きだして奇妙な直立の姿勢で走る恰好（かっこう）が家鴨に似ているのであった。

この路地の出口に煙草屋があって、五十五という婆さんが白粉（おしろい）つけて住んでおり、七人目とか八人目とかの情夫を追いだして、その代りを中年の坊主にしようか矢張り中年

か売ってくれる由で（但し闇値）先生（伊沢のこと）も裏口から行ってごらんなさいと仕立屋が言うのだが、あいにく伊沢は勤め先で特配があるので婆さんの世話にならずにすんでいた。

ところがその筋向いの米の配給所の裏手に小金を握った未亡人が住んでいて、兄（職工）と妹と二人の子供があるのだが、この真実の兄妹が夫婦の関係を結んでいる。けれども未亡人は結局その方が安上りだと黙認しているうちに、兄の方に女ができた。そこで妹の方をかたづける必要があって親戚に当る五十とか六十とかの老人のところへ嫁入りということになり、妹が猫イラズを飲んだ。飲んでおいて仕立屋（伊沢の下宿）へお稽古にきて苦しみはじめ、結局死んでしまったが、そのとき町内の医者が心臓麻痺の診断書をくれて話はそのまま消えてしまった。え？　どの医者がそんな便利な診断書をくれるんですか、と伊沢が仰天して訊ねると、仕立屋の方が呆気（あっけ）にとられた面持で、なんですか、よそじゃ、そうじゃないんですか、と訊いた。

このへんは安アパートが林立し、それらの部屋の何分の一かは妾と淫売が住んでいる。それらの女達には子供がなく、又、各々の部屋を綺麗にするという共通の性質をもっているので、そのために管理人に喜ばれて、その私生活の乱脈さ背徳性などは問題になったことが一度もない。アパートの半数以上は軍需工場の寮となり、そこにも女子挺身隊（ていしんたい）の集団が住んでいて、何課の誰さんの愛人だの課長殿の戦時夫人（というのはつまり本物の夫人は疎開中ということだ）だの重役の二号だの会社を休んで月給だけ貰っている姙娠中の挺身隊だのがいるのである。中に一人五百円の妾というのが一戸を構えていて羨望の的であった。人殺しが商売だったという満洲浪人（この妹は仕立屋の弟子）の隣は指圧の先生で、その隣は仕立屋銀次の流れをくむその道の達人だということであり、その裏に海軍少尉がいるのだが、毎日魚を食い珈琲（コーヒー）をのみ缶詰をあけ酒を飲み、このあたりは一尺掘ると水がでるので、防空壕の作りようもないというのに、少尉だけはセメントを用いて自宅よりも立派な防空壕をもっていた。又、伊沢が通勤に通る道筋の百貨店（木造二階建）は戦争で商品がなく休業中だが、二階では連日賭場が開帳されており、その顔役は幾つかの国民酒場を占領して行列の人民共を睨（にら）みつけて連日泥酔していた。

伊沢は大学を卒業すると新聞記者になり、つづいて文化映画の演出家（まだ見習いで単独演出したことはない）になった男で、二十七の年齢にくらべれば裏側の人生にいくらか知識はある筈（はず）で、政治家、軍人、実業家、芸人などの内幕に多少の消息は心得ていたが、場末の小工場とアパートにとりかこまれた商店街の生態がこんなものだとは想像もしていなかった。戦争以来人心が荒（すさ）んだせいだろうと訊いてみると、いえ、なんですよ、このへんじゃ、先からこんなものでしたねえ、と仕立屋は哲学者のような面持で静かに答えるのであった。

けれども最大の人物は伊沢の隣人であった。

この隣人は気違いだった。相当の資産があり、わざわざ路地のどん底を選んで家を建てたのも気違いの心づかいで、泥棒乃至（ないし）無用の者の侵入を極度に嫌った結果だろうと思われる。なぜなら、路地のどん底に辿（たど）りつきこの家の門をくぐって見廻すけれども戸口

というものがないからで、見渡す限り格子のはまった窓ばかり、この家の玄関は門と正反対の裏側にあって、要するにいっぺんグルリと建物を廻った上でないと辿りつくことができない。無用の侵入者は匙(さじ)を投げて引下る仕組であり、乃至は玄関を探してうろつくうちに何者かの侵入を見破って警戒管制に入るという仕組でもあって、隣人は浮世の俗物どもを好んでいないのだ。この家は相当間数のある二階建であったが、内部の仕掛に就いては物知りの仕立屋も多く知らなかった。

気違いは三十前後で、母親があり、二十五六の女房があった。母親だけは正気の人間の部類に属している筈だという話であったが、強度のヒステリイで、配給に不服があると跣足(はだし)で町会へ乗込んでくる町内唯一の女傑であり、気違いの女房は白痴であった。ある幸多き年のこと、気違いが発心(ほっしん)して白装束に身をかため四国遍路に旅立ったが、そのとき四国のどこかしらで白痴の女と意気投合し、遍路みやげに女房をつれて戻ってきた。気違いは風采堂々たる好男子であり、白痴の女房はこれも然(しか)るべき家柄の然るべき娘のような品の良さで、眼の細々とうっとうしい、瓜実顔(うりざねがお)の古風の人形か能面のような美しい顔立ちで、二人並べて眺めただけでは、美男美女、それも相当教養深遠な好一対としか見受けられない。気違いは度の強い近眼鏡をかけ、常に万巻の読書に疲れたような憂わしげな顔をしていた。

ある日この路地で防空演習があってオカミさん達が活躍していると、着流し姿でゲタゲタ笑いながら見物していたのがこの男で、そのうち俄(にわか)に防空服装に着かえて現れて一人のバケツをひったくったかと思うと、エイとか、ヤーとか、ホーホーという数種類の奇妙な声をかけて水を汲み水を投げ、梯子(はしご)をかけて塀に登り、屋根の上から号令をかけ、やがて一場の演説（訓辞）を始めた。伊沢はこのときに至って始めて気違いであることに気付いたので、この隣人は時々垣根から侵入してきて仕立屋の豚小屋で残飯のバケツをぶちまけついでに家鴨に石をぶつけ、全然何食わぬ顔をして鶏に餌をやりながら突然蹴とばしたりするのであったが、相当の人物と考えていたので、静かに黙礼などを取交していたのであった。

だが、気違いと常人とどこが違っているというのだ。違っているといえば、気違いの方が常人よりも本質的に慎み深いぐらいのもので、気違いは笑いたい時にゲタゲタ笑い、演説したい時に演説をやり、家鴨に石をぶつけたり、二時間ぐらい豚の顔や尻を突ついていたりする。けれども彼等は本質的にはるかに人目を怖れており、私生活の主要な部分は特別細心の注意を払って他人から絶縁しようと腐心している。門からグルリと一廻りして玄関をつけたのもそのためであり、彼等の私生活は概して物音がすくなく、他に対して無用なる饒舌(じょうぜつ)に乏しく、思索的なものであった。路地の片側はアパートで伊沢の小屋にのしかかるように年中水の流れる音と女房どもの下品な声が溢(あふ)れており、姉妹の淫売が住んでいて、姉に客のある夜は妹が廊下を歩きつづけており妹に客のある時は姉が深夜の廊下を歩いている。気違いがゲタゲタ笑うというだけで人々は別の人種だと思っていた。

白痴の女房は特別静かでおとなしかった。何かおどおどと口の中で言うだけで、その

言葉は良くききとれず、言葉のききとれる時でも意味がハッキリしなかった。料理も、米を炊くことも知らず、やらせれば出来るかも知れないが、ヘマをやって怒られるとおどおどして益々ヘマをやるばかり、配給物をとりに行っても自身では何もできず、ただ立っているというだけで、みんな近所の者がしてくれるのだ。気違いの女房ですもの白痴でも当然、その上の慾を言ってはいけますまいと人々が言うが、母親は大の不服で、女が御飯ぐらい炊けなくって、と怒っている。それでも常はたしなみのある品の良い婆さんなのだが、何がさて一方ならぬヒステリイで、狂い出すと気違い以上に獰猛（どうもう）で三人の気違いのうち婆さんの叫喚（きょうかん）が頭ぬけて騒がしく病的だった。白痴の女は怯（おび）えてしまって、何事もない平和な日々ですら常におどおどし、人の跫音（あしおと）にもギクリとして、伊沢がヤアと挨拶すると却（かえ）ってボンヤリして立ちすくむのであった。

白痴の女も時々豚小屋へやってきた。気違いの方は我家の如くに堂々と侵入してきて家鴨に石をぶつけたり豚の頬っぺたを突き廻したりしているのだが、白痴の女は音もなく影の如くに逃げこんできて豚小屋の蔭に息をひそめているのであった。いわば此処（ここ）は彼女の待避所で、そういう時には大概隣家でオサヨさんオサヨさんとよぶ婆さんの鳥類的な叫びが起り、そのたびに白痴の身体はすくんだり傾いたり反響を起し、仕方なく動き出すには虫の抵抗の動きのような長い反復があるのであった。

新聞記者だの文化映画の演出家などは賤業中の賤業であった。彼等の心得ているのは時代の流行ということだけで、動く時間に乗遅れまいとすることだけが生活であり、自我の追求、個性や独創というものはこの世界には存在しない。彼等の日常の会話の中には会社員だの官吏だの学校の教師に比べて自我だの人間だの個性だの独創だのという言葉が氾濫（はんらん）しすぎているのであったが、それは言葉の上だけの存在であり、有金をはたいて女を口説いて宿酔（ふつかよい）の苦痛が人間の悩みだと云うような馬鹿馬鹿しいものなのだった。ああ日の丸の感激だの、兵隊さんよ有難う、思わず目頭が熱くなったり、ズドズドズドは爆撃の音、無我夢中で地上に伏し、パンパンパンは機銃の音、およそ精神の高さもなければ一行の実感すらもない架空の文章に憂身をやつし、映画をつくり、戦争の表現とはそういうものだと思いこんでいる。又ある者は軍部の検閲で書きようがないと言うけれども、他に真実の文章の心当りがあるわけでなく、文章自体の真実や実感は検閲などには関係のない存在だ。要するに如何（いか）なる時代にもこの連中には内容がなく空虚な自我があるだけだ。流行次第で右から左へどうにでもなり、通俗小説の表現などからお手本を学んで時代の表現だと思いこんでいる。事実時代というものは只（ただ）それだけの浅薄愚劣なものでもあり、日本二千年の歴史を覆（くつがえ）すこの戦争と敗北が果して人間の真実に何の関係があったであろうか。最も内省の稀薄な意志と衆愚の妄動だけによって一国の運命が動いている。部長だの社長の前で個性だの独創だのと言い出すと顔をそむけて馬鹿な奴だという言外の表示を見せて、兵隊さんよ有難う、ああ日の丸の感激、思わず目頭が熱くなり、ＯＫ、新聞記者とはそれだけで、事実、時代そのものがそれだけだ。

師団長閣下の訓辞を三分間もかかって長々と写す必要がありますか、職工達の毎朝のノリトのような変テコな唄を一から十まで写す必要があるのですか、と訊いてみると、

部長はプイと顔をそむけて舌打ちしてやにわに振向くと貴重品の煙草をグシャリ灰皿へ押しつぶして睨みつけて、おい、怒濤（どとう）の時代に美が何物だい、芸術は無力だ！　ニュースだけが真実なんだ！　と呶鳴（どな）るのであった。演出家どもは演出家どもで、企画部員は企画部員で、徒党を組み、徳川時代の長脇差と同じような情誼（じょうぎ）の世界をつくりだし義理人情で才能を処理して、会社員よりも会社員的な順番制度をつくっている。それによって各自の凡庸（ぼんよう）さを擁護し、芸術の個性と天才による争覇を罪悪視し組合違反と心得て、相互扶助の精神による才能の貧困の救済組織を完備していた。内にあっては才能の貧困の救済組織であるけれども外に出でてはアルコールの獲得組織で、この徒党は国民酒場を占領し三四本ずつビールを飲み酔っ払って芸術を論じている。彼等の帽子や長髪やネクタイや上着（ブルース）は芸術家であったが、彼等の魂や根性は会社員よりも会社員的であった。伊沢は芸術の独創を信じ、個性の独自性を諦（あきら）めることができないので、義理人情の制度の中で安息することができないばかりか、その凡庸さと低俗卑劣な魂を憎まずにいられなかった。彼は徒党の除け者となり、挨拶しても返事もされず、中には睨む者もある。思いきって社長室へ乗込んで、戦争と芸術性の貧困とに理論上の必然性がありますか。それとも軍部の意思ですか、ただ現実を写すだけならカメラと指が二三本あるだけで沢山ですよ。如何なるアングルによって之（これ）を裁断し芸術に構成するかという特別な使命のために我々芸術家の存在が――社長は途中に顔をそむけて苦りきって煙草をふかし、お前はなぜ会社をやめないのか、徴用が怖いからか、という顔附で苦笑をはじめ、会社の企画通り世間なみの仕事に精をだすだけで、それで月給が貰えるならよけいなことを考えるな、生意気すぎるという顔附になり、一言も返事せずに、帰れという身振りを示すのであった。賤業中の賤業でなくて何物であろうか。ひと思いに兵隊にとられ、考える苦しさから救われるなら、弾丸も飢餓もむしろ太平楽のようにすら思われる時があるほどだった。

伊沢の会社では「ラバウルを陥（おと）すな」とか「飛行機をラバウルへ！」とか企画をたてコンテを作っているうちに米軍はもうラバウルを通りこしてサイパンに上陸していた。「サイパン決戦！」企画会議も終らぬうちにサイパン玉砕、そのサイパンから米機が頭上にとびはじめている。「焼夷弾（しょういだん）の消し方」「空の体当り」「ジャガ芋の作り方」「一機も生きて返すまじ」「節電と飛行機」不思議な情熱であった。底知れぬ退屈を植えつける奇妙な映画が次々と作られ、生フィルムは欠乏し、動くカメラは少なくなり、芸術家達の情熱は白熱的に狂躁し「神風特攻隊」「本土決戦」「ああ桜は散りぬ」何ものかに憑（つ）かれた如く彼等の詩情は興奮している。そして蒼（あお）ざめた紙の如く退屈無限の映画がつくられ、明日の東京は廃墟になろうとしていた。

伊沢の情熱は死んでいた。朝目がさめる。今日も会社へ行くのかと思うと睡（ねむ）くなり、うとうとすると警戒警報がなりひびき、起き上りゲートルをまき煙草を一本ぬきだして火をつける。ああ会社を休むとこの煙草がなくなるのだな、と考えるのであった。

ある晩、おそくなり、ようやく終電にとりつくことのできた伊沢は、すでに私線がな

かったので、相当の夜道を歩いて我家へ戻ってきた。あかりをつけると奇妙に万年床の姿が見えず、留守中誰かが掃除をしたということも、誰かが這入(はい)ったことすらも例がないので訝(いぶか)りながら押入をあけると、積み重ねた蒲団(ふとん)の横に白痴の女がかくれていた。不安の眼で伊沢の顔色をうかがい蒲団の間へ顔をもぐらしてしまったが、伊沢の怒らぬことを知ると、安堵のために親しさが溢れ、呆(あき)れるぐらい落着いてしまった。口の中でブツブツと呟(つぶや)くようにしか物を言わず、その呟きもこっちの訊ねることと何の関係もないことをああ言い又こう言い自分自身の思いつめたことだけをそれも至極漠然と要約して断片的に言い綴っている。伊沢は問わずに事情をさとり、多分叱られて思い余って逃げこんで来たのだろうと思ったから、無益な怯(おび)えをなるべく与えぬ配慮によって質問を省略し、いつごろどこから這入ってきたかということだけを訊ねると、女は訳の分らぬことをあれこれブツブツ言ったあげく、片腕をまくりあげて、その一ヶ所をなでて（そこにはカスリ傷がついていた）、私、痛いの、とか、今も痛むの、とか、さっきも痛かったの、とか、色々時間をこまかく区切っているので、ともかく夜になってから窓から這入ったことが分った。跣足(はだし)で外を歩きまわって這入ってきたから部屋を泥でよごした、ごめんなさいね、という意味も言ったけれども、あれこれ無数の袋小路をうろつき廻る呟きの中から意味をまとめて判断するので、ごめんなさいね、がどの道に連絡しているのだか決定的な判断はできないのだった。

深夜に隣人を叩き起して怯えきった女を返すのもやりにくいことであり、さりとて夜が明けて女を返して一夜泊めたということが如何なる誤解を生みだすか、相手が気違いのことだから想像すらもつかなかった。ままよ、伊沢の心には奇妙な勇気が湧いてきた。その実体は生活上の感情喪失に対する好奇心と刺戟(しげき)との魅力に惹かれただけのものであったが、どうにでもなるがいい、ともかくこの現実を一つの試錬と見ることが俺の生き方に必要なだけだ。白痴の女の一夜を保護するという眼前の義務以外に何を考え何を怖れる必要もないのだと自分自身に言いきかした。彼はこの唐突千万な出来事に変に感動していることを羞(は)ずべきことではないのだと自分自身に言いきかせていた。

二つの寝床をしき女をねせて電燈を消して一二分もしたかと思うと、女は急に起き上り寝床を脱けでて、部屋のどこか片隅にうずくまっているらしい。それがもし真冬でなければ伊沢は強いてこだわらず眠ったかも知れなかったが、特別寒い夜更けで、一人分の寝床を二人に分割しただけでも外気がじかに肌にせまり身体の顫(ふる)えがとまらぬぐらい冷めたかった。起き上って電燈をつけると、女は戸口のところに襟(えり)をかき合せてうずくまっており、まるで逃げ場を失って追いつめられた眼の色をしている。どうしたの、ねむりなさい、と言えば呆気ないほどすぐ頷(うなず)いて再び寝床にもぐりこんだが、電気を消して一二分もすると、又、同じように起きてしまう。それを寝床へつれもどして心配することはない、私はあなたの身体に手をふれるようなことはしないからと言いきかせると、女は怯えた眼附をして何か言訳じみたことを口の中でブツブツ言っているのであった。そのまま三たび目の電気を消すと、今度は女はすぐ起き上り、押入の戸をあけて中

へ這入って内側から戸をしめた。

　この執拗なやり方に伊沢は腹を立てた。手荒く押入を開け放してあなたは何を勘違いをしているのですか、あれほど説明もしているのに押入へ這入って戸をしめるなどとは人を侮辱するも甚しい、それほど信用できない家へなぜ逃げこんできたのですか、それは人を愚弄し、私の人格に不当な恥を与え、まるであなたが何か被害者のようではありませんか、茶番もいい加減にしたまえ。けれどもその言葉の意味もこの女には理解する能力すらもないのだと思うと、これくらい張合のない馬鹿馬鹿しさもないもので女の横ッ面を殴りつけてさっさと眠る方が何より気がきいていると思うのだった。すると女は妙に割切れぬ顔附をして何か口の中でブツブツ言っている、私は帰りたい、私は来なければよかった、という意味の言葉であるらしい。でも私はもう帰るところがなくなったから、と言うので、その言葉には伊沢もさすがに胸をつかれて、だから、安心してここで一夜を明かしたらいいでしょう、私が悪意をもたないのにまるで被害者のような思いあがったことをするから腹を立てただけのことです、押入の中などにはいらずに蒲団の中でおやすみなさい。すると女は伊沢を見つめて何か早口にブツブツ言う。え？　なんですか、そして伊沢は飛び上るほど驚いた。なぜなら女のブツブツの中から私はあなたに嫌われていますもの、という一言がハッキリききとれたからである。え、なんですって？　伊沢が思わず目を見開いて訊き返すと、女の顔は悄然（しょうぜん）として、私はこなければよかった、私はきらわれている、私はそうは思っていなかった、という意味の事をくどくどと言い、そしてあらぬ一ヶ所を見つめて放心してしまった。

　伊沢ははじめて了解した。

　女は彼を怖れているのではなかったのだ。まるで事態はあべこべだ。女は叱られて逃げ場に窮してそれだけの理由によって来たのではない。伊沢の愛情を目算に入れていたのであった。だがいったい女が伊沢の愛情を信じることが起り得るような何事があったであろうか。豚小屋のあたりや路地や路上でヤアと云って四五へん挨拶したぐらい、思えばすべてが唐突で全く茶番に外ならず、伊沢の前に白痴の意志や感受性や、ともかく人間以外のものが強要されているだけだった。電燈を消して一二分たち男の手が女のからだに触れないために嫌われた自覚をいだいて、その羞しさに蒲団をぬけだすということが、白痴の場合はそれが真実悲痛なことであるのか、伊沢がそれを信じていいのか、これもハッキリは分らない。遂には押入へ閉じこもる。それが白痴の恥辱と自卑の表現と解していいのか、それを判断する為の言葉すらもないのだから、事態はともかく彼が白痴と同格に成り下る以外に法がない。なまじいに人間らしい分別が、なぜ必要であろうか。白痴の心の素直さを彼自身も亦（また）もつことが人間の恥辱であろうか。俺にもこの白痴のような心、幼い、そして素直な心が何より必要だったのだ。俺はそれをどこかへ忘れ、ただあくせくした人間共の思考の中でうすぎたなく汚れ、虚妄の影を追い、ひどく疲れていただけだ。

　彼は女を寝床へねせて、その枕元に坐り、自分の子供、三ツか四ツの小さな娘をねむらせるように額の髪の毛をなでてやると、女はボンヤリ眼をあけて、それがまったく幼い子供の無心さと変るところがないのであった。私はあなたを嫌っているのではない、人間の愛情の表現は決して肉体だけのものではなく、人間の最後の住みかはふるさとで、あなたはいわば常にそのふるさとの住人のようなものなのだから、などと伊沢も始めは妙にしかつめらしくそんなことも言いかけてみたが、もとよりそれが通じるわけで

はないのだし、いったい言葉が何物であろうか、何ほどの値打があるのだろうか、人間の愛情すらもそれだけが真実のものだという何のあかしもあり得ない、生の情熱を託するに足る真実なものが果してどこに有り得るのか、すべては虚妄の影だけだ。女の髪の毛をなでていると、慟哭(どうこく)したい思いがこみあげ、さだまる影すらもないこの捉(とら)えがたい小さな愛情が自分の一生の宿命であるような、その宿命の髪の毛を無心になでているような切ない思いになるのであった。

　この戦争はいったいどうなるのであろう。日本は負け米軍は本土に上陸して日本人の大半は死滅してしまうのかも知れない。それはもう一つの超自然の運命、いわば天命のようにしか思われなかった。彼には然(しか)しもっと卑小な問題があった。それは驚くほど卑小な問題で、しかも眼の先に差迫り、常にちらついて放れなかった。それは彼が会社から貰う二百円ほどの給料で、その給料をいつまで貰うことができるか、明日にもクビになり路頭に迷いはしないかという不安であった。彼は月給を貰う時、同時にクビの宣告を受けはしないかとビクビクし、月給袋を受取ると一月延びた命のために呆れるぐらい幸福感を味うのだが、その卑小さを顧みていつも泣きたくなるのであった。彼は芸術を夢みていた。その芸術の前ではただ一粒の塵埃(じんあい)でしかないような二百円の給料がどうして骨身にからみつき、生存の根底をゆさぶるような大きな苦悶になるのであろうか。生活の外形のみのことではなくその精神も魂も二百円に限定され、その卑小さを凝視して気も違わずに平然としていることが尚更(なおさら)なさけなくなるばかりであった。怒濤の時代に美が何物だい。芸術は無力だ！　という部長の馬鹿馬鹿しい大声が、伊沢の胸にまるで違った真実をこめ鋭いそして巨大な力で食いこんでくる。ああ日本は敗ける。泥人形のくずれるように同胞たちがバタバタ倒れ、吹きあげるコンクリートや煉瓦の屑(くず)と一緒くたに無数の脚だの首だの腕だのが舞いあがり、木も建物も何もない平な墓地になってしまう。どこへ逃げ、どの穴へ追いつめられ、どこで穴もろとも吹きとばされてしまうのだか、夢のような、けれどもそれはもし生き残ることができたら、その新鮮な再生のために、そして全然予測のつかない新世界、石屑だらけの野原の上の生活のために、伊沢はむしろ好奇心がうずくのだった。それは半年か一年さきの当然訪れる運命だったが、その訪れの当然さにも拘(かかわ)らず、夢の中の世界のような遥かな戯れにしか意識されていなかった。眼のさきの全(す)べてをふさぎ、生きる希望を根こそぎさらい去るたった二百円の決定的な力、夢の中にまで二百円に首をしめられ、うなされ、まだ二十七の青春のあらゆる情熱が漂白されて、現実にすでに暗黒の曠野の上を茫々(ぼうぼう)と歩くだけではないか。

　伊沢は女が欲しかった。女が欲しいという声は伊沢の最大の希望ですらあったのに、その女との生活が二百円に限定され、鍋だの釜だの味噌だの米だのみんな二百円の呪文(じゅもん)を負い、二百円の呪文に憑(つ)かれた子供が生まれ、女がまるで手先のように呪文に憑かれた鬼と化して日々ブツブツ呟いている。胸の灯も芸術も希望の光もみんな消えて、生活自体が道ばたの馬糞のようにグチャグチャに踏みしだかれて、乾きあがって風に吹かれて飛びちり跡形もなくなって行く。爪の跡すら、なくなって行く。女の背にはそういう

呪文が絡(から)みついているのであった。やりきれない卑小な生活だった。彼自身にはこの現実の卑小さを裁く力すらもない。ああ戦争、この偉大なる破壊、奇妙奇天烈(きてれつ)な公平さでみんな裁かれ日本中が石屑だらけの野原になり泥人形がバタバタ倒れ、それは虚無のなんという切ない巨大な愛情だろうか。破壊の神の腕の中で彼は眠りこけたくなり、そして彼は警報がなるとむしろ生き生きしてゲートルをまくのであった。生命の不安と遊ぶことだけが毎日の生きがいだった。警報が解除になるとガッカリして、絶望的な感情の喪失が又はじまるのであった。

この白痴の女は米を炊くことも味噌汁をつくることも知らない。配給の行列に立っているのが精一杯で、喋(しゃべ)ることすらも自由ではないのだ。まるで最も薄い一枚のガラスのように喜怒哀楽の微風にすら反響し、放心と怯えの皺(しわ)の間へ人の意志を受け入れ通過させているだけだ。二百円の悪霊すらも、この魂には宿ることができないのだ。この女はまるで俺のために造られた悲しい人形のようではないか。伊沢はこの女と抱き合い、暗い曠野を飄々(ひょうひょう)と風に吹かれて歩いている、無限の旅路を目に描いた。

それにも拘らず、その想念が何か突飛に感じられ、途方もない馬鹿げたことのように思われるのは、そこにも亦(また)卑小きわまる人間の殻が心の芯をむしばんでいるせいなのだろう。そしてそれを知りながら、しかも尚、わきでるようなこの想念と愛情の素直さが全然虚妄のものにしか感じられないのはなぜだろう。白痴の女よりもあのアパートの淫売婦が、そしてどこかの貴婦人がより人間的だという何か本質的な掟(おきて)が在るのだろうか。けれどもまるでその掟が厳として存在している馬鹿馬鹿しい有様なのであった。

俺は何を怖れているのだろうか。まるであの二百円の悪霊が――俺は今この女によってその悪霊と絶縁しようとしているのに、そのくせ矢張り悪霊の呪文によって縛りつけられているではないか。怖れているのはただ世間の見栄だけだ。その世間とはアパートの淫売婦だの妾だの姙娠した挺身隊だの家鴨のような鼻にかかった声をだして喚(わめ)いているオカミサン達の行列会議だけのことだ。そのほかに世間などはどこにもありはしないのに、そのくせこの分りきった事実を俺は全然信じていない。不思議な掟に怯えているのだ。

それは驚くほど短い（同時にそれは無限に長い）一夜であった。長い夜のまるで無限の続きだと思っていたのに、いつかしら夜が白み、夜明けの寒気が彼の全身を感覚のない石のようにかたまらせていた。彼は女の枕元で、ただ髪の毛をなでつづけていたのであった。

その日から別な生活がはじまった。

けれどもそれは一つの家に女の肉体がふえたということの外には別でもなければ変ってすらもいなかった。それはまるで嘘のような空々しさで、たしかに彼の身辺に、そして彼の精神に、新たな芽生えの唯一本の穂先すら見出すことができないのだ。その出来事の異常さをともかく理性的に納得しているというだけで、生活自体に机の置き場所が

変ったほどの変化も起きてはいなかった。彼は毎朝出勤し、その留守宅の押入の中に一人の白痴が残されて彼の帰りを待っている。しかも彼は一足でると、もう白痴の女のことなどは忘れており、何かそういう出来事がもう記憶にも定かではない十年二十年前に行われていたかのような遠い気持がするだけだった。

戦争という奴が、不思議に健全な健忘性なのであった。まったく戦争の驚くべき破壊力や空間の変転性という奴はたった一日が何百年の変化を起し、一週間前の出来事が数年前の出来事に思われ、一年前の出来事などは、記憶の最もどん底の下積の底へ隔てられていた。伊沢の近くの道路だの工場の四囲の建物などが取りこわされ町全体がただ舞いあがる埃（ほこり）のような疎開騒ぎをやらかしたのもつい先頃のことであり、その跡すらも片づいていないのに、それはもう一年前の騒ぎのように遠ざかり、街の様相を一変する大きな変化が二度目にそれを眺める時にはただ当然な風景でしかなくなっていた。その健康な健忘性の雑多なカケラの一つの中に白痴の女がやっぱり霞んでいる。昨日まで行列していた駅前の居酒屋の疎開跡の棒切れだの爆弾に破壊されたビルの穴だの街の焼跡だの、それらの雑多のカケラの間にはさまれて白痴の顔がころがっているだけだった。

けれども毎日警戒警報がなる。時には空襲警報もなる。すると彼は非常に不愉快な精神状態になるのであった。それは彼の留守宅の近いところに空襲があり知らない変化が現に起っていないかという懸念であったが、その懸念の唯一の理由はただ女がとりみだして、とびだしてすべてが近隣へ知れ渡っていないかという不安なのだった。知らない変化の不安のために、彼は毎日明るいうちに家へ帰ることができなかった。この低俗な不安を克服し得ぬ惨めさに幾たび虚しく反抗したか、彼はせめて仕立屋に全てを打開けてしまいたいと思うのだったが、その卑劣さに絶望して、なぜならそれは被害の最も軽少な告白を行うことによって不安をまぎらす惨めな手段にすぎないので、彼は自分の本質が低俗な世間なみにすぎないことを呪（のろ）い憤るのみだった。

彼には忘れ得ぬ二つの白痴の顔があった。街角を曲る時だの、会社の階段を登る時だの、電車の人ごみを脱けでる時だの、はからざる随所に二つの顔をふと思いだし、そのたびに彼の一切の思念が凍り、そして一瞬の逆上が絶望的に凍りついているのであった。

その顔の一つは彼が始めて白痴の肉体にふれた時の白痴の顔だ。そしてその出来事自体はその翌日には一年昔の記憶の彼方（かなた）へ遠ざけられているのであったが、ただ顔だけが切り放されて思いだされてくるのである。

その日から白痴の女はただ待ちもうけている肉体であるにすぎずその外の何の生活も、ただひときれの考えすらもないのであった。常にただ待ちもうけていた。伊沢の手が女の肉体の一部にふれるというだけで、女の意識する全部のことは肉体の行為であり、そして身体も、そして顔も、ただ待ちもうけているのみであった。驚くべきことに、深夜、伊沢の手が女にふれるというだけで、眠り痴（し）れた肉体が同一の反応を起し、肉体のみは常に生き、ただ待ちもうけているのである。眠りながらも！　けれども、目覚めている女の頭に何事が考えられているかと云えば、元々ただの空虚であり、在るものはただ魂の昏睡と、そして生きている肉体のみではないか。目覚めた時も魂はねむり、ねむった時もその肉体は目覚めている。在るものはただ無自覚な肉慾のみ。それは

あらゆる時間に目覚め、虫の如き倦(う)まざる反応の蠢動(しゅんどう)を起す肉体であるにすぎない。

もう一つの顔、それは折から伊沢の休みの日であったが、白昼遠からぬ地区に二時間にわたる爆撃があり、防空壕をもたない伊沢は女と共に押入にもぐり蒲団を楯(たて)にかくれていた。爆撃は伊沢の家から四五百米(メートル)離れた地区へ集中したが、地軸もろとも家はゆれ、爆撃の音と同時に呼吸も思念も中絶する。同じように落ちてくる爆弾でも焼夷弾と爆弾では凄みにおいて青大将と蝮(まむし)ぐらいの相違があり、焼夷弾にはガラガラという特別不気味な音響が仕掛けてあっても地上の爆発音がないのだから音は頭上でスウと消え失せ、竜頭蛇尾とはこのことで、蛇尾どころか全然尻尾がなくなるのだから、決定的な恐怖感に欠けている。けれども爆弾という奴は、落下音こそ小さく低いが、ザアという雨降りの音のようなただ一本の棒をひき、此奴(こいつ)が最後に地軸もろとも引裂くような爆発音を起すのだから、ただ一本の棒にこもった充実した凄味といったら論外で、ズドズドズドと爆発の足が近づく時の絶望的な恐怖ときては額面通りに生きた心持がないのである。おまけに飛行機の高度が高いので、ブンブンという頭上通過の米機の音も至極かすかに何食わぬ風に響いていて、それはまるでよそ見をしている怪物に大きな斧(おの)で殴りつけられるようなものだ。攻撃する相手の様子が不確かだから爆音の唸りの変な遠さが、甚だ不安であるところへ、そこからザアと雨降りの棒一本の落下音がのびてくる。爆発を待つまの恐怖、全く此奴は言葉も呼吸も思念もとまる。愈々(いよいよ)今度はお陀仏(だぶつ)だという絶望が発狂寸前の冷たさで生きて光っているだけだ。

伊沢の小屋は幸い四方がアパートだの気違いだの仕立屋などの二階屋でとりかこまれていたので、近隣の家は窓ガラスがわれ屋根の傷んだ家もあったが、彼の小屋のみガラスに罅(ひび)すらもはいらなかった。ただ豚小屋の前の畑に血だらけの防空頭巾が落ちてきたばかりであった。押入の中で、伊沢の目だけが光っていた。彼は見た。白痴の顔を。虚空をつかむその絶望の苦悶を。

ああ人間には理智がある。如何なる時にも尚いくらかの抑制や抵抗は影をとどめているものだ。その影ほどの理智も抑制も抵抗もないということが、これほどあさましいものだとは！　女の顔と全身にただ死の窓へひらかれた恐怖と苦悶が凝りついていた。苦悶は動き苦悶はもがき、そして苦悶が一滴の涙を落している。もし犬の眼が涙を流すなら犬が笑うと同様に醜怪きわまるものであろう。影すらも理智のない涙とは、これほども醜悪なものだとは！　爆撃のさ中に於て四五歳乃至六七歳の幼児達は奇妙に泣かないものである。彼等の心臓は波のような動悸をうち、彼等の言葉は失われ、異様な目を大きく見開いているだけだ。全身に生きているのは目だけであるが、それは一見したところ、ただ大きく見開かれているだけで、必ずしも不安や恐怖というものの直接劇的な表情を刻んでいるというほどではない。むしろ本来の子供よりも却(かえ)って理智的に思われるほど情意を静かに殺している。その瞬間にはあらゆる大人もそれだけで、或いはむしろそれ以下で、なぜならむしろ露骨な不安や死への苦悶を表わすからで、いわば子供が大人よりも理智的にすら見えるのだった。

白痴の苦悶は、子供達の大きな目とは似ても似つかぬものであった。それはただ本能

的な死への恐怖と死への苦悶があるだけで、それは人間のものではなく、虫のものですらもなく、醜悪な一つの動きがあるのみだった。やや似たものがあるとすれば、一寸五分ほどの芋虫が五尺の長さにふくれあがってもがいている動きぐらいのものだろう。そして目に一滴の涙をこぼしているのである。

言葉も叫びも呻(うめ)きもなく、表情もなかった。伊沢の存在すらも意識してはいなかった。人間ならばかほどの孤独が有り得る筈はない。男と女とただ二人押入にいて、その一方の存在を忘れ果てるということが、人の場合に有り得べき筈はない。人は絶対の孤独というが他の存在を自覚してのみ絶対の孤独も有り得るので、かほどまで盲目的な、無自覚な、絶対の孤独が有り得ようか。それは芋虫の孤独であり、その絶対の孤独の相のあさましさ。心の影の片鱗(へんりん)もない苦悶の相の見るに堪えぬ醜悪さ。

爆撃が終った。伊沢は女を抱き起したが、伊沢の指の一本が胸にふれても反応を起す女が、その肉慾すら失っていた。このむくろを抱いて無限に落下しつづけている、暗い、暗い、無限の落下があるだけだった。

彼はその日爆撃直後に散歩にでて、なぎ倒された民家の間で吹きとばされた女の脚も、腸のとびだした女の腹も、ねじきれた女の首も見たのであった。

三月十日の大空襲の焼跡もまだ吹きあげる煙をくぐって伊沢は当(あて)もなく歩いていた。人間が焼鳥と同じようにあっちこっちに死んでいる。ひとかたまりに死んでいる。まったく焼鳥と同じことだ。怖くもなければ、汚くもない。犬と並んで同じように焼かれている死体もあるが、それは全く犬死で、然しそこにはその犬死の悲痛さも感慨すらも有りはしない。人間が犬の如くに死んでいるのではなく、犬と、そして、それと同じような何物かが、ちょうど一皿の焼鳥のように盛られ並べられているだけだった。犬でもなく、もとより人間ですらもない。

白痴の女が焼け死んだら——土から作られた人形が土にかえるだけではないか。もしこの街に焼夷弾のふりそそぐ夜がきたら……伊沢はそれを考えると、変に落着いて沈み考えている自分の姿と自分の顔、自分の目を意識せずにいられなかった。俺は落着いている。そして、空襲を待っている。よかろう。彼はせせら笑うのだった。俺はただ醜悪なものが嫌いなだけだ。そして、元々魂のない肉体が焼けて死ぬだけのことではないか。俺は女を殺しはしない。俺は卑劣で、低俗な男だ。俺にはそれだけの度胸はない。だが、戦争がたぶん女を殺すだろう。その戦争の冷酷な手を女の頭上へ向けるためのちょっとした手掛りだけをつかめばいいのだ。俺は知らない。多分、何かある瞬間が、それを自然に解決しているにすぎないだろう。そして伊沢は空襲をきわめて冷静に待ち構えていた。

それは四月十五日であった。

その二日前、十三日に、東京では二度目の夜間大空襲があり、池袋だの巣鴨だの山手方面に被害があったが、たまたまその罹災(りさい)証明が手にはいったので、伊沢は埼玉へ買出しにでかけ、いくらかの米をリュックに背負って帰って来た。彼が家へ着くと同時に警戒警報が鳴りだした。

次の東京の空襲がこの街のあたりだろうということは焼け残りの地域を考えれば誰にも想像のつくことで、早ければ明日、遅くとも一ヶ月とはかからないこの街の運命の日が近づいている。早ければ明日と考えたのは、これまでの空襲の速度、編隊夜間爆撃の準備期間の間隔が早くて明日ぐらいであったからで、この日がその日になろうとは伊沢は予想していなかった。それ故買出しにも出掛けたので、買出しと云っても目的は他にもあり、この農家は伊沢の学生時代に縁故のあった家であり、彼は二つのトランクとリュックにつめた物品を預けることがむしろ主要な目的であった。

伊沢は疲れきっていた。旅装は防空服装でもあったから、リュックを枕にそのまま部屋のまんなかにひっくりかえって、彼は実際この差しせまった時間にうとうととねむってしまった。ふと目がさめると諸方のラジオはがんがんがなりたてており、編隊の先頭はもう伊豆南端にせまり、伊豆南端を通過した。同時に空襲警報がなりだした。愈々（いよいよ）この街の最後の日だ、伊沢は直覚した。白痴を押入の中に入れ、伊沢はタオルをぶらさげ歯ブラシをくわえて井戸端へでかけたが、伊沢はその数日前にライオン煉歯磨（ねりはみがき）を手に入れ長い間忘れていた煉歯磨の口中にしみわたる爽快さをなつかしんでいたので、運命の日を直覚するとどういうわけだか歯をみがき顔を洗う気になったが、第一にその煉歯磨が当然あるべき場所からほんのちょっと動いていただけで長い時間（それは実に長い時間に思われた）見当らず、ようやくそれを見附けると今度は石鹸（この石鹸も芳香のある昔の化粧石鹸）がこれもちょっと場所が動いていただけで長い時間見当らず、ああ俺は慌てているな、落着け、落着け、頭を戸棚にぶつけたり机につまずいたり、そのために彼は暫時（ざんじ）の間一切の動きと思念を中絶させて精神統一をはかろうとするが、身体自体が本能的に慌てだして滑り動いて行くのである。ようやく石鹸を見つけだして井戸端へ出ると仕立屋夫婦が畑の隅の防空壕へ荷物を投げこんでおり、家鴨によく似た屋根裏の娘が荷物をブラさげてうろうろしていた。伊沢はともかく煉歯磨と石鹸を断念せずに突きとめた執拗さを祝福し、果してこの夜の運命はどうなるのだろうと思った。まだ顔をふき終らぬうちに高射砲がなりはじめ、頭をあげると、もう頭上に十何本の照空燈が入りみだれて真上をさして騒いでおり、光芒（こうぼう）のまんなかに米機がぽっかり浮いている。つづいて一機、また一機、ふと目を下方へおろしたら、もう駅前の方角が火の海になっていた。

愈々来た。事態がハッキリすると伊沢はようやく落着いた。防空頭巾をかぶり、蒲団をかぶって軒先に立ち二十四機まで伊沢は数えた。ポッカリ光芒のまんなかに浮いて、みんな頭上を通過している。

高射砲の音だけが気が違ったように鳴りつづけ、爆撃の音は一向に起らない。二十五機を数える時から例のガラガラとガードの上を貨物列車が駆け去る時のような焼夷弾の落下音が鳴り始めたが、伊沢の頭上を通り越して、後方の工場地帯へ集中されているらしい。軒先からは見えないので豚小屋の前まで行って後を見ると、工場地帯は火の海で、呆れたことには今迄頭上を通過していた飛行機と正反対の方向からも次々と米機が来て後方一帯に爆撃を加えているのだ。するともうラジオはとまり、空一面は赤々と厚い煙の幕にかくれて、米機の姿も照空燈の光芒も全く視界から失われてしまった。北方の一角を残して四周は火の海となり、その火の海が次第に近づいていた。

仕立屋夫婦は用心深い人達で、常から防空壕を荷物用に造ってあり目張りの泥も用意

しておき、万事手順通りに防空壕に荷物をつめこみ目張りをぬり、その又上へ畑の土もかけ終っていた。この火じゃとても駄目ですね。仕立屋は昔の火消しの装束で腕組みをして火の手を眺めていた。消せったって、これじゃ無理だ。あたしゃもう逃げますよ。煙にまかれて死んでみても始まらねえや、仕立屋はリヤカーに一山の荷物をつみこんでおり、先生、いっしょに引上げましょう。伊沢はそのとき、騒々しいほど複雑な恐怖感に襲われた。彼の身体は仕立屋と一緒に滑りかけているのであったが、身体の動きをふりきるような一つの心の抵抗で滑りを止めると、心の中の一角から張りさけるような悲鳴の声が同時に起ったような気がした。この一瞬の遅延の為に焼けて死ぬ、彼は殆ど恐怖のために放心したが、再びともかく自然によろめきだすような身体の滑りをこらえていた。

「僕はね、ともかく、もうちょっと、残りますよ。僕はね、仕事があるのだ。僕はね、ともかく芸人だから、命のとことんの所で自分の姿を見凝(みつ)め得るような機会には、そのとことんの所で最後の取引をしてみることを要求されているのだ。僕は逃げたいが、逃げられないのだ。この機会を逃がすわけに行かないのだ。もうあなた方は逃げて下さい。早く、早く、一瞬間が全てを手遅れにしてしまう」

早く、早く。一瞬間が全てを手遅れに。全てとは、それは伊沢自身の命のことだ。早く早く、それは仕立屋をせきたてる声ではなくて、彼自身が一瞬も早く逃げたい為の声だった。彼がこの場所を逃げだすためには、あたりの人々がみんな立去った後でなければならないのだ。さもなければ、白痴の姿を見られてしまう。

じゃ先生、お大事に。リヤカーをひっぱりだすと仕立屋も慌てていた。リヤカーは路地の角々にぶつかりながら立去った。それがこの路地の住人達の最後に逃げ去る姿であった。岩を洗う怒濤の無限の音のような、屋根を打つ高射砲の無数の破片の無限の落下の音のような、休止と高低の何もないザアザアという無気味な音が無限に連続しているのだが、それが府道を流れている避難民達の一かたまりの跫音なのだ。高射砲の音などはもう間が抜けて、跫音の流れの中に奇妙な命がこもっていた。高低と休止のない奇怪な音の無限の流れを世の何人が跫音と判断し得よう。天地はただ無数の音響でいっぱいだった。米機の爆音、高射砲、落下音、爆発の音響、跫音、屋根を打つ弾片、けれども伊沢の身辺の何十米かの周囲だけは赤い天地のまんなかでともかく小さな闇をつくり、全然ひっそりしているのだった。変てこな静寂の厚みと、気の違いそうな孤独の厚みがとっぷり四周をつつんでいる。もう三十秒、もう十秒だけ待とう。なぜ、そして誰が命令しているのだか、どうしてそれに従わねばならないのだか、伊沢は気違いになりそうだった。突然、もだえ、泣き喚いて盲目的に走りだしそうだった。

そのとき鼓膜の中を搔き廻すような落下音が頭の真上へ落ちてきた。夢中に伏せると、頭上で音響は突然消え失せ、嘘のような静寂が再び四周に戻っている。やれやれ、脅かしやがる。伊沢はゆっくり起き上って、胸や膝の土を払った。顔をあげると、気違いの家が火を吹いている。何だい、とうとう落ちたのか、彼は奇妙に落着いていた。気がつくと、その左右の家も、すぐ目の前のアパートも火をふきだしているのだ。伊沢は家の中へとびこんだ。押入の戸をはねとばして（実際それは外れて飛んでバタバタと倒れた）白痴の女を抱くように蒲団をかぶって走りでた。それから一分間ぐらいのことが全然夢中で分らなかった。路地の出口に近づいたとき、又、音響が頭上めがけて落ちてきた。伏せから起上ると、路地の出口の煙草屋も火を吹き、向いの家では仏壇の中から

火が吹きだしているのが見えた。路地をでて振りかえると、仕立屋も火を吹きはじめ、どうやら伊沢の小屋も燃えはじめているようだった。

四周は全くの火の海で府道の上には避難民の姿もすくなく、火の粉がとびかい舞い狂っているばかり、もう駄目だと伊沢は思った。十字路へくると、ここから大変な混雑で、あらゆる人々がただ一方をめざしている。その方向がいちばん火の手が遠いのだ。そこはもう道ではなくて、人間と荷物の悲鳴の重りあった流れにすぎず、押しあいへしあい突き進み踏み越え押し流され、落下音が頭上にせまると、流れは一時に地上に伏して不思議にぴったり止まってしまい、何人かの男だけが流れの上を踏みつけて駆け去るのだが、流れの大半の人々は荷物と子供と女と老人の連れがあり、呼びかわし立ち止り戻り突き当りはねとばされ、そして火の手はすぐ道の左右にせまっていた。小さな十字路へきた。流れの全部がここでも一方をめざしているのは矢張りそっちが火の手が最も遠いからだが、その方向には空地も畑もないことを伊沢は知っており、次の米機の焼夷弾が行く手をふさぐとこの道には死の運命があるのみだった。一方の道は既に両側の家々が燃え狂っているのだが、そこを越すと小川が流れ、小川の流れを数町上ると麦畑へでられることを伊沢は知っていた。その道を駆けぬけて行く一人の影すらもないのだから、伊沢の決意も鈍ったが、ふと見ると百五十米ぐらい先の方で猛火に水をかけているたった一人の男の姿が見えるのであった。猛火に水をかけるといっても決して勇しい姿ではなく、ただバケツをぶらさげているだけで、たまに水をかけてみたり、ぼんやり立ったり歩いてみたり変に痴鈍な動きで、その男の心理の解釈に苦しむような間の抜けた姿なのだった。ともかく一人の人間が焼け死にもせず立っていられるのだからと、伊沢は思った。俺の運をためすのだ。運。まさに、もう残されたのは、一つの運、それを選ぶ決断があるだけだった。十字路に溝があった。伊沢は溝に蒲団をひたした。

伊沢は女と肩を組み、蒲団をかぶり、群集の流れに訣別した。猛火の舞い狂う道に向って一足歩きかけると、女は本能的に立ち止り群集の流れる方へひき戻されるようにフラフラとよろめいて行く。「馬鹿！」女の手を力一杯握ってひっぱり、道の上へよろめいて出る女の肩をだきすくめて、「そっちへ行けば死ぬだけなのだ」女の身体を自分の胸にだきしめて、ささやいた。

「死ぬ時は、こうして、二人一緒だよ。怖れるな。そして、俺から離れるな。火も爆弾も忘れて、おい俺達二人の一生の道はな、いつもこの道なのだよ。この道をただまっすぐ見つめて、俺の肩にすがりついてくるがいい。分ったね」女はごくんと頷（うなず）いた。

その頷きは稚拙であったが、伊沢は感動のために狂いそうになるのであった。ああ、長い長い幾たびかの恐怖の時間、夜昼の爆撃の下に於て、女が表した始めての意志であり、ただ一度の答えであった。そのいじらしさに伊沢は逆上しそうであった。今こそ人間を抱きしめており、その抱きしめている人間に、無限の誇りをもつのであった。二人は猛火をくぐって走った。熱風のかたまりの下をぬけでると、道の両側はまだ燃えている火の海だったが、すでに棟は焼け落ちたあとで火勢は衰え熱気は少くなっていた。そこにも溝があふれていた。女の足から肩の上まで水を浴せ、もう一度蒲団を水に浸してかぶり直した。道の上に焼けた荷物や蒲団が飛び散り、人間が二人死んでいた。四十ぐらいの女と男のようだった。

二人は再び肩を組み、火の海を走った。二人はようやく小川のふちへでた。ところが此処は小川の両側の工場が猛火を吹きあげて燃え狂っており、進むことも退くことも立

止ることも出来なくなったが、ふと見ると小川に梯子（はしご）がかけられているので、蒲団をかぶせて女を下し、伊沢は一気に飛び降りた。訣別した人間達が三々五々川の中を歩いている。女は時々自発的に身体を水に浸している。犬ですらそうせざるを得ぬ状況だったが、一人の新たな可愛い女が生れでた新鮮さに伊沢は目をみひらいて水を浴びる女の姿態をむさぼり見た。小川は炎の下を出外れて暗闇の下を流れはじめた。空一面の火の色で真の暗闇は有り得なかったが、再び生きて見ることを得た暗闇に、伊沢はむしろ得体の知れない大きな疲れと、涯（はて）しれぬ虚無とのためにただ放心がひろがる様を見るのみだった。その底に小さな安堵があるのだが、それは変にケチくさい、馬鹿げたものに思われた。何もかも馬鹿馬鹿しくなっていた。川をあがると、麦畑があった。麦畑は三方丘にかこまれて、三町四方ぐらいの広さがあり、そのまんなかを国道が丘を切りひらいて通っている。丘の上の住宅は燃えており、麦畑のふちの銭湯と工場と寺院と何かが燃えており、その各々の火の色が白、赤、橙（だいだい）、青、濃淡とりどりみんな違っているのである。にわかに風が吹きだしてごうごうと空気が鳴り、霧のようなこまかい水滴が一面にふりかかってきた。

群集は尚蜿蜒（えんえん）と国道を流れていた。麦畑に休んでいるのは数百人で、蜿蜒たる国道の群集にくらべれば物の数ではないのであった。麦畑のつづきに雑木林の丘があった。その丘の林の中には殆ど人がいなかった。二人は木立の下へ蒲団をしいてねころんだ。丘の下の畑のふちに一軒の農家が燃えており、水をかけている数人の人の姿が見える。その裏手に井戸があって一人の男がポンプをガチャガチャやり水を飲んでいるのである。それを目がけて畑の四方から忽（たちま）ち二十人ぐらいの老幼男女が駆け集ってきた。彼等はポンプをガチャガチャやり、代る代る水を飲んでいるのである。それから燃え落ちようとする家の火に手をかざして、ぐるりと並んで煖（だん）をとり、崩れ落ちる火のかたまりに飛びのいたり、煙に顔をそむけたり、話をしたりしている。誰も消火に手伝う者はいなかった。

ねむくなったと女が言い、私疲れたのとか、足が痛いのとか、目も痛いのとかの呟きのうち三つに一つぐらいは私ねむりたいの、と言った。ねむるがいいさ、と伊沢は女を蒲団にくるんでやり、煙草に火をつけた。何本目かの煙草を吸っているうちに、遠く彼方に解除の警報がなり、数人の巡査が麦畑の中を歩いて解除を知らせていた。彼等の声は一様につぶれ、人間の声のようではなかった。蒲田署管内の者は矢口国民学校が焼け残ったから集れ、とふれている。人々が畑の畝（うね）から起き上り、国道へ下りた。国道は再び人の波だった。然し、伊沢は動かなかった。彼の前にも巡査がきた。

「その人は何かね。怪我をしたのかね」

「いいえ、疲れて、ねているのです」

「矢口国民学校を知っているかね」

「ええ、一休みして、あとから行きます」

「勇気をだしたまえ。これしきのことに」

巡査の声はもう続かなかった。巡査の姿は消え去り、雑木林の中にはとうとう二人の人間だけが残された。二人の人間だけが――けれども女は矢張りただ一つの肉塊にすぎ

ないではないか。女はぐっすりねむっていた。凡(すべ)ての人々が今焼跡の煙の中を歩いている。全ての人々が家を失い、そして皆な歩いている。眠りのことを考えてすらいないであろう。今眠ることができるのは、死んだ人間とこの女だけだ。死んだ人間は再び目覚めることがないが、この女はやがて目覚め、そして目覚めることによって眠りこけた肉塊に何物を附け加えることも有り得ないのだ。女は微(かす)かであるが今まで聞き覚えのない鼾(いびき)声をたてていた。それは豚の鳴声に似ていた。まったくこの女自体が豚そのものだと伊沢は思った。そして彼は子供の頃の小さな記憶の断片をふと思いだしていた。一人の餓鬼大将の命令で十何人かの子供たちが仔豚を追いまわしていた。追いつめて、餓鬼大将はジャックナイフでいくらかの豚の尻肉を切りとった。豚は痛そうな顔もせず、特別の鳴声もたてなかった。尻の肉を切りとられたことも知らないように、ただ逃げまわっているだけだった。伊沢は米軍が上陸して重砲弾が八方に唸りコンクリートのビルが吹きとび、頭上に米機が急降下して機銃掃射を加える下で、土煙りと崩れたビルと穴の間を転げまわって逃げ歩いている自分と女のことを考えていた。崩れたコンクリートの蔭で、女が一人の男に押えつけられ、男は女をねじ倒して、肉体の行為に耽(ふけ)りながら、男は女の尻の肉をむしりとって食べている。女の尻の肉はだんだん少くなるが、女は肉慾のことを考えているだけだった。

明方に近づくと冷えはじめて、伊沢は冬の外套(がいとう)もきていたし厚いジャケツもきているのだが、寒気が堪えがたかった。下の麦畑のふちの諸方には尚燃えつづけている一面の火の原があった。そこまで行って煖をとりたいと思ったが、女が目を覚すと困るので、伊沢は身動きができなかった。女の目を覚すのがなぜか堪えられぬ思いがしていた。

女の眠りこけているうちに女を置いて立去りたいとも思ったが、それすらも面倒くさくなっていた。人が物を捨てるには、たとえば紙屑を捨てるにも、捨てるだけの張合いと潔癖ぐらいはあるだろう。この女を捨てる張合いも潔癖も失われているだけだ。微塵(みじん)の愛情もなかったし、未練もなかったが、捨てるだけの張合いもなかった。生きるための、明日の希望がないからだった。明日の日に、たとえば女の姿を捨ててみても、どこかの場所に何か希望があるのだろうか。何をたよりに生きるのだろう。どこに住む家があるのだか、眠る穴ぼこがあるのだか、それすらも分りはしなかった。米軍が上陸し、天地にあらゆる破壊が起り、その戦争の破壊の巨大な愛情が、すべてを裁いてくれるだろう。考えることもなくなっていた。

夜が白んできたら、女を起して焼跡の方には見向きもせず、ともかくねぐらを探して、なるべく遠い停車場をめざして歩きだすことにしようと伊沢は考えていた。電車や汽車は動くだろうか。停車場の周囲の枕木の垣根にもたれて休んでいるとき、今朝は果して空が晴れて、俺と俺の隣に並んだ豚の背中に太陽の光がそそぐだろうかと伊沢は考えていた。あまり今朝が寒すぎるからであった。

A Idiota

“O rosto da idiota apenas se encontrava caído em meio a esses vários fragmentos.”

ANGO SAKAGUCHI

Homens, porcos, cães, galinhas e patos viviam naquela casa, porém, não havia nenhuma diferença entre os animais que serviam de alimento e as pessoas que viviam nesse lugar. O proprietário e a esposa moravam no primeiro andar de uma construção torta que parecia um depósito; uma mãe e a filha alugavam o sótão, a filha esperava uma criança de pai desconhecido.

O quarto alugado por Izawa ficava em uma edícula separada da construção principal que, no passado, fora usada pelo filho tuberculoso dos proprietários, mas ele não seria um luxo nem mesmo para um porco tuberculoso. Assim mesmo, era provido de guarda-roupa, banheiro e armário.

O proprietário e a esposa eram alfaiates, e davam aulas de costura para os moradores da vizinhança (por isso, o filho tuberculoso fora colocado em uma edícula separada) e também eram representantes da associação de bairro. A moça que alugava o sótão havia realizado serviços administrativos para a associação antes, porém, enquanto dormia no escritório da associação, com exceção do presidente e do alfaiate, parece ter se envolvido, indiscriminadamente, com todos os outros representantes (dez pessoas) e acabou engravidando de um deles. Então, com a contribuição de cada um, botaram-na no sótão como um meio de resolver a questão da criança, mas, como o mundo é avesso ao desperdício, um dos representantes – o comerciante de *tofu* – continuou a visitar a moça grávida após ela ter sido escondida no sótão, e esta se tornou uma espécie de amante do homem. Os outros deixaram de fazer contribuições assim que souberam disso e insistiam para que o comerciante de *tofu* pagasse todas as despesas do mês – o verdureiro, o re-

lojoeiro, o proprietário e mais sete ou oito comerciantes (cada um contribuía com cinco ienes) – isso deixou a moça extremamente frustrada.

Essa moça tinha uma grande boca e dois grandes olhos e, apesar disso, era de uma magreza extrema. Ela detestava os patos e procurava dar os restos de alimentos apenas para as galinhas, mas os patos se precipitavam sobre a comida e, irritada, perseguia-os todos os dias. Com a grande barriga e bunda, protuberantes à frente e atrás, ela corria com uma postura ereta esquisita semelhante à dos patos.

Havia uma tabacaria na entrada da viela, uma mulher de cinquenta e cinco anos que cobria o rosto com uma espessa camada de pó morava ali. Ela havia colocado o sétimo ou oitavo amante para fora e estava indecisa sobre se deveria substituí-lo por um monge de meia-idade ou por um comerciante de meia-idade. “Ela vende vários cigarros (ao preço do mercado negro) para os jovens que batem na porta dos fundos, por que não vai até lá, professor?”, foi o que disse o alfaiate a Izawa, mas, como Izawa recebia uma ração especial de cigarros de seu empregador, ele acabou não recorrendo aos serviços da mulher.

Atrás do local que distribuía arroz, na casa diametralmente oposta, vivia uma viúva com algum dinheiro. Ela tinha um filho (artesão) e uma filha mais jovem e, apesar de serem irmão e irmã, os dois mantinham uma relação de casal. A viúva achava o arranjo econômico e consentia, mas, nesse ínterim, o filho acabou encontrando uma mulher. Era preciso resolver a situação da irmã e, quando se decidiu que ela se casaria com um velho de cinquenta ou sessenta anos com quem tinha parentesco, a irmã tomou veneno de rato. Ela foi para a aula na casa do alfaiate (de quem Izawa alugava o quarto), começou a passar mal e acabou morrendo. Nessa ocasião, um médico do bairro escreveu um laudo atestando que ela teve um infarto e a conversa terminou aí. “Como assim?”, quando Izawa, surpreso, perguntou que tipo de médico passava um laudo tão conveniente, foi a vez de o alfaiate perguntar: “O quê? Foi de outra coisa? Não foi de infarto?”, com uma expressão consternada.

Apartamentos baratos pululavam naquela área, uma boa parte dos quartos era ocupada por mulheres mantidas pelos amantes e por prostitutas. Essas mulheres não tinham filhos e todas costumavam manter os quartos limpos, o que deixava os zeladores contentes. As confusões e a imoralidade de suas vidas privadas nunca foram problema. Mais da metade dos apartamentos servia de dormitório para a fábrica de munições, grupos de trabalhadoras voluntárias também moravam ali. Amantes de não-sei-quem de tal departamento, a esposa de guerra de um diretor (cuja esposa real fora evacuada

para outro lugar), a concubina oficial de um gerente e grávidas que recebiam o salário sem trabalhar se encontravam em meio a essas voluntárias. Uma concubina de quinhentos ienes que tinha casa própria, e era motivo de inveja, também se encontrava em meio a elas. Um dos vizinhos, que vivera na Manchúria e dizia ter trabalhado como assassino, era professor de *shiatsu* (a irmã era aluna do alfaiate); o vizinho deste seguia a tradição de Ginji Shitateya[1] e se especializara na mesma arte; atrás deste, vivia um segundo tenente da marinha. Todos os dias, ele comia peixe, bebia café, abria enlatados e tomava saquê. E, apesar da aparente impossibilidade de se construir um abrigo antiaéreo naquela área, pois bastava cavar trinta centímetros para que brotasse água, o segundo tenente era o único que possuía um abrigo melhor do que a própria casa, feito de cimento. A loja de departamento (uma construção de madeira de dois andares), que ficava no caminho tomado por Izawa para ir ao trabalho, estava fechada por falta de produtos devido à guerra, mas a casa de jogos do segundo andar funcionava todos os dias. O patrão controlava alguns "bares do povo"[2] e, todos dias, ele encarava as pessoas que aguardavam na fila completamente bêbado.

Depois de se formar na universidade, Izawa se tornou repórter de um jornal e, em seguida, diretor de filmes educativos (ainda era um aprendiz e não dirigira nada sozinho). Apesar de seus vinte e sete anos, ele certamente tinha algum conhecimento dos bastidores da vida e privava de informações sigilosas sobre políticos, militares, empresários e artistas, porém, nunca imaginou que a existência em uma área comercial, cercada por pequenas fábricas e apartamentos nos subúrbios, pudesse ser daquele jeito. Ele perguntou ao alfaiate se a natureza das pessoas havia se degenerado com a guerra. "Posso garantir que não, este lugar sempre foi assim", respondeu serenamente o alfaiate com a expressão de um filósofo.

No entanto, a figura mais extraordinária era o vizinho de Izawa.

Esse vizinho era louco. Tinha um patrimônio considerável e, talvez motivado pelo horror à ideia de que ladrões e vagabundos pudessem invadir sua propriedade, sua mente de louco o levou a escolher os fundos da viela para construir sua casa de propósito. Isso se explicava porque, chegando ao fundo da viela e olhando através do portão, não era possível ver nenhuma porta, só janelas com treliças para onde quer que se olhasse. A entrada ficava nos fundos, no lado oposto ao do portão, e era preciso dar a volta na construção para alcançá-la. Esse mecanismo servia para desencorajar intrusos indesejados

---

[1] Apelido de Ginzō Tomita (1866-?), conhecido chefe de batedores de carteiras de Tóquio. (n.t.)

[2] 国民酒場 (kokumin sakaba), bares que tinham permissão para vender quantidades de bebida regulamentadas pelo governo para a população durante a Segunda Guerra. (n.t.)

e também era um sistema de vigilância que permitia detectar uma invasão enquanto os intrusos perambulavam à procura de uma entrada, pois o vizinho não apreciava a escória do mundo. A casa era um sobrado com um número considerável de cômodos, mas nem mesmo o alfaiate, sempre bem-informado, sabia muito sobre a sua disposição interna.

Com cerca de trinta anos, o louco vivia com a mãe e a esposa de vinte e cinco ou seis. Diziam que apenas a mãe pertencia à categoria das pessoas sãs, mas isso não impedia que ela marchasse descalça até o escritório da associação toda histérica quando tinha alguma queixa sobre a distribuição de víveres. Ela era a única mulher de caráter do bairro; a esposa do louco era idiota. Em um bem-aventurado ano, movido por um instante de iluminação religiosa, o louco envolveu o corpo em roupas brancas e partiu em peregrinação por Shikoku. Ele topou com a mulher com debilidade mental em algum lugar nessa região, os dois simpatizaram um com o outro, e ele voltou trazendo uma esposa como lembrança da peregrinação. O louco era um homem bem-apessoado e de aparência distinta, a esposa idiota tinha as qualidades próprias de uma moça de boa família e suas feições eram belas – seus olhos eram estreitos e melancólicos; seu rosto, oval como o das bonecas antigas ou das máscaras de teatro nô[3] –, e, ao vê-los lado a lado, davam a impressão de ser um casal bonito e muito bem criado. Com óculos para miopia de lentes grossas, o louco tinha sempre uma expressão tristonha, como se estivesse exausto após a leitura de muitos livros.

Certo dia, as mulheres participavam de um exercício de defesa antiaérea na viela e esse homem, vestido de modo casual, observava tudo às gargalhadas. De súbito, trocou de roupa e surgiu vestindo o uniforme antiaéreo. Assim que agarrou o balde de alguém, passou a recolher e a jogar água, dando vários gritos esquisitos: "Ei", "Ah!" e "Ho! Ho!". Então, ele subiu em um muro por meio de uma escada, deu ordens desde um telhado e começou a fazer um discurso (admonitório). Somente nessa ocasião Izawa se deu conta de que ele era louco e que, apesar de ver esse vizinho às vezes entrar pela cerca, despejar um balde com restos de alimentos no chiqueiro do alfaiate, e lançar pedras contra os patos, alimentar as galinhas com ar indiferente e, de repente, chutá-las, Izawa achava que ele era uma pessoa sã e o cumprimentava com um silencioso aceno de cabeça.

Porém, qual a diferença entre o louco e as pessoas normais? A diferença era que o louco era, em essência, mais discreto do que as pessoas normais.

---

[3] Estilo clássico de teatro japonês que mistura canto, música, poesia e pantomima. Os atores vestem roupas elaboradas e máscaras para representar os protagonistas das peças. (n.t.)

Quando ele queria rir, ria com vontade; quando desejava fazer um discurso, o fazia. Então, jogava pedras nos patos e passava duas horas cutucando os focinhos ou os traseiros dos porcos. Entretanto, em seu íntimo, tinha bastante medo da atenção alheia e, tomando especial cuidado, esforçava-se em isolar a parte mais importante de sua vida privada dos outros. Instalar a porta nos fundos, acessível depois de se entrar pelo portão e dar uma volta na casa, tinha esse propósito. Suas vidas privadas eram, em geral, tranquilas, sem conversas inúteis como a das outras pessoas, eles levavam uma existência contemplativa. O apartamento em um dos lados da viela parecia se inclinar sobre a edícula de Izawa e o som da água escorrendo e a grosseria das vozes das mulheres transbordavam dele o ano inteiro. Duas irmãs, ambas prostitutas, moravam ali, nas noites em que a mais velha tinha um cliente, a mais nova ficava perambulando pelo corredor e, quando a mais nova tinha um cliente, a mais velha caminhava pelo corredor no meio da noite. As pessoas viam o louco como se ele pertencesse à outra raça só porque ria desbragadamente.

A esposa idiota era bastante quieta e dócil. Ela falava para dentro com nervosismo, era difícil ouvir o que dizia e, mesmo quando era possível ouvir suas palavras, nem sempre faziam sentido. Ela não sabia nem mesmo cozinhar arroz, talvez conseguisse fazê-lo se a deixassem, mas ficava nervosa quando era repreendida por cometer algum erro e fazia ainda mais besteiras, mesmo quando ia buscar as rações distribuídas no bairro, não conseguia fazer nada sozinha, apenas ficava ali parada enquanto os vizinhos faziam tudo para ela. As pessoas diziam que era natural que a esposa de um louco fosse uma idiota e que não se devia esperar mais dela, mas a sogra estava bastante insatisfeita e, irritada, dizia que a mulher devia ao menos saber cozinhar arroz. Assim mesmo, apesar de a velha normalmente ser uma pessoa fina e respeitável, era uma histérica de marca maior e, quando ficava fora de si, tornava-se mais furiosa do que o louco e seus gritos eram mais altos e doentios do que os dos outros dois doidos. Isso deixava a idiota assustadiça, ela estava sempre nervosa mesmo nos dias pacíficos em que nada havia ocorrido, o som de passos a amedrontava e ela ficava petrificada, com ar ausente, quando Izawa a cumprimentava.

A mulher com debilidade mental de vez em quando também aparecia no chiqueiro. Se o louco entrava sem qualquer embaraço, como se estivesse na própria casa, jogava pedras nos patos e ficava cutucando os focinhos dos porcos; a mulher aparecia como uma sombra, sem fazer barulho e, com a respiração suspensa, escondia-se atrás do chiqueiro. Aquele era, por assim dizer, seu refúgio, nessas ocasiões, geralmente, ouvia-se a velha chamá-la com a voz

parecida à de alguma ave: “Osayo! Osayo!”. Cada vez que a ouvia, a idiota reagia se encolhendo ou inclinando o corpo, e se demorava repetindo movimentos como um inseto renitente até, sem alternativa, deixar o lugar.

Repórter de jornal e diretor de filmes educativos eram as mais vis dentre as ocupações vis. O que eles sabiam era a moda da época, suas vidas consistiam em não perder o bonde do tempo; ocupações pessoais, individualidade e criatividade não existiam nesse mundo. Em suas conversas cotidianas – comparadas àquelas dos funcionários de empresas, funcionários do governo e professores –, palavras como autoconsciência, humanidade, individualidade e criatividade eram abundantes, mas não passavam de palavras. Na realidade, eles torravam seu dinheiro se enrabichando com mulheres e diziam coisas patéticas como “o sofrimento da ressaca é o mal da humanidade”. Dedicavam-se a escrever ficções nas quais não havia elevação de espírito ou qualquer linha que expressasse um sentimento real e produziam filmes como se eles, de fato, fossem uma representação da guerra: “Ah, a bandeira japonesa, que emoção!”, “Obrigado, bravos soldados!”, “Sem querer, lágrimas lhe vieram aos olhos”, “Bum! Bum! Bum! Bombas explodiam”, “As pessoas se jogaram no chão”, “Pam! Pam! Pam! Rugiam as metralhadoras”. Alguns diziam que não podiam escrever determinadas coisas porque a censura militar proibia, porém, isso não significava que soubessem o que era um texto com verdade, além do mais, verdade e sentimentos em um texto não tinham qualquer relação com a censura. Em suma, independente da época, esse bando não possuía conteúdo, somente um ego vazio. Iam para a direita ou para a esquerda conforme ditava a moda e empregavam expressões aprendidas em romances populares acreditando que elas representassem a época. A época atual não passava de superficialidade e estupidez, qual a relação desta guerra e a derrota, que acabavam com os dois mil anos da história do Japão, e a verdade do ser humano? O destino da nação era impulsionado por uma vontade carente de reflexão e pelas ações cegas de um bando de energúmenos. Quando individualidade e criatividade eram mencionadas diante de diretores e chefes, eles voltavam o rosto e suas expressões diziam “Que cara estúpido!”, e continuavam com “Ah, a bandeira japonesa, que emoção! Obrigado, bravos soldados!” e “Sem querer, lágrimas lhe vieram aos olhos”. Ok! Ser repórter de jornal não passava disso, na verdade, a própria época não passava disso.

Quando Izawa perguntava qual era a necessidade de mostrar o discurso do excelentíssimo comandante que se estendia por três minutos, ou os bizarros cânticos xintoístas entoados todas as manhãs pelos operários do começo ao fim, o diretor desviava o olhar, estalava a língua, voltava o rosto com

uma expressão contrariada, friccionava o precioso cigarro contra o cinzeiro e gritava: “Ei, o que é a beleza em tempos conturbados? A arte não serva para nada! Só as notícias são reais!” Os diretores de cena e os produtores formavam sua própria camarilha baseada no mesmo tipo de camaradagem dos bandos de contraventores que viviam de apostas no período Tokugawa, o talento era liquidado em nome do dever e da humanidade, eles haviam criado um sistema mais burocrático do que o das empresas. Dessa forma, cada um protegia sua própria mediocridade e pregar a individualidade e a originalidade artística era algo considerado uma ofensa e uma violação das regras do sindicato. A organização de alívio à carência de talento, baseada em um espírito de auxílio mútuo, estava, assim, completa. Internamente, tratava-se de uma organização de assistência à carência de talento, porém, externamente, essa camarilha era uma organização de aquisição de álcool, que ocupava os bares do povo e discutia arte depois que cada um se embebedava com três ou quatro garrafas de cerveja. Seus chapéus, cabelos compridos, gravatas e casacos eram típicos da classe artística, mas seus espíritos e temperamentos eram mais burocráticos do que os dos funcionários das empresas. Izawa acreditava na criatividade artística e, por não conseguir abrir mão da originalidade individual, não só não encontrava conforto em meio a esse sistema de dever e humanidade, como não podia deixar de abominar sua mediocridade e seu espírito tosco e desprezível. Ele se tornou um pária nessa camarilha e, mesmo quando cumprimentava os outros, eles não respondiam, alguns até lhe lançavam olhares de afronta. Um dia, ele entrou resoluto na sala do chefe e perguntou: “Há alguma teoria que explique a relação de necessidade entre a guerra e a pobreza artística? Ou se trata da vontade dos militares? Se for para capturar a realidade, bastam uma câmera e dois ou três dedos. Decidir sobre os cortes dependendo dos ângulos, fazer composições com arte, essa é a missão especial que justifica nossa existência como artistas...” Contrariado, o chefe desviou o rosto enquanto Izawa falava e expeliu a fumaça do cigarro. “Por que você não deixa o emprego na nossa empresa? Tem medo de ser convocado para executar trabalhos forçados?”, era o que dizia sua expressão. Ele deu um sorriso falso. “É só executar um trabalho ordinário de acordo com as diretrizes da empresa para receber um salário todos os meses, não perca tempo com essas ideias, quanta impertinência!”, era o que se lia em seu rosto e, sem dar qualquer resposta, ele gesticulou ordenando que Izawa se retirasse. Aquela não era a mais vil de todas as ocupações? Às vezes, ele chegava a achar que, se uma convocação do exército o salvasse do sofrimento de pensar, as balas e a fome não seriam tão ruins.

Enquanto a empresa de Izawa planejava filmar peças como "Não caia, Rabaul!" e "Aviões rumo a Rabaul!" e escrevia os roteiros, o exército americano já havia avançado sobre Rabaul e desembarcava em Saipan. E, antes mesmo que a reunião para discutir a produção de "Saipan, a batalha decisiva!" tivesse terminado, Saipan já havia sido tomada, aeronaves americanas partiam dali e começavam a sobrevoar o Japão. Seus colegas trabalhavam com um misterioso entusiasmo em filmes intitulados: "Como apagar bombas incendiárias", "Corpos que atacam nos céus", "Como cozinhar batatas", "Nenhuma aeronave deve retornar", "Poupar energia e aviões". Filmes estranhos, que incitavam um tédio infinito, eram produzidos uns após os outros, a película cinematográfica escasseava, o número de câmeras em funcionamento se reduzia, o entusiasmo dos artistas, convertido em ardente frenesi, excitava suas veias poéticas como se estivessem possuídos: "O esquadrão de ataque *kamikaze*", "A batalha decisiva pelo continente", "Ah, as flores das cerejeiras caíram!". Enquanto faziam filmes de um tédio sem fim como folhas de papel pálido, Tóquio estava prestes a se transformar em ruínas no dia seguinte.

O entusiasmo de Izawa estava morto. Ele despertava de manhã. E, quando pensava que tinha que ir ao trabalho naquele dia, ficava com vontade de dormir. As sirenes de alerta disparavam, ele se levantava, vestia as perneiras, puxava um cigarro e o acendia. Então, pensava: "Ah, se não for ao trabalho, ficarei sem cigarros!".

Uma noite, Izawa se atrasou e, por pouco, conseguiu tomar o último trem, porém, como não havia mais trens da linha privada que costumava tomar, teve que voltar caminhando por um bom trecho para chegar em casa. Quando acendeu a luz, estranhou o fato de os acolchoados que usava para dormir, e que nunca guardava, não estarem à vista. Ninguém nunca havia arrumado seu quarto enquanto estava fora, e ninguém sequer entrara nele antes. Perplexo, ele abriu o guarda-roupa e descobriu a mulher com debilidade mental escondida ao lado da pilha de acolchoados. Ela examinou a expressão de Izawa com um olhar temeroso e escondeu o rosto em meio aos acolchoados, mas, ao perceber que Izawa não estava bravo, seu alívio deu lugar à familiaridade, sua calma chegou a espantá-lo. Ela se limitava a sussurrar como se resmungasse para si mesma, porém, esses sussurros não tinham qualquer relação com as perguntas que Izawa lhe fazia. Ela falava sobre isso e aquilo, coisas que lhe vinham à mente e que eram transmitidas de modo extremamente obscuro em resumos fragmentados. Assim mesmo, Izawa compreendeu a situação, e como acreditava que ela poderia ter sido repreendida e que, sem saber o que fazer, havia entrado em seu quarto para fugir, procurou não se demorar em questões que poderiam alarmá-la sem

necessidade. Quando lhe perguntou quando e por onde entrara, depois de murmurar coisas desconexas, a mulher puxou a manga, mostrou-lhe um dos braços e tocou um ponto (onde havia um arranhão). "Eu sinto dor", "ainda dói", "ainda estava doendo", disse, como se pontuasse o que lhe ocorria a cada momento, foi assim que ele descobriu que ela havia entrado pela janela depois do anoitecer. Ela estivera vagando do lado de fora com os pés descalços e pediu desculpas por ter entrado e sujado o quarto, porém, como Izawa precisava interpretar as várias coisas sem sentido que a mulher murmurava e adivinhar o que ela queria dizer, ele não tinha absoluta certeza sobre a que seu "me desculpe" se referia.

Era complicado bater na porta e acordar o vizinho no meio da noite para devolver aquela mulher amedrontada, por outro lado, devolvê-la pela manhã, depois de permitir que ela passasse a noite em seu quarto, geraria toda sorte de mal-entendidos, seu marido era louco e Izawa não sabia do que ele seria capaz. "Não importa!", uma estranha coragem irrompeu no espírito de Izawa. A substância dessa coragem era o encantamento despertado pela curiosidade, a excitação em uma existência destituída de emoções. "Não me importo com o que aconteça, devo considerar este incidente apenas como um teste de meu caráter". Ele disse a si mesmo que não precisava pensar ou temer coisa alguma, apenas se concentrar no dever imediato de proteger aquela mulher com debilidade mental por uma noite. Ele dizia a si mesmo que não devia ficar embaraçado por esse acontecimento repentino deixá-lo estranhamente perturbado.

Izawa estendeu dois acolchoados, colocou a mulher para dormir, apagou a luz e, depois de dois ou três minutos, ela se levantou de súbito, deixou o leito e parecia ter se encolhido em um canto do quarto. Se não fosse pleno inverno, Izawa talvez a tivesse ignorado e se esforçado para dormir, mas era uma noite particularmente gélida e, como os acolchoados e as cobertas usados por uma única pessoa foram divididos entre os dois, o ar externo entrava em contato imediato com a pele e seu corpo não parava de tremer de tanto frio. Ele se levantou e acendeu a luz. Encolhida junto à porta, a mulher fechava a gola do quimono com as mãos, seu olhar era o de alguém que não tinha para onde fugir e estava encurralado. "O que foi? Por favor, durma", disse ele e, para seu espanto, ela concordou e voltou a se deitar, mas, dois ou três minutos depois que a luz foi apagada, ela se levantou como da outra vez. Ele voltou a colocá-la no leito. "Não se preocupe, não vou tocá-la!" Ao ouvir isso, a mulher o olhou com uma expressão assustada e, como se procurasse se explicar, murmurava para si mesma. Ele a deixou falando sozinha e, quando apagou a luz pela terceira vez, a mulher se levantou em seguida, abriu a

porta do guarda-roupa, enfiou-se em seu interior e fechou a porta pelo lado de dentro.

Izawa ficou irritado com seu comportamento obstinado. Ele abriu a porta do guarda-roupa com brusquidão. "Expliquei tudo muito bem e ainda assim você se enfia no guarda-roupa e fecha a porta? Isso é um extremo insulto! Por que veio se esconder na casa de alguém em quem não confia? Você me ridiculariza e denigre minha pessoa injustamente, não acha que está se fazendo de vítima? Pare com essa farsa!", disse, porém, ao se lembrar de que aquela mulher não tinha sequer a capacidade de compreender o significado daquelas palavras, ele pensou em como aquilo era desanimador e ridículo. Seria mais razoável dar um tapa no rosto da mulher e ir dormir de uma vez. Então, curiosamente, ouviu a mulher murmurar alguma coisa com uma expressão inescrutável. "Quero ir embora, era melhor não ter vindo", foi o que ela parecia ter dito. "Mas já não tenho para onde voltar...", essas palavras não deixaram de tocar Izawa. "Então é melhor relaxar e passar a noite aqui, não é mesmo? Fiquei bravo porque você agiu como se achasse que fosse uma vítima sem que eu tivesse feito nada, não fique enfiada aí no guarda-roupa e venha dormir debaixo das cobertas." A mulher encarou Izawa e murmurou alguma coisa depressa. "Hã? O quê?", espantado, Izawa teve um sobressalto. "Você não gosta de mim", foram as palavras que ele ouviu com clareza em meio aos sussurros da mulher. "Como? O que disse?", perguntou arregalando os olhos involuntariamente. "Era melhor não ter vindo, você não gosta de mim, eu estava enganada", era o que ela repetia com uma expressão triste. Depois disso, ela fixou o olhar em um ponto e ficou com ar perdido.

Foi quanto Izawa, enfim, compreendeu.

A mulher não estava com medo dele. Era exatamente o oposto. Ela não viera apenas porque fora repreendida e precisava de um lugar para se refugiar. Ela contava com o amor de Izawa. Mas o que poderia tê-la feito acreditar que ele a amava? Ele apenas a cumprimentara quatro ou cinco vezes perto do chiqueiro, na viela ou na rua. Pensando bem, aquilo não passava de uma inesperada e grande farsa. A vontade e a sensibilidade da idiota à sua frente, diferentes daquelas dos seres humanos, exigiam que ele lhes correspondesse. Só porque um homem não tocara seu corpo um ou dois minutos depois de apagar a luz, ela achou que não era apreciada e, ofendida, deixou a cama. Essa era uma experiência dolorosa para uma idiota? Izawa devia acreditar naquilo? Ele não sabia ao certo. Ao final, ela se trancou no guarda-roupa. Era assim que uma idiota expressava sua humilhação por ter sido desprezada? Sem palavras nas quais pudesse se fiar para tirar conclusões, quaisquer que fossem as circunstâncias, ele não tinha alternativa a não ser se rebaixar ao nível da

idiota. Qual a necessidade de exigir o bom senso das pessoas normais? Voltar a ter a mesma docilidade de espírito de uma idiota era vergonhoso para o ser humano? "Precisava muito de um espírito como o dessa idiota, um espírito infantil e dócil. Eu o deixei em algum lugar, apenas me conspurquei em meio à mentalidade produtiva de meus pares, persegui sombras ilusórias e me esgotei terrivelmente".

Ele a colocou no leito e, sentado junto à sua cabeceira – como se pusesse uma criança de três ou quatro anos, sua própria filha, para dormir – ele acariciou os fios de cabelo em sua testa. A mulher abriu os olhos ausentes, sua inocência não diferia em nada daquela de uma criança pequena. "Não é que não goste de você, o afeto, nos seres humano, não é expresso apenas pelo contato físico, a derradeira morada dos homens é o lugar onde nasceram e você, por assim dizer, já parece ser uma habitante desse lugar, por isso...", pontificou Izawa, inicialmente, com uma estranha seriedade, mas era impossível que ela compreendesse aquilo e ele começou a se perguntar o que eram as palavras, qual seria seu valor. Dizer que o amor era a única coisa verdadeira, não havia nada que o provasse, onde seria possível encontrar algo verdadeiro a que confiar as paixões, afinal de contas? Tudo não passava de sombras ilusórias. Enquanto acariciava os cabelos da mulher, ele teve vontade de chorar, era como se aquele elusivo e ínfimo afeto, que mal possuía uma sombra definida, tivesse lhe sido destinado. Ele se sentia triste como se inocentemente acariciasse os cabelos de seu destino.

Que fim teria aquela guerra? Talvez o Japão fosse derrotado, as forças americanas desembarcariam no país e a maior parte dos japoneses seria aniquilada. Essa era outra fatalidade de ordem transcendente, ele não conseguia vê-la de outra forma senão como, por assim dizer, a vontade divina. No entanto, ele tinha um problema mais trivial. Um problema de uma trivialidade assombrosa pairava diante de seus olhos, sempiterno e que não o abandonava. Consistia no salário de cerca de duzentos ienes que recebia da empresa, até quando continuaria a recebê-lo? E se fosse despedido no dia seguinte e terminasse mendigando nas ruas? Izawa se sentia inseguro. Ele temia receber o anúncio de sua demissão na mesma hora em que recebia o dinheiro do mês. Ao pegar o envelope com o salário, ele era preenchido por uma espantosa sensação de felicidade por ter estendido sua existência por mais um mês, mas, quando se recordava da mesquinharia daquilo, sempre tinha vontade de chorar. A arte era seu sonho. Por que esse salário de duzentos ienes, que não passava de uma partícula de pó diante da arte, tinha que se embaraçar em sua carne e ossos e se transformar naquela enorme angústia que parecia abalar a estrutura de sua existência? Não era somente a

forma externa de sua existência, sua mente e seu espírito também eram limitados por esses duzentos ienes, contemplar essa mesquinharia sem enlouquecer, com estoicismo, apenas fazia com que se sentisse miserável. "O que é a beleza em tempos conturbados? A arte não serve para nada!" A voz alta e patética do diretor introduzia uma verdade completamente diferente em seu peito com aguda e violenta força. Ah, o Japão será derrotado! Seus compatriotas tombariam como bonecos de barro, incontáveis pernas, cabeças e braços se elevariam junto com pedaços de concreto e tijolos que voariam e tudo se transformaria em um cemitério vazio e plano, sem árvores ou prédios. Para onde fugiria? Em que buraco se enfiaria? Onde estaria quando tudo explodisse, o buraco e ele? Mas, caso sobrevivesse, como um sonho, ele tinha uma curiosidade enorme sobre esse novo renascimento, sobre esse novo mundo que não podia imaginar, sobre a vida nessa planície em ruínas. Isso estava fadado a ocorrer dentro de seis meses ou um ano, independente da inevitabilidade desse evento, ele só tinha consciência desse distante e caprichoso mundo, que se assemelhava a um sonho. Ele não via nada à sua frente, a força crucial dos duzentos ienes arrancava suas esperanças de viver pelas raízes, esses duzentos ienes o asfixiavam mesmo em sonhos, assombravam-no, desbotavam todo o entusiasmo de seus vinte e sete anos, na verdade, ele já caminhava pela vastidão de um sombrio deserto.

Izawa desejava uma mulher. Apesar de ter uma mulher ser o seu maior desejo, sua vida com essa mulher era limitada por duzentos ienes. Panelas, fogão, missô, arroz, tudo se encontrava sob a maldição dos duzentos ienes. Seus filhos nasceriam sob essa maldição e sua mulher, transformada em um espírito possuído por ela, seria seu lacaio e passaria o dia se lamuriando. Seu entusiasmo, a arte e o brilho da esperança, tudo esmoreceria, sua própria vida, como o estrume de cavalo seco depois de ter sido pisoteado e revolvido na beira da estrada, seria soprado, espalhado pelo vento e desaparecia sem deixar vestígios. Até mesmo as marcas dos cascos desapareceriam. Essa era a maldição presa às costas de uma mulher. Uma existência de insuportável mesquinharia. Ele não tinha energia sequer para lidar com a mesquinharia da realidade. Ah, guerra! Essa grandiosa destruição que julgaria a todos com a mais estranha imparcialidade, o Japão inteiro se transformaria em uma planície cheia de ruínas, os bonecos de barro tombariam, não era esse um triste e enorme amor niilista? Ele tinha vontade de adormecer profundamente nos braços do deus da destruição, mas, quando os alarmes soavam, ele corria para vestir as perneiras. A única coisa que fazia valer a pena viver mais um dia, era brincar com a incerteza de sua existência. Quando o alarme

era desligado, ele ficava desapontado e a desesperadora ausência de sentimentos retornava mais uma vez.

Esta mulher com debilidade mental não sabia cozinhar arroz ou preparar uma sopa de missô. Ficar em pé na fila da distribuição de víveres já era um grande esforço e ela mal conseguia se expressar com desenvoltura. Como a mais fina folha de vidro, ela reagia ao menor sopro das emoções humanas, apenas recebia a vontade dos outros e a deixava passar entre os sulcos de sua ausência e medo. Nem mesmo o espírito maléfico dos duzentos ienes conseguiria se abrigar em seu espírito. "Esta mulher não parece uma triste boneca feita para mim?" Izawa se imaginou caminhando em um escuro deserto no qual o vento silvava abraçado a essa mulher em uma jornada interminável.

Apesar disso, havia algo de fantástico nessa ideia, ele a achava absurda e estúpida, talvez porque sua carapaça humana, de mediocridade extrema, consumisse as profundezas de seu coração. E, consciente disso, por que ele ainda era incapaz de sentir essa ideia, que parecia brotar de si, e a docilidade desse amor senão como mentiras? Havia alguma regra intrínseca que estabelecesse que as prostitutas do apartamento vizinho e alguma senhora da nobreza seriam mais humanas do que uma mulher com debilidade mental? Entretanto, essa regra, por mais ridícula que fosse, sem sombra de dúvida, existia.

"De que tenho medo? É como se aquele espírito maléfico dos duzentos ienes... Estou tentando me desvencilhar dele por meio desta mulher, assim mesmo, ainda não continuo preso à maldição desse demônio? O que temo é apenas a opinião da sociedade. Uma sociedade que se resume às prostitutas dos apartamentos, às amantes e às mulheres grávidas do grupo de voluntárias e às donas de casa que, com vozes nasaladas como as dos patos, grasnam em conferência nas filas. Não há outra sociedade além dessa onde quer que seja, entretanto, não acredito na obviedade desse fato. Tenho medo de uma regra misteriosa".

Essa foi uma noite espantosamente curta (e, ao mesmo tempo, infinitamente longa). Apesar de achar que aquela longa noite continuaria infinitamente, em algum momento, ela deu lugar ao dia e a friagem do amanhecer deixou seu corpo rijo como uma pedra, sem sensação alguma. Ele apenas acariciara os cabelos da mulher junto à sua cabeceira a noite inteira.

*

Uma nova vida teve início para Izawa depois desse dia.

Mesmo que a novidade se resumisse ao corpo de uma mulher ter sido acrescido a casa, já que nenhuma mudança significativa ocorreu de fato. Parecia mentira, mas nada mudara ao seu redor ou em seu interior, não havia nenhuma folha que sugerisse o surgimento de uma nova brotação. Apesar de sua razão compreender que aquele era um evento anômalo, nenhuma mudança ocorrera em sua vida, nem mesmo uma mesa mudara de lugar. Ele saía para trabalhar todas as manhãs, enquanto a idiota ficava sozinha esperando por sua volta dentro do guarda-roupa na casa vazia. Porém, assim que dava um passo para fora, ele se esquecia da mulher com debilidade mental e aquele acontecimento se tornava impreciso em sua memória, era como se ele tivesse acontecido em um passado distante, há dez ou vinte anos.

Isso que chamavam de guerra produzia uma amnésia curiosamente benéfica. Seu assombroso poder de destruição e transformação do espaço provocava mudanças que levariam cem anos em um único dia; eventos que ocorreram há uma semana pareciam ter se dado há vários anos e eventos que ocorreram há um ano se encontravam nas profundezas mais abissais da memória. Recentemente, os prédios ao redor das fábricas em uma rua próxima à casa de Izawa foram demolidos em um frenesi para evacuar a área e todo o quarteirão se transformara em pó que era soprado pelo vento, o entulho ainda mal fora recolhido, mas esse acontecimento parecia distante, coisa de um ano atrás. Mesmo uma grande mudança que alterava completamente o aspecto do bairro não passava de uma paisagem normal quando era observada pela segunda vez. A mulher com debilidade mental também se eclipsava em meio aos vários fragmentos dessa abençoada amnésia. Pedaços de madeira, vestígios do bar na frente da estação que havia sido evacuado – e diante do qual filas se formavam até o dia anterior –, crateras de prédios destruídos por bombas, ruas incendiadas; o rosto da idiota apenas se encontrava caído em meio a esses vários fragmentos.

No entanto, o alarme de alerta soava todos os dias. Às vezes, o alarme de ataque aéreo também soava. E isso deixava Izawa extremamente inquieto. Ele temia que um bombardeiro tivesse ocorrido perto de sua casa e que uma mudança desconhecida realmente tivesse se produzido naquele momento. O único motivo de sua apreensão era o temor de que a mulher saísse correndo em pânico e toda a vizinhança tomasse conhecimento de seu segredo. Por recear essa mudança desconhecida, ele não conseguia voltar para casa todos os dias enquanto ainda estava claro. Perdera as contas de quantas vezes havia tentado resistir em vão à indignidade dessa desprezível apreensão que não conseguia subjugar, ele gostaria de, ao menos, confessar tudo para o alfaiate, mas a vileza da situação o angustiava, pois, uma confissão – que lhe seria a

coisa menos prejudicial – não passava de um meio patético de dissipar sua apreensão. Sua verdadeira natureza era tão desprezível quanto à do resto da sociedade, e ele a amaldiçoava.

Havia duas faces inesquecíveis da idiota. Ao dobrar uma esquina, subir as escadas da empresa, abrir passagem em meio às pessoas no trem, nos locais mais inesperados, essas duas faces, de súbito, vinham-lhe à mente e, cada vez que isso ocorria, todos os seus pensamentos congelavam e ele era desesperadoramente paralisado por uma apoplexia momentânea.

Uma das faces era aquela da primeira vez que tocou o corpo da idiota. No dia seguinte, o acontecimento em si já havia sido relegado às memórias distantes de um ano atrás, porém, apenas aquela face surgia separada de tudo o mais.

A partir desse dia, a mulher com debilidade mental passou a ser apenas um corpo que esperava, sem vida ou qualquer traço de reflexão. Sempre à espera. Bastava que a mão de Izawa tocasse uma parte de seu corpo para que toda a sua consciência se concentrasse nas ações de sua carne, seu corpo e seu rosto, eram sempre receptivos. Surpreendentemente, bastava que a mão de Izawa a tocasse no meio da noite para que seu corpo, entorpecido pelo sono, reagisse da mesma forma, apenas seu corpo, sempre vivo, era receptivo. Mesmo enquanto ela dormia! No entanto, se perguntassem no que ela pensava enquanto estava desperta, como antes, sua cabeça permanecia vazia, havia apenas um espírito em coma e um corpo vivo. Enquanto estava desperta, seu espírito permanecia adormecido e, enquanto dormia, seu corpo permanecia desperto. Tudo o que existia era uma luxúria inconsciente. Esta última estava sempre desperta, a mulher não passava de um corpo que reagia se contorcendo incansavelmente como um verme.

Izawa viu a segunda face da mulher em um dia de folga. Houve um bombardeio em plena luz do dia em uma área próxima que se estendeu por duas horas e, como Izawa não tinha um abrigo antiaéreo, ele e a mulher se esconderam no guarda-roupa e usaram os acolchoados como proteção. O bombardeio se concentrava em uma área a cerca de quinhentos metros da casa de Izawa, mas a casa oscilava junto com o eixo do solo e seus pensamentos e respiração eram suspensos a cada impacto das bombas. Apesar de as bombas caírem da mesma forma, como entre as cobras-rato e as víboras, havia diferenças no grau de terror provocado pelas bombas comuns e as incendiárias e, mesmo que estas últimas estivessem providas de um ruído particularmente sinistro, semelhante ao dos chocalhos, elas não explodiam sobre o solo e o som se extinguia no ar. O ditado “cabeça de dragão, cauda de ser-

pente” servia para descrevê-las. Mas elas não tinham caudas de serpente, sequer tinham caudas e, assim, faltava-lhes um definitivo sentimento de pavor. Já as bombas normais caíam com um som baixo e grave, semelhante ao da chuva, traçando uma linha reta e, ao final, explodiam com um som que parecia rasgar o eixo da terra. O horror contido apenas nessa linha traçada pela bomba era inquestionável e não havia medo mais angustiante do que o experimentado enquanto as explosões se aproximavam. Além disso, o som dos aviões americanos passando sobre suas cabeças era muito débil e soava indiferente devido à grande altitude. Era como se eles fossem golpeados pelo grande machado de um monstro enquanto ele voltava o rosto para o outro lado. As ações do adversário que os atacava eram incertas, por isso, o rugido dos motores estranhamente distantes era muito inquietante. O som de chuva das bombas caindo em linha reta se seguia a ele. O terror real da espera pela explosão impedia que qualquer palavra fosse proferida, suspendia a respiração e os pensamentos. Apenas a angústia da morte cada vez mais próxima existia, brilhante, com a frieza de uma loucura iminente.

Por sorte, construções de dois andares como apartamentos, a casa do louco e a do alfaiate cercavam a edícula de Izawa de todos os lados e, se as casas vizinhas tinham os vidros quebrados e alguns telhados danificados, os vidros de sua edícula não apresentavam uma só trinca. Apenas um capuz, parte de um uniforme antiaéreo, sujo de sangue estava caído na horta na frente do chiqueiro. Somente os olhos de Izawa brilhavam dentro do guarda-roupa. Foi quando ele a viu. A face da idiota. A agonia desesperada com a qual ela agarrava o vazio.

Ah, os seres humanos possuem intelecto! Independente da situação, eles conservam alguma sombra de autocontrole e resistência. Então, não possuir ao menos uma sombra de intelecto, autocontrole e resistência era aquela coisa horrenda! Apenas terror e agonia se agarravam à face e ao corpo da mulher que se voltava para uma janela aberta para a morte. Uma angústia que se movia, que se contorcia e derramava uma lágrima. Um cão que vertesse lágrimas dos olhos provavelmente seria tão grotesco quando um cão que risse. Lágrimas sem qualquer sombra de intelecto, não havia nada mais repugnante! Crianças de quatro a sete anos curiosamente não costumam chorar durante os bombardeios. Seus corações palpitam como se fossem ondas, elas perdem a fala e arregalam os olhos de modo peculiar, apenas isso. Os olhos são a única coisa viva em seus corpos, mas, à primeira vista, apesar dos olhos arregalados, sua expressão não chega a ser uma representação dramática de ansiedade e medo. De fato, as crianças conseguem subjugar mais as suas emoções nessas circunstâncias do que normalmente fariam. Nesses momen-

tos, se comportam como adultos, ou seria melhor dizer que o comportamento destes últimos era inferior ao das crianças, pois os adultos expressavam sua ansiedade e angústia diante da morte de modo mais explícito, ou seja, as crianças pareciam mais racionais do que os adultos.

Apesar dos olhos arregalados, a angústia da idiota não tinha qualquer relação com a das crianças. Era apenas um medo instintivo da morte, uma angústia diante da morte, não era humano, nem os insetos reagiam daquela forma, não passava de um único movimento repugnante. Se houvesse alguma forma de descrevê-la, seria como se uma lagarta de cinco centímetros tivesse se contorcido e se expandido até atingir um metro e meio. E ela tinha uma única lágrima nos olhos.

Sem falar, gritar ou gemer, ela não demonstrava expressão alguma. Não estava sequer consciente da presença de Izawa. Tamanha solidão era inconcebível para um ser humano. Um homem e uma mulher se encontravam dentro de um guarda-roupa e um deles havia se esquecido completamente da existência do outro, era improvável que isso ocorresse com um ser humano. As pessoas falam em solidão absoluta, mas esta só era concebível por meio da consciência da presença do outro, haveria uma solidão absoluta tão cega e inconsciente? Aquela era a solidão de uma lagarta, a fisionomia patética dessa solidão absoluta. A sordidez intolerável de uma fisionomia angustiada na qual não se vislumbrava qualquer sombra de pensamento.

O bombardeio terminou. Izawa abraçou e levantou a mulher, mas a mulher, que reagia assim que um dedo de Izawa tocava seu peito, perdera até mesmo sua lascívia. Abraçado a esse cadáver, ele caía sem parar, havia apenas uma escura, escura, e infinita queda.

Nesse dia, ele saiu para dar uma volta depois do bombardeio e viu uma perna feminina arrancada de seu corpo, um tronco de mulher do qual as entranhas escapavam e uma cabeça de mulher decepada em meio às casas em ruínas.

Izawa caminhava sem destino em meio à fumaça que ainda emanava da área incendiada no grande ataque aéreo do dia 10 de março. Havia pessoas mortas aqui e ali, elas pareciam frangos grelhados. Mortas em bando. Iguais a frangos grelhados. Não eram assustadoras, nem repugnantes. Também havia corpos ao lado de cães, ambos queimados da mesma forma, mortes totalmente inúteis, no entanto, nas quais o pesar e as emoções profundas das mortes vãs eram inexistentes. Não era como se seres humanos tivessem morrido como cães, mas como se, com os cães, outras coisas semelhantes a estes,

apenas tivessem sido dispostas e fossem servidas sobre um prato como frangos grelhados. Aqueles não eram cães, não eram nem mesmo seres humanos.

Se a mulher com debilidade mental morresse queimada, não seria como se uma boneca de barro retornasse a terra? Se a noite em que bombas incendiárias cairiam chegasse àquele bairro... Ao pensar isso, Izawa não pôde ignorar a estranha tranquilidade de sua figura, rosto e olhos enquanto estava imerso em seus pensamentos. “Estou tranquilo. E aguardo o ataque aéreo. Muito bem!” Ele deu uma risada de mofa. “Apenas abomino coisas repugnantes. No final das contas, não é apenas um corpo destituído de espírito que morrerá queimado? Não serei eu quem matará a mulher. Sou um homem covarde e vulgar. Não tenho coragem de fazer isso. Porém, talvez a guerra dê cabo da mulher. Tudo de que preciso é de uma pequena deixa para dirigir a mão cruel desta guerra para a sua cabeça. Que sei eu? Talvez seja apenas questão de aproveitar um instante para que isso se resolva por si só.” Izawa esperava pelo ataque aéreo com extrema serenidade.

*

Era 15 de abril.

Dois dias atrás, em 13 de abril, houve um segundo grande ataque aéreo noturno em Tóquio e Ikeburo, Sugamo e a área de Yamate sofreram danos. Como Izawa havia recebido um atestado de calamidade, ele saiu para fazer compras em Saitama e retornou carregando um pouco de arroz na mochila em suas costas. Assim que chegou em casa, a sirene de alerta soou.

A julgar pelas regiões que não foram incendiadas, qualquer um concluiria que o próximo ataque aéreo de Tóquio provavelmente seria nos arredores daquele bairro, se fosse rápido, seria no dia seguinte; se demorasse, não levaria um mês para que o dia fatídico chegasse. O ataque poderia ocorrer no dia seguinte no prazo mais curto, considerando-se a velocidade dos ataques anteriores e o intervalo para preparar a esquadra para o bombardeio noturno, mas Izawa não esperava que aquele fosse o dia em que ele sobreviria. Tanto que ele saiu para fazer compras, sua intenção, no entanto, não se resumia a isso, o agricultor que Izawa foi visitar era um conhecido da sua época de estudante e o motivo principal da viagem era lhe confiar duas malas e as coisas que enfiara na mochila.

Izawa estava exausto. Sua roupa de viagem era o uniforme de proteção contra ataques aéreos, então, usando a mochila como travesseiro, realmente adormeceu no meio do quarto nesse momento decisivo. Ele despertou com a

algazarra dos rádios, a frente da esquadra de bombardeiros se aproximou do extremo sul da península de Izu e passou por ele pouco depois. No mesmo instante, o alarme de ataque aéreo soou. Izawa intuía que aquele era o último dia daquele bairro. Ele colocou a idiota dentro do guarda-roupa, pendurou uma toalha no pescoço e, com uma escova de dente na boca, foi para a beira do poço. Alguns dias atrás, ele conseguira um tubo de pasta de dente da marca Lion e, como estava saudoso da sensação de frescor que se espalhava pela boca de que fora privado por um bom tempo, quando intuiu que o dia fatídico havia chegado, por alguma razão, ele teve vontade de escovar os dentes e de lavar o rosto, mas, para começar, como a pasta de dente havia se movido um pouco e estava em um local diferente daquele em que deveria estar, ele levou muito tempo (realmente lhe pareceu um longo tempo) procurando por ela e, quando finalmente a encontrou, desta vez foi o sabonete (esse sabonete também era um sabonete perfumado de uma marca antiga) que havia se movido de lugar, e ele passou um longo tempo à sua procura. "Ah, estou realmente agitado! Mantenha a calma! Mantenha a calma!", disse para si mesmo, enquanto batia a cabeça na prateleira e tropeçava na escrivaninha. Ele procurou se concentrar suspendendo todos os movimentos e pensamentos por algum tempo, mas seu próprio corpo, de modo instintivo, continuava se movendo com afobação. Quando finalmente encontrou o sabonete e chegou à beira do poço, o casal de alfaiates jogava seus pertences dentro do abrigo antiaéreo a um canto da horta e a garota que parecia um pato e morava no sótão andava de um lado para o outro com bagagens nas mãos. Ele se felicitou por não ter desistido e procurado pela pasta de dente e pelo sabonete com obstinação e se perguntou qual seria seu destino aquela noite. Ele ainda não havia terminado de enxugar o rosto quando a artilharia antiaérea entrou em ação, ao levantar a cabeça, dezenas de holofotes de busca se cruzavam enquanto vasculhavam o céu acima de Izawa. Um avião americano flutuava em meio aos feixes de luz. Em seguida, mais um avião e mais outro surgiram, ao voltar os olhos para baixo, a área na frente da estação havia se transformado em um mar de fogo.

Por fim, chegara o dia. Quando teve certeza disso, Izawa se sentiu em paz. Em pé na frente casa, com a cabeça coberta pelo capuz do uniforme antiaéreo e protegido por um acolchoado, Izawa contou vinte e quatro aviões. Eles flutuavam em meio aos feixes luminosos, todos passavam sobre a sua cabeça.

Apenas o ruído da artilharia antiaérea ressoava enlouquecidamente, não se ouvia o som de qualquer explosão. O som das bombas incendiárias caindo, semelhante ao de um trem de carga passando sobre uma ponte, fez-se ouvir

assim que contou vinte e cinco aviões, mas eles passaram sobre a cabeça de Izawa e pareciam concentrar o ataque na zona das fábricas detrás de si. Como ele não conseguia ver nada da frente da casa, ele foi até a frente do chiqueiro e olhou para trás. A zona das fábricas era um mar de fogo e, para sua surpresa, aviões americanos também surgiam um depois do outro vindos da direção oposta daqueles que passaram sobre a sua cabeça e se juntavam ao ataque àquela área atrás da casa. Os rádios ficaram mudos, o céu inteiro estava escondido por uma espessa e rubra cortina de fumaça e ele perdeu os aviões americanos e os feixes luminosos dos holofotes completamente de vista. Com exceção de um ponto ao norte, todos os lados haviam se transformado em um mar de fogo, esse mar de fogo se aproximava cada vez mais.

O casal de alfaiates era precavido, pois haviam construído o abrigo antiaéreo para guardar seus pertences e deixaram até mesmo o barro para fechá-lo a mão. Eles seguiram todos os procedimentos: encheram o abrigo com suas coisas, selaram-no com barro e ainda o cobriram com a terra da horta. "Não há nada a fazer com esse fogo". O alfaiate vestia um antigo uniforme usado para apagar incêndios e observava as chamas com os braços cruzados. "Mesmo que nos mandem apagá-lo, não há como. Estou indo embora daqui. Não adianta ficar e morrer em meio à fumaça." O alfaiate empilhara um monte de coisas sobre um carrinho de mão. "Professor, venha conosco!" Nesse momento, Izawa foi assaltado por um sentimento de medo clamoroso e confuso. Seu corpo queria fugir com o alfaiate, mas o movimento de seu corpo, sacudido por uma espécie de resistência de seu coração, foi detido. No mesmo instante, ele teve a impressão de que um grito irrompia em algum ponto dentro de seu coração: "Morrerei queimado devido a este momento de hesitação!". Ele quase não conseguia pensar de tanto medo, mas, outra vez, reprimiu o corpo que, por si só, titubeava e se punha em fuga.

– Bem, eu ficarei aqui mais um pouco. Tenho um trabalho a cumprir. Sou um artista, assim, esta é uma oportunidade para estudar a mim mesmo diante de uma situação de vida e morte, preciso ir até o fim com isso. Quero fugir, mas não posso. Não posso deixar esta oportunidade escapar. Por favor, fujam! Rápido, rápido! Um segundo e tudo estará perdido!

"Rápido, rápido! Um segundo e tudo estará perdido!" Esse "tudo" compreendia a vida do próprio Izawa. O "rápido, rápido!", não era para apressar o alfaiate, era sua voz expressando o desejo de fugir o quanto antes. Ele só poderia fugir depois que todos os vizinhos tivessem deixado as imediações. Caso contrário, veriam a idiota.

“Então, professor, cuide-se!” O alfaiate saiu puxando o carrinho de mão com pressa. O carrinho se afastou batendo nos cantos da viela. Eram os últimos moradores daquela viela a partir. Um som misterioso, sem pausa ou modulação, fazia-se ouvir sem cessar, era como se ondas agitadas lavassem rochedos continuamente, ou incontáveis fragmentos da munição antiaérea caíssem atingindo os telhados sem parar, mas esse era o som dos passos da multidão que fugia ao longo da estrada municipal. O som da artilharia já perdia o ritmo e o som do fluxo de passos encerrava uma estranha vitalidade. Quem diria que aquele som estranho e incessante, sem modulação ou pausa, fosse produzido pelo fluxo de pessoas caminhando neste mundo? Céu e terra eram preenchidos por uma infinidade de sons: o troar dos aviões americanos, a artilharia antiaérea, coisas caindo, o barulho de explosões, passos, fragmentos de munição atingindo telhados. Entretanto, apenas no espaço de alguns metros ao redor de Izawa, havia uma pequena escuridão na qual o silêncio era total em meio ao universo rubro. A densidade bizarra do silêncio e a densidade enlouquecedora da solidão o envolviam de todos os lados. “Espere mais trinta segundos... Apenas mais dez segundos”. Por que e quem ordenava que fizesse isso? Por que deveria obedecer a essas instruções? Izawa sentia que estava prestes a enlouquecer. Agoniado, de súbito, ele sairia correndo como um cego chorando e gritando.

Nesse momento, ele ouviu o som de algo que caía e parecia revolver o interior de seus tímpanos logo acima de sua cabeça. Ele se deitou no chão de pronto, o ruído se dissipou de repente sobre a sua cabeça e, como se fosse mentira, o silêncio retornou aos arredores. “Muito bem, vocês querem me apavorar!” Izawa se levantou devagar e espanou a terra do peito e dos joelhos. Ao erguer o rosto, viu a casa do louco em chamas. “O quê? Quer dizer que, enfim, caíram?” Ele estava estranhamente calmo. Quando percebeu, as casas à esquerda e à direita, bem como o apartamento diante de seus olhos, também estavam em chamas. Izawa pulou no interior da casa. Ele arrancou a porta do guarda-roupa (na verdade, ela se soltou e caiu com estrépito), abraçou a mulher com debilidade mental e, cobertos por um acolchoado, saíram correndo. Depois disso, totalmente fora de si, não se lembrava de nada do que fizera por cerca de um minuto. Ao se aproximar da entrada da viela, o som das bombas se precipitou outra vez sobre as suas cabeças. Quando se levantaram depois de se deitarem no chão, ele viu a tabacaria da entrada da viela também pegando fogo, labaredas se elevavam do oratório budista da casa do lado oposto. Ao sair da viela e olhar para trás, a casa do alfaiate também começava a arder e a edícula de Izawa também parecia ter começado a queimar.

Os arredores realmente eram um mar de fogo, não havia muitos fugitivos na estrada municipal, apenas fagulhas flutuavam em uma dança furiosa, Izawa pensou que tudo já estava perdido. Havia uma grande aglomeração a partir do cruzamento e todas as pessoas seguiam em um mesmo sentido. Na direção mais distante das chamas. A partir desse ponto, não havia mais uma estrada, somente um rio moroso feito de gritos de pessoas e bagagens. Acotoveladas, elas se empurravam, forçavam passagem e eram empurradas; quando ouviam o som das bombas caindo acima de suas cabeças, as pessoas se deitavam no chão ao mesmo tempo e o rio parava de fluir como por milagre e apenas alguns homens passavam por cima dos demais e saíam em disparada, porém, a maior parte das pessoas nesse fluxo carregava seus pertences e estava acompanhada de crianças, mulheres e idosos. Elas chamavam umas pelas outras, detinham-se, davam meia-volta, esbarravam umas nas outras e eram derrubadas enquanto as labaredas se aproximavam dos dois lados da estrada. Eles chegaram a um cruzamento menor. Ali, também, todas as pessoas seguiam em uma única direção, aquela mais afastada do fogo, mas Izawa sabia que não havia espaço aberto ou plantações daquele lado e, se os próximos aviões americanos bloqueassem o caminho com bombas incendiárias, aquela rua os conduziria à morte certa. As casas dos dois lados da outra rua já ardiam em chamas, mas depois de passar por elas, Izawa tinha conhecimento de que havia um rio e, seguindo algumas centenas de metros acima dele, era possível chegar a uma plantação de trigo. Como não via a sombra de ninguém atravessando essa rua, sua determinação foi abalada, mas, então, a cerca de cento e cinquenta metros à sua frente, ele percebeu a figura de um único homem jogando água nas furiosas chamas. "Jogar água nas furiosas chamas" era um pouco exagerado, sua figura não era nem um pouco intrépida, ele apenas carregava um balde, jogava água umas poucas vezes, ficava parado com ar perdido e caminhava. Seus movimentos eram estranhamente obtusos, talvez ele tivesse algum problema psicológico, alguém com retardo mental manifestaria seu desespero daquela forma. "Bem, se uma pessoa consegue ficar ali em pé sem morrer queimada...", pensou Izawa. "Vou tentar minha sorte". Sorte. Tudo o que lhe restava era um fiapo de sorte e a determinação para escolhê-la. Havia uma vala no cruzamento. Izawa empapou o acolchoado com água.

Izawa colocou o braço ao redor dos ombros da mulher e, cobertos pelo acolchoado, eles se separaram da multidão. Ao dar um passo na direção da rua tomada pelas labaredas, a mulher instintivamente se deteve e cambaleou como se fosse puxada de volta para o fluxo seguido pela multidão. "Sua tonta!", gritou Izawa, puxando a mão da mulher com todas as suas forças.

Ele abraçou os ombros da mulher que cambaleava sobre a rua com firmeza. “Se for para aquele lado, só irá morrer”, sussurrou e a segurou junto a si. “Se for para morrer, nós dois morreremos desta forma, juntos. Não tenha medo. E não se afaste de mim. Esqueça o fogo e as bombas, veja, a rua de nossas vidas será sempre esta. Apenas olhe diretamente para frente, pode se apoiar em meus ombros. Você entendeu?” A mulher balançou a cabeça concordando.

Seu gesto foi infantil, mas Izawa ficou quase fora de si de tanta emoção. Ah, depois de várias longas horas de horror, dias e noites sob os bombardeios, aquela era a primeira vez que a mulher expressava sua vontade, a única vez que dera uma resposta! Enternecido, Izawa estava prestes a endoidecer. Ele finalmente abraçava um ser humano e sentia um orgulho imenso desse ser humano que tinha nos braços. Os dois atravessaram as labaredas correndo. Ambos os lados da rua ainda ardiam em chamas quando deixaram a massa de ar quente, mas as casas já tinham queimado, o fogo estava mais fraco e o calor menos intenso. Ali também havia uma vala. Ele banhou a mulher dos pés à cabeça com água, molhou o acolchoado outra vez e voltaram a se cobrir com ele. Pertences e um acolchoado queimados se espalhavam sobre a rua, havia duas pessoas mortas. Uma mulher e um homem de cerca de quarenta anos.

Izawa envolveu os ombros da mulher com o braço e eles correram em meio às chamas. Por fim, os dois chegaram à beira do rio. No entanto, as fábricas em ambas as margens pegavam fogo e chamas incontroláveis se elevavam no ar. Eles não podiam seguir em frente, recuar ou ficar ali parados. Izawa descobriu uma escada que conduzia ao rio, ele fez com que a mulher descesse coberta pelo acolchoado e desceu em um salto.

Pessoas em pequenos grupos caminhavam no meio do rio. De vez em quando, a mulher espontaneamente se molhava na água. Até um cão faria o mesmo naquela situação, mas a novidade do nascimento de uma nova e adorável mulher fazia com que Izawa devorasse sua figura com um olhar surpreso enquanto ela se banhava. O rio saiu debaixo das chamas e começou a correr sob a escuridão. Todo o céu estava tingido pelo fogo, então, não estava realmente escuro. Devido a um misterioso e enorme cansaço e a uma infinita sensação de vazio, quando pôde contemplar a escuridão outra vez com vida, era como se Izawa contemplasse um extenso vácuo. Havia um ínfimo alívio em suas profundezas, mas ele era uma coisa estranhamente mesquinha e absurda. Tudo lhe parecia absurdo. Subindo o rio, havia uma plantação de trigo. Ela estava cercada por colinas dos três lados e tinha cerca de dez hectares, a estrada nacional cortava as colinas e a atravessava. As casas

sobre as colinas pegavam fogo, o banho público, uma fábrica, o templo e outra construção na orla da plantação de trigo queimavam, as cores e as intensidades das chamas de cada um deles eram diferentes: brancas, vermelhas, laranjas, azuis. De repente, começou a ventar e o ar retumbou, gotas minúsculas começaram a cair por toda a parte como uma névoa.

Uma multidão serpenteava pela estrada nacional. Algumas centenas de pessoas se abrigavam na plantação de trigo, um número incomparavelmente menor do que o da multidão que serpenteava pela estrada. Havia uma colina contígua à plantação. Não havia ninguém em meio ao bosque dessa colina. Os dois estenderam o acolchoado sob as árvores e se deitaram. Uma propriedade rural queimava na orla da plantação abaixo da colina, era possível ver várias pessoas jogando água para apagar o fogo. Havia um poço atrás da propriedade, um homem bombeou água manuseando ruidosamente uma alavanca e a bebeu. Imediatamente, cerca de vinte pessoas – homens e mulheres de todas as idades – vieram correndo de todos os cantos da plantação e se aglomeraram ao seu redor. Elas manuseavam a ruidosa bomba e bebiam a água em turnos. Depois disso, ficavam observando a casa em chamas prestes a cair. Elas protegiam os olhos com as mãos, aqueciam-se reunidas ao seu redor, recuavam com um salto quando massas de fogo despencavam, afastavam os rostos da fumaça e conversavam. Ninguém fazia menção de ajudar a apagar o fogo.

A mulher disse que estava com sono, que estava cansada, que seus pés e olhos doíam, mas o que mais se ouvia em meio a seus sussurros era "estou com sono". "Durma", disse Izawa. Ele a envolveu no acolchoado e acendeu um cigarro. E perdeu as contas de quantos cigarros havia fumado quando o alarme que anunciava o fim do perigo soou ao longe e vários policiais surgiram em meio à plantação avisando que o estado de alerta havia terminado. Suas vozes já estavam roucas e não pareciam humanas. "A Escola Elementar Yaguchi não foi queimada, os moradores que estão sob a jurisdição da delegacia de Kamata devem se reunir lá!", gritavam. As pessoas se levantavam do meio dos sulcos da plantação e desciam para a estrada nacional. Esta foi tomada por uma multidão outra vez. Entretanto, Izawa não se moveu. Um policial parou à sua frente.

– O que aconteceu com ela? Está ferida?

– Não, ela está cansada. Está dormindo.

– Você conhece a Escola Elementar Yaguchi?

– Sim, depois de descansarmos, iremos até lá.

– Coragem! Não deixe que uma coisa tão insignificante o desanime!

A voz do policial se perdeu. Ele se afastou e desapareceu, restaram somente dois seres humanos em meio ao bosque. Somente dois seres humanos... No entanto, não era verdade que a mulher não passava de um punhado de carne? Ela dormia profundamente. Naquele momento, todas as pessoas caminhavam em meio à fumaça que restava dos incêndios. Todas as pessoas perderam suas casas, todos caminhavam. Provavelmente sequer lhes passasse pela cabeça dormir. Quem conseguia dormir naquele momento eram os mortos e esta mulher. Os mortos não voltariam a abrir os olhos, mas esta mulher logo despertaria e, ao acordar, não acrescentaria nada ao punhado de carne profundamente adormecido. Mesmo que fosse de leve, a mulher roncava. Ele não se recordava de tê-la ouvido roncar antes. Lembrava o grunhido dos porcos. "Esta mulher é uma verdadeira porca, sem tirar nem pôr", pensou Izawa. Então, um pequeno fragmento de uma memória de infância lhe veio à mente. Dez crianças perseguiam um leitão sob as ordens do líder do grupo. Ele foi encurralado e o líder, usando um canivete, cortou um pedaço de sua coxa. O porco não parecia sentir dor e também não grunhiu de forma diferente. Como se ignorasse que a carne de sua coxa era cortada, ele apenas procurava fugir. O exército desembarcaria e as balas de artilharia pesada rugiriam de todos os lados fazendo com que os prédios de concreto voassem pelos ares; aeronaves mergulhariam e as metralhadoras se juntariam a elas acima de suas cabeças, Izawa se imaginou caminhando e tropeçando em meio à fuligem do solo, aos prédios em ruínas e às crateras, enquanto tentava fugir com a mulher. Sob a proteção de um monte de concreto desmoronado, a mulher seria pressionada contra o chão pelo homem e, este, subjugando-a e absorvido no ato sexual, arrancaria pedaços da carne de suas nádegas e os comeria. A carne das nádegas da mulher se reduziria cada vez mais, porém, a mulher estaria concentrada apenas na satisfação de sua luxúria.

Começou a esfriar conforme o amanhecer se aproximava, Izawa vestia um casaco e um suéter grosso, mas ele não suportava o frio. Campos ainda ardiam em chamas por todos os lados na orla da plantação logo abaixo. Ele pensou em ir até lá para se aquecer, mas como não queria acordar a mulher, Izawa não podia se mexer. Por alguma razão, não suportava a ideia de vê-la abrir os olhos.

Ele pensou em se levantar e ir embora enquanto a mulher estava adormecida, mas até isso lhe parecia trabalhoso. Para que uma pessoa se desfizesse de alguma coisa – mesmo para jogar um pedaço de papel fora – devia ter ao menos disposição e escrúpulo para fazer isso. Ele não possuía disposição ou escrúpulo para abandonar esta mulher. Ele não sentia nem um

pingo de afeição por ela, não tinha qualquer arrependimento, mas também lhe faltava disposição para abandoná-la. Porque não havia nada a esperar da vida. No dia seguinte, mesmo que se livrasse da mulher, haveria esperança em algum lugar? Com o que poderia contar? Onde encontraria uma casa para morar? Um buraco para dormir? Ele não fazia a menor ideia. O exército americano desembarcaria, todo tipo de destruição ocorreria no céu e sobre a terra e esse gigantesco amor da guerra pela destruição decidiria tudo. Também não havia sobre o que pensar.

Quando clareasse, Izawa planejava despertar a mulher e, sem lançar um olhar para a área incendiada, caminhariam até a estação mais distante possível e procurariam um lugar para dormir. Izawa se perguntava se os bondes e trens estariam correndo. Ele se perguntava se aquela seria uma manhã ensolarada e se os raios de sol banhariam as suas costas e as costas da porca a seu lado quando estivessem descansando, apoiados nos dormentes da cerca ao redor da estação. Pois era uma manhã muito fria.

CRASSA-DESGRAÇA

MAKSIM GÓRKI

O TEXTO: Conto do período pré-revolucionário de Maksim Górki, escrito em 1913, "Страсти-мордасти" ("Crassa-desgraça") foi publicado pela primeira vez em janeiro de 1917, na revista *Летопись* (*Crônicas*), e no mesmo ano, na coletânea de histórias *По Руси* (*Na Rússia*). Mediante uma linguagem crua, Górki narra as misérias e as tragédias particulares do cotidiano de uma mãe, Máshka Frolikha, uma mulher com o rosto desfigurado, e seu pequeno filho, Liônka, que é paralítico.

Texto traduzido: Горьким, М. *По Руси*. Рассказы 1912-1917. Том 11. Москва: Гослитиздат, 1949.

O AUTOR: Maksim Górki (1868-1936), escritor e ativista político russo, nasceu em Nijni Novgorod. Considerado o pai do "realismo soviético", começou a usar o pseudônimo "Górki" (que significa "amargo") em 1892, quando publicou o conto, "Макар Чудра" ("Makar Chudra"), no jornal *Kavkaz* (*O Cáucaso*). Publicou seu primeiro livro *Очерки и рассказы* (*Ensaios e histórias*), em 1898. Górki via a literatura menos como uma prática estética do que como um ato moral e político que poderia mudar o mundo. Descreveu a vida das pessoas marginalizadas pela sociedade, vendo nelas também uma centelha de humanidade. Atuou no movimento comunista marxista, opondo-se ao regime czarista. Foi exilado da Rússia e mais tarde da União Soviética, retornando em 1932.

O TRADUTOR: André Rosa é escritor e pesquisador em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Literatura da UFRJ/Capes. Traduziu poetas de língua russa, tais como Ievguêni Ievtuchenko, Vera Inber e Nikolai Assêiev. Colaborou em diversos jornais e revistas, como *Folha de S. Paulo*, *O Globo*, *Revista Brasileira*, *Rascunho* e *Cândido*.

Страсти-мордасти

“ Придут Страсти-Мордасти,
Приведут с собой Напасти.”

МАКСИМ ГОРЬКИЙ

Душной летней ночью, в глухом переулке окраины города, я увидал странную картину: женщина, забравшись в середину обширной лужи, топала ногами, разбрызгивая грязь, как это делают ребятишки, – топала и гнусаво пела скверненькую песню, в которой имя Фомка рифмовало со словом емкая.

Днем над городом могуче прошла гроза, обильный дождь размочил грязную, глинистую землю переулка; лужа была глубокая, ноги женщины уходили в нее почти по колено. Судя по голосу, певица была пьяная. Если б она, устав плясать, упала, то легко могла бы захлебнуться жидкой грязью.

Я подтянул повыше голенища сапог, влез в лужу, взял плясунью за руки и потащил на сухое место. В первую минуту она, видимо, испугалась, — пошла за мною молча и покорно, но потом сильным движением всего тела вырвала правую руку, ударила меня в грудь и заорала:

— Караул!

И снова решительно полезла в лужу, увлекая меня за собой.

— Дьявол, — бормотала она. — Не пойду! Проживу без тебя... поживи без меня... краул!

Из тьмы вылез ночной сторож, остановился в пяти шагах от нас и спросил сердито:

— Кто скандалит?

Я сказал ему, что — боюсь, не утонула бы женщина в грязи, и вот — хочу вытащить ее; сторож присмотрелся к пьяной, громко отхаркнул и приказал:

— Машка — вылазь!

— Не хочу.

— А я те говорю — вылазь!

— А я не вылезу.

— Вздую, подлая, — не сердясь, пообещал сторож и добродушно, словоохотливо обратился ко мне: — Это — здешняя, паклюжница, Фролиха, Машка. Папироски нету?

Закурили. Женщина храбро шагала по луже, вскрикивая:

— Начальники! Я сама себе начальница... Захочу — купаться буду...

— Я те покупаюсь, — предупредил ее сторож, бородатый, крепкий старик. — Эдак-то вот она каждую ночь, почитай, скандалит. А дома у ней — сын безногой...

— Далеко живет?..

— Убить ее надо, — сказал сторож, не ответив мне.

— Отвести бы ее домой, — предложил я.

Сторож фыркнул в бороду, осветил мое лицо огнем папиросы и пошел прочь, тяжко топая сапогами по липкой земле.

— Веди! Только допрежде в рожу загляни ей.

А женщина села в грязь и, разгребая ее руками, завизжала гнусаво и дико:

— Как по-о мор-рю...

Недалеко от нее в грязной жирной воде отражалась какая-то большая звезда из черной пустоты над нами. Когда лужа покрылась рябью — отражение исчезло. Я снова влез в лужу, взял певицу под мышки, приподнял и, толкая коленями, вывел ее к забору; она упиралась, размахивала руками и вызывала меня:

— Ну — бей, бей! Ничего, — бей... Ах ты зверь... ах ты ирод... ну — бей!

Приставив ее к забору, я спросил — где она живет. Она приподняла пьяную голову, глядя на меня темными пятнами глаз, и я увидал, что переносье у нее провалилось, остаток носа торчит, пуговкой, вверх, верхняя губа, подтянутая шрамом, обнажает мелкие зубы, ее маленькое пухлое лицо улыбается отталкивающей улыбкой.

— Ладно, идем, — сказала она.

Пошли, толкая забор. Мокрый подол юбки хлестал меня по ногам.

— Идем, милый, — ворчала она, как будто трезвея. — Я тебя приму... Я те дам утешеньице...

Она привела меня на двор большого, двухэтажного дома; осторожно, как слепая, прошла между телег, бочек, ящиков, рассыпанных поленниц дров, остановилась перед какой-то дырой в фундаменте и предложила мне:

— Лезь.

Придерживаясь липкой стены, обняв женщину за талию, едва удерживая расползавшееся тело ее, я спустился по скользким ступеням, нащупал войлок и скобу двери, отворил ее и встал на пороге черной ямы, не решаясь ступить дальше.

— Мамка, — ты? — спросил во тьме тихий голос.

— Я-а...

Запах теплой гнили и чего-то смолистого тяжело ударил в голову. Вспыхнула спичка, маленький огонек на секунду осветил бледное детское лицо и погас.

— А кто же придет к тебе? Я-а, — говорила женщина, наваливаясь на меня.

Снова вспыхнула спичка, зазвенело стекло, и тонкая, смешная рука зажгла маленькую жестяную лампу.

— Утешеньишко мое, — сказала женщина и, покачнувшись, опрокинулась в угол, — там, едва возвышаясь над кирпичом пола, была приготовлена широкая постель.

Следя за огнем лампы, ребенок прикручивал фитиль, когда он, разгораясь, начинал коптить. Личико у него было серьезное, остроносое, с пухлыми, точно у девочки, губами, — личико, написанное тонкой кистью и поражающе неуместное в этой темной, сырой яме. Справившись с огнем, он взглянул на меня какими-то мохнатыми глазами и спросил:

— Пьяная?

Мать его, лежа поперек постели, всхлипывала и храпела.

— Ее надо раздеть, — сказал я.

— Так раздевай, — отозвался мальчик, опустив глаза.

А когда я начал стаскивать с женщины мокрые юбки — он спросил тихо и деловито:

— Огонь-то — погасить?

— Зачем же!

Он промолчал. Возясь с его матерью, как с мешком муки, я наблюдал за ним; он сидел на полу, под окном, в ящике из толстых досок с черной — печатными буквами — надписью:

ОСТОРОЖНО
Т-во Н. Р. и К°

Подоконник квадратного окна был на уровне плеча мальчика. По стене в несколько линий тянулись узенькие полочки, на них лежали стопки папиросных и спичечных коробок. Рядом с ящиком, в котором сидел мальчуган, помещался еще ящик, накрытый желтой соломенной бумагой и, видимо, служивший столом. Закинув смешные и жалкие руки за шею, мальчик смотрел вверх в темные стекла окна.

Раздев женщину, я бросил ее мокрое платье на печь, вымыл руки в углу, из глиняного рукомойника, и, вытирая их платком, сказал ребенку:

— Ну, прощай!

Он поглядел на меня и спросил немножко шепеляво:

— Теперь — гасить лампу?

— Как хочешь.

— А ты — уходишь, не ляжешь?

Он протянул ручонку, указывая на мать:

— С ней.

— Зачем? — спросил я глупо и удивленно.

— Сам знаешь, — сказал он страшно просто и, потянувшись, прибавил:

— Все ложатся.

Сконфуженный, я оглянулся: вправо от меня — чело уродливой печки, на шестке — грязная посуда, в углу — за ящиком — куски смоленого каната, куча нащипанной пакли, поленья дров, щепки и коромысло.

У моих ног вытянулось и храпит желтое тело.

— Можно посидеть с тобой? — спросил я мальчика.

Он, глядя на меня исподлобья, ответил:

— Она ведь до утра уж не проснется.

— Да мне ее не надо.

Присев на корточки к его ящику, я рассказал, как встретил мать, стараясь говорить шутливо:

— Села в грязь, гребет руками, как веслами, и поет...

Он кивнул головою, улыбаясь бледненькой улыбкой, почесывая узенькую грудь.

— Пьяная потому что. Она и тверезая любит баловаться. Как маленькая все равно...

Теперь я рассмотрел его глаза, — они действительно мохнаты, ресницы их удивительно длинны, да и на веках густо росли волосики, красиво изогнутые. Синеватые тени лежали под глазами, усиливая бледность бескровной кожи, высокий лоб, с морщинкой над переносьем, покрывала растрепанная шапка курчавых, рыжеватых волос. Неописуемо выражение его глаз — внимательных и спокойных, — я с трудом выносил этот странный, нечеловечий взгляд.

— У тебя — что с ногами-то?

Он завозился, высвободил из тряпья сухую ногу, похожую на кочережку, приподнял ее рукою и положил на край ящика.

— Вот какие ноги. Обе такие, сроду. Не ходят, не живут, а — так себе...

— А что это в коробочках?

— Зверильница, — ответил он, взял ногу рукою, точно палку, сунул ее в тряпки на дно ящика и ясно, дружески улыбаясь, предложил:

— Хочешь — покажу? Ну, так садись хорошенько. Ты эдакого еще и не видал никогда.

Ловко действуя тонкими, непомерно длинными руками, он приподнялся на полкорпуса и стал снимать коробки с полок, подавая мне одну за другой.

— Гляди, — не открывай, а то — убегут! Прислони к уху, послушай. Что?

Шевелится кто-то...

— Ага! Это — паучишка там сидит, подлец! Его зовут — Барабанщик. Хитрый!..

Чудесные глаза ласково оживились, на синеньком личике играла улыбка. Быстро действуя ловкими руками, он снимал коробки с полок, прикладывал их к своему уху, потом — к моему и оживленно рассказывал:

— А тут — таракашка Анисим, хвастун, вроде солдата. Это — муха, Чиновница, сволочь, каких больше нет. Целый день жужжит, всех ругает, мамку даже за волосы таскала. Не муха, а — чиновница, которая на улицу

окнами живет, муха только похожая. А это — черный таракан, большущий, — Хозяин; он — ничего, только пьяница и бесстыдник. Напьется и ползает по двору, голый, мохнатый, как черная собака. Здесь — жук, дядя Никодим, я его на дворе сцапал, он — странник, из жуликов которые; будто на церковь собирает; мамка зовет его — Дешевый; он тоже любовник ей. У нее любовников — сколько хочешь, как мух, даром что безносая.

— Она тебя не бьет?

— Она-то? Вот еще! Она без меня жить не может. Она ведь добрая, только пьяница, ну, — на нашей улице — все пьяницы. Она — красивая, веселая тоже... Очень пьяница, курва! Я ей говорю: «Перестань, дурочка, водку эту глохтить, богатая будешь», — а она хохочет. Баба, ну и — глупая! А она — хорошая, вот проспится — увидишь.

Он обаятельно улыбался такой чарующей улыбкой, что хотелось зареветь, закричать на весь город от невыносимой, жгучей жалости к нему. Его красивая головка покачивалась на тонкой шее, точно странный какой-то цветок, а глаза все более разгорались оживлением, притягивая меня с необоримою силой.

Слушая его детскую, но страшную болтовню, я на минуту забывал, где сижу, и вдруг снова видел тюремное окно, маленькое, забрызганное снаружи грязью, черное жерло печи, кучу пакли в углу, а у двери, на тряпье, желтое, как масло, тело женщины-матери.

— Хорошая зверильница? — спросил мальчик с гордостью.

— Очень.

— Бабочков нету вот у меня, — бабочков и мотыльков!

— Тебя как зовут?

— Ленька.

— Тезка мне.

— Ну? А ты — какой человек?

— Так себе. Никакой.

— Ну, уж врешь! Всякий человек — какой-нибудь, я ведь знаю. Ты — добрый.

— Может быть.

— Уж я вижу! — Ты — робкий, тоже.

— Почему — робкий?

— Уж я знаю!

Он улыбнулся хитрой улыбкой и даже подмигнул мне.

— А почему все-таки робкий?

— Вот — сидишь со мной, значит — боишься ночью-то идти!

— Да ведь уж — светает.

— Ну, и уйдешь.

— Я опять приду к тебе.

Он не поверил, прикрыл милые, мохнатые глаза ресницами и, помолчав, спросил:

— Зачем?

— Посидеть с тобой. Ты очень интересный. Можно прийти?

— Валяй! К нам все ходят...

Вздохнув, он сказал:

— Обманешь.

— Ей-богу — приду!

— Тогда — приходи. Ты уж — ко мне, а не к мамке, ну ее к ляду! Ты — давай дружиться со мной, — ладно?

— Ладно.

— Ну вот. Ничего, что ты большой; тебе — сколько годов?

— Двадцать первый.

— А мне — двенадцатый. У меня — нету товарищей, одна Катька водовозова, так ее водовозиха бьет за то, что она ко мне ходит... Ты — вор?

— Нет. Почему — вор?

— У тебя очень рожа страшная, худущая, с таким носом, как у воров. У нас два вора бывают, один — Сашка, дурак и злой, а другой — Ванечка, так этот добрый, как собака. А у тебя коробочки есть?

— Принесу.

— Принеси! Я мамке не скажу, что ты придешь...

— Почему?

— Так. Она всегда радуется, когда мужчины в другой раз приходят. Вот, — любит мужчинов, шкуреха, — просто беда! Она — смешная девчонка, мамка у меня. Пятнадцати лет ухитрилась — родила меня и сама не знает — как! Ты — когда придешь?

— Завтра вечером.

— Вечером она уж напьется. А ты чего делаешь, если не воруешь?

— Баварским квасом торгую.

— Ой-ли? Принеси бутылку, а?

— Конечно — принесу! Ну, я пошел.

— Валяй. Придешь?

— Обязательно.

Он протянул мне обе длинные руки, я тоже обеими руками сжал и потряс эти тонкие, холодные косточки и, уже не оглядываясь на него, вылез на двор, точно пьяный.

Светало; над сырой кучей полуразвалившихся построек трепетала, угасая, Венера. Из грязной ямы под стеною дома смотрели на меня квадратными глазами стекла подвального окна, мутные и грязные, как глаза пьяницы. В телеге у ворот спал, широко раскинув огромные босые ноги, краснорожий мужик, торчала в небо густая, жесткая борода — в ней светились белые зубы, — казалось, что мужик, закрыв глаза, ядовито, убийственно смеется. Подошла ко мне старая собака, с плешью на спине, видимо, ошпаренная кипятком, понюхала ногу мою и тихонько, голодно провыла, наполнив сердце мое ненужной жалостью к ней.

На улицах, в лужах, устоявшихся за ночь, отражалось утреннее небо — голубое и розовое, — эти отражения придавали грязным лужам обидную, лишнюю, развращающую душу красоту.

На другой день я попросил ребятишек моей улицы наловить жуков, бабочек, купил в аптеке красивых коробочек и отправился к Ленька, захватив с собою две бутылки квасу, пряников, конфект и сдобных булок.

Ленька принял мои дары с великим изумлением, широко открыв милые глаза, — при дневном свете они были еще чудесней.

— У-ю-юй, — заговорил он низким, не ребячьим голосом, — сколько ты всего притащил! Ты, что ли, богатый? Как же это, — богатый, а плохо одетый и, говоришь, — не вор? Вот так коробочки! Ую-юй, — даже жалко тронуть, руки у меня немытые. Там — кто? Юх, — жучишка-то! Как медный, даже зеленый, ох ты, черт... А — выбегут да улетят? Ну уж...

И вдруг весело крикнул:

— Мамк! Слезь, вымой руки мне, — ты погляди, курятина, чего он принес! Это — он самый, вчерашний, ночной-то, который приволок тебя, как будочник, — это он все! Его тоже Ленька зовут...

— Спасибо надо сказать ему, — услышал я сзади себя негромкий, странный голос.

Мальчик часто закивал головой:

— Спасибо, спасибо!

В подвале колебалось густое облако какой-то волосатой пыли, сквозь него я с трудом разглядел на печи встрепанную голову, обезображенное лицо женщины, блеск ее зубов, — невольную, нестираемую улыбку.

— Здравствуйте!

— Здравствуйте, — повторила женщина; ее гнусавый голос звучал негромко, но — бодро, почти весело. Смотрела она на меня прищурясь и как будто насмешливо.

Ленька, забыв про меня, жевал пряник, мычал, осторожно открывая коробки, — ресницы бросали тень на щеки его, увеличивая синеву под глазами. В грязные стекла окна смотрело солнце, тусклое, как лицо старика, на рыжеватые волосы мальчика падал мягкий свет, рубашка на груди Леньки расстегнута, и я видел, как за тонкими косточками бьется сердце, приподнимая кожу в едва намеченный сосок.

Его мать слезла с печи, намочила под рукомойником полотенце и, подойдя к Леньке, взяла его левую руку.

— Убег, стой, — убег! — закричал он и весь, всем телом, завертелся в ящике, разбрасывая пахучее тряпье под собой, обнажая синие, неподвижные ноги. Женщина засмеялась, шевыряясь в тряпках, и тоже кричала:

— Лови его!

А поймав жука, положила его на ладонь своей руки, осмотрела бойкими глазами василькового цвета и сказала мне тоном старой знакомой:

— Эдаких — много!

— Не задави, — строго предупредил ее сын. — Она, раз, пьяная села на зверильницу-то мою, так столько подавила!

— А ты забудь про то, утешеньице мое.

— Уж я хоронил-хоронил...

— Я же тебе сама и наловила их после.

— Наловила! Те были — ученые, которых задавила ты, дурочка из переулочка! Я их, которые издохнут, в подпечке хороню, выползу и хороню, там у меня кладбище... Знаешь, был у меня паук, Минка, совсем как мамкин любовник один, прежний, который в тюрьме, толстенький, веселый...

— Ах ты, утешеньишко мое милое, — сказала женщина, поглаживая кудри сына темной, маленькой рукою с тупыми пальцами. Потом, толкнув меня локтем, спросила, улыбаясь глазами:

— Хорош сынок? Глазки-то, а?

— Ты возьми один глаз, а ноги — отдай, — предложил Ленька, ухмыляясь и разглядывая жука. — Какой... железный! Толстый. Мам, он — на монаха похожий, на того, которому ты лестницу вязала, — помнишь?

— Ну как же!

И, посмеиваясь, она стала рассказывать мне:

— Это, видишь, ввалился однова к нам монашище, большущий такой, да и спрашивает: «Можешь ты, паклюжница, связать мне лестницу из веревок?» А я — сроду не слыхала про такие лестницы. «Нет, говорю, не смогу я!» — «Так я, говорит, тебя научу». Распахнул рясу-то, а у него все брюхо веревкой нетолстой окручено, — длинная веревища да крепкая! Научил. Вяжу я, вяжу, а сама думаю: «На что это ему? Не церкву ли ограбить собрался?»

Она засмеялась, обняв сына за плечи и все поглаживая его.

— Ой, затейники! Пришел он в срок, я и говорю: «Скажи; ежели это тебе для воровства, так я не согласна!» А он смеется хитровато таково: «Нет, говорит, это — через стену перелезать; у нас стена большая, высокая, а мы люди грешные, а грех-от за стеной живет, — поняла ли?» Ну, я поняла: это ему, чтобы по ночам к бабам лазить. Хохотали мы с ним, хохотали...

— Уж ты у меня хохотать любишь, — сказал мальчик тоном старшего. — А вот самовар бы поставила...

— Так сахару же нету у нас.

— Купи поди...

— Да и денег нету.

— Уй, ты, пропивашка! У него возьми вот...

Он обратился ко мне:

— У тебя есть деньги?

Я дал женщине денег, она живо вскочила на ноги, сняла с печи маленький самовар, измятый, чумазый, и скрылась за дверью, напевая в нос.

— Мамка! — крикнул сын вслед ей. — Вымой окошко, ничего не видать мне! — Ловкая бабенка, я тебе скажу! — продолжал он, аккуратно расставляя по полочкам коробки с насекомыми, — полочки, из картона, были привешены на бечевках ко гвоздям, вбитым между кирпичами в пазы сырой стены. — Работница... как начнет паклю щипать, — хоть задохнись, такую пылищу пустит! Я кричу: «Мамка, да вынеси ты меня на двор, задохнусь я тут!» А она: «Потерпи, говорит, а то мне без тебя скучно будет». Любит она меня, да и всё! Щиплет и поет, песен она знает тыщу!

Оживленный, красиво сверкая дивными глазами, приподняв густые брови, он запел хриплым альтовым голосом:

Вот Орина на перине лежит...

Послушав немножко, я сказал:

— Очень похабная песня.

— Они все такие, — уверенно объяснил Ленька и вдруг встрепенулся. — Чу, музыка пришла! Ну-ко, скорее, подними-ко меня...

Я поднял его легкие косточки, заключенные в мешок серой, тонкой кожи, он жадно сунул голову в открытое окно и замер, а его сухие ноги бессильно покачивались, шаркая по стене. На дворе раздраженно визжала шарманка, выбрасывая лохмотья какой-то мелодии, радостно кричал басовитый ребенок, подвывала собака, — Ленька слушал эту музыку и тихонько сквозь зубы ныл, прилаживаясь к ней.

Пыль в подвале осела, стало светлее. Над постелью его матери висели рублевые часы, по серой стене, прихрамывая, ползал маятник величиною с медный пятак. Посуда на шестке стояла немытой, на всем лежал толстый слой пыли, особенно много было ее в углах на паутине, висевшей грязными тряпками. Ленькино жилище напоминало мусорную яму, и превосходные уродства нищеты, безжалостно оскорбляя, лезли в глаза с каждого аршина этой ямы.

Мрачно загудел самовар, шарманка, точно испугавшись его, вдруг замолчала, чей-то хриплый голос прорычал:

— Р-рвань!

— Сними, — сказал Ленька, вздыхая, — прогнали...

Я посадил его в ящик, а он, морщась и потирая грудь руками, осторожно покашлял:

— Болит грудишка у меня, долго дышать настоящим воздухом нехорошо мне. Слушай, — ты чертей видал?

— Нет.

— И я тоже. Я, ночью, все в подпечек гляжу — не покажутся ли? Не показываются. Ведь черти на кладбищах водятся, верно?

— А на что тебе их?

— Интересно. Вдруг один черт — добрый? Водовозова Катька видела чертика в погребе, — испугалась. А я страшного не боюсь.

Закутав ноги тряпьем, он продолжал бойко:

— Я люблю даже — страшные сны люблю, вот. Раз видел дерево, так оно вверх корнями росло, — листья-то по земле, а корни в небо вытянулись. Так я даже вспотел весь и проснулся со страху. А то — мамку видел: лежит голая, а собака живот выедает ей, выкусит кусочек и выплюнет, выкусит и выплюнет. А то — дом наш вдруг встряхнулся, да и поехал по улице, едет и дверями хлопает и окнами, а за ним чиновницына кошка бежит...

Он зябко повел остренькими плечиками, взял конфетку, развернул цветную бумажку и, аккуратно расправив ее, положил на подоконник.

— Я из этих бумажек наделаю разного, чего-нибудь хорошего. А то — Катьке подарю. Она тоже любит хорошее: стеклышки, черепочки, бумажки и все. А — слушай-ка: если таракана все кормить да кормить, так он вырастет с лошадь?

Было ясно, что он верит в это; я ответил:

— Если хорошо кормить — вырастет!

— Ну да! — радостно вскричал он. — А мамка, дурочка, смеется!

И он прибавил зазорное слово, оскорбительное для женщины.

— Глупая она! Кошку так уж совсем скоро можно раскормить до лошади — верно?

— А что ж? Можно!

— Эх, корму нет у меня! Вот бы ловко!

Он даже затрясся весь от напряжения, крепко прижав рукой грудь.

— Мухи бы летали по собаке величиной! А на тараканах можно бы кирпич возить, — если он — с лошадь, так он сильный! Верно?

— Только вот усы у них...

— Усы не помешают, они — как вожжи будут, усы! Или — паук ползет — агромадный, как — кто? Паук — не боле котенка, а то — страшно! Нет у меня ног, а то бы! Я бы работал бы и всю свою зверильницу раскормил. Торговал бы, после купил бы мамке дом в чистом поле. Ты в чистом поле бывал?

— Бывал, как же!

— Расскажи, какое оно, а?

Я начал рассказывать ему о полях, лугах, он слушал внимательно, не перебивая, ресницы его опускались на глаза, а ротишко открывался медленно, как будто мальчик засыпал. Видя это, я стал говорить тише, но явилась мать с кипящим самоваром в руках, под мышкой у нее торчал бумажный мешок, из-за пазухи — бутылка водки.

— Вот она — я!

— Ло-овко, — вздохнул мальчик, широко раскрыв глаза. — Ничего нет, только трава да цветы. Мамка, ты бы вот нашла тележку да свезла меня в чистое поле! А то — издохну и не увижу никогда. Шкура ты, мамка, право! — обиженно и грустно закончил он.

Мать ласково посоветовала ему:

— А ты — не ругайся, не надо! Ты еще маленький...

— «Не ругайся»! Тебе — хорошо, ходишь куда хошь, как собака все равно. Ты — счастливая... Слушай-ка, — обратился он ко мне, — это бог сделал поле?

— Наверное.

— А зачем?

— Чтобы гулять людям.

— Чистое поле! — сказал мальчик, задумчиво улыбаясь, вздыхая. — Я бы взял туда зверильницу и всех выпустил их, — гуляй, домашние! А — слушай-ка! — бога делают где — в богадельне?

Его мать взвизгнула и буквально покатилась со смеха, — опрокинулась на постель, дрыгая ногами, вскрикивая:

— О, — чтоб те... о господи! Утешеньишко ты мое! Да, чай, бога-то — богомазы... ой, смехота моя, чудашка...

Ленька с улыбкой поглядел на нее и ласково, но грязно выругался.

— Корячится, точно маленькая! Любит же хохотать.

И снова повторил ругательство.

— Пускай смеется, — сказал я, — это тебе не обидно!

— Нет, не обидно, — согласился Ленька. — Я на нее сержусь, только когда она окошко не моет; прошу, прошу: «Вымой же окошко, я света божьего не вижу», а она все забывает...

Женщина, посмеиваясь, мыла чайную посуду, подмигивала мне голубым светлым глазом и говорила:

— Хорошо утешеньице у меня? Кабы не он — утопилась бы давно, ей-богу! Удавилась бы...

Она говорила это улыбаясь.

А Ленька вдруг спросил меня:

— Ты — дурак?

— Не знаю. А что?

— Мамка говорит — дурак!

— Так ведь я — почему? — воскликнула женщина, нимало не смущаясь. — Привел с улицы пьяную бабу, уложил ее спать, а — сам ушел, нате-ко! Я ведь не во зло сказала. А ты уж сейчас ябедничать, у — какой...

Она говорила тоже, как ребенок, строй ее речи напоминал девочку-подростка. Да и глаза у нее были детски чистые, — тем безобразнее казалось безносое лицо, с приподнятой губой и обнаженными зубами. Какая-то ходячая, кошмарная насмешка, и — веселая насмешка.

— Ну, давайте чай пить, — предложила она торжественно.

Самовар стоял на ящике рядом с Ленькой, озорниковатая струйка пара, выбиваясь из-под измятой крышки, касалась его плеча. Он подставлял под нее ручонку и, когда ладонь увлажнялась паром, — мечтательно щурясь, вытирал ее о волосы.

— Вырасту большой, — говорил он, — сделает мамка тележку мне, буду по улицам ползать, милостинку просить. Напрошу и выползу в чистое поле.

— Охо-хо, — вздохнула мать и тотчас тихонько засмеялась. — Раем видит поле-то, милый! А там — лагеря, да охальники солдаты, да пьяные мужики.

— Врешь, — остановил ее Ленька, нахмурясь. — Спроси-ка его, какое оно, он видел.

— А я — не видала?

— Пьяная-то!

Они начали спорить, совсем как дети, так же горячо и нелогично, а на двор уже пришел теплый вечер, в покрасневшем небе неподвижно стояло густое сизое облако. В подвале становилось темно.

Мальчик выпил кружку чая, вспотел, взглянул на меня, на мать и сказал:

— Наелся, напился, — даже спать захотелось, ей-богу...

— И усни, — посоветовала мать.

— А он — уйдет! Ты уйдешь?

— Не бойсь, я его не пущу, — сказала женщина, толкнув меня коленом.

— Не уходи, — попросил Ленька, прикрыл глаза и, сладко потянувшись, свалился в ящик. Потом вдруг приподнял голову и с упреком сказал матери:

— Ты бы вот выходила за него замуж, венчалась бы, как другие бабы, — а то валандаешься зря со всяким... только бьют... А он — добрый...

— Спи, знай, — тихо сказала женщина, наклонясь над блюдцем чая.

— Он — богатый...

С минуту женщина сидела молча, схлебывая чай с блюдечка неловкими губами, потом сказала мне, как старому знакомому:

— Так вот мы и живем тихонько, я да он, а боле никого. Ругают меня на дворе — распутная! А — что ж? Мне стыдиться некого. К этому же — видите, как я снаружи испорчена. Всякому сразу видно, для чего я гожусь. Да. Уснул сынок, утешеньишко мое. Хорошее дитя у меня?

— Да. Очень!

— Не налюбуюсь. Умница ведь?

— Мудрец.

— То-то! Отец у него — барин был, старичок; этот — как их зовут? Конторы у них, — ах ты! Бумаги пишут?

— Нотариус?

— Вот, он самый! Милый был старичок... Ласковый. Любил меня, я горничной у него жила.

Она прикрыла тряпьем голые ножки сына, поправила под его головой темное изголовье и снова заговорила, легко так:

— Вдруг — помер. Ночью было, я только ушла от него, а он ка-ак грохнется на пол, — только и житья! Вы — квасом торгуете?

— Квасом.

— От себя?

— От хозяина.

Она подвинулась ко мне поближе, говоря:

— Вы мною, молодой человек, не брезгуйте, теперь уж я не заразная, спросите кого хотите в улице, все знают!

— Я не брезгую.

Положив на колено мне маленькую руку со стертой кожей на пальцах и обломанными ногтями, она продолжала ласково:

— Очень я благодарна вам за Леньку, праздник ему сегодня. Хорошо это сделали вы...

— Надобно мне идти, — сказал я.

— Куда? — удивленно спросила она.

— Дело есть.

— Останьтесь!

— Не могу...

Она посмотрела на сына, потом в окно, на небо и сказала негромко:

— А то — останьтесь. Я рожу-то платком прикрою... Хочется мне за сына поблагодарить вас... Я — закроюсь, а?

Она говорила неотразимо по-человечьи, — так ласково, с таким хорошим чувством. И глаза ее — детские глаза на безобразном лице — улыбались улыбкой не нищей, а человека богатого, которому есть чем поблагодарить.

— Мамка, — вдруг крикнул мальчик, вздрогнув и приподнявшись, — ползут! Мамка же... иди-и...

— Приснилось, — сказала мне она, наклонясь над сыном.

Я вышел на двор и в раздумье остановился, — из открытого окна подвала гнусаво и весело лилась на двор песня, мать баюкала сына, четко выговаривая странные слова:

Придут Страсти-Мордасти,
Приведут с собой Напасти;
Приведут они Напасти,
Изорвут сердце на части!
Ой беда, ой беда!
Куда спрячемся, куда?

Я быстро пошел со двора, скрипя зубами, чтобы не зареветь.

CRASSA-DESGRAÇA

"Aí vem a crassa-desgraça,
trazendo consigo ameaça."

MAKSIM GÓRKI

Foi em uma abafada noite de verão, em uma ruela remota no subúrbio da cidade, que avistei um estranho quadro: uma mulher metida no meio de uma enorme poça e que batia os pés, salpicando tudo de lama, tal como fazem as criancinhas – batia os pés e cantarolava fanha uma cantiga indecente, em que o nome Mário rimava com a palavra armário.

Durante a tarde, uma tempestade havia caído sobre a cidade, e a forte chuva encharcou a terra suja e argilosa da ruela; a poça era profunda, de modo que as pernas da mulher estavam atoladas quase até os joelhos. A julgar pela voz, a cantora estava bêbada. Se ela, já cansada de cantarolar, acabasse caindo, poderia facilmente terminar afogada naquela lama líquida.

Puxei o cano das minhas botas, adentrei no lamaçal e levei a dançarina para um lugar seco. Em um primeiro momento, ela estava visivelmente assustada – veio atrás de mim silenciosa e obediente, mas depois, com um forte movimento de todo o corpo, puxou a sua mão direita, bateu em meu peito e gritou:

– Guarda!

E de novo, meteu-se decididamente na poça, levando-me junto.

– Diabo! – ela murmurou. – Não vou! Não preciso de você… e nem você de mim… guarda!

Um vigilante noturno saiu da escuridão, parou a cinco passos de nós e perguntou zangado:

– Quem é o escandaloso?

Eu disse a ele que temia que a mulher se afogasse na lama e que então quis tirá-la de lá. O vigilante analisou a bêbada, pigarreou alto e ordenou:

– Máshka[1] – saia fora!

– Não quero.

– Já disse – fora!

– Não saio.

– Dou-lhe uma surra, ralé – bufou o vigia, sem raiva, e de modo gentil e loquaz, dirigiu-se a mim: – Essa é a anfitriã local, Máshka Frolikha. Tem fumo?

Fumamos. A mulher caminhou corajosamente até a poça, berrando:

– Autoridades! Eu sou minha própria autoridade… Se eu quiser, eu nado – e vou…

– Vou dar um banho em você – advertiu o vigilante a ela, um velhote forte e barbudo. – Isso aí é o que ela faz todas as noites, escândalo, imagine! E em casa tem um filho sem as pernas…

– Ela mora longe?

– Alguém deveria matá-la – disse o vigilante, sem me responder.

– Vamos levá-la para casa – sugeri.

O vigilante fungou dentro de sua barba, iluminou-me o rosto com a brasa de seu cigarro e foi embora batendo as botas pesadamente no chão lamacento.

– Leve! Mas, antes, olhe na cara dela.

A mulher sentou-se na lama, revirando-a com suas mãos, e esganiçou fanha e selvagem:

– Como pelo-o mar-ar…

Perto dela, naquela água suja e gordurosa, se refletia uma estrela enorme que brilhava no vazio negro que havia sobre nós. Quando seus movimentos encresparam a água, o reflexo desapareceu. Eu novamente entrei na poça, peguei a cantora por debaixo dos braços, ergui-a e, empurrando com os joelhos, levei-a até a cerca; ela resistia, brandiu as mãos contra mim e provocou:

– É! Bate em mim! Bate! Não tem problema… bate! Argh… você é um monstro, um tirano… vai, bate!

[1] Forma diminuta do nome Maria. (n.t.)

Depois de colocá-la perto da cerca, perguntei onde morava. Ela ergueu a cabeça embriagada, fitando-me com olhos que mais pareciam duas manchas escuras, e então percebi que o dorso do seu nariz estava fundo enquanto o restante estava arrebitado, como se fosse um botãozinho; o lábio superior, levantado por uma cicatriz, mostrava os dentes pequeninos. E seu pequeno rosto gorducho sorria com um sorriso repulsivo.

– Está bem, vamos – ela disse.

Partimos, empurrando a cerca. A bainha molhada de sua saia chicoteava-me as pernas.

– Vamos, querido – resmungou, como se estivesse sóbria. – Eu vou recebê-lo… Vou consolá-lo…

Ela me levou até um enorme quintal de uma casa de dois andares; cautelosamente, como se fosse uma cega, caminhou entre carroças, barris, caixas, pilhas de lenha espalhadas; parou em frente a um buraco no alicerce e me convidou:

– Entre.

Apoiando-me na parede pegajosa, abraçando a mulher pela cintura e segurando com dificuldade seu corpo esparramado, desci pelos perigosos degraus, apalpei o feltro e o trinco da porta, abri-a e fiquei parado no limiar de uma entrada escura, sem me atrever a entrar.

– Mãezinha, é você? – perguntou na escuridão uma voz suave.

– Sou-u…

Um cheiro quente de podre e de alcatrão bateu forte à cabeça. Um fósforo queimou na escuridão e, por um segundo, a pequena chama iluminou um rosto pálido de criança e se apagou.

– E quem mais poderia ser? Sou eu-u – disse a mulher, inclinando-se sobre mim.

O fósforo acendeu novamente, houve barulho de vidro e uma mão magra e engraçada acendeu um pequeno lampião de lata.

– Minha consolação – disse a mulher, e, cambaleando, tombou em um canto – mal se erguendo sobre um tijolo no chão, caiu em uma larga cama que lá estava estendida.

A criança observava por trás da chama do lampião, que começava a soltar fuligem. Ele tinha um rosto sério, de nariz pontudo, com lábios grossos como os de uma menina – um rosto desenhado por um fino pincel e que des-

toava surpreendentemente na escuridão daquela alcova úmida. Enquanto manuseava o fogo, fitou-me com seus olhos desalinhados e perguntou:

– Embriagada?

Sua mãe, deitada do outro lado da cama, roncava e soluçava.

– Ela precisa ser despida – eu disse.

– Então, tire a roupa dela – respondeu o menino, baixando os olhos.

Mas, quando comecei a tirar as saias molhadas da mulher, ele perguntou calmamente:

– Apago a luz?

– Para quê?

Ele ficou em silêncio. Lidando com o corpo de sua mãe como se fosse um saco de farinha, eu o observei; ele estava sentado no chão, embaixo da janela, em uma caixa de tábuas grossas com a seguinte inscrição em letras garrafais:

C U I D A D O
Soc. N. P. & Cia.

O parapeito da janela estava à altura dos ombros do menino. Prateleiras estreitas se estendiam pela parede em inúmeras linhas, nas quais havia pilhas de cigarros e de caixinhas de fósforo. Ao lado da caixa onde o menino estava sentado havia uma outra, coberta com papel de palha amarelo, que, aparentemente, servia de mesa. Erguendo as mãos engraçadas e miseráveis até o pescoço, o menino olhou sobre do vidro escuro da janela.

Depois de despir a mulher, joguei sua roupa molhada em cima do forno, lavei as mãos no canto de um lavatório de barro e, secando as mãos, disse ao menino:

– Bom, adeus!

Ele me olhou e perguntou baixinho:

– E agora, apago a luz?

– Como quiser.

– Você vai embora sem se deitar?

Ele estendeu a mão, apontando para a mãe:

– Com ela.

– Como assim? – perguntei estupidamente surpreso.

– Você sabe – disse ele simples e terrivelmente, e, arrastando-se, acrescentou:

– Todos se deitam.

Envergonhado, olhei ao redor: à minha direita havia um forno horroroso, com louça suja em cima; no canto, atrás de uma caixa, havia pedacinhos de corda de alcatrão, uma pilha de estopa colhida, toras de lenha, lascas e um pedaço de madeira para carregar baldes.

Um corpo amarelado se esticou e roncou sob meus pés.

– Posso me sentar com você? – perguntei ao menino.

Ele, olhando-me de soslaio, respondeu:

– Ela não vai acordar até de manhã.

– Sim, eu não preciso dela.

Agachado perto de sua caixa, contei-lhe como conheci sua mãe, tentando falar jocosamente:

– Ela estava sentada na lama, revirando-a com mãos, como se fossem remos. Cantarolava...

Ele acenou com a cabeça, sorrindo um sorriso pálido, enquanto coçava o peito franzino.

– É porque estava bêbada. Ela também ama fazer travessuras quando sóbria. De qualquer modo, é como uma criança.

Agora eu examinava seus olhos – eram realmente desalinhados, seus cílios eram surpreendentemente longos e de suas pálpebras brotavam pelos grossos, lindamente curvados. Sombras azuladas pousavam sob os olhos, reforçando a palidez da pele sem sangue; tinha uma testa alta, com uma ruga sobre o dorso do nariz, que se cobria com um chapéu de cachos ruivos despenteados. Seus olhos atentos tinham uma indescritível expressão de calma, eu mal podia suportar aquele estranho e desumano olhar.

– O que há com suas pernas?

Ele se mexeu, tirou dos panos em trapos a perna seca, que mais parecia um galho, levantou-a com sua mão e a colocou na borda de sua caixinha.

– Minhas pernas são assim. As duas, de nascença. Não andam, não vivem, assim…

– E o que é isso dentro da caixinha?

– O Zoológico – respondeu ele, depois pegou a perna, como se fosse um graveto, cobriu-a com os trapos no fundo do caixote e, com um sorriso claramente amigável, sugeriu:

– Quer que eu mostre? Bem, sente-se direito. Você nunca viu nada igual.

Agindo habilmente com suas mãozinhas magras e excessivamente compridas, ele levantou a metade do corpo e se pôs a tirar caixas da prateleira, entregando-me uma após a outra.

– Olha... não abra, senão fogem! Encoste no ouvido, ouça. E então?

– Algo está se movendo...

– A-ha! É uma aranha, ela está presa aí, a patife! O nome dela é Baterista. Tão esperta!

Os olhos maravilhados cintilavam afetuosamente, um sorriso brincava em seu rosto azul. Agindo rapidamente com as mãos hábeis, ele pegou as caixinhas da prateleira, aproximou da sua orelha, depois da minha, e disse animado:

– E aqui está a baratinha Anissim, uma fanfarrona, que nem os soldados. Essa aqui é uma mosca, a Funcionária, chata como nenhuma outra. Passa o dia zunindo, briga com todos, e chegou até a puxar a mãe pelos cabelos! Não é uma mosca, mas uma funcionária que vive pelas janelas; apenas se parece com uma mosca. Essa aqui é uma barata preta, ela é gigantesca, seu nome é Patroa; ela não é nada, apenas uma bêbada sem vergonha. Fica bêbada e se arrasta nua pelo quintal, peluda feita um cão preto. Aqui está um besouro, tio Nikodim, eu o capturei no quintal, é um vagabundo, desses que são trapaceiros e que pedem dinheiro dizendo que é para a igreja. Mamãe o chama de Pechincha; ele também é amante dela. Ela tem amantes, quantos quiser, como moscas, mesmo que não tenha nariz.

– Ela não bate em você?

– Ela? Que nada! Ela não pode viver sem mim. Ela é boa pessoa, apenas bebe demais. Bem, em nossa rua todos são bêbados. Ela é bonita e também alegre. Eu digo a ela: “Pare com a vodca, tolinha, você poderia até ficar rica se parasse”, e ela ri. É boba, mas boa pessoa. Você vai ver quando acordar sóbria.

Ele sorriu encantadoramente, com um sorriso tão adorável que eu quis desatinar a chorar, a gritar para toda a cidade, de tão grande e ardente a compaixão que eu sentia por ele. Sua bela cabecinha balançava sobre o pescoço fino, como um estranho tipo de flor, e seus olhos cintilavam com vivacidade, o que me atraía com uma força irresistível.

Enquanto ouvia sua infantil, mas terrível tagarelice, por um minuto me esqueci de onde eu estava, até que, de repente, vi-me novamente cercado por uma janela de prisão, a pequena boca escura de forno salpicado por sujeira do lado de fora, uma pilha de estopa em um canto e, próximo à porta, envolto em um trapo amarelado feito óleo, o corpo de uma mulher-mãe.

– Gostou do zoológico? – perguntou o menino com orgulho.

– Muito.

– Só não tenho borboletas, nem borboletas e nem mariposas!

– Qual é o seu nome?

– Liônka.

– Meu xará!

– Mesmo? E você, que tipo de pessoa é?

– Nada de mais. Um Nikolai qualquer.

– Hum, está mentindo! Sei que todo mundo é alguma coisa. Você é bom.

– Talvez.

– Eu vejo! E você também é tímido.

– Por que tímido?

– Eu sei!

Ele sorriu com um sorriso astuto e até piscou para mim.

– Mas por que tímido?

– Porque você está aqui sentado comigo, tem medo de sair à noite!

– Mas já está amanhecendo.

– E você vai embora.

– Eu vou voltar para vê-lo.

Ele não acreditou e cobriu com seus cílios os olhos adoráveis e peludos e, depois de uma pausa, perguntou:

– Por quê?

– Para ficar com você. Você é muito interessante. Posso vir?

– Pode. Muita gente vem aqui.

Suspirou e disse:

– Está me enganando.

– Por Deus, eu virei!

– Então, venha. Ver a mim e não à minha mãe, ela que vá plantar batatas! Vamos ser amigos, certo?

– Certo.

– Não faz mal que você seja grande. Quantos anos você tem?

– Vinte e um.

– Eu tenho doze. Não tenho amigos, apenas a aguadeira Kátia, mas a mãe bate nela quando ela vem me ver... Você é um ladrão?

– Não. Por que um ladrão?

– Você tem um rosto assustador, magro, com um nariz igual ao dos ladrões. Dois ladrões costumam vir aqui, um era Sáchka, bobo e malvado, e o outro, Vanetchka, bom como um cachorro. Você tem caixinhas?

– Vou trazer.

– Traga! Não vou contar à mamãe que você virá.

– Por quê?

– Então. É que ela sempre fica contente quando os homens voltam outra vez. Ama tantos homens, a libertina, é simplesmente uma tristeza! Ela é uma moça engraçada, minha mãe. Tinha quinze anos quando me deu à luz, e nem sabe como foi! Quando você volta?

– Amanhã à noite.

– À noite ela já estará bêbada. E o que você faz, já que não é ladrão?

– Eu vendo *kvas*[2] bávara.

– Ah, mesmo? Traga uma garrafa, hein.

– Claro, vou trazer. Bem, preciso ir.

– Adeus! Você volta?

– Sem falta.

Ele me estendeu dois bracinhos longos, e eu apertei suas mãos e balancei aqueles ossos finos e gelados, e, sem olhar mais para ele, subi em passos trôpegos para o quintal.

Amanhecia; Vênus se apagava sobre um amontoado de edifícios úmidos em ruínas. Do buraco sujo sob a parede da casa, os vidros da janela me observavam com seus olhos quadrados, opacos e sujos, como os óculos de um bêbado. Em uma carroça próxima aos portões, dormia um mujique de rosto corado; seus largos e enormes pés descalços sobravam para fora do veículo;

[2] Bebida fermentada de pão de centeio. (n.t.)

sua barba densa e dura espetava o céu – e através dela brilhavam dentes brancos; parecia que o mujique, fechando os olhos, ria venenosa e mortalmente. Um cachorro velho veio até mim, em suas costas havia uma careca, aparentemente escaldada por água fervente. Cheirou meu pé e, silenciosamente, urrou com fome, o que encheu meu coração de uma inútil pena dele.

Na rua, em poças que se formaram à noite, o céu da manhã se refletia em cores azul e rosa – esse reflexo dava às poças sujas uma beleza ofensiva, supérflua, que corrompe a alma.

No dia seguinte, pedi às crianças da minha rua que capturassem besouros e borboletas, comprei na farmácia belas caixinhas e fui para a casa de Liônka, levando comigo duas garrafas de *kvass*, pãezinhos de mel, balinhas e pão doce.

Liônka recebeu meus presentes com grande surpresa, abrindo enormemente seus olhos adoráveis que, à luz do dia, eram ainda mais maravilhosos.

– Uou-uo! – ele começou a dizer baixinho, em uma voz pouco infantil – quantas coisas você trouxe! Você é rico? Como pode isso? É rico, mas anda mal vestido, e diz que não é ladrão? Aqui estão as caixinhas! Uou-uo! Tenho até pena de tocá-las, pois minhas mãos não estão limpas. Quem está aí? Arre… um besourinho! Parece de cobre, até esverdeado! Ó, diabo, quer fugir? Deixe disso!

E, de repente, gritou alegre:

– Mãezinha! Venha cá, lave minhas mãos. Olha só o que ele trouxe! É aquele mesmo, o de ontem à noite, o mesmo que a trouxe para casa como se fosse um guarda. Ele também se chama Liônka.

– Você deve dizer obrigado a ele – escutei atrás de mim uma voz baixa e estranha.

O menino se pôs a balançar a cabeça várias vezes:

– Obrigado, obrigado!

No porão, havia uma espessa nuvem de poeira com alguns cabelos, de modo que mal pude ver o rosto disforme e a cabeleira desgrenhada da mulher que estava ao fogão. No brilho de seus dentes havia um involuntário e permanente sorriso.

– Olá!

– Olá! – repetiu a mulher; sua voz fanha soava baixa, mas vigorosa, quase alegre. Ela me olhou com olhos apertados, como que sarcástica.

Liônka, tendo se esquecido de mim, mastigava o pão de mel, mugia, enquanto abria cuidadosamente as caixas – seus cílios projetavam uma sombra em suas bochechas, o que ressaltava o azul das olheiras. O sol espiava através do vidro sujo da janela, que estava embaçado feito o rosto de um velho; a luz suave caía sobre o cabelo ruivo do menino. A camisa desabotoada de Liônka permitiu que eu visse o palpitar de seu coração por trás dos ossos finos e da pele de um mamilo mal delineado.

Sua mãe saiu do fogão, molhou uma toalha no lavabo e, aproximando-se de Liônka, pegou sua mão esquerda.

– Fugiu, pare, fugiu! – gritou, e começou a se revirar dentro do caixote, espalhando os trapos malcheirosos debaixo de si e expondo as pernas azuladas e imóveis.

A mulher riu, remexendo nos trapos, e também gritou:

– Pegue-o!

E, após pegar o besouro, colocou-o na palma da mão, examinou-o com olhos vívidos de um azul-celeste e dirigiu-se a mim como a um velho conhecido:

– São muitos!

– Não esmague! – advertiu severamente o menino. – Certa vez, ela se sentou bêbada em cima do meu zoológico e esmagou vários!

– Esqueça isso, meu bem!

– Eu já enterrei-enterrei…

– Mas depois eu peguei vários outros pra você.

– Pegou! Só que aqueles que você esmagou eram amestrados, sua tolinha do beco! Eu os enterro debaixo do fogão, lá eu tenho um cemitério… Sabe, eu tive uma aranha, chamava-se Minka, e ela era tão parecida com um dos amantes da minha mãezinha! Com o último deles, um gorducho bonachão que agora está na cadeia.

– Ó, meu querido filho – disse a mulher enquanto acariciava os cachos de seu filho com uma mão pequenina repleta de dedos broncos. Depois, cutucando-me com os cotovelos, perguntou com olhos sorridentes:

– Não é bom o meu filhinho? Que olhinhos tem, hein?

– Pegue um olho e me dê pernas novas – propôs Liônka, sorrindo e olhando para o besouro. – Que bicho… parece de ferro! É gordão. Mãe, ele se parece com aquele monge para quem você costurou uma escada de cordas, lembra?

– Lembro, claro!

E, dando umas risadas, ela começou a me dizer:

– Veja, esse monge veio uma vez aqui em casa, um tipo grandalhão, e perguntou: "A senhora poderia fazer uma escada de cordas para mim?" Fazia tempo que eu não ouvia falar dessas escadas. "Não sei fazer", eu disse. E ele retrucou: "Eu posso ensiná-la". Ele abriu a batina e toda a sua barriga estava enrolada com uma corda grossa, comprida e forte! Ensinou-me. Fui costurando a corda enquanto pensava: "Como ele vai usar essa escada? Será que vai roubar uma igreja?"

Ela ria enquanto acariciava e abraçava o filho pelos ombros.

– Oh, espíritos inventivos! Quando ele voltou, eu lhe disse: "Olha, se isso for para praticar algum roubo, saiba que eu não concordo!" E então, ele riu astuciosamente e respondeu: "Não, não é para escalar um muro; o muro é alto, e nós somos pecadores – e o pecado mora do outro lado do muro, você me entende?" E então, eu entendi: a corda era para pular o muro à noite atrás dos rabos-de-saia. Rimos todos.

– Você ri demais das coisas – repreendeu o garoto em tom adulto. – Mas o samovar que você iria preparar...

– Não temos açúcar.

– Então compre...

– Também não temos dinheiro.

– Gastou tudo com bebida! Peça a ele…

Ele se virou pra mim:

– Você tem dinheiro?

Dei o dinheiro à mulher; ela se levantou rapidamente, tirou do fogão um pequeno samovar amassado e encardido e desapareceu atrás da porta, cantarolando fanha.

– Mamãe! – gritou o filho atrás dela. – Limpe a janela, não consigo enxergar nada! – É uma mulher esperta, estou dizendo a você… – continuou ele, arrumando cuidadosamente nas prateleiras as caixinhas de insetos, que, penduradas em barbantes, eram amarradas a pregos em uma parede úmida. – É trabalhadora! Quando começa a dedilhar a estopa, chega a levantar poeira, ainda que fique sufocada! E nessas horas eu berro: "Mamãe, me leve para o quintal, aqui eu ficarei sufocado!", e ela responde: "Aguente mais um pouco, filho, eu fico triste sem você aqui comigo!" Ela me ama, e isso é tudo. Trabalha e canta, conhece milhares de canções!

Animado, com olhos maravilhosos flamejando lindamente, ergueu as sobrancelhas grossas e se pôs a cantar com sua voz rouca:

Eis que Orina se deita em um colchão de penas...

Após ouvir um pouquinho, eu disse:

– É uma música muito obscena.

– Elas são todas assim – explicou com convicção o pequeno Liônka e, de repente, agitou-se. – A música chegou! Arre, rápido, me levante…

Levantei seus ossinhos leves, envoltos em um saco de pele fina e cinza, e ele avidamente colocou a cabeça para fora da janela aberta; suas pernas secas balançavam sem força, arrastando-se pela parede. No pátio, um realejo começou a guinchar exasperado, lançando farrapos de uma melodia qualquer; uma criança lançava gritinhos de felicidade e um cão uivava – Liônka ouvia a música e cantarolava baixinho entre os dentes, tentando acompanhá-la.

No porão, a poeira havia baixado e se enxergava melhor. Sobre a cama de sua mãe havia um relógio barato pendurado na parede acinzentada, claudicando, com um pêndulo do tamanho de uma moeda. A louça empilhada sobre a fornalha estava suja, havia uma espessa camada de poeira por toda parte, especialmente nos cantos, onde as teias de aranha se estendiam como trapos sujos. O lar do pequeno Liônka mais parecia um depósito de entulhos, a monstruosidade da pobreza saltava aos olhos em cada centímetro[3] daquele buraco.

O samovar zumbia sombriamente, e, como que assustado por ele, o realejo calou de repente. Foi nesse ínterim que uma voz rouca rosnou:

– E-esfarrapados!

– Tire-me daqui! – disse Liônka, suspirando – nos enxotaram…

Coloquei-o novamente em sua caixa, e ele, franzino e esfregando o peito com as mãos, tossiu com cautela e disse:

– Meu peito dói, e não é bom eu respirar por muito tempo o ar daqui. Escute, você já viu diabinhos?

– Não.

– Nem eu. À noite, eu sempre olho embaixo do fogão para ver se encontro algum. Nunca surgem por aqui. Afinal, eles são vistos nos cemitérios, certo?

[3] No original em russo, em "cada *arshin*", antiga unidade turca de comprimento com cerca de 27 cm. (n.t.)

– Por que quer vê-los?

– É interessante. De repente, pode ser que um deles seja bonzinho. Kátia, a filha do aguadeiro, viu um diabinho no porão e ficou assustada. Mas eu não tenho medo dessas coisas.

Após agasalhar os pés entre os trapos, continuou prontamente:

– Eu até gosto, sabe – gosto de ter sonhos assustadores. Uma vez eu sonhei com uma árvore que crescia de cabeça para baixo – suas folhas ficavam pelo chão e as raízes se estendiam até o céu. E então, acordei suado e apavorado. Em outro, vi minha mãe: ela estava deitada nua enquanto um cachorro devorava sua barriga, mordiscava um pedaço e cuspia, mordia outro e cuspia. E em outro ainda, nossa casa começou a estremecer de repente e a andar pela rua, batendo portas e janelas, e a gata da funcionária correndo atrás…

Ele estremeceu de frio com seus ombros pequenos e pontudos, pegou um doce, tirou-lhe o papel colorido e, cuidadosamente, colocou-o esticado sobre o peitoril da janela.

– Com esses papéis farei alguma coisinha bonita. Ou então, darei à Kátia. Ela também gosta de coisas bonitas: caquinhos de louça, pedacinhos de vidro, papeizinhos, tudo. Escuta, se a gente alimentar mais e mais uma barata, ela pode ficar do tamanho de um cavalo?

Era evidente que o menino acreditava nisso, então, eu respondi:

– Se você alimentar direitinho, ela cresce!

– Irra! – gritou radiante o menino. – A mamãe, bobona, acha graça!

E ele acrescentou uma palavra vergonhosa, ofensiva às mulheres.

– Ela é uma boba! Se um gato for bem alimentado, ele pode ficar do tamanho de um cavalo, não é?

– E por que não? É claro que pode.

– Errr… pena que não tenho comida! Seria jeitoso!

Ele chegava a tremer por inteiro de tanta tensão, pressionando firmemente o peito com a mão.

– Moscas do tamanho de um cachorro poderiam voar por aí! E as baratas poderiam carregar tijolos, se ficarem do tamanho de um cavalo, fortes como eles! Né?

– Exceto as que têm bigodes…

– Os bigodes não vão incomodar, pois servirão de rédeas. Ou então, uma aranha enorme pelo chão, grande feito um… feito o quê? Uma aranha não

pode ser maior que um gatinho, pois isso seria assustador! Eu não tenho pernas, mas ah… se tivesse! Trabalharia para dar comida a todos os meus bichinhos. Iria negociar e depois compraria para minha mamãe uma casa no campo. Você já esteve no campo?

– Estive, claro!

– Diga, como é lá?

Comecei a lhe falar sobre os campos e prados, ele ouvia tudo com atenção, sem interromper, os cílios caíam-lhe sobre os olhos, a boca se abria lentamente, como se o menino estivesse adormecendo. Vendo isso, comecei a falar mais baixo, e então, veio a mãe com um samovar fervendo nas mãos, um saco de papel debaixo do braço e uma garrafa de vodca enfiada entre os seios.

– Aqui estou eu!

– Q-que beleza! – suspirou o menino, abrindo inteiramente os olhos. – Só grama e flores, nada mais. Mamãe, você poderia arranjar um carrinho-de-rolimã para me levar para ver o campo! Caso contrário, morrerei sem nunca tê-lo visto. Você é uma interesseira, mamãe, essa é a verdade – terminou ele, triste e ofendido.

A mãe o aconselhou amorosamente:

– Não me ofenda, filho. Você ainda é pequeno…

– "Não me ofenda"! Você é saudável, pode ir aonde quiser, como um cachorro. Você é feliz… Escute – virou-se para mim – foi Deus quem fez o campo?

– Certamente.

– E pra quê?

– Para as pessoas passearem.

– O campo! – disse o menino com um sorriso pensativo, suspirando. – Eu levaria meu zoológico para lá e soltaria todos os bichos, e lhes diria: passeiem, amigos! Mas escute, quem fez Deus?

A mãe dele soltou um grito agudo e literalmente rolou de rir; ela caiu na cama sacudindo as pernas e gritando:

– Oh… que pergunta… senhor! Você é minha consolação! Sim, Deus é alguma coisa... Muito engraçado!

Liônka olhou para ela com um sorriso e um olhar afetuoso, mas voltou a xingar.

– Ri à toa, parece criança! E repetiu o palavrão.

– Deixe-a rir – disse eu –, não é para ofendê-lo.

– Não, não ofende – concordou Liônka. – Eu só fico bravo quando ela não limpa a janela, eu vivo lhe pedindo: “limpe a janela, pois não estou conseguindo ver a luz de Deus”, mas ela sempre esquece de tudo…

A mulher ria enquanto lavava a louça, e piscando para mim com seus olhos azuis, disse:

– Não é bom o meu filhinho? Se não fosse ele, eu já teria me afogado no rio há muito tempo, juro por Deus! Teria me enforcado...

Ela falava com um sorriso.

E de repente, Liônka me perguntou:

– Você é bobo?

– Não sei. Por quê?

– A mamãe disse que é.

– E você não sabe por quê? – exclamou a mulher, nem um pouco envergonhada. – Traz da rua uma bêbada, coloca-a para dormir e depois vai embora. Não falei por mal.

Ela falava como uma criança, sua fala parecia a de uma adolescente. Seus olhos também eram jovialmente límpidos – ainda mais feio era seu rosto sem nariz, com os lábios levantados e os dentes à mostra.

– Bem, vamos tomar um chá – ela sugeriu solenemente.

O samovar, que estava sobre uma caixa perto de Liônka, soltava por baixo da tampa amassada uma fumacinha alegre que tocava seu ombro. Ele colocou sua mão por baixo e, quando seus dedos se umedeceram pelo vapor, enxugou-os nos cabelos ternamente, semicerrando os olhos.

– Quando eu crescer mais – disse ele – a mamãe vai montar um carrinho-de-rolimã para mim, e aí eu poderei sair na rua para pedir esmola. Depois de pedir, irei me arrastar até o campo.

– Ai… – suspirou a mãe e imediatamente se pôs a rir baixinho. – Ele imagina que o campo é um paraíso! Mas o que tem lá são acampamentos, soldados insolentes e mujiques bêbados.

– Você está mentindo! – interrompeu Liônka, franzindo a testa. – Pergunte a ele como é lá, ele sabe.

– E eu não vi?

– Estava bêbada!

Começaram a discutir de forma acalorada e ilógica, assim como as crianças; lá fora, a noite caía abafada; no céu avermelhado, uma espessa nuvem cinzenta escurecia o porão.

O menino tomou uma caneca de chá, transpirou, olhou para mim e para a sua mãe e disse:

– Comi e bebi, até fiquei com sono, por Deus…

– Então durma – aconselhou a mãe.

– Mas aí ele irá embora. Você vai embora?

– Não se preocupe, eu não deixo – disse a mulher, cutucando-me com o joelho.

– Não vá – pediu Liônka, depois fechou os olhos e esticou docemente seu pequeno corpo dentro do caixote-cama. Então, de repente, levantou a cabeça e disse para a mãe em tom de reprovação:

– Você poderia se casar, como fazem as outras mulheres, mas você perde tempo com outros homens… que só batem em você. Ele é bom.

– Durma, filho – disse baixinho a mulher, debruçando-se sobre o pires com chá.

– Ele é rico…

Por um minuto, a mulher ficou em silêncio, bebericando o chá com seus lábios estranhos, e então, ela se dirigiu a mim, como se fosse uma velha conhecida:

– É assim que nós vivemos, em silêncio, eu e ele, e mais ninguém. As pessoas vêm até o meu quintal para me xingar de devassa. E daí? Não tenho vergonha de ninguém. De qualquer modo, veja como minha aparência é defeituosa. Qualquer um logo vê para que sirvo. Meu filhinho adormeceu, ele é minha consolação. Não é bom o filhinho que tenho?

– Sim. Muito!

– Não me canso de admirá-lo. É inteligente, não é?

– Sim, é esperto.

– Está vendo! O pai dele foi um nobre, já velhinho. Como se chama mesmo? Era um desses oficiais que escrevem em papéis.

– Tabelião?

– Isso, isso mesmo! Era um velho carinhoso… amável. Ele me amava. Fui sua empregada.

Ela cobriu com alguns trapos as pernas nuas do filho, ajeitou a cabeceira cinza sob sua cabeça e continuou:

– Ele morreu de repente. Foi à noite. Mal saí de perto dele, caiu no chão e morreu. Coisas da vida. Você vende *kvass*?

– Vendo.

– Por conta própria?

– Para meu patrão.

Ela se aproximou de mim, dizendo:

– Agora somos nós dois, não precisa ter nojo de mim, não tenho nenhuma doença, pode perguntar a quem você quiser na rua, todos sabem!

– Não estou com nojo.

Pousando sobre meu joelho uma mãozinha de pele gasta e unhas quebradas nos dedos, ela prosseguiu afetuosamente:

– Estou muito grata pelo que você fez por Liônka. O dia hoje foi uma festa para ele. Você fez algo muito bom...

– Preciso ir embora – eu disse.

– Para onde? – ela perguntou surpresa.

– Tenho afazeres.

– Fique!

– Não posso…

Ela olhou para o filho, depois pela janela, por onde podia vislumbrar o céu, e disse baixinho:

– Poderia ficar. Eu cobriria minha cara com um lenço… quero lhe agradecer pelo meu filho. Posso me cobrir, que tal?

Ela falava de forma irresistivelmente humana, repleta de gentileza e sentimento. Seus olhos – olhos infantis em um rosto deformado – sorriam, mas não um sorriso de mendiga, mas de alguém afortunado que tem o que dar em gratidão.

– Mamãe – gritou de repente o menino, levantando-se de sobressalto – estão rastejando! Mamãe, estão...

– Está sonhando – disse-me ela, curvando-se sobre o filho.

Saí para o quintal e parei pensativo. Da janela aberta do porão vinha uma alegre canção anasalada com que a mãe ninava seu filho, pronunciando claramente as seguintes palavras estranhas:

Aí vem a crassa-desgraça,
Trazendo consigo ameaça,
Chegando a nós nos desgraça,
O peito ela estilhaça!
Ó azar, ó azar!
Aonde vamos nos enfiar?

Deixei rapidamente o quintal, rangendo os dentes para não desabar em lágrimas.

CLASSES DE ARLT

ROBERTO ARLT

O TEXTO: Os contos "Una clase de gimnasia" (18/07/1930) e "Clase de box" (30/01/1931), de Roberto Arlt, publicados originalmente na revista literária argentina *El Hogar*, e depois reunidos em *Cuentos completos* (1997), pertencem à primeira fase da obra do autor, de 1928-1932, período em que prevalece seu interesse por investigar as motivações interiores de seus personagens.

Texto traduzido: Arlt, Roberto. "Una clase de gimnasia"; "Clase de box". In. *Cuentos completos*. Buenos Aires: Espasa Calpe/Seix Barral, 1997, pp.100-112.

O AUTOR: Roberto Arlt (1900-1942), escritor argentino, nasceu em Buenos Aires. Escreveu contos, crônicas e peças de teatro, sendo reconhecido por seus romances, como *Los siete locos* (1929) e *Los lanzallamas* (1931), e pelos livros de contos *El jorobadito* (1933) e *El criador de gorilas* (1941). Trabalhou para o jornal *El Mundo*, onde publicou diversas crônicas, e também atuou no projeto Teatro del Pueblo, para o qual escreveu peças, sendo considerado um precursor do teatro social argentino.

OS TRADUTORES: Lívia Oliveira Bezerra da Costa Carpentieri é licenciada em Letras Português e Inglês pela UECE, mestre e doutora pelo programa de Teoria e História Literária da UNICAMP. Sua pesquisa de doutorado consiste no estudo do diálogo estabelecido entre a cronística e a contística de Roberto Arlt.

Guilherme Barbosa Gomes Figueiredo Filho é bacharel em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos, onde realiza atualmente mestrado no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura, com pesquisa comparatista acerca de *El juguete rabioso*, primeiro romance de Arlt.

CLASES DE ARLT

"La fatiga de su cuerpo se oculta ahora en un misterioso rincón."

ROBERTO ARLT

UNA CLASE DE GIMNASIA

– Un… dos…; pierna izquierda adelante…; manos a la nuca…

La fila de hombres, con pantalón azul hasta la rodilla, alpargatas enyesadas y busto desnudo, avanza en puntas de pie por el tablado del gimnasio. Los brazos del profesor resaltan como las bielas de un motor sobre el rojo de su camisa y el azul de su pantalón prendido con presillas bajo el arco de las zapatillas. Los alumnos de gimnasia caminan dificultosamente, tensos los músculos del cuello por el esfuerzo que hacen al mantener la punta de los dedos envarados sobre la nuca.

– Pecho adelante, barba recogida, doblen bien las rodillas…

Caminan como si nunca lo hubieran hecho, y más padecen los de gigantesca estatura que los pequeños y esmirriados.

Simoens, el telegrafista, cierra los ojos, luego los abre, y no pierde nunca la noción de la distancia. Después del poste donde se marcan los puntos que se hacen jugando al "base-ball", está la barra; después las escaleras horizontales; luego el estante con las clavas y los bastones; después las poleas. Un "punchimball" cuelga en un ángulo su pelota de cuero ennegrecido por los puñetazos, y Simoens se divierte cada vez que pasa frente el "punchimball" en lanzarle un golpe al soslayo. Esta travesura de escolar es imitada por alguno que otro hombre. Todos tienen más de veinte años de edad y distintos motivos para hacer gimnasia.

Las paredes del gimnasio están barnizadas de blanco hasta tres pies de altura, luego la muralla de alfajías sube su color madera ahumada hasta el techo, de cuyas cabriadas pintadas de rojo cuelgan sogas gruesas con argollas de hierro. Simoens, que no ha navegado nunca, piensa que así es el interior de un navío, y se imagina transportado a toda velocidad en el coche de primera de un ferrocarril de lujo. Posiblemente, son las alfajías las que provocan dicha extraña asociación de barco y vagón. Sus pensamientos revolotean torpemente, y con ello Simoens se divierte…

El telegrafista retiene una maldición. El delgado que marcha frente a él ha vuelto a cambiar otra vez el paso. Piensa:

"Como cambie otra vez el paso, le saco la alpargata de un pisotón." Pero ahora un ardor se infiltra en sus bíceps, y, mirando al profesor, le dice con los ojos: "¡Bien podría cambiar de posición!...".

– Brazo izquierdo a la derecha, derecha en alto.

Simoens sopla hasta que el estómago se le contrae por completo, luego por la nariz absorbe aire vehementemente, y resopla otra vez. Una angustia asoma la sensación hasta su alma. No quiere pensar, camina, y las puntas de los dedos de los hombres, al pasar junto a las sogas mueven las argollas sobre sus cabezas.

Simoens piensa:

"Aquí está la salvación."

– Manos a la cintura…, paso vivo.

Por fin se respira. Simoens detiene los ojos en la espalda del que camina delante suyo, salpicada de brillante barniz.

"Debo estar sudando."

Luego lo envuelve en una mirada despectiva al que lo precede, y continúa el soliloquio que despertó su angustia:

"Pongamos que me sea infiel. Si no lo es ahora, llegará a serlo... Tengo un metro y setenta y cuatro de estatura."

– ¡Trote!…

La fila corre despacio. A Simoens no le gusta el trote. Siempre que comienza, resopla y frunce la nariz. Pero trota, enojándose contra la debilidad de su cuerpo, que no está entrenado. Si la fatiga lo alcanza a los tres minutos de correr, lo insulta mentalmente.

– ¡Más vivo ese trote!…

“Pongamos que me sea infiel. Ella dentro de un año será la misma y yo seré distinto de lo que soy ahora…”

– ¡Vivo!… ¡Levantando las rodillas!…

Los hombres corren. Simoens jadea. Aspira el aire por las fosas nasales y lo expulsa con tal fuerza por la boca que sus labios zumban como los de una foca. La fatiga de su cuerpo se oculta ahora en un misterioso rincón. Pero ya aparecerá. Simoens corre más libremente, y se dice:

“Seré otro hombre con el mismo rostro, nada más.”

Los muros del gimnasio pasan ante sus ojos rápidamente. A veces levanta la cabeza, y por la claraboya abierta entre las cabriadas distingue un trozo de muro rosado, una ventanita de madera, luego lo observa con envidia al que corre frente a la columna, un hombre de cuarenta años, el cabello engominado, la caja del pecho enorme, las piernas con rígidas anfractuosidades de músculos. Un odioso sufrimiento entra hasta el corazón de Simoens:

“¿Sería ella capaz de enamorarse de un hombre así?… Corré, cuerpo maldito…” Y la fuerza de sus palabras desatan con tal violencia la voluntad que envasa, que Simoens desea ahora que la carrera no termine, quiere ver se fatiga primero, si él o el que va a la cabeza de la columna. Y, sin saber por qué, su sufrimiento se evapora, la inteligencia se le despega del cuerpo, y el telegrafista corre, mirando con voluptuosidad las paredes blancas y las sogas amarillas. Al pasar frente al “puchimball” le tira un puñetazo, y se ríe: “Hay que ser fuerte. Cuando se es fuerte, se tiene derecho a despreciarlo todo, incluso la infidelidad”.

– ¡Al paso!… Aspiren…

Los hombres levantan los brazos como si fueran a tirarse a una pileta, luego, lentamente, respiran, y el salón se llena de más zumbidos que un árbol en una noche de invierno cuando sopla el viento.

Simoens se aprieta la pierna con los dedos. Palpa la rigidez de sus músculos:

“Dentro de un año seré otro hombre. Tendré otro brillo en los ojos. Otra epidermis. Otros brazos.” Se mira malhumorado los brazos flacos, luego el pecho, por el que corren gotas de sudor más gruesas que lentejas. Mira a sus compañeros. Sin embargo, hay otros más flacos que yo. Y ese gordo. Seguramente ha venido para rebajar. Y rebajará el maldito. Claro que rebajará si quiere. Será esbelto y ágil siempre que tenga voluntad.

– ¡Alinearse por la derecha!…

Los alumnos se tocan por la punta de los dedos con los brazos extendidos.

– ¡Firmes!¡Girar la cabeza por la izquierda!...

Es fácil, así siempre lo pensó el telegrafista. Diez torsiones de cabeza a la derecha, diez a la izquierda, colocando en cada torsión la barbilla paralela a la línea del hombro.

Simoens gruñe satisfecho, mirándolo al profesor que, con las manos en la cintura, gira la cabeza sobre su camiseta roja:

"¡Oh canalla! Sos un buen profesor."

Tiene que dejar de pensar. No puede pensar. Cada vez que tuerce la cabeza tan violentamente, una extraña debilidad le vela los ojos. Por momentos le parece que las paredes del salón ondulan ante él.

– Firmes. Tocando con la punta de la mano los pies.

El profesor se ha arqueado sobre el tablado, su mano derecha toca la punta del pie izquierdo, mientras el brazo izquierdo, rozándole la oreja permanece tenso sobre su cabeza.

Simoens habla alegremente. No le gusta tampoco ese ejercicio. Piensa:

"Debían inventarse máquinas en las que uno se colocara e hicieran el ejercicio por uno, pero entonces la voluntad no se educaría."

Y a la segunda vez de efectuar el movimiento torciendo el busto, un escalofrío le corre por el cuello.

– No inclinen la cabeza..., la cabeza mirando adelante.

"Endiablado profesor..., y pensar que los boxeadores hacen todos los días..., cierto es que tienen 'training'."

– Mirando al frente, Simoens. Enderece ese brazo. No haga garabatos con los dedos.

Todos miran al telegrafista y al profesor. Simoens está orgulloso de que el profesor lo haya observado. Le tiene cariño al profesor. Le obedece en absoluto. Sabe que él depende "ser otro hombre".

– Más inclinado..., más...

Sonriendo, el profesor se acerca a Simoens, apoya la mano en la columna vertebral, y forzando la curva lo inclina. Los otros miran con cierta envidia al telegrafista.

¿Por qué el profesor no los corrige como al telegrafista? Ellos también necesitan perfeccionarse, "convertirse en otros hombres".

– ¡Firmes! Respiren. Otra vez.

Simoens, al levantar los brazos como un nadador que se va a arrojar de un trampolín, mira al suelo. A los pies de cada gimnasta hay chispas de agua.

– Atención. Tocando con los dedos la punta de los pies.

El profesor levanta su pierna izquierda, de modo que el pantalón azul hace un perfecto ángulo recto con la vertical roja de la camisa. El brazo tenso sobre el paño parece una biela de bronce con los dedos rígidos sobre la tela blanca de la alpargata.

– Uno… dos… tres… cuatro…

Simoens divaga:

"En realidad, es imposible establecer si una mujer lo quiere a uno o no. Pero yo seré otro. ¿Qué cara pondrá el día que nos encontremos?… ¡Cómo pesa esta pierna!…"

– Ocho… siete… seis… cinco… Sacando pecho, recogido el mentón…

"La voluntad… En esta ciudad habrá un millón de hombres. ¿Cuántos somos haciendo gimnasia?… Tendré otra piel, otros ojos, otros brazos. Ir lejos. Tendría que aprender esgrima y también tiro. Pero no estoy entrenado. ¿Qué estará haciendo ella en este mismo momento?"

Simoens cierra los ojos. No quiere pensar. Esquiva ciertas imágenes de angustia, con la misma desesperación que un morfinómano se negaría a aceptar una inyección, deseándola ardientemente.

– … levantado el cuerpo sobre los puños…

El profesor está en posición horizontal, los antebrazos como postes verticales junto a los flancos, el cuerpo rígido cargado sobre los puños y la punta de los pies. Deja caer su cuerpo hacia el suelo, luego lo levanta por simple distensión de brazos.

– Una… dos… tres… cuatro…

El telegrafista cierra los ojos. Claro está que no va a abandonar la clase. Ha dejado de pensar. No puede pensar. El esfuerzo es tremendo… Cuando su pecho toca el suelo, se dejaría estaría allí, sabe que puede hacerlo, pero no lo "hará". Una violencia más enérgica que la voluntad de su fatiga lo hace crujir allí a par de los otros. Un hombre gordo abandona, tambaleándose, la clase. Simoens sonríe vanidosamente. Cierra los ojos y aprieta los dientes…

– … cuatro… tres… dos… uno. ¡Firmes!

Simoens mira consternado en derredor. Ha perdido la conciencia del tiempo, percibe los movimientos después que los alumnos los efectúan varias veces, su voluntad no "puede" obedecerle. Respira con dificultad, afanosamente. El sudor corre por su pecho como la lluvia por un tejado. Continúa en la clase de gimnasia porque allí hay hombres que "están", pero casi sin conocimiento de ello. Los movimientos se suceden en su retina, rapidísimos. Los efectúa pero no sabe cómo, automáticamente. La verdad es que está "grogui". Simoens se detiene asombrado. ¿Cómo? Recién empieza la clase, ¿y ya termina?

– Rompan fila.

Es posible. Mira el reloj. Sí, ha pasado media hora.

En el vestuario se desviste temblando como si estuviera con fiebre. Un furor sordo sube de su carne ebria de movimientos. Quisiera continuar trabajando en el gimnasio. Envuelto en una toalla entra al baño. No hay duda, ha hecho la clase completamente "grogui". Pero resistió.

Simoens anda en la calle. A pesar de que se siente fatigado, su cuerpo se mueve con más agilidad que el de sus prójimos. Se dice:

"Dentro de un año seré otro… Dentro de seis meses seré otro. Hay que resistir. ¿Qué cara pondrá ella cuando me encuentre transformado?"

Y se acaricia con infinita dulzura los adoloridos músculos del brazo, por sobre el tejido de la ropa.

CLASE DE BOX

El ring, a la sombra del murallón rojo, desprende su rectangular horizontal y blanca, enrejada por tres paralelas de soga.

Simoens el telegrafista, detenido a pocos pasos de la bolsa de arena, espera la llegada del profesor.

Es éste un momento odioso en su vida de fabricante de voluntad. Hace frío, el viento encrespona el humo que sale de las chimeneas, y los músculos se le enrigidecen.

Más allá de la bolsa, en un patio de asfalto, superficies humanas, vestidas como él con un pantalón blanco, que no le llega a las rodillas, camiseta sin mangas y alpargatas, juegan a la pelota. A veces la bola negra o blanca rebasa los lindes, y, sobre la punta de los pies, la superficie de un hombre roza el suelo en vertiginoso intento de detención.

El cielo, reteñido de azul agrio, pesa de tal manera sobre la perpendicular roja, que la muralla parece inclinarse algunos grados hacia la tierra, vista desde abajo.

Simoens quiere vencer la ansiedad que le pone una sensación de blandura en el estómago. No quiere pensar que dentro de algunos minutos le golpearán el rostro.

Incluso, afecta aspecto displicente, a fin de no llamar la atención de ningún gimnasta. Comienza a saltar sobre la punta de sus pies, como si "hiciera cuerda". Así lo ha observado en los boxeadores profesionales, cuando, bajo el frío cielo de las noches deportivas esperan en sus ángulos el minuto próximo de calzar guante. Esto le impide "enfriarse".

Acumula voluntad para vencer el miedo que le tiene al castigo. De tal modo está refugiado en su carne que no se puede substraer a la presión que trasvasa cobardía en sus venas, en sus músculos y en su tiempo de pensamiento. La estrecha los pulmones y le ensancha inopinadamente el corazón. Elevándose sobre la punta de los pies, aspira profundamente aire, luego, dejando apoyar los talones en el suelo, espira, bajando lentamente los brazos. Y continúa: "uno, dos, uno, dos". Salto sobre pie derecho, salto sobre pie izquierdo. Es una manera de desviar nerviosidad en una dirección más positiva. Piensa en su cuerpo, y le dice:

"Tuviste que llegar hasta aquí, ¿eh? Llegaste hasta aquí, ¿eh?" Cuando se habla a sí mismo de esa forma experimenta un manifiesto placer maligno.

Incluso, le parece que estuviera burlándose de otro. E insiste: "Tuviste que llegar, ¿eh?". El acto de voluntad desparrama en él sectores de placer espléndido. Es un canto de gloria sin sentido actual.

– ¡Oh la hermosa muchacha! ¡Oh la hermosa muchacha!

Estas palabras corresponden a su vida antigua. Entonces él arrastraba un cuerpo pesado, y no miraba nunca a las nubes. Y de sus ojos se aparta el ring físico, horizontal a la muralla roja.

Sin embargo, el corazón le late apresuradamente. Quisiera haber terminado sin que "le pegaran mucho". El ring se acerca otra vez a sus ojos. Aún están flojas las cuerdas. Maldito profesor, aún no ha llegado. Las superficies blancas que con saltos elásticos se desprenden del suelo, le parecen infinitamente felices.

Con la frente arrugada, observa. En verdad, sería más agradable irse a bañar que trenzarse a puñetazos con el hombre de la cara aplastada.

Simoens se frota suavemente el brazo. Soslaya las movedizas manchas blancas sobre el asfalto negro, y sin saber por qué, se besa amorosamente el brazo, donde ahora crece un músculo que antes era invisible.

Suavísima tristeza pasa después de este acto por la parte alta de su carne. Allí es donde refugian los sueños maravillosos, los sucesos no cumplidos y los recuerdos que desean revancha.

Paladea mentalmente la palabra definitiva:

"Te recordaré a través de todos los climas y de todos los tiempos, y gozaré la congoja de buscarte siempre con mi pensamiento. Y donde estés, también tú pensarás en mi."

La bolsa de arena se bambolea. Un hombre desnudo descarga puñetazos tremendos en la lona. Simoens lo examina malhumorado, y piensa algo desagradable.

No puede explicarse semejante mal deseo. Luego se dice:

"Debe tirar bien."

Un retorcijón de envidia alegre penetra en la parte alta de su carne. Se frota los músculos con las yemas de los dedos, y recomienza el salto suave sobre la punta de los pies. "Uno, dos, uno, dos."

Nuevamente ha entrado su vida en la zona del miedo superfluo y pueril. Es inútil que se diga a sí mismo que nada grave puede ocurrir-le. Lo sabe perfectamente. Ello impide que su carne se rice con tibio sobrecogimiento

que el corazón traduce en golpes especializados, semejantes al tic tic de una biela cuando trabaja sobre un cigüeñal ovalado.

El hombre que se entrenaba en la bolsa de arena resopla más fuertemente que una foca. Simoens lo mira de reojo. El otro se ha inclinado apoyando la palma de las manos en la atadura de sus alpargatas.

Se encienden lámparas incandescentes, reflectores enlozados iluminan el piso de asfalto, donde se mueven rápidamente las superficies semidesnudas de hombres.

En tanto, ni una sola libra de su carne se puede substraer a la percusión que expanden los golpes del corazón en la masa temerosa, aunque cuando suba el ring todo desaparecerá. Entonces no habrá tiempo de acordarse. La fuerza.

Nuevamente el ring le aleja de sus ojos, y el canto sin sentido actual, que contienen sus entrañas irradia sectores de placer espléndido.

– ¡Oh, oh la hermosa muchacha! ¡Oh, oh la hermosa muchacha!

¿Por qué dice esas palabras? No lo sabe. Posiblemente, ellas expresen una vida victoriosa contenida en la raigambre de su voluntad endemoniada. Se embriaga piafando el ritmo de estas palabras:

– ¡Oh, oh la hermosa muchacha! ¡Oh, oh la hermosa muchacha!

Desde la carnuda convexidad que sus uñas acorazan hasta los sesos blancos encajonados en el cráneo, camina en él una alegría que necesita quemarse. Siente tentaciones de gritar:

– Yo soy aceite de mí mismo.

Así triunfa a instantes Simoens, el telegrafista.

Sin embargo, paralelas a su alegría, hay otras palabras. Marchan sin confundirse jamás. Son como submarinas corrientes de agua helada y tibia. Simoens tuerce el busto, esquivando el golpe de unas palabras. Y es que la voz, paralela a su alegría, ha exclamado con perversa dulzura femenina:

– Mírese a la cara. ¿No se ha visto en un espejo?

Quisiera aplastarla a puñetazos a la mujer remota, burlona en la luna plateada de un ropero rojinegro, en el fondo de una estancia gris.

– Y ella será joven todavía, cuando usted, desgastado, no le podrá interesar.

– Perro – rezonga sordamente Simoens.

El telegrafista "saca pecho". Llena los pulmones de aire como si se dispusiera a sumergirse. El cielo ennegrece. Acaba de observar que las su-

perficies blancas que juegan a la pelota descubren manos acorazadas de guantes negros. El otro hombre golpea la bolsa de arena, el saco se bambolea y el pugilista, avanzando el torso, recibe el golpe de péndulo en un ángulo del hombro o en la anchura del pecho. Los choques resuenan sordamente en la caja humana:

– Perra – rezonga sordamente Simoens.

La presión de la palabra "entonces" lo coloca en una diferente superficie de existencia. Es como si pudiendo agigantarse, desde un piso bajo horadara el plafón con la cabeza y la introdujera en otro plano superior. Allí están amontonados los fantasmas de su existencia. Y también el busto de la mujer que con un lápiz de manteca sangre se pintaba los labios, mostrando lascivos dientes brillantes. Volvió la cabeza, lo miró como si lo estuviera seleccionando de entre otros fantasmas para su placer personal, y dijo:

– Ella será joven todavía cuando usted, desgastado, no le podrá interesar.

El telegrafista mira torvamente en torno. Se contempla en una mala noche, dentro de un paralelogramo que proyecta hacia la altura un cielorraso taponado de sombras.

Acurrucado en la cabecera de la cama deshecha, estudia taciturnamente en un espejo ovalado su rostro estriado de arrugas, con la epidermis amarilleada por la nicotina, los ojos resumiendo para dentro un sufrimiento de años. Esa noche no tiene horario. Con la voluntad más tensa que un cable de acero, espera, anonadado, "una" salvación. Piensa vertiginosamente que cada hombre tiene su salvación, más que pensar, da zarpazos en el espacio, con velocidad de necesidad angustiosa. Fantasmas, luces, segmentos perpendiculares de orquestas bailan en sus ojos. A instantes piensa matarse, luego escapa por esa tangente, y fisgoneando en el futuro, descubre a la "que será joven todavía cuando usted esté desgastado", besándose con otro. Durante largos minutos se entrevera en aquel beso y sufre hasta tal perfección que sólo atina a jadear un treno:

– Uuu, uuu… uuu.

Dando grandes saltos, su alma retrepa la noche. Es necesario que él sea fuerte y hermoso. Y perpetuamente joven. La obscuridad arrolla frente a sus ojos un cilindro de tinieblas. Tiene la sensación de que están arrollando una inmensa chapa de hierro ante sus ojos. El torno trajina fatigosamente. Su alma da grandes saltos dentro de su cuerpo, como si estuviera por volverse loco. Se tuerce, le duelen las articulaciones, luego cierra los ojos. Quisiera morir con la garganta suavemente serruchada.

Estos recuerdos despiertan en el telegrafista una alegría pueril. “Aquellos eran otros tiempos”, se dice, y súbitamente, arrepentido de haberse alejado de un fantasma rojo, se detiene apiadado.

Un jugador, inclinado ante él, recoge la pelota. Simoens lo mira inexpresivamente. Sobre el ring, un muchacho ajusta las cuerdas con riendas suplementarias, que toman los dos catetos de un ángulo, reduciéndolo. La bolsa de arena va y viene “trabajada” por los golpes horizontales de los brazos, que van y vienen como las bielas de una locomotora. Simoens espía un instante la musculosa superficie del hombre, y rezonga para su adentro:

“Canalla, qué hermosa fuerza.” Y como si se encontrara bajo una cúpula resplandeciente que recogiera las grandes voces de un coro, el telegrafista aguza los oídos y deja que se enciendan sus ojos en el ritmo de:

– ¡Oh, oh la hermosa muchacha! ¡Oh, oh la hermosa muchacha!

Su semblante se ilumina de sonrisas.

La esperanza brilla tras de sus ojos como una altura de cielo con el sol tras de una cresta de nubes. Incluso, su carne le parece dorada por un mediodía marítimo. No pudiendo resistir el impulso, se prensa el bíceps, se tantea el oronoides. Contestando a una pregunta interna, se dice:

“Y ¿por qué no ser envidioso?” Recapacita, luego. “No, no, es estúpido.”

Arruga la frente en busca de la sensación que lo dejo anclado en la sensación definitiva, y su atención se detiene en el rostro de la muchacha “que será joven todavía cuando usted esté desgastado”, y con la evocación de aquel semblante se entrecruza el hombre de la cara aplastada.

El profesor de box viste pantalón azul, camiseta gris. Golpeándole las piernas trae colgados por las cuerdas cuatro guantes de ocho onzas. Revisa con la mirada en redor, y exclama, sin dirigirse a nadie:

– Vamos, muchachos…

Una lámpara se ha encendido en la altura. El reflector enlozado proyecta un trapecio de luz en el ring. Simoens recoge los guantes que le alcanza el hombre de la cara aplastada. Hunde la mano. Los dedos se le enredan en la crin que se ha escapado del entreforro.

Extiende las manos calzadas por bultos negros al profesor. El hombre de la cara aplastada le ata los guantes, y Simoens se apoya en las cuerdas con las manos cruzadas atrás. Tiene el pudor de que le vean haciendo “camouflage” de boxeador.

Esto es muy lindo a los veinte años. A los treinta, el telegrafista comprende que es una necedad exhibirse. Además, está aprendiendo…No tiene derecho a simular la actitud negligente que en el ángulo del ring aceptan los pugilistas veteranos medio minuto antes de cruzar guantes. Sin embargo, una negligencia flexible se incorpora a su organismo, y aunque sus brazos permanecen caídos, cierta elasticidad hambrienta de movimientos penetra en su organismo a medida que pasan los segundos.

Durante un instante se ha detenido su corazón al escuchar la orden del hombre de la cara aplastada:

– Vamos, listo.

Simoens se pone vertiginosamente en guardia. El codo del brazo derecho en el estómago, el guante sobre el mentón, la pierna izquierda adelantada, el brazo recogido. Descarga tres veces el puño sobre un chorizo pálido que simula ser nariz, pero el hombre de la cara aplastada lo mira tranquilamente, y apena si roza su guante. El telegrafista se detiene indeciso.

– Siga.

Simoens martillea rápidamente con la izquierda sobre el guante del profesor, describiendo en la inútil persecución un semicírculo.

El hombre de la cara aplastada grita:

– Uno, uno, uno, siga, uno, uno, mueva esas piernas.

El brazo del profesor forma un gancho cuyo extremo le roza la nariz. Los ojos se le llenan de lágrimas. Tiene ganas de estornudar, y, decepcionado, rebaja la guardia.

El obscuro mecanismo del instinto que hace maniobrar a su organismo, le advierte de la próxima orden de cambio de guardia y maneja con timidez el puño izquierdo. Sangra por la nariz. No se da cuenta.

– Siga. Uno, uno; atención, dos.

Vertiginosamente, Simoens recoge el brazo izquierdo, avanza la pierna derecha y descarga débilmente el puño derecho sobre el oído del profesor. El hombre de la cara aplastada ladea la cabeza y se produce un cuerpo a cuerpo. Aprovechando el clinch, el profesor hunde despacio los puños en su estómago. Se zafa de entre los brazos de Simoens; su guardia se abre, el telegrafista quiere entrar y:

– Ti.

Simoens se detiene asombrado de oír resonar semejante campanilla en el oído. Ha sido un golpe sobre la ceja.

– Vamos: uno, uno; muévase más.

El telegrafista, agachándose, esquiva una derecha, se tuerce, y la izquierda del hombre de la cara aplastada le roza la mejilla. Sobre el plano gris de la camiseta, el profesor zigzaguea su antebrazo. Simoens no sabe desde qué ángulo entrar un golpe. Su martilleo se anula en el vacío. A instantes le parece encontrarse flotando en la atmósfera luminosa de un huevo gigantesco. Fuera del perímetro donde se mueve su cabeza y la del hombre de la cara aplastada, nada existe.

Nuevamente, el puño del profesor le roza la nariz, y luego el flanco. Es un golpe sordo que lo encrespa de furor, deseo negro de romperlo al hombre de la cara aplastada. Bajo el reflector enlozado, Simoens se ríe. La vida piafa en sus ojos. Conserva los antebrazos doblados sobre el pecho, mientras que el busto, como un péndulo, oscila de izquierda a derecha. Está cansado. Jadea.

– Vamos, hombre: uno, uno…

Simoens se agacha y experimenta una magnífica alegría al comprobar que el brazo del profesor golpea en el vacío. Una voz que ya no discierne de quién es, le grita:

– Castigue, castigue ahora.

Simoens entra golpes cortos al estómago del otro. Sordo como un martillo, resuena:

– “Brec”…

Obedece la orden, y, distanciándose del hombre de la cara aplastada, se queda acechándolo con rapidísima oscilación de torso. Tiene la sensación de que se ha vuelto flexible como una cinta de acero. Pero se desangra en atención. A cada partícula de segundo que pasa se volatiliza más y más su voluntad. El profesor sonríe y avanza la cara aplastada, manteniendo los brazos bajos.

Simoens, indignado, se abalanza. Descarga derechas e izquierdas, derechas y izquierdas.

Alguien grita:

– ¡Eh, eh! ¡Está golpeando bajo! ¡Ha perdido control!

Retrocede trastabillando. Como si hubiera nacido sin brazos, ahora no sabe con qué miembro castigar. Quisiera continuar golpeando, mas no en-

cuentra sus brazos. No se le ocurre mirarse los flancos. Sólo sabe que en el vacío, frente a sus ojos, no aparece la mancha oscura de sus puños. No puede castigar, aunque lo quiera. Una voluntad subterránea lo mantiene todavía de pie, mas es como si no tuviera brazos. Como si se le hubieran perdido. No sabe qué hacer. Realmente, "aquello" que le pasa es un apuro semejante a los que se presentan durante el desenvolvimiento de una pesadilla. El hombre de la cara aplastada oscila ante él como un péndulo inmenso. No lo podrá derribar nunca..., sus brazos..., la luz...

Por fin entiende lo que el profesor le dice. Se corre a un ángulo, y, con extrañeza, presenta los puños. Le desatan los guantes.

Ha hecho un round de dos minutos.

Desde lo más profundo de él asoma una chispa de alegría. Vacilante, se dirige al baño.

Classes de Arlt

"A fadiga de seu corpo se oculta agora
em um canto misterioso."

ROBERTO ARLT

UMA AULA DE GINÁSTICA

– Um… dois… perna esquerda pra frente… mãos na nuca…

A fila de homens, com calça azul até o joelho, alpargatas enfaixadas e o peito nu, avança na ponta dos pés pelo tablado do ginásio. Os braços do professor se sobressaem como as bielas de um motor sobre o vermelho de sua camisa e o azul de sua calça presa com presilhas embaixo do arco das sapatilhas. Os alunos de ginástica caminham dificultosamente, os músculos do pescoço tensos pelo esforço que fazem ao manter a ponta dos dedos enfiados na nuca.

– Peito pra fora, barba pra dentro, dobrem bem os joelhos…

Caminham como se nunca o tivessem feito, e os de gigantesca estatura padecem mais que os pequenos e esmirrados.

Simoens, o telegrafista, fecha os olhos e depois os abre, sem nunca perder a noção da distância. Depois do poste onde estão marcados os pontos feitos jogando "base-ball", está a barra; depois as escadas horizontais; logo a estante com os cravos e os bastões; depois as roldanas. Um "puchimball" pendura em um canto sua bola de couro enegrecido pelas pancadas, e Simoens se diverte cada vez que passa em frente ao "puchimball" ao dar um golpe de soslaio. Esta travessura de menino é imitada por algum outro homem. Todos têm mais de vinte anos de idade e distintos motivos para fazer ginástica.

As paredes do ginásio estão cobertas de branco até três pés de altura, logo a muralha de alfarje sobe sua cor de madeira esfumaçada até o teto, de cujos caibros pintados de vermelho penduram-se cordas grossas com argolas de ferro. Simoens, que nunca navegou, pensa que assim é o interior de um navio, e se imagina transportado a toda velocidade no vagão de primeira classe de um trem de luxo. Possivelmente, são os alfarjes que provocam tal estranha associação de barco e vagão. Seus pensamentos rodopiam torpemente, e com isso Simoens se diverte…

O telegrafista guarda uma maldição. O homem magro que caminha à sua frente mudou outra vez o passo. Pensa:

"Quando ele mudar outra vez o passo, arrancarei sua alpargata com uma pisada". Mas agora um ardor se infiltra em seus bíceps e, olhando para o professor, lhe diz com os olhos: "Seria melhor mudar de posição!…".

– Braço esquerdo à direita, direita para cima.

Simoens expira até que o estômago se contraia por completo, depois pelo nariz absorve ar veementemente, e respira outra vez. A angústia se faz sentir até sua alma. Não quer pensar, caminha, e as pontas dos dedos dos homens, ao passar junto às cordas, movem as argolas sobre suas cabeças.

Simoens pensa:

"Aqui está a salvação".

– Mãos na cintura… passo rápido.

Finalmente, respira. Simoens detém os olhos nas costas daquele que caminha à sua frente, salpicadas de brilhante verniz.

"Devo estar suando".

Em seguida, envolve com um olhar depreciativo aquele que o precede, e continua o solilóquio que despertou sua angústia:

"Suponhamos que me seja infiel. Se não é agora, chegará a ser… Tenho um metro e setenta e quatro de estatura".

– Trote!…

A fila corre devagar. Simoens não gosta de trotar. Sempre que começa, ofega e franze o nariz. Mas trota, aborrecendo-se contra a debilidade de seu corpo, que não foi treinado. Se a fadiga o alcança aos três minutos de corrida, se insulta mentalmente.

– Mais rápido esse trote!…

"Suponhamos que me seja infiel. Ela, dentro de um ano, será a mesma e eu serei distinto do que sou agora…".

– Rápido!… Levantando os joelhos!…

Os homens correm. Simoens arfa. Aspira o ar pelas fossas nasais e o expulsa com tal força pela boca que seus lábios zumbem como os de uma foca. A fadiga de seu corpo se oculta agora em um canto misterioso. Mas logo aparecerá. Simoens corre mais livremente e diz a si mesmo:

"Serei outro homem com o mesmo rosto, nada mais".

As paredes do ginásio passam diante de seus olhos rapidamente. Às vezes, levanta a cabeça, e pela claraboia aberta entre os caibros distingue um pedaço de muro rosado, uma janelinha de madeira, depois observa com inveja ao que corre à ponta da fila, um homem de quarenta anos, o cabelo engomado, a caixa torácica enorme, as pernas com rígidas saliências de músculos. Um odioso sofrimento atravessa o coração de Simoens:

"Ela seria capaz de se apaixonar por um homem assim?... Corre, corpo maldito…" E a força de suas palavras desatam com tal violência o desejo que comprime, que Simoens anseia agora que a corrida não termine, quer ver quem se cansa primeiro, se ele ou o que vai à ponta da fila. E, sem saber por que, seu sofrimento se evapora, a inteligência se desprende do corpo, e o telegrafista corre, olhando com volúpia as paredes brancas e as cordas amarelas. Ao passar em frente ao "puchimball" dá um murro, e ri: "Tem que ser forte. Quando você é forte, tem o direito de desprezar tudo, inclusive a infidelidade".

– Devagar!… inspirem…

Os homens levantam os braços como se fossem mergulhar em uma piscina, depois, lentamente, respiram, e o salão se enche de mais zumbidos que uma árvore em uma noite de inverno quando sopra o vento.

Simoens aperta a perna com os dedos. Apalpa a rigidez de seus músculos:

"Dentro de um ano serei outro homem. Terei outro brilho nos olhos. Outra epiderme. Outros braços." Olha mal-humorado para os braços magros, depois para o peito, onde gotas de suor escorrem mais grossas que lentilhas. Olha para seus companheiros. Entretanto, há outros mais magros que eu. E aquele gordo. Certamente veio para emagrecer. E emagrecerá o maldito. Claro que emagrecerá, se quiser. Será magro e ágil desde que tenha determinação.

– Alinhem-se à direita!…

Os alunos se tocam com a ponta dos dedos e os braços estendidos.

– Firmes! Girem a cabeça para a esquerda!…

É fácil, assim sempre pensou o telegrafista. Dez torções de cabeça para a direita, dez para a esquerda, colocando em cada torção o queixo paralelo à linha do ombro.

Simoens grunhe satisfeito, olhando para o professor que, com as mãos na cintura, gira a cabeça sobre sua camiseta vermelha:

"Oh canalha! Você é um bom professor".

Tem que deixar de pensar. Não pode pensar. Cada vez que torce a cabeça tão violentamente, uma estranha fraqueza tapa seus olhos. Por momentos, parece que as paredes do salão ondulam à sua frente.

– Firmes. Tocando com a ponta da mão os pés.

O professor se arqueou sobre o tablado, sua mão direita toca a ponta do pé esquerdo, enquanto que o braço esquerdo, roçando a orelha, permanece tenso sobre sua cabeça.

Simoens fala alegremente. Tampouco gosta desse exercício. Pensa:

"Deviam inventar máquinas em que se entrasse e que fizessem o exercício por conta, mas então o desejo não se educaria".

E na segunda vez de efetuar o movimento torcendo o busto, um calafrio corre por seu pescoço.

– Não inclinem a cabeça… a cabeça olhando para frente.

"Maldito professor… e pensar que os boxeadores fazem isso todos os dias… certamente têm 'training'".

– Olhando para frente, Simoens. Endireite esse braço. Não faça ganchos com os dedos.

Todos olham para o telegrafista e para o professor. Simoens está orgulhoso de que o professor o observou. Ele gosta do professor. Obedece-o em tudo. Sabe que dele depende "ser outro homem".

– Mais inclinado… mais…

Sorrindo, o professor se aproxima de Simoens, coloca a mão em sua coluna e, forçando a curva, o inclina. Os outros olham com certa inveja para o telegrafista.

Por que o professor não os corrige como faz com o telegrafista? Eles também precisam se aperfeiçoar, "se converter em outros homens".

– Firmes! Respirem. Outra vez.

Simoens, ao levantar os braços como um nadador que vai se atirar de um trampolim, olha para o chão. Aos pés de cada ginasta há gotas de água.

– Atenção. Tocando com os dedos a ponta dos pés.

O professor levanta sua perna esquerda, de modo que a calça azul faça um perfeito ângulo reto com a vertical vermelha da camisa. O braço tenso sobre o pano parece uma biela de bronze com os dedos rígidos na tela branca da alpargata.

– Um… dois… três… quatro…

Simoens divaga:

“Na verdade, é impossível estabelecer se uma mulher ama alguém ou não. Mas eu serei outro. Que cara fará no dia em que nos encontrarmos?… Como pesa esta perna!…”

– Oito… sete… seis… cinco… Peito pra frente, pra dentro o queixo…

“O desejo… Nesta cidade deve haver um milhão de homens. Quantos somos fazendo ginástica?… Terei outra pele, outros olhos, outros braços. Ir além. Teria que aprender esgrima e também tiro. Mas não estou treinado. O que ela estará fazendo neste mesmo momento?”

Simoens fecha os olhos. Não quer pensar. Esquiva-se de certas imagens de angústia, com o mesmo desespero que um morfinômano se negaria a aceitar uma injeção, querendo-a ardentemente.

– … levantando o corpo nos punhos…

O professor está em posição horizontal, os antebraços como postes verticais junto aos flancos, o corpo rígido carregado nos punhos e na ponta dos pés. Deixa cair seu corpo no chão, depois o levanta com uma simples distensão dos braços.

– Uma... duas… três… quatro…

O telegrafista fecha os olhos. Está claro que não vai abandonar a classe. Parou de pensar. Não pode pensar. O esforço é tremendo… Se seu peito tocasse o chão, ficaria lá, sabe que pode fazer isso, mas não o “fará”. Uma violência mais energética que o desejo de sua fadiga o faz ranger ali a par dos outros. Um homem gordo abandona, cambaleando, a aula. Simoens sorri vaidosamente. Fecha os olhos e aperta os dentes…

– … quatro… três… dois… um. Firmes!

Simoens olha consternado ao redor. Perdeu a consciência do tempo, percebe os movimentos depois que os alunos os executam várias vezes, seu desejo não “pode” obedecê-lo. Respira com dificuldade, arduamente. O suor corre por seu peito como a chuva por um telhado. Continua na aula de ginástica porque ali tem homens que “estão”, mas quase sem saber disso. Os

movimentos se sucedem em sua retina, rapidíssimos. Executa-os, mas não sabe como, automaticamente. A verdade é que está “grogue”. Simoens se detém assombrado. Como? A aula recém começou e já acabou?

– Separem a fila.

É possível. Olha o relógio. Sim, passou meia hora.

No vestiário se despe tremendo, como se estivesse com febre. Um furor surdo emana de sua carne ébria de movimentos. Queria continuar trabalhando no ginásio. Enrolado na toalha, entra no banheiro. Não há dúvida, fez a classe completamente “grogue”. Mas resistiu.

Simoens anda na rua. Apesar de se sentir cansado, seu corpo se move com mais agilidade que o de seus pares. Diz para si:

“Dentro de um ano serei outro… Dentro de seis meses serei outro. É preciso resistir. Que cara ela fará quando me encontrar transformado?”

E acaricia com infinita doçura seus doloridos músculos do braço, por sobre o tecido da roupa.

AULA DE BOXE

O ringue, à sombra do paredão vermelho, revela seu retângulo horizontal e branco, cercado por três paralelas de corda.

Simoens o telegrafista, imóvel a poucos passos do saco de areia, espera a chegada do professor.

Este é um momento odioso em sua vida de fabricante de determinação. Faz frio, o vento eriça a fumaça que sai das chaminés e seus músculos enrijecem.

Um pouco à frente do saco, no pátio de asfalto, superfícies humanas, vestidas como ele com uma bermuda branca que não chega aos joelhos, camiseta sem mangas e alpargatas, se exercitam com a bola. Às vezes, a bola preta ou branca ultrapassa os limites, e, na ponta dos pés, a superfície de um homem roça o chão em uma tentativa vertiginosa de parar.

O céu, entorpecido pelo azul acre, pesa de tal maneira sobre a perpendicular vermelha, que a parede parece inclinar-se alguns graus em direção à terra, vista debaixo.

Simoens quer vencer a ansiedade que dá uma sensação de suavidade em seu estômago. Não quer pensar que, dentro de alguns minutos, o golpearão no rosto.

Inclusive, mostra um aspecto displicente, a fim de não chamar a atenção de nenhum ginasta. Começa a saltar sobre a ponta de seus pés, como se "pulasse corda". É assim que observou nos boxeadores profissionais, quando, sob o céu frio das noites esportivas, esperam nos cantos o minuto seguinte para calçar luvas. Isso o impede de "esfriar".

Acumula determinação para vencer o medo que tem do castigo. De tal modo está refugiado em sua carne, que não pode subtrair a pressão que derrama covardia em suas veias, em seus músculos e em seu tempo de pensamento. Isso aperta seus pulmões e dilata inesperadamente seu coração. Erguendo-se na ponta dos pés, respira profundamente, apoiando em seguida os calcanhares no chão, e espira, baixando lentamente os braços. E continua: "um, dois, um, dois". Salto sobre pé direito, salto sobre pé esquerdo. É uma maneira de desviar o nervosismo em uma direção mais positiva. Pensa em seu corpo e lhe diz:

“Teve que chegar até aqui, né? Chegou até aqui, né?” Quando fala consigo dessa forma, experimenta um nítido prazer maligno. Inclusive, isso lhe soa como se estivesse zombando de outro. E insiste: “Teve que chegar, né?” O ato de determinação atiça nele setores de esplêndido prazer. É um canto de glória sem sentido real.

– Oh, a bela garota! Oh, a bela garota!

Essas palavras correspondem à sua antiga vida. Então, arrastava um corpo pesado e não olhava nunca as nuvens. E de seus olhos se afasta o ringue físico, horizontal à parede vermelha.

No entanto, seu coração bate apressadamente. Quisera ter terminado sem que “batessem muito nele”. O ringue se aproxima outra vez de seus olhos. As cordas ainda estão frouxas. Maldito professor, ainda não chegou. As superfícies brancas que, com obstáculos elásticos se desprendem do chão, lhe parecem infinitamente felizes.

Com a cara franzida, observa. Na verdade, seria mais agradável tomar banho que se entrelaçar a socos com o homem da cara amassada.

Simoens esfrega suavemente o braço. Olha de soslaio as movediças manchas brancas sobre o asfalto preto e, sem saber por que, beija carinhosamente o braço, onde agora cresce um músculo que antes era invisível.

Uma tristeza muito suave passa depois desse ato pela parte superior de sua carne. Ali é onde se refugiam os sonhos maravilhosos, os acontecimentos não cumpridos e as recordações que desejam vingança.

Saboreia mentalmente a palavra definitiva:

“Vou me lembrar de você em todos os climas e todos os momentos, e vou desfrutar da angústia de sempre buscá-la em meus pensamentos. E onde você estiver, também pensará em mim”.

O saco de areia balança. Um homem nu desfere socos tremendos na lona. Simoens o examina mal-humorado, e pensa algo desagradável.

Não pode explicar semelhante desejo tão ruim. Logo diz:

“Deve socar bem”.

Um retorcido de inveja alegre penetra na parte superior de sua carne. Esfrega seus músculos com os nós dos dedos e recomeça o salto suave na ponta dos pés. “Um, dois, um, dois”.

E sua vida entrou novamente na zona do medo supérfluo e pueril. É inútil que diga a si mesmo que nada grave pode ocorrer. Sabe perfeitamente. Isso evita que sua carne se enrijeça com um tíbio deslumbramento, que o coração

traduz em golpes especializados, semelhantes ao tic tic de uma biela quando trabalha sobre uma manivela ovalada.

O homem que treinava no saco de areia bufa mais forte que uma foca. Simoens mira-o de soslaio. O outro se inclinou apoiando a palma das mãos na atadura de suas alpargatas.

Acendem-se as lâmpadas incandescentes, refletores esmaltados iluminam o piso de asfalto, onde se movem rapidamente as superfícies seminuas de homens.

Enquanto isso, nem uma só libra de sua carne pode se subtrair à perseguição que expande os golpes do coração na massa temerosa, mesmo que quando suba no ringue tudo desaparecerá. Então, não haverá tempo de se lembrar. A força.

Novamente o ringue se afasta de seus olhos, e o canto sem sentido real, que contém suas entranhas, irradia setores de esplêndido prazer.

– Oh, oh a bela garota! Oh, oh a bela garota!

Por que diz essas palavras? Não sabe. Possivelmente, expressam uma vida vitoriosa contida na raiz de sua determinação demoníaca. Embriaga-se entornando o ritmo dessas palavras:

– Oh, oh a bela garota! Oh, oh a bela garota!

Desde a carnuda convexidade que suas unhas blindam até os cérebros brancos encaixotados no crânio, caminha nele uma alegria que precisa ser consumida. Sente tentações de gritar:

– Eu sou a memória de mim mesmo.

É assim que triunfa por instantes, Simoens, o telegrafista.

No entanto, paralelamente à sua alegria, há outras palavras. Correm sem confundir-se jamais. São como correntes subaquáticas de água gelada e tíbia. Simoens torce o busto, esquivando-se do golpe de algumas palavras. E é que a voz, paralela à sua alegria, exclamou com perversa doçura feminina:

– Olhe para a sua cara. Não se viu no espelho?

Queria esmagar a socos a mulher remota, zombando na lua prateada de um guarda-roupa rubro-negro, no fundo de um cômodo cinza.

– E ela será jovem ainda, quando você, desgastado, não mais lhe interessará.

– Cachorro – resmunga surdamente Simoens.

O telegrafista "abre o peito". Enche os pulmões de ar como se fosse mergulhar. O céu se enegrece. Acaba de observar que as superfícies brancas que

se exercitam com a bola revelam mãos encouraçadas com luvas pretas. O outro homem golpeia o saco de areia, o saco balança e o pugilista, avançando o torso, recebe o golpe de pêndulo em um ângulo do ombro ou na largura do peito. Os choques ressoam surdamente na caixa humana.

– Cadela – resmunga surdamente Simoens.

A pressão da palavra "então" o coloca em uma diferente superfície de existência. É como se, podendo agigantar-se, desde um andar inferior perfurasse o teto com a cabeça e a introduzisse em outro plano superior. Ali estão amontoados os fantasmas de sua existência. E também o busto da mulher que, com um batom sangue, pintava os próprios lábios, mostrando dentes brilhantes e lascivos. Virou a cabeça, olhou para ele como se o estivesse selecionando entre outros fantasmas para seu prazer pessoal, e disse:

– Ela será jovem ainda quando você, desgastado, não mais lhe interessará.

O telegrafista olha em volta espantado. Contempla a si mesmo em uma má noite, dentro de um paralelogramo que projeta até as alturas um firmamento tapado de sombras.

Acocorado na cabeceira da cama desfeita, estuda taciturnamente seu rosto estriado de rugas em um espelho oval, com a epiderme amarelada pela nicotina, os olhos condensando internamente um sofrimento de anos. Essa noite não tem horário. Com a determinação mais tensa que um cabo de aço, espera, pasmado, "uma" salvação. Pensa vertiginosamente que cada homem tem sua salvação, mais do que pensar, dá pancadas no espaço, com velocidade de necessidade angustiosa. Fantasmas, luzes, segmentos perpendiculares de orquestras bailam em seus olhos. Instantaneamente, pensa em se matar, depois escapa por essa tangente e, ao vasculhar o futuro, descobre a "que será jovem ainda quando você estiver desgastado", beijando outra pessoa. Durante longos minutos entrevê aquele beijo e sofre a tal ponto que só consegue arquejar como um trem:

– Uuu, uuu… uuu.

Dando grandes saltos, sua alma se recosta na noite. É preciso que ele seja forte e gracioso. E perpetuamente jovem. A obscuridade atira um cilindro de trevas à sua frente. Tem a sensação de que estão atirando uma imensa chapa de ferro diante de seus olhos. O torno range penosamente. Sua alma dá grandes saltos dentro de seu corpo, como se fosse enlouquecer. Quisera morrer com a garganta suavemente serrada.

Essas lembranças despertam no telegrafista uma alegria pueril. "Aqueles foram outros tempos", diz para si mesmo, e subitamente, arrependido de ter se afastado de um fantasma vermelho, se detém comovido.

Um jogador, curvado diante dele, pega a bola. Simoens olha para ele inexpressivamente. No ringue, um rapaz ajusta as cordas com rendas suplementares, que tomam os dois catetos de um ângulo, reduzindo-o. O saco de areia vai e vem “trabalhado” pelos golpes horizontais dos braços, que vão e vêm como as bielas de uma locomotiva. Simoens espia um instante a musculosa superfície do homem, e resmunga por dentro:

“Canalha, que bela força”. E, como se encontrasse a si mesmo sob uma cúpula resplandecente que recolhesse as grandes vozes de um coro, o telegrafista aguça os ouvidos e deixa seus olhos se iluminarem ao ritmo de:

– Oh, oh a bela garota! Oh, oh a bela garota!

Seu semblante se ilumina com sorrisos.

A esperança brilha atrás de seus olhos como uma altura do céu com o sol atrás de uma crista de nuvens. Inclusive, sua carne parece dourada por um meio-dia marítimo. Não podendo resistir ao impulso, contrai o bíceps, sente o coronoide. E, respondendo a uma pergunta interna, diz:

“E por que não ter inveja?” Pense bem, então. “Não, não, é estúpido”.

Franze a testa em busca da sensação que o deixou ancorado à sensação definitiva, e sua atenção se detém no rosto da garota “que ainda será jovem quando você estiver desgastado”, e a evocação desse semblante cruza com o homem da cara amassada.

O professor de boxe veste calça azul, camiseta cinza. Golpeando-o nas pernas, traz quatro luvas de oito onças penduradas pelas cordas. Olha ao redor e exclama, sem se dirigir a ninguém:

– Vamos, rapazes…

Uma lâmpada foi acesa no alto. O refletor esmaltado projeta um trapézio de luz no ringue. Simoens pega as luvas que o homem da cara amassada lhe entrega. Afunda sua mão. Os dedos se enredam no filamento que escapou do entreforro.

Estende as mãos calçadas por um fardo preto ao professor. O homem da cara amassada amarra as luvas e Simoens se apoia nas cordas com as mãos cruzadas atrás dele. Tem o pudor de que o vejam fazendo “camouflage” de boxeador.

Isso é muito lindo aos vinte anos. Aos trinta, o telegrafista compreende que é uma necessidade se exibir. Além do mais, está aprendendo… Não tem direito a simular a atitude negligente que, em um canto do ringue, aceitam os pugilistas veteranos meio minuto antes de cruzar luvas. No entanto, uma negligência flexível incorpora-se a seu organismo e, embora seus braços per-

maneçam caídos, certa elasticidade faminta de movimento penetra em seu organismo, à medida que passam os segundos.

Por um instante, seu coração parou ao escutar a ordem do homem da cara amassada:

– Vamos, pronto.

Simoens se coloca vertiginosamente em guarda. O cotovelo do braço direito no estômago, a luva sobre o queixo, a perna esquerda adiantada, o braço recolhido. Bate três vezes com o punho em uma salsicha pálida que finge ser um nariz, mas o homem de cara amassada olha para ele tranquilamente, e apenas esfrega suas luvas. O telegrafista se detém indeciso.

– Continue.

Simoens jabeia rapidamente com a esquerda na luva do professor, descrevendo um semicírculo em uma inútil perseguição.

O homem da cara amassada grita:

– Um, um, um, vai, um, um, mova as pernas.

O braço do professor forma um gancho cujo extremo toca seu nariz. Seus olhos se enchem de lágrimas. Tem vontade de espirrar e, decepcionado, baixa a guarda.

O obscuro mecanismo do instinto que faz controlar seu organismo o adverte da próxima ordem de mudança de guarda e maneja com timidez o punho esquerdo. Sangra pelo nariz. Não se dá conta.

– Continue. Um, um; atenção, dois.

Vertiginosamente, Simoens pega seu braço esquerdo, avança com a perna direita e bate debilmente com o punho direito na orelha do professor. O homem da cara amassada inclina a cabeça e se produz um corpo a corpo. Aproveitando o *clinch*, o professor afunda lentamente os punhos em seu estômago. Safa-se dos braços de Simoens; sua guarda abre, o telegrafista quer entrar e:

– Para você.

Simoens se detém assombrado ao ouvir ressoar semelhante campainha no ouvido. Foi um golpe na sobrancelha.

– Vamos: um, um; mexa-se mais.

O telegrafista, agachando-se, esquiva uma direita, se torce, e a esquerda do homem da cara amassada roça sua bochecha. No plano cinza da camiseta, o professor ziguezagueia o antebraço. Simoens não sabe de que ângulo acertar um golpe. Seu *jab* é anulado no vazio. Instantaneamente, parece estar flu-

tuando na atmosfera luminosa de um ovo gigantesco. Fora do perímetro onde move sua cabeça e a do homem da cara amassada, nada existe.

Novamente, o punho do professor roça seu nariz, depois seu flanco. É um golpe surdo que o enche de furor, um desejo negro de arrebentar o homem da cara amassada. Embaixo do refletor esmaltado, Simoens ri. A vida se eleva em seus olhos. Conserva os antebraços dobrados sobre o peito, enquanto que o busto, como um pêndulo, oscila da esquerda para a direita. Está cansado. Ofega.

– Vamos, cara; um, um…

Simoens se agacha e experimenta uma alegria magnífica ao comprovar que o braço do professor golpeia o vazio. Uma voz que já não discerne de quem é, grita com ele:

– Castigue, castigue agora.

Simoens acerta golpes curtos no estômago do outro. Surdo como um martelo, ressoa:

– “Breque”…

Obedece à ordem e, distanciando-se do homem da cara amassada, espreita-o com uma oscilação muito rápida do torso. Tem a sensação de que se tornou flexível como uma fita de aço. Mas sangra em atenção. A cada partícula de segundo que passa, volatiza mais e mais sua determinação. O professor sorri e avança a cara amassada, mantendo os braços abaixados.

Simoens, indignado, se balança. Descarrega direitas e esquerdas, direitas e esquerdas.

Alguém grita:

– Eh, eh! Está dando golpe baixo! Perdeu o controle!

Retrocede atrapalhado. Como se tivesse nascido sem braços, agora não sabe com qual membro punir. Queria continuar golpeando, mas não encontra seus braços. Não lhe ocorre olhar para os lados. Só sabe que, no vazio, diante de seus olhos, não aparece a mancha escura de seus punhos. Não pode punir, ainda que queira. Uma determinação subterrânea ainda o mantém de pé, mas é como se não tivesse braços. Como se os tivesse perdido. Não sabe o que fazer. Na verdade, “aquilo” que lhe acontece é um apuro semelhante aos que se apresentam durante o desenrolar de um pesadelo. O homem da cara amassada oscila diante dele como um imenso pêndulo. Não poderá derrubá-lo nunca… seus braços… a luz…

Por fim, entende o que o professor diz. Corre a um canto e, com estranheza, apresenta seus punhos. Desatam suas luvas.

Fez um *round* de dois minutos.

Desde as profundezas de seu ser, surge uma faísca de alegria. Hesitante, se dirige ao banheiro.

Duas histórias insólitas

Villiers de L'Isle-Adam

O texto: Seleção de dois contos de *Histoires insolites* (1888), "O heroísmo do doutor Hallidonhill" e "As alucinações do Sr. Redoux", de Villiers de L'Isle-Adam. O título da coletânea evoca as *Histórias extraordinárias* de Edgar Allan Poe e reúne, em sua maioria, textos publicados anteriormente no jornal parisino *Gil Blas*. Diferencia-se dos demais livros de contos do escritor por apresentar textos mais breves, ágeis, predominantemente satíricos e de menor densidade. Ao deixar em segundo plano as aspirações transcendentalistas de outras obras, as *histórias insólitas* selecionadas recorrem ao humor e à ironia para zombar da figura do burguês, alvo preferido do autor, e criticar o exacerbado materialismo e racionalismo de seu tempo.

Texto traduzido: Villiers de L'Isle-Adam, Auguste comte de. "L'Héroïsme du docteur Hallidonhill" et "Les Phantasmes de M. Redoux". In. *Histoires insolites*. Paris: Librairie Moderne, 1888, pp. 67-97.

O autor: Villiers de L'Isle-Adam (1838-1889), escritor francês, nasceu em Saint-Brieuc. Membro da aristocracia rural em decadência, viveu na pobreza a maior parte da vida, escrevendo para jornais e realizando diversos trabalhos paralelos. Desde jovem frequentou o meio literário e intelectual parisiense, aproximando-se de escritores como Verlaine, Huysmans e Mallarmé. Foi também um crítico ferrenho do Positivismo e tornou-se um modelo para os jovens escritores simbolistas, influenciado por Baudelaire, Poe e Wagner. Publicou poesias, peças de teatro e romances, mas só obteve reconhecimento ao fim da vida, com a publicação de *Contes cruels* (1883).

A tradutora: Raíssa Furlanetto Cardoso é doutoranda em Tradução, Interpretação e Estudos Interculturais na Universidade de Bolonha e mestre em Culturas Literárias Europeias pelas universidades de Estrasburgo e Bolonha. Realizou um estudo de tradução comentada sobre os contos de Villiers de l'Isle-Adam financiado pela Fapesp e é cotradutora de três ensaios publicados pela Zazie Edições.

Deux histoires insolites

"Son expansion rentrée avait transformé la première impression en une « lubie » d'une intensité insolite."

VILLIERS DE L'ISLE-ADAM

L'HEROISME DU DOCTEUR HALLIDONHILL

À monsieur Louis-Henry May

Tuer pour guérir !
Adage officiel de BROUSSAIS.

L'insolite cause du docteur Hallidonhill va venir prochainement aux assises de Londres. Voici les faits :

Le 20 mai dernier, les deux vastes antichambres de l'illustre spécialiste, du curateur *quand même* de toutes les affections de la poitrine, regorgeaient de clients, comme d'habitude, leurs tickets d'ordre à la main.

À l'entrée se tenait, en longue redingote noire, l'essayeur de monnaies : il recevait de chacun les deux guinées de rigueur, les éprouvait, d'un seul coup de marteau, sur une enclume de luxe, criant *All right* ! automatiquement.

Dans le cabinet vitré, – borduré, tout alentour, de grands arbustes des tropiques en leurs vastes pots du Japon, – venait de s'asseoir, devant sa table, le rigide petit docteur Hallidonhill. À ses côtés, auprès d'un guéridon, son secrétaire sténographiait de brèves ordonnances. Au montant d'une porte veloutée de rouge, à clous d'or, un valet de monstrueuse encolure se dressait, ayant pour office de transporter, l'un après l'autre, les chancelants pulmonaires sur le palier de sortie, – d'où les descendait, en fauteuils spéciaux, l'ascenseur (ceci dès que le sacramentel « À un autre ! » était prononcé).

Les consultants entraient, l'œil vitreux et voilé, le torse nu, les vêtements sur le bras ; ils recevaient, à l'instant, au dos et sur la poitrine, l'application du plessimètre et du tube :

– Tik ! tik ! plaff ! Respirez !… Plaff !… Bien.

Suivait une médication dictée en quelques secondes, puis le fameux « À un autre ! »

Et, depuis trois années, chaque matin, la procession défilait ainsi, banale, de neuf heures à midi précis.

Soudain, ce jour-là, 20 mai, neuf heures sonnant, voici qu'une sorte de long squelette, aux prunelles évoluantes, aux creux des joues se touchant sous le palais, le torse nu, pareil à une cage entortillée de parchemin flasque, soulevée par l'anhélation d'une toux cassée, – bref, un douteux vivant, une fourrure de renard bleu ployée sur l'un de ses décharnés avant-bras, allongea le compas de ses fémurs dans le cabinet doctoral, en se retenant de tomber an longues feuilles des arbustes.

– Tik ! tik ! plaff ! Au diable ! Rien à faire ! grommela le docteur Hallidonhill : suis-je un coroner bon à constater les décès ?... Vous expumerez, sous huit jours, le suprême champignon de ce poumon gauche : et le droit est une écumoire !… – À un autre !

Le valet allait « enlever le client », lorsque l'éminent thérapeute, se frappant le front, ajouta brusquement, avec un sourire complexe :

– Êtes-vous riche ?

– Ar-chi-millionnaire ! râla, tout larmoyant, l'infortuné personnage qu'Hallidonhill venait de congédier si succinctement de la planète.

– Alors, que votre carrosse-lit vous dépose à Victoria station ! Express de onze heures pour Douvres ! Puis le paquebot ! Puis, de Calais à Marseille, sleeping-car avec poêle ! Et à Nice ! – Là, six mois de cresson, jour et nuit, sans pain, ni vins, ni fruits, ni viandes. Une cuiller d'eau de pluie bien iodée tous les deux jours. Et cresson, cresson, cresson ! pilé, broyé, en son jus : – seule chance… et encore ! Ce prétendu curatif, dont on me rebat les oreilles, me paraissant plus qu'absurde, je l'offre à un désespéré, mais sans y croire une seconde.

Enfin, tout est possible… – À un autre!

Le crésus phtisique une fois posé délicatement dans le retrait capitonné de l'ascenseur, la procession normale des pulmonaires, scorbutiques et bronchiteux, commença.

Six mois après, le 3 novembre, neuf heures sonnant, une espèce de géant à voix formidable et joyeuse – dont le timbre fit vibrer le vitrage du cabinet de consultations et frémir les feuilles des plantes tropicales, un joufflu colosse, en riches fourrures, s'étant rué, bombe humaine, à travers les rangs lamentables de la clientèle du docteur Hallidonhill, pénétra, sans ticket, jusque dans le *sanctum* du prince de la Science, lequel, froid, en son habit noir, venait, comme toujours, de s'asseoir devant sa table. Le saisissant à bras le corps, il l'enleva comme une plume et, baignant, en silence, de pleurs attendris les deux joues blêmes et glabres du praticien, les baisa et rebaisa d'une façon sonore, en manière de paradoxale nourrice normande ; puis le reposa comateux et presque étouffé en son fauteuil vert.

– Deux millions ? Les voulez-vous ? En voulez-vous trois ? vociférait le géant, réclame terrible et vivante. – Je vous dois le souffle, le soleil, les bons repas, les effrénées passions, la vie, tout ! Réclamez donc de moi des honoraires inouïs : j'ai soif de reconnaissance !

– Ah ça, quel est ce fou ? Qu'on l'expulse !… articula faiblement le docteur après un moment de prostration.

– Mais non, mais non ! gronda le géant avec un coup d'œil de boxeur qui fit reculer le valet. Au fait, je comprends que vous, mon sauveur même, vous ne me reconnaissiez pas. Je suis l'homme au cresson ! le squelette fini, perdu ! Nice ! le cresson, cresson, cresson ! J'ai fait mon semestre, et voilà votre œuvre. Tenez, écoutez ceci !

Et il se tambourinait le thorax avec des poings capables de briser le crâne aux plus primés des taureaux du Middlessex.

– Hein ! fit le docteur en bondissant sur ses pieds, – vous êtes… Quoi ! c'est là le moribond qui…

– Oui, mille fois oui, c'est moi ! hurlait le géant : – Dès hier au soir, à peine débarqué, j'ai commandé votre statue en bronze, et je saurai vous faire décerner un terrain funèbre à Westminster !

Se laissant tomber sur un vaste sopha dont les ressorts craquèrent et gémirent :

– Ah ! que c'est bon, la vie ! soupira-t-il avec le béat sourire d'une placide extase.

Sur deux mots rapides, prononcés à voix basse par le docteur, le secrétaire et le valet se retirèrent. Une fois seul avec son ressuscité, Hallidonhill, compassé, blafard et glacial, l'œil nerveux, regarda le géant, durant quelques instants, en silence : – puis, tout à coup :

– Permettez, d'abord, murmura-t-il d'un ton bizarre, *que je vous ôte cette mouche de la tempe !*

Et, se précipitant vers lui, le docteur, sortant de sa poche un court revolver *bull-dog*, le lui déchargea deux fois, très vite, sur l'artère temporale gauche.

Le géant tomba, la boîte osseuse fracassée, éclaboussant de sa cervelle reconnaissante le tapis de la pièce, qu'il battit de ses paumes une minute.

En dix coups de ciseau, witchûra, vêtements et linge, au hasard tranchés, laissèrent à nu la poitrine, – que le grave opérateur, d'un seul coup de son large bistouri chirurgical, fendit, incontinent, de bas en haut.

Un quart d'heure après, lorsque le constable entra dans le cabinet pour prier le docteur Hallidonhill de vouloir bien le suivre, celui-ci, calme, assis devant sa table, une forte loupe en main, scrutait une paire d'énormes poumons, géminés, à plat, sur son sanguinolent pupitre. Le génie de la Science essayait, en cet homme, de se rendre compte de l'archi-miraculeuse action cressonnière, à la fois lubréfiante et récréatrice.

– Monsieur le constable, a-t-il dit en se levant, j'ai jugé opportun d'immoler cet homme, son autopsie immédiate pouvant me révéler un secret salutaire pour le dégénérescent arbre aérien de l'espèce humaine : c'est pourquoi je n'ai pas hésité, je l'avoue, A SACRIFIER ICI, MA CONSCIENCE… A MON DEVOIR.

Inutile d'ajouter que l'illustre docteur a été relaxé sous caution purement formelle, sa liberté nous étant plus utile que sa détention. Cette étrange affaire va maintenant venir aux assises britanniques. Ah ! quelles merveilleuses plaidoiries l'Europe va lire !

Tout porte à espérer que ce sublime attentat ne vaudra pas à son héros la potence de New-gate, les Anglais étant gens à comprendre, tout comme nous, *que l'amour exclusif de l'Humanité future au parfait mépris de l'Individu présent, est, de nos jours, l'unique mobile qui doive innocenter, quand même, les magnanimes outranciers de la Science.*

LES PHANTASMES DE M. REDOUX

À Monsieur Rodolphe Darzens

Ce n'est pas qu'on soit bon, on est content.
XAVIER AUBRYET.

Par un soir d'avril de ces dernières années, l'un des plus justement estimés citadins de Paris, M. Antoine Redoux, – ancien maire d'une localité du Centre, – se trouvait à Londres, dans Baker-street.

Cinquantenaire jovial, doué d'embonpoint, nature « en dehors », – mais esprit pratique en affaires, – ce digne chef de famille, véritable exemple social, n'échappait cependant pas plus que d'autres, lorsqu'il était seul et s'absorbait en soi-même, à la hantise de certains phantasmes qui, parfois, surgissent dans les cervelles des plus pondérés industriels. Ces cervelles, au dire des aliénistes, une fois hors des affaires sont des mondes mystérieux, souvent même assez effrayants. Si donc il arrivait à M. Redoux, retiré en son cabinet, d'attarder son esprit en quelqu'une de ces songeries troubles, – dont il ne sonnait mot à personne, – la « lubie » parfois étrange, qu'il s'y laissait aller à choyer, devenait bientôt despotique et tenace au point de le sommer de la *réaliser*. Maître de lui, toutefois, il savait la dissiper (avec un profond soupir !), lorsque la moindre incidence de la vie réelle venait, de son heurt, le réveiller ; – en sorte que ces morbides attaques ne tiraient guère à conséquence ; – néanmoins, depuis longtemps, en homme circonspect, se méfiant d'un pareil « faible », il avait dû s'astreindre au régime le plus sobre, évitant les émotions qui pouvaient susciter en son cerveau le surgir d'un *dada* quelconque. Il buvait peu, surtout ! crainte d'être emporté, par l'ébriété, jusqu'à REALISER, en effet, *alors*, telle de ces turlutaines subites dont il rougissait, en secret, le lendemain.

Or, en cette soirée, M. Redoux ayant, sans y prendre garde, dîné fort bien, chez le négociant (avec lequel il avait conclu, au dessert, l'avantageuse affaire, objet de son voyage d'outre-Manche), ne s'aperçut pas que les insidieuses fumées du porto, du sherry, de l'ale et du champagne altéraient, maintenant, quelque peu, la lucidité susceptible de ses esprits. Bien qu'il fût encore d'assez bonne heure, il revenait à l'hôtel, en son instinctive prudence, lorsqu'il se sentit, soudainement, assailli par une brumeuse ondée. Et il advint que le portail sous lequel il courut se réfugier, se trouvant être celui du fameux musée Tussaud, – ma foi, pour s'éviter un rhume, en un abri con-

fortable, ainsi que par curiosité, pour tuer le temps, l'ancien maire de la localité du centre, ayant jeté son cigare, monta l'escalier du salon de cire.

Au seuil même de la longue salle où se tenait, dans une équivoque immobilité, cette étrange assemblée de personnages fictifs, aux costumes disparates et chatoyants, la plupart couronne en tête, sortes de massives gravures de mode des siècles, Redoux tressaillit. Un objet lui était apparu, tout au fond, sur l'estrade de la Chambre des Horreurs et dominant toute la salle. C'était le vieil instrument qui, d'après des documents à l'appui assez sérieux, avait servi, en France, jadis, pour l'exécution du roi Louis XVI : ce soir-là, seulement, la Direction l'avait extrait de la réserve comme nécessitant diverses réparations : ses assises, par exemple, se faisant vermoulues.

À cette vue et mis au fait, par le programme, de la provenance de l'appareil, l'excellent actualiste-libéral se sentit disposé, pour le roi-martyr, à quelque générosité morale, – grâce à la bonne journée qu'il avait faite. – Oui, toutes opinions de côté, prêt à blâmer tous les excès, il sentit son cœur s'émouvoir en faveur de l'auguste victime évoquée par ce grave spécimen des choses de l'Histoire. Et comme en cette nature intelligente, carrée, mais trop *impressionnable*, les émotions s'approfondissaient vite, ce fut à peine s'il honora d'un coup d'œil vague et circulaire la foule bigarrée d'or, de soie, de pourpre et de perles, des personnages de cire. Frappé par l'impression majeure de *cette* guillotine, songeant au grand drame passé, il avisa, naturellement, le socle où se dressait, dans une allée latérale, l'approximative reproduction de Shakespeare, et s'assit, tout auprès, en confrère, sur un banc.

Toute émotion rend expansives les natures exubérantes : l'ancien maire de la localité du centre, s'apercevant donc qu'un de ses voisins (français, à son estime, et selon toute apparence), paraissait aussi se recueillir, se tourna vers ce probable compatriote et, d'un ton dolent, laissa tomber, – pour tâter, comme on dit, le terrain, – quelques idées ternes touchant « l'impression PRESQUE triste que causait *cette* sinistre machine, *à quelque opinion que l'on appartînt.* »

Mais, ayant regardé avec attention son interlocuteur, l'excellent homme s'arrêta court, un peu vexé : il venait de constater qu'il parlait, depuis deux minutes, à l'un de ces passants *trompe-l'œil* si difficiles à distinguer des autres, et que MM. les directeurs des musées de cire se permettent, par malice, d'asseoir sur les banquettes destinées aux vivants.

À ce moment, l'on prévenait, à haute voix, de la fermeture. Les lustres rapidement s'éteignaient et de derniers curieux, en se retirant comme à

regret, jetaient des regards sommaires sur leur fantasmagorique entourage, s'efforçant d'en résumer ainsi l'aspect général.

Toutefois, son expansion rentrée, mêlée d'excitation morbide, avait transformé, de son choc intime, la première impression, déjà malsaine, en une « lubie » d'une intensité insolite, – une sorte de très sombre marotte, qui agita ses grelots, tout à coup, sous son crâne et à laquelle il n'eut même pas l'idée de résister.

« Oh ! songeait-il, se jouer à soi-même (sans danger, bien entendu !) les sensations terribles, – terribles ! qu'avait dû éprouver, devant cette planche fatale, le bon roi Louis XVI !… Se figurer l'être ! Réentendre, en imagination, le roulement de tambours et la phrase de l'abbé Egdeworth de Firmont ! Puis, épancher son besoin de générosité morale en se donnant le luxe de plaindre – (mais, là, sincèrement !… toutes opinions à part !) – ce digne père de famille, cet homme trop bon, trop généreux, cet homme, enfin, si bien doué de toutes les qualités que lui, Redoux, se reconnaissait avoir ! Quelles nobles minutes à passer ! Quelles douces larmes à répandre !… – Oui, mais, pour cela, il s'agissait de pouvoir être seul, devant cette guillotine !… Alors, en secret, sans être vu de personne, on se livrerait, en toute liberté, à ce soliloque si *flatteusement* émouvant ! – Comment faire ?... comment faire ?... »

Tel était l'étrange *dada* qu'enfourchait, troublé par les fumées des vins de France et d'Espagne, l'esprit, un peu fiévreux déjà, de l'honorable M. Redoux. Il considérait l'extrémité des montants, recouverte, ce soir-là, d'une petite housse qui dérobait la vue du couteau, – sans doute pour ne point choquer les personnes trop sensibles qui n'eussent pas tenu à le voir. Et, comme la lubie, cette fois, *voulait* être réalisée, une ruse lumineuse, surgie de la difficulté à vaincre, éclaira soudain l'entendement de M. Redoux :

– Bravo ! c'est cela !… murmura-t-il. – Ensuite, d'un appel, en allant cogner à la porte, je saurai bien me faire ouvrir. J'ai mes allumettes ; un bec de gaz, lueur tragique ! me suffira… Je dirai que je me suis endormi. Je donnerai une demi-guinée au garçon : ça vaudra bien ça.

La salle était déjà crépusculaire : un fanal d'ouvriers brillait seul, sur l'estrade, là-bas, – ceux-ci devant arriver au petit jour. Des paillons, des cristaux, des soieries jetaient des lueurs… Plus personne, sinon le garçon de fermeture qui s'avançait dans l'allée du Shakespeare. Se tournant donc vers son *voisin*, M. Redoux prit, subitement, une pose immobile ; son geste offrait une prise ; son chapeau, de bords larges, ses mains rougeaudes, sa figure enluminée, ses yeux mi-clos et fixes, les plis de sa longue redingote,

toute sa personne roidie, ne respirant plus, sembla, elle aussi, et à s'y méprendre, celle d'un faux-passant. Si bien que, dans la presque totale obscurité, le garçon du musée, en passant près de M. Redoux, soit sans le remarquer, soit songeant à quelque acquisition nouvelle dont la Direction ne l'avait pas encore prévenu, lui donna, comme au *voisin* taciturne, un léger coup de plumeau, puis s'éloigna. L'instant d'après, les portes se refermèrent. M. Redoux, triomphant, pouvant, enfin, réaliser un de ses phantasmes, se trouvait seul dans les azurées ténèbres, semées d'étincellements, du salon de cire.

Se frayant passage, sur la pointe du pied, à travers tous ces vagues rois et reines, jusqu'à l'estrade, il en monta lentement les degrés vers la lugubre machine : le carcan de bois faisait face à toute la salle. Redoux ferma les yeux pour mieux se *remémorer* la scène de jadis, – et de grosses larmes ne tardèrent pas à rouler sur ses joues ! – Il songeait à celles qui furent toute la plaidoirie du vieux Malesherbes, lequel, chargé de la défense de son roi, ne put absolument que fondre en pleurs devant la « Convention nationale ».

– Infortuné monarque, s'écria Redoux en sanglotant, oh ! comme je te comprends ! comme tu dus souffrir ! – Mais on t'avait, dès l'enfance, égaré ! Tu fus la victime d'une nécessité des temps. Comme je te plains, du fond du cœur ! Un père de famille… en comprend un autre !… Ton forfait ne fut que d'être roi… Mais, après tout, moi, JE FUS BIEN MAIRE ! (Et le trop compatissant bourgeois, un peu hagard, ajoutait d'une voix hoquetante et avec le geste de soutenir quelqu'un : – Allons, sire, du courage !… Nous sommes tous mortels… Que Votre Majesté daigne…

Puis, regardant la planche et la faisant basculer :

– Dire qu'il s'est allongé là-dessus !… murmurait l'excellent homme. – Oui, nous étions, à peu près, de même taille, paraît-il : – et il avait mon embonpoint.

« C'est encore solide, c'est bien établi. Oh ! quelles furent, quelles durent être, veux-je dire, ses suprêmes pensées, une fois couché sur cette planche !… En trois secondes, il a dû réfléchir à… des siècles !

« Voyons ! M. Sanson n'est pas là : si je m'étendais – rien qu'un peu – pour savoir… pour tâcher d'éprouver… moralement…

Ce disant, le digne M. Redoux, prenant une expression résignée, quasi-sublime, s'inclina, doucement d'abord, puis, peu à peu, se coucha sur la bascule invitante : si bien qu'il pouvait contempler l'orbe distendu des deux croissants concaves, largement entrebâillés, du carcan.

– Là ! restons là ! dit-il, et méditons. Quelles angoisses il dut ressentir !

Et il s'épongeait les yeux, de son mouchoir.

La planche formait rallonge, sur un plan incliné vers les montants. Redoux, pour s'y installer plus commodément, fit un léger haut-le-corps qui amena, glissante, cette planche, jusqu'au bord du carcan. De telle sorte que, ce hasard le favorisant encore, l'ancien maire se trouva, tout doucement, le col appuyé sur la demi-lune inférieure.

– Oui ! pauvre roi, je te comprends et je gémis ! grommelait le bon M. Redoux. El il m'est consolant de songer qu'une fois ici tu ne souffris plus longtemps !

À ce mot, et comme il faisait un mouvement pour se relever, il entendit, à son oreille droite, un bruit sec et léger. Crrick ! C'était la demi-lune supérieure qui, secouée par l'agitation du contribuable, était venue, glissante aussi, s'emboîter sans doute en son ressort, emprisonnant, par ainsi, la tête de l'ex-fonctionnaire.

L'honorable M. Redoux, à cette sensation, se mut, à tort et à travers ; mais en vain : la chose avait fait souricière. Ses mains tâtaient les montants, – mais, où trouver le secret pour se libérer ?

Chose singulière, ce petit incident le dégrisa, tout à coup. Puis, sans transition, sa face devint couleur de plâtre et son sang parcourut ses artères avec une horrible rapidité ; ses yeux, à la fois éperdus et ternes, roulaient, comme sous l'action d'un vertige et d'une horreur folle ; agité d'un tremblement, son corps glacé se raidissait ; les dents claquaient. En effet, troublé par sa lourde attaque de phantasmomanie, il s'était persuadé que, *M. Sanson n'étant pas là*, nul danger n'était à craindre. Et voici qu'il venait de songer qu'à sept pieds au-dessus de son faux-col et enchâssé en un poids de cent livres était suspendu le couteau ; que le bois était rongé des vers, que les ressorts étaient rouillés, et qu'en palpant ainsi, au hasard, il s'exposait à toucher le boulon qui fait tomber la chose !

Alors – sa tête s'en irait rouler aux pieds de cire de tous les fantômes qui, maintenant, lui semblaient une sorte d'assistance approbatrice ; car les reflets du fanal, en vacillant sur toutes ces figures, en vitalisaient l'impassibilité. On l'observait ! Cette foule aux yeux fixes paraissait attendre. – « À moi! » râla-t-il ; – et il n'osa recommencer, se disant, dans l'excès de ses affres, que la seule vibration de sa voix pouvait suffire pour… Et cette idée fixe ravinait son front livide, tirait ses bonnes bajoues généreuses ; des fourmillements lui couraient sur le crâne, car, en ce noir silence et devant la hideuse absurdité d'un tel décès, ses cheveux et sa barbe commençaient graduellement à blanchir (les condamnés, durant l'agonie de la toilette, ont offert, maintes

fois, ce phénomène). Les minutes le vieillissaient comme des jours. À un craquement subit du bois, il s'évanouit. Au bout de deux heures, comme il revenait à lui, le froid sentiment de sa situation lui fit savourer un nouveau genre d'intime torture, jusqu'au moment où le soudain grattement d'une souris lui causa une syncope définitive.

Au rouvrir des yeux, il se trouva, demi-nu, en un fauteuil du musée, entouré de garçons et d'ouvriers qui le frottaient de linges chauds, lui faisaient respirer de l'alcali, du vinaigre, lui frappaient dans les mains.

– Oh !… balbutia-t-il, d'un air égaré, à la vue de la guillotine sur l'estrade.

Une fois un peu remis, il murmura :

– Quel rêve ! oh ! la nuit – sous… l'épouvantable couteau !

Puis, en quelques paroles, il ébaucha une histoire : « Mû par la curiosité, il avait voulu *voir* : la planche avait glissé, le carcan l'avait saisi – et… il s'était trouvé mal. »

– Mais, monsieur, lui répondit le garçon du musée, – (le même qui l'avait épousseté la veille), – vous vous êtes alarmé sans motif.

– Sans motif !!… articula péniblement Redoux, la gorge encore serrée.

– Oui : le carcan n'a pas de ressorts et ce sont les coins, en se touchant, qui ont produit le bruit ; en vous y prenant bien, vous pouviez le soulever – et, quant au couteau…

Ici le garçon, montant sur l'estrade, enleva, du bout d'une perche, la housse vide :

– Il y a deux jours qu'on l'a porté à revisser.

À ces paroles, M. Redoux, se redressant sur ses jambes, et s'affermissant, regarda, bouche béante.

Puis, s'apercevant dans une glace, lui, vieilli de dix années, – il donna, en silence, avec des larmes cette fois sincères, trois guinées à ses libérateurs.

Cela fait, il prit son chapeau et quitta le musée.

Une fois dans la rue, il se dirigea vers l'hôtel, y prit sa valise. – Le soir même, à Paris, il courut se faire teindre, rentra chez lui – et ne souffla jamais un mot de son aventure.

Aujourd'hui, dans la haute position qu'il occupe à l'une des Chambres, il ne se permet plus un seul écart du régime qu'il suit contre sa tendance au phantasme.

Mais l'honorable *leader* n'a pas oublié sa nuit lamentable.

Il y a quatre ans, environ, comme il se trouvait dans un salon neutre, au milieu d'un groupe où l'on commentait les doléances de certains journaux sur le décès d'un royal exilé, l'un des membres de l'extrême-droite prononça tout à coup les excessives paroles suivantes – car tout se sait ! – en regardant au blanc des yeux l'ex-maire de la localité du centre :

– « Messieurs, croyez-moi ; les rois, même défunts, ont une manière… parfois bien dédaigneuse… de châtier les farceurs qui osent s'octroyer l'hypocrite jouissance de les plaindre ! »

À ces mots, l'honorable M. Redoux, en homme éclairé, sourit – et changea la conversation.

Duas histórias insólitas

"Sua expansão interiorizada havia transformado a primeira impressão em um 'desvario' de uma intensidade insólita."

VILLIERS DE L'ISLE-ADAM

O HEROÍSMO DO DOUTOR HALLIDONHILL

Ao senhor Louis-Henry May

Matar para curar!
Adágio oficial de Broussais.

O insólito caso do doutor Hallidonhill irá em breve aos tribunais criminais de Londres. Eis os fatos:

Em 20 de maio, as duas amplas salas de espera do ilustre especialista, do *ainda assim* curador de todas as afecções do peito, transbordavam, como de costume, de clientes com suas senhas em mãos.

À entrada ficava, com um longo redingote preto, o ensaiador de moedas: ele recebia, de cada um, os dois guinéus exigidos, testava-os, com um golpe de martelo, sobre uma bigorna luxuosa, gritando *All righ*t*!* automaticamente.

No consultório envidraçado – todo circundado de grandes arbustos dos trópicos plantados em enormes vasos do Japão –, acabava de se sentar, diante de sua mesa, o rígido e pequeno doutor Hallidonhill. Ao seu lado, junto a um gueridom, seu secretário estenografava breves receitas. Em frente a uma porta revestida de veludo vermelho, cravejada de ouro, empertigava-se um criado de semblante monstruoso, tendo por ofício transportar, um após o outro, os vacilantes doentes pulmonares até o patamar de saída, – de onde os fazia descer, em poltronas especiais, pelo elevador (tão logo o sacramental "Próximo!" fosse pronunciado).

Os enfermos entravam, os olhos vítreos e opacos, o torso nu, as roupas sobre o braço; recebiam, no mesmo instante, nas costas e no peito, a aplicação do plessímetro e do tubo:

– Tik! tik! plaff! Respire!... Plaff!... Bem.

Em seguida, uma prescrição ditada em alguns segundos, depois o famoso "Próximo!".

E, há três anos, toda manhã, a procissão desfilava assim, banal, das nove horas ao meio dia em ponto.

De repente, um dia, 20 de maio, precisamente às nove horas, eis que uma espécie de esqueleto comprido, com as pupilas revirantes, as cavidades das bochechas se tocando sob o palato, o torso nu, semelhante a uma gaiola envolvida por pergaminho flácido, solevada pela anelação de uma tosse extenuada, – enfim, um duvidoso vivente, com uma pele de raposa azul dobrada sobre um de seus cadavéricos antebraços, apressou o passo de seus fêmures para o consultório doutoral, segurando-se nas largas folhas dos arbustos para não cair.

– Tik! tik! plaff! Para o inferno! Nada a ser feito! resmungou o doutor Hallidonhill: por acaso sou algum tipo de *coroner* para ficar constatando óbitos? O senhor expumará, em oito dias, o fungo supremo desse pulmão esquerdo: e o direito é uma escumadeira!... – Próximo!

O criado estava para "retirar o cliente", quando o eminente terapeuta, batendo em sua testa, acrescentou bruscamente, com um sorriso complexo:

– O senhor é rico?

– Ar-qui-milionário! estertorou, lacrimejando, o infortunado personagem que tão laconicamente Hallidonhill havia acabado de expulsar do planeta.

– Então, que a sua carroça-leito o deixe na estação Victoria *station*! Expresso das onze horas para Douvres! Depois o paquebote! Depois, de Calais a Marselha, *sleeping-car* com aquecedor! E Nice! – Então, seis meses de agrião, dia e noite, sem pão, nem vinhos, nem frutas, nem carnes. Uma colher de água da chuva bem iodada a cada dois dias. E agrião, agrião, agrião! triturado, moído, em forma de suco: – única chance... e olhe lá! Esse pretenso tratamento, que ficam martelando no meu ouvido, parecendo-me mais do que absurdo, ofereço-o a um desesperado, mas sem acreditar nele nem por um segundo.

Enfim, tudo é possível... – Próximo!

Logo que o abastado tísico foi delicadamente colocado no vão capitonê do elevador, a procissão habitual dos pneumônicos, escorbúticos e bronquíticos começou.

Seis meses depois, no dia 3 de novembro, precisamente às nove horas, uma espécie de gigante com uma voz formidável e alegre – cujo timbre fez vibrar a vidraça do consultório e fremir as folhas das plantas tropicais, um colosso rechonchudo, em ricas peles, tendo irrompido, bomba humana, através das filas lamentáveis da clientela do doutor Hallidonhill, penetrou, sem senha, no *sanctum* do príncipe da Ciência, o qual, frio, vestido de preto, tinha acabado, como sempre, de se sentar diante de sua mesa. Agarrando-o, levantou-o como uma pena e, em silêncio, banhando de lágrimas enternecidas as duas bochechas pálidas e glabras do clínico, beijou-as e rebeijou-as de um modo sonoro, à maneira de uma paradoxal ama normanda; depois, colocou-o de volta, em coma e quase sufocado, em sua poltrona verde.

– Dois milhões? Quer? Quer três? vociferava o gigante, um clamor vivo e terrível. – Devo ao senhor o fôlego, o sol, as boas refeições, as paixões desenfreadas, a vida, tudo! Reclame, portanto, honorários inauditos de mim: tenho sede de reconhecimento!

– Ah, quem é esse louco? Que o expulsem!... articulou debilmente o doutor após um momento de prostração.

– Não, não! grunhiu o gigante com um olhar de boxeador que fez recuar o criado. De fato, eu compreendo que o senhor, meu próprio salvador, não me reconheceria. Sou o homem do agrião! O esqueleto condenado, perdido! Nice! O agrião, agrião, agrião! Eu cumpri o meu semestre, e eis a sua obra. Veja, escute isso!

E ele tamborilava no tórax com seus punhos capazes de quebrar o crânio dos mais premiados entre os touros de Middlessex.

– Ah! disse o doutor, pondo-se de pé em um pulo, – o senhor é… O quê? é aquele moribundo que...

– Sim, mil vezes sim, sou eu! berrava o gigante: – Já ontem à tarde, logo que desembarquei, encomendei sua estátua de bronze, e conseguirei obter para o senhor um terreno fúnebre em Westminster!

Deixando-se cair sobre um vasto *sopha* cujas molas estalaram e gemeram:

— Ah! Como a vida é boa! suspirou com um sorriso beato de plácido êxtase.

Com duas palavras rápidas, pronunciadas em voz baixa pelo doutor, o secretário e o criado se retiraram. Uma vez a sós com seu ressuscitado, Hallidonhill, dissimulado, lívido e glacial, o olho nervoso, observou o gigante, durante alguns instantes, em silêncio: – depois, de repente:

– Permita-me, primeiro, murmurou em tom bizarro, *tirar essa mosca de sua têmpora!*

E, precipitando-se em sua direção, o doutor, tirando do bolso um pequeno revolver *bull-dog*, descarregou-o duas vezes, bem rápido, em sua artéria temporal esquerda.

O gigante caiu, a caixa óssea destroçada, maculando com seu cérebro agradecido o tapete da sala, no qual ficou batendo as palmas das mãos durante um minuto.

Com dez golpes de tesoura, witchûra, vestimentas e roupa de baixo, ao acaso cortadas, deixaram o peito nu – que o grave operador, com um só golpe de seu grande bisturi cirúrgico, fendeu, incontinente, de cima a baixo.

Um quarto de hora depois, quando o condestável entrou no consultório para pedir que o doutor Hallidonhill o seguisse, este, calmo, sentado diante de sua mesa, uma potente lupa na mão, inspecionava um par de enormes pulmões, geminados, estirados, sobre seu sanguinolento púlpito. O gênio da Ciência tentava, neste homem, compreender a hipermilagrosa ação agriãozística, ao mesmo tempo lubrificante e recriadora.

– Senhor condestável, disse levantando-se, julguei oportuno imolar este homem, podendo a sua autópsia imediata revelar-me um segredo salutar sobre a degenerescente árvore aérea da espécie humana: é por isso que não hesitei, eu confesso, em sacrificar aqui minha consciência... pelo meu dever.

Inútil acrescentar que o ilustre doutor foi solto sob fiança, puramente formal, sua liberdade nos sendo mais útil do que sua detenção. Esse estranho caso irá agora aos tribunais criminais britânicos. Ah! que maravilhosos argumentos de defesa a Europa lerá!

Tudo leva a crer que esse sublime atentado não valerá a seu herói a forca de New-gate, sendo os ingleses gente que compreende, assim como nós, *que o amor exclusivo pela Humanidade futura, em perfeito desprezo pelo Indivíduo presente, é, em nossos dias, o único motivo que deve inocentar, apesar de tudo, os magnânimos desmesurados da Ciência.*

AS ALUCINAÇÕES DO SR. REDOUX

Ao Senhor Rodolphe Darzens

Não é que estejamos bem, estamos contentes.
Xavier Aubryet.

Em uma noite de abril desses últimos anos, um dos mais justamente estimados cidadãos de Paris, Sr. Antoine Redoux – antigo prefeito de uma localidade do Centro –, encontrava-se em Londres, na Baker Street.

Quinquagenário jovial, corpulento, de natureza “extrovertida” – mas com espírito prático para os negócios –, esse digno chefe de família, verdadeiro exemplo social, não escapava, entretanto, mais do que os outros, quando estava só e absorto em si mesmo, da obstinação de certas alucinações que, por vezes, surgem nos cérebros dos mais ponderados industriais. Esses cérebros, no dizer dos alienistas, uma vez fora dos negócios, são mundos misteriosos, muitas vezes até bastante assustadores. Se então acontecia ao Sr. Redoux, recolhido em seu escritório, de tardar a mente em algum desses devaneios perturbadores – sobre os quais não dizia nem uma palavra a ninguém –, o “desvario”, por vezes estranho, o qual se permitia nutrir, tornava-se logo despótico e tenaz a ponto de intimá-lo a *realizá-lo*. Mestre de si, todavia, sabia dissipá-lo (com um profundo suspiro!), assim que a menor incidência da vida real vinha, com seu impacto, despertá-lo – de sorte que esses mórbidos ataques não acarretavam muitas consequências –; contudo, há muito tempo, enquanto homem circunspecto, desconfiando de semelhante “fraqueza”, precisou injungir a si o mais sóbrio regime, evitando as emoções que pudessem suscitar em seu cérebro a aparição de uma *fixação* qualquer. Bebia pouco, acima de tudo!, temeroso de ser levado, pela ebriedade, a realizar, de fato, *então*, tais dessas frivolidades súbitas pelas quais ruborizava, em segredo, no dia seguinte.

Ora, nessa noite, o Sr. Redoux tendo, sem se dar conta, jantado muito bem na casa do negociante (com o qual concluíra, à sobremesa, o vantajoso negócio, objeto de sua viagem além-Mancha), não percebeu que os insidiosos vapores do porto, do cherry, do ale e do champanhe alteravam, agora, um pouco, a lucidez suscetível de sua mente. Mesmo que fosse ainda bastante cedo, voltava ao hotel, com sua instintiva prudência, quando se sentiu, subitamente, acometido por uma brumosa chuva. E acontece que o portal para baixo do qual correu para se refugiar era o do famoso museu Tussaud – por

certo, para evitar um resfriado, em um abrigo confortável, assim como por curiosidade, para matar o tempo, o antigo prefeito da localidade do centro, tendo jogado fora seu charuto, subiu as escadas do salão de cera.

Logo na entrada da longa sala onde ficava, em uma imobilidade equívoca, a estranha reunião de personagens fictícios, com roupas disparatadas e reluzentes, a maior parte com uma coroa na cabeça, espécies de gravuras massivas da moda dos séculos, Redoux estremeceu. Um objeto apareceu para ele, bem ao fundo, sobre o patíbulo do Quarto dos Horrores e dominando toda a sala. Era o velho instrumento que, segundo documentos bastante sérios, servira, na França, outrora, para a execução do rei Luís XVI: nessa noite, somente, a Direção o havia tirado da reserva por necessitar de diversas reparações: seus alicerces, por exemplo, estavam carcomidos.

Com essa visão e tendo sido informado, pelo folheto do museu, da proveniência do aparelho, o excelente liberal-atualista sentiu-se inclinado, pelo rei-mártir, a alguma generosidade moral – graças à boa jornada que tivera. Sim, deixadas as opiniões de lado, pronto para censurar qualquer excesso, sentiu seu coração emocionar-se em favor da augusta vítima evocada por esse grave espécime das coisas da História. E como nessa natureza inteligente, firme, porém *impressionável* demais, as emoções aprofundavam-se rápido, mal deu as honras, com uma olhadela vaga e circular, à multidão variegada de ouro, seda, púrpura e pérolas, dos personagens de cera. Atingido pela impressão maior *dessa* guilhotina, divagando sobre o grande drama passado, notou, naturalmente, o pedestal no qual se erguia, em um corredor lateral, a reprodução aproximada de Shakespeare, e sentou-se ao lado, como se fosse um confrade, em um banco.

Qualquer emoção torna expansivas as naturezas exuberantes: o antigo prefeito da localidade do centro, percebendo então que um de seus vizinhos (francês, em sua opinião, e de acordo com as aparências) também parecia se recolher, voltou-se para este provável compatriota e, com um tom dolente, deixou escapar – para tatear, como se diz, o terreno – algumas ideias ternas tocantes "à impressão quase triste que causava *essa* sinistra máquina, *independentemente da opinião* que se tenha".

Mas, tendo olhado com atenção seu interlocutor, o excelente homem interrompeu-se bruscamente, um pouco vexado: acabava de constatar que falava, há dois minutos, com um desses passantes *trompe-l'œil* tão difíceis de distinguir dos outros, e que os senhores diretores dos museus de cera se permitem, por malícia, colocar sentados nas banquetas destinadas aos vivos.

Nesse momento, preveniam, em voz alta, que o museu estava para fechar. Os lustres rapidamente apagavam-se e alguns últimos curiosos, retirando-se a contragosto, lançavam olhares sumários no entorno fantasmagórico, esforçando-se para sintetizar, desse modo, seu aspecto geral.

Todavia, sua expansão interiorizada, misturada à excitação mórbida, havia transformado, com seu choque íntimo, a primeira impressão, já malsã, em um "desvario" de uma intensidade insólita – como se um sombrio cetro de bufão tivesse agitado seus guizos, de repente, em sua cabeça – e ao qual nem pensou em resistir.

"Oh!, pensava, encenar a si mesmo (sem perigo, é claro!) as terríveis sensações – terríveis! que deve ter experimentado, diante dessa prancha fatal, o bom rei Luís XVI!... Fantasiar ser ele! Ouvir de novo, na imaginação, o bater dos tambores e a frase do abade Egdeworth de Firmont! Depois, desafogar sua necessidade de generosidade moral dando-se o luxo de lamentar a morte – (mas, aí, sinceramente!... deixadas as opiniões de lado!) – desse digno pai de família, desse homem demasiado bom, demasiado generoso, desse homem, enfim, tão bem dotado de todas as qualidades que ele, Redoux, reconhecia também ter! Que nobres instantes a se vivenciar! Que doces lágrimas a derramar!... Sim, mas, para isso, era importante poder estar só, diante dessa guilhotina!... Então, em segredo, sem ser visto por ninguém, entregar-se-ia, em completa liberdade, a esse solilóquio tão *lisonjeiramente* emocionante! Como fazer?... como fazer?..."

Tal era a estranha *fixação* na qual se obstinava, transtornado pelos vapores dos vinhos da França e da Espanha, o espírito, já um pouco febril, do honorável Sr. Redoux. Ele considerava a extremidade dos montantes, cobertos, nessa noite, por um pequeno tecido que ocultava da vista a lâmina – talvez para não chocar as pessoas sensíveis demais que não aguentariam vê-la. E, como o desvario, dessa vez, *queria* ser realizado, um ardil luminoso, surgido da dificuldade em dominar-se, esclareceu subitamente os pensamentos do Sr. Redoux:

– Bravo! é isso!... murmurou. – Em seguida, com um chamado, indo bater à porta, conseguirei fazer com que a abram. Tenho meus fósforos; um bico de gás, clarão trágico! será suficiente... Direi que adormeci. Darei meio guinéu ao rapaz: valerá a pena.

A sala já estava crepuscular: um lampião brilhava sozinho no patíbulo, lá em frente – alguns operários chegando bem cedo. Lantejoulas, cristais, sedas lançavam cintilações... Mais ninguém, senão o rapaz encarregado de trancar as portas que se aproximava do corredor do Shakespeare. Voltando-se então

para o seu *vizinho*, o Sr. Redoux adotou, subitamente, uma pose imóvel; seu gesto oferecia um punhado de tabaco; seu chapéu, de abas grandes, suas mãos avermelhadas, sua figura corada, seus olhos semicerrados e fixos, as pregas da sua longa casaca, toda sua pessoa, entesada, sem mais respirar, pareceu, também, e a ponto de enganar, um falso-passante. De tal forma que, na escuridão quase total, o empregado do museu, passando perto do Sr. Redoux, ou por não ter reparado nele, ou por ter pensado que fosse alguma nova aquisição da qual a Direção ainda não o havia informado, deu-lhe, assim como ao *vizinho* taciturno, uma leve espanada e depois se afastou. No instante seguinte, as portas se fecharam. O Sr. Redoux, triunfante, podendo, enfim, realizar uma de suas alucinações, encontrava-se sozinho nas azuladas trevas, salpicadas de centelhas, do salão de cera.

Abrindo caminho, nas pontas dos pés, por meio de todos esses vagos reis e rainhas, até o patíbulo, subiu lentamente os degraus em direção à lúgubre máquina: o carcan[1] de madeira fazia face à sala toda. Redoux fechou os olhos para melhor *rememorar* a cena de outrora – e pesadas lágrimas não tardaram a rolar sobre suas bochechas! Ele pensava naquelas que foram todo o discurso de defesa do velho Malesherbes, que, encarregado de defender seu rei, não pôde fazer absolutamente nada além de cair em prantos diante da "Convenção nacional".

– Infortunado monarca, exclamou Redoux soluçando, oh! como te compreendo! como deves ter sofrido! – Mas, desde a infância, te desencaminharam! Foste vítima de uma necessidade dos tempos. Como lamento por ti, do fundo do coração! Um pai de família... compreende o outro!... Teu crime foi apenas o de ser rei... Mas, afinal, eu, EU FUI PREFEITO! (E o demasiado compassivo burguês, um pouco desvairado, acrescentava com uma voz soluçante e com um gesto de apoiar alguém): – Vamos, sire, coragem!... Somos todos mortais... Que Vossa Majestade digne-se...

Depois, olhando a prancha de madeira e fazendo-a oscilar:

– E pensar que ele se estendeu aí em cima!... murmurou o excelente homem. – Sim, éramos, mais ou menos, do mesmo tamanho, parece-me: – e ele tinha a minha corpulência.

"Está sólida ainda, está bem firme. Oh! quais foram, quais teriam sido, quero dizer, seus pensamentos supremos, uma vez deitado nesta prancha!... Em três segundos, deve ter refletido sobre... séculos!

[1] Parte da guilhotina, formada por uma barra de madeira dotada de dois semicírculos, em que se prende a cabeça do condenado. (n.t.)

“Vamos lá! O Sr. Sanson não está aqui: se eu me estendesse – apenas um pouco – para saber... para tentar experimentar... moralmente...”.

Dito isso, o digno Sr. Redoux, assumindo uma expressão resignada, quase sublime, primeiro, inclinou-se lentamente, e depois, pouco a pouco, deitou-se na convidativa tábua: a tal ponto que podia contemplar o orbe distendido pelos dois semicírculos côncavos, largamente entreabertos, do carcan.

– Aqui! Vamos ficar aqui! disse, e vamos meditar. Que angústias ele deve ter experimentado!

E enxugava os olhos, com seu lenço.

A prancha se estendia em um plano inclinado, em direção aos montantes. Redoux, para se instalar mais comodamente, deu um leve sobressalto que a fez deslizar até a borda do carcan. De tal sorte que, ainda mais esse acaso o favorecendo, o antigo prefeito encontrou-se, lentamente, com o pescoço apoiado no semicírculo inferior.

– Sim! pobre rei, eu te compreendo e lamento! resmungou o bom Sr. Redoux. E para mim é consolador pensar que uma vez aqui não sofreste por muito mais tempo!

A essas palavras, e como fazia um movimento para se levantar, escutou, em seu ouvido direito, um barulho seco e leve. Crrick! Era o semicírculo superior que, sacudido pela agitação do contribuinte, viera, deslizante também, encaixar-se, provavelmente em sua mola, aprisionando, dessa forma, a cabeça do ex-funcionário público.

O honorável Sr. Redoux, com tal sensação, mexeu-se a torto e a direito; mas em vão: a coisa fizera-se ratoeira. Suas mãos tateavam os montantes – mas, onde encontrar o segredo para se liberar?

Coisa singular, esse pequeno incidente o fez retornar à realidade, de repente. Depois, sem transição, sua face tornou-se cor de gesso e seu sangue percorreu suas artérias com uma horrível rapidez; seus olhos, ao mesmo tempo perturbados e ternos, rodavam, como sob a ação de uma vertigem e de um horror insano; agitado por um tremor, seu corpo congelado se entesava; os dentes batiam. Com efeito, perturbado pelo pesado ataque de alucinomania, persuadiu-se de que, *o Sr. Sanson não estando lá*, não havia perigo a temer. E então pensou que a sete pés acima de seu falso colarinho e encastrada em um peso de cem libras estava suspensa a lâmina; que a madeira estava corroída por traças, que as molas estavam enferrujadas e que, apalpando assim, ao acaso, ele arriscava tocar o parafuso que faz cair a coisa!

Então – sua cabeça rolaria aos pés de cera de todos os fantasmas que, agora, pareciam-lhe uma espécie de presença aprovadora; pois os reflexos do lampião, vacilando sobre todas essas figuras, vitalizavam a impassibilidade delas. Observavam-no! Essa multidão com olhos fixos parecia esperar. – "Socorro!" agonizou –; e não ousou recomeçar, pensando consigo mesmo, no excesso de seus pavores, que apenas a vibração de sua voz poderia ser suficiente para... E essa ideia fixa enrugava sua fronte lívida, repuxava suas belas e generosas bochechas; um formigamento percorreu seu crânio, pois, nesse escuro silêncio e diante da hedionda absurdidade de tal morte, seus cabelos e sua barba começavam gradualmente a embranquecer (os condenados, durante a agonia da toalete, experimentaram, muitas vezes, esse fenômeno). Os minutos envelheciam-no como dias. Com um rangido repentino da madeira, desmaiou. Ao fim de duas horas, como voltava a si, o frio sentimento da situação em que se encontrava o fez saborear um novo tipo de íntima tortura, até o momento em que o súbito ruído de um rato causou-lhe uma síncope definitiva.

Ao reabrir os olhos, encontrou-se, seminu, em uma poltrona do museu, rodeado por empregados e operários que o esfregavam com toalhas quentes e que o faziam respirar amônia, vinagre, batiam-lhe nas mãos.

– Oh!... balbuciou, com um ar desnorteado, à vista da guilhotina no patíbulo.

E um pouco recomposto, murmurou:

– Que sonho! oh! a noite – sob... a espantosa lâmina!

Depois, em algumas palavras, esboçou uma história: "Movido pela curiosidade, ele quis *ver*: a prancha deslizou, o carcan o capturou – e... desfaleceu".

– Mas o senhor, respondeu o empregado do museu – (o mesmo que o espanou na véspera) –, alarmou-se sem motivo.

– Sem motivo!!... articulou penosamente Redoux, a garganta ainda fechada.

– Sim: o carcan não tem molas e são as extremidades, ao se tocarem, que produziram o barulho; segurando-o bem, o senhor conseguiria levantá-lo – e, quanto à lâmina...

Aqui o empregado, subindo no patíbulo, retirou, com a ponta de uma vara, o tecido vazio:

– Faz dois dias que a levamos para atarraxar.

A essas palavras, o senhor Redoux, endireitando-se sobre as pernas e firmando-se, olhou boquiaberto.

Depois, entrevendo-se em um espelho, ele, dez anos envelhecido – deu, em silêncio, com lágrimas dessa vez sinceras, três guinéus a seus libertadores.

Feito isso, pegou seu chapéu e saiu do museu.

Uma vez na rua, dirigiu-se até o hotel, pegou sua mala. Na mesma noite, em Paris, foi correndo tingir cabelo e barba, voltou para casa – e nunca disse uma palavra de sua aventura.

Hoje, no alto cargo que ocupa em uma das Câmaras, não se permite mais nenhum desvio do regime que segue contra suas tendências à alucinação.

Mas o honorável *leader* não esqueceu sua noite lamentável.

Há quatro anos, aproximadamente, quando se encontrava em um salão neutro, em meio a um grupo que comentava as condolências feitas por alguns jornais pela morte de um régio exilado, um dos membros da extrema direita pronunciou subitamente as seguintes palavras excessivas – pois tudo se sabe! – olhando no branco dos olhos do ex-prefeito da localidade do centro:

– “Senhores, acreditem em mim; os reis, mesmo defuntos, têm uma maneira... por vezes bem desdenhosa... de castigar os zombeteiros que ousam conceder a si mesmos o hipócrita deleite de lamentar a morte deles!”.

A essas palavras, o honorável Sr. Redoux, enquanto homem esclarecido, sorriu – e mudou de conversa.

O HOMEM E A SERPENTE

AMBROSE BIERCE

O TEXTO: O conto "The Man and the Snake", de Ambrose Bierce, foi publicado originalmente no jornal *The San Francisco Examiner*, em 29 de junho de 1890, sendo incluído depois na coletânea *Tales of Soldiers and Civilians*, de 1891. Narra a história de um homem vitimado pela influência hipnótica de uma serpente.

Texto traduzido: Bierce, Ambrose. "The Man and the Snake." In. *Tales of Soldiers and Civilians*. Nova York: Lovell, Coryell & Company, 1891, pp. 187-199.

O AUTOR: Ambrose Bierce (1842-1913), escritor e jornalista estadunidense, nasceu em Meigs, Ohio. Devido ao seu gosto por temas considerados mórbidos, ficou conhecido como o "Maupassant do Oeste". Em suas narrativas, empregou um estilo de escrita distinto, que geralmente incluía um início abrupto, o uso de imagens sombrias e referências vagas ao tempo, de descrições limitadas ou eventos impossíveis, além do tema da guerra. Em 1913, desapareceu misteriosamente, gerando boatos sobre sua morte no México ao ir ao encalço de Pancho Villa, ou então, em Paris, abandonado em um leito de hospital. O mais provável, porém, é que tenha falecido durante a estadia no México.

A TRADUTORA: Ana Resende é doutoranda em Teoria da Literatura e Literatura Comparada, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com pesquisa sobre as obras de Arthur Machen (1863-1947) e Gastão Cruls (1888-1959). Para a (n.t.) traduziu Charles Beaumont, Shirley Jackson, Vernon Lee e Flannery O'Connor.

The Man and the Snake

*"Strong convulsions ran through his body,
making almost serpentine undulations."*

AMBROSE BIERCE

It is of veritabyll report, and attested of so many that there be nowe of wyse and learned none to gaynsaye it, that ye serpente hys eye hath a magnetick propertie that whosoe falleth into its svasion is drawn forwards in despyte of his wille, and perisheth miserabyll by ye creature hys byte.

Stretched at ease upon a sofa, in gown and slippers, Harker Brayton smiled as he read the foregoing sentence in old Morryster's "Marvells of Science." "The only marvel in the matter," he said to himself, "is that the wise and learned in Morryster's day should have believed such nonsense as is rejected by most of even the ignorant in ours."

A train of reflections followed – for Brayton was a man of thought – and he unconsciously lowered his book without altering the direction of his eyes. As soon as the volume had gone below the line of sight, something in an obscure corner of the room recalled his attention to his surroundings. What he saw, in the shadow under his bed, were two small points of light, apparently about an inch apart. They might have been reflections of the gas jet above him, in metal nail heads; he gave them but little thought and resumed his reading. A moment later something – some impulse which it did not occur to him to analyze – impelled him to lower the book again and seek for what he saw before. The points of light were still there. They seemed to have become brighter than before, shining with a greenish luster which he had not at first observed. He thought, too, that they might have moved a trifle – were somewhat nearer. They were still too much in the shadow, however, to reveal their nature and origin to an indolent attention,

and he resumed his reading. Suddenly something in the text suggested a thought which made him start and drop the book for the third time to the side of the sofa, whence, escaping from his hand, it fell sprawling to the floor, back upward. Brayton, half-risen, was staring intently into the obscurity beneath the bed, where the points of light shone with, it seemed to him, an added fire. His attention was now fully aroused, his gaze eager and imperative. It disclosed, almost directly beneath the foot rail of the bed, the coils of a large serpent – the points of light were its eyes! Its horrible head, thrust flatly forth from the innermost coil and resting upon the outermost, was directed straight toward him, the definition of the wide, brutal jaw and the idiotlike forehead serving to show the direction of its malevolent gaze. The eyes were no longer merely luminous points; they looked into his own with a meaning, a malign significance.

II.

A snake in a bedroom of a modern city dwelling of the better sort is, happily, not so common a phenomenon as to make explanation altogether needless. Harker Brayton, a bachelor of thirty-five, a scholar, idler, and something of an athlete, rich, popular, and of sound health, had returned to San Francisco from all manner of remote and unfamiliar countries. His tastes, always a trifle luxurious, had taken on an added exuberance from long privation; and the resources of even the Castle Hotel being inadequate for their perfect gratification, he had gladly accepted the hospitality of his friend, Dr. Druring, the distinguished scientist. Dr. Druring's house, a large, old-fashioned one in what was now an obscure quarter of the city, had an outer and visible aspect of reserve. It plainly would not associate with the contiguous elements of its altered environment, and appeared to have developed some of the eccentricities which come of isolation. One of these was a "wing," conspicuously irrelevant in point of architecture, and no less rebellious in the matter of purpose; for it was a combination of laboratory, menagerie, and museum. It was here that the doctor indulged the scientific side of his nature in the study of such forms of animal life as engaged his interest and comforted his taste – which, it must be confessed, ran rather to the lower forms. For one of the higher types nimbly and sweetly to recommend itself unto his gentle senses, it had at least to retain certain rudimentary characteristics allying it to such "dragons of the prime" as toads and snakes. His scientific sympathies were distinctly reptilian; he loved nature's vulgarians and described himself as the Zola of zoology. His

wife and daughters, not having the advantage to share his enlightened curiosity regarding the works and ways of our ill-starred fellow-creatures, were, with needless austerity, excluded from what he called the Snakery, and doomed to companionship with their own kind; though, to soften the rigors of their lot, he had permitted them, out of his great wealth, to outdo the reptiles in the gorgeousness of their surroundings and to shine with a superior splendor.

Architecturally, and in point of "furnishing," the Snakery had a severe simplicity befitting the humble circumstances of its occupants, many of whom, indeed, could not safely have been intrusted with the liberty which is necessary to the full enjoyment of luxury, for they had the troublesome peculiarity of being alive. In their own apartments, however, they were under as little personal restraint as was compatible with their protection from the baneful habit of swallowing one another; and, as Brayton had thoughtfully been apprised, it was more than a tradition that some of them had at divers times been found in parts of the premises where it would have embarrassed them to explain their presence. Despite the Snakery and its uncanny associations – to which, indeed, he gave little attention – Brayton found life at the Druring mansion very much to his mind.

III.

Beyond a smart shock of surprise and a shudder of mere loathing, Mr. Brayton was not greatly affected. His first thought was to ring the call bell and bring a servant; but, although the bell cord dangled within easy reach, he made no movement toward it; it had occurred to his mind that the act might subject him to the suspicion of fear, which he certainly did not feel. He was more keenly conscious of the incongruous nature of the situation than affected by its perils; it was revolting, but absurd.

The reptile was of a species with which Brayton was unfamiliar. Its length he could only conjecture; the body at the largest visible part seemed about as thick as his forearm. In what way was it dangerous, if in any way? Was it venomous? Was it a constrictor? His knowledge of nature's danger signals did not enable him to say; he had never deciphered the code.

If not dangerous, the creature was at least offensive. It was *de trop* – "matter out of place" – an impertinence. The gem was unworthy of the setting. Even the barbarous taste of our time and country, which had loaded the walls of the room with pictures, the floor with furniture, and the

furniture with bric-a-brac, had not quite fitted the place for this bit of the savage life of the jungle. Besides – insupportable thought! – the exhalations of its breath mingled with the atmosphere which he himself was breathing!

These thoughts shaped themselves with greater or less definition in Brayton's mind, and begot action. The process is what we call consideration and decision. It is thus that we are wise and unwise. It is thus that the withered leaf in an autumn breeze shows greater or less intelligence than its fellows, falling upon the land or upon the lake. The secret of human action is an open one – something contracts our muscles. Does it matter if we give to the preparatory molecular changes the name of will?

Brayton rose to his feet and prepared to back softly away from the snake, without disturbing it, if possible, and through the door. People retire so from the presence of the great, for greatness is power, and power is a menace. He knew that he could walk backward without obstruction, and find the door without error. Should the monster follow, the taste which had plastered the walls with paintings had consistently supplied a rack of murderous Oriental weapons from which he could snatch one to suit the occasion. In the meantime the snake's eyes burned with a more pitiless malevolence than ever.

Brayton lifted his right foot free of the floor to step backward. That moment he felt a strong aversion to doing so.

"I am accounted brave," he murmured; "is bravery, then, no more than pride? Because there are none to witness the shame shall I retreat?"

He was steadying himself with his right hand upon the back of a chair, his foot suspended.

"Nonsense!" he said aloud; "I am not so great a coward as to fear to seem to myself afraid."

He lifted the foot a little higher by slightly bending the knee, and thrust it sharply to the floor – an inch in front of the other! He could not think how that occurred. A trial with the left foot had the same result; it was again in advance of the right. The hand upon the chair back was grasping it; the arm was straight, reaching somewhat backward. One might have seen that he was reluctant to lose his hold. The snake's malignant head was still thrust forth from the inner coil as before, the neck level. It had not moved, but its eyes were now electric sparks, radiating an infinity of luminous needles.

The man had an ashy pallor. Again he took a step forward, and another, partly dragging the chair, which, when finally released, fell upon the floor

with a crash. The man groaned; the snake made neither sound nor motion, but its eyes were two dazzling suns. The reptile itself was wholly concealed by them. They gave off enlarging rings of rich and vivid colors, which at their greatest expansion successively vanished like soap bubbles; they seemed to approach his very face, and anon were an immeasurable distance away. He heard, somewhere, the continual throbbing of a great drum, with desultory bursts of far music, inconceivably sweet, like the tones of an aeolian harp. He knew it for the sunrise melody of Memnon's statue, and thought he stood in the Nileside reeds, hearing, with exalted sense, that immortal anthem through the silence of the centuries.

The music ceased; rather, it became by insensible degrees the distant roll of a retreating thunderstorm. A landscape, glittering with sun and rain, stretched before him, arched with a vivid rainbow, framing in its giant curve a hundred visible cities. In the middle distance a vast serpent, wearing a crown, reared its head out of its voluminous convolutions and looked at him with his dead mother's eyes. Suddenly this enchanting landscape seemed to rise swiftly upward, like the drop scene at a theater, and vanished in a blank. Something struck him a hard blow upon the face and breast. He had fallen to the floor; the blood ran from his broken nose and his bruised lips. For a moment he was dazed and stunned, and lay with closed eyes, his face against the door. In a few moments he had recovered, and then realized that his fall, by withdrawing his eyes, had broken the spell which held him. He felt that now, by keeping his gaze averted, he would be able to retreat. But the thought of the serpent within a few feet of his head, yet unseen – perhaps in the very act of springing upon him and throwing its coils about his throat – was too horrible. He lifted his head, stared again into those baleful eyes, and was again in bondage.

The snake had not moved, and appeared somewhat to have lost its power upon the imagination; the gorgeous illusions of a few moments before were not repeated. Beneath that flat and brainless brow its black, beady eyes simply glittered, as at first, with an expression unspeakably malignant. It was as if the creature, knowing its triumph assured, had determined to practice no more alluring wiles.

Now ensued a fearful scene. The man, prone upon the floor, within a yard of his enemy, raised the upper part of his body upon his elbows, his head thrown back, his legs extended to their full length. His face was white between its gouts of blood; his eyes were strained open to their uttermost expansion. There was froth upon his lips; it dropped off in flakes. Strong convulsions ran through his body, making almost serpentine undulations.

He bent himself at the waist, shifting his legs from side to side. And every movement left him a little nearer to the snake. He thrust his hands forward to brace himself back, yet constantly advanced upon his elbows.

IV.

Dr. Druring and his wife sat in the library. The scientist was in rare good humor.

"I have just obtained, by exchange with another collector," he said, "a splendid specimen of the *ophiophagus*."

"And what may that be?" the lady inquired with a somewhat languid interest.

"Why, bless my soul, what profound ignorance! My dear, a man who ascertains after marriage that his wife does not know Greek, is entitled to a divorce. The *ophiophagus* is a snake which eats other snakes."

"I hope it will eat all yours," she said, absently shifting the lamp. "But how does it get the other snakes? By charming them, I suppose."

"That is just like you, dear," said the doctor, with an affectation of petulance. "You know how irritating to me is any allusion to that vulgar superstition about the snake's power of fascination."

The conversation was interrupted by a mighty cry which rang through the silent house like the voice of a demon shouting in a tomb. Again and yet again it sounded, with terrible distinctness. They sprang to their feet, the man confused, the lady pale and speechless with fright. Almost before the echoes of the last cry had died away the doctor was out of the room, springing up the staircase two steps at a time. In the corridor, in front of Brayton's chamber, he met some servants who had come from the upper floor. Together they rushed at the door without knocking. It was unfastened, and gave way. Brayton lay upon his stomach on the floor, dead. His head and arms were partly concealed under the foot rail of the bed. They pulled the body away, turning it upon the back. The face was daubed with blood and froth, the eyes were wide open, staring – a dreadful sight!

"Died in a fit," said the scientist, bending his knee and placing his hand upon the heart. While in that position he happened to glance under the bed. "Good God!" he added; "how did this thing get in here?"

He reached under the bed, pulled out the snake, and flung it, still coiled, to the center of the room, whence, with a harsh, shuffling sound, it slid

across the polished floor till stopped by the wall, where it lay without motion. It was a stuffed snake; its eyes were two shoe buttons.

O HOMEM E A SERPENTE

"Fortes convulsões percorreram-lhe o corpo,
criando ondulações praticamente serpentinas."

AMBROSE BIERCE

E isto é o que se conta, e tantos são os testemunhos que o sábio ou o esclarecido não podiam contradizê-los, que os olhos da Serpente têm propriedades magnéticas, de modo que, todo aquele que se encontra sob seu encanto, é atraído, a despeito da própria Vontade, & perece miseravelmente devido à mordida da Criatura.

I.

Recostado confortavelmente no sofá, de camisolão e pantufas, Harker Brayton sorriu ao ler a frase na antiga obra de Morryster, *Maravilhas da ciência*. "A única maravilha em questão", falou com seus botões, "é que os sábios e esclarecidos da época de Morryster acreditassem em uma bobagem dessas, que até os mais ignorantes de nossa época refutariam".

Seguiu-se uma série de considerações – já que Brayton era um homem de ideias –, e, sem se dar conta, ele baixou o livro, mantendo a direção de seu olhar. Assim que o exemplar ficou abaixo da altura dos olhos, alguma coisa, em um canto escuro do cômodo, chamou sua atenção para o entorno. O que ele viu, na obscuridade debaixo da cama, foram dois pequenos pontos de luz, aparentemente a poucos centímetros um do outro. Talvez fossem reflexos do lampião de gás, acima dele, nas cabeças de pregos de metal. Ele não pensou muito nisso e voltou à leitura. Um minuto depois, alguma coisa – um tipo de impulso que não lhe ocorreu analisar – o impeliu a baixar o livro mais uma vez e procurar o que ele tinha visto antes. Os pontos de luz ainda estavam lá. Pareciam ainda mais luminosos, reluzindo com um brilho esverdeado que não observara da primeira vez. E também lhe ocorreu que talvez tivessem se

movido um pouco, e que, de alguma forma, estivessem mais próximos. Porém, eles ainda estavam demasiado na sombra para revelar sua natureza e origem a uma atenção indolente, e ele voltou a ler. De repente, alguma coisa no texto sugeriu um pensamento que lhe causou um sobressalto e ele baixou o livro pela terceira vez, pousando-o no braço do sofá, de onde, escapando-lhe da mão, caiu no soalho, estatelando-se, virado para baixo. Erguendo-se um pouco, Brayton fitou a obscuridade debaixo da cama, onde os pontos de luz irradiavam, ao que lhe parecia, com mais intensidade ainda. Agora sua atenção fora totalmente despertada, e seu olhar era ávido e imperativo. E revelou, praticamente bem embaixo da pezeira da cama, as espirais de uma imensa serpente – os pontos de luz eram seus olhos! A horrível cabeça projetava-se horizontalmente do anel mais interno e, pousada sobre o mais externo, voltava-se diretamente para ele. O contorno da mandíbula brutal, imensa, e a testa estúpida indicavam a direção do olhar malevolente. Os olhos não eram mais meros pontos luminosos; fixavam os dele com um propósito, um sentido maligno.

II.

Encontrar uma serpente no quarto de uma habitação moderna e refinada felizmente não é um fenômeno tão comum a ponto de tornar sua explicação desnecessária. Harker Brayton, um solteirão de 35 anos, culto, ocioso, com um tipo atlético, rico, popular, gozando de boa saúde, retornara a São Francisco, após viajar por toda sorte de países remotos e desconhecidos. Seus gostos, sempre um tanto extravagantes, exacerbaram-se após a longa privação, e como os recursos do Castle Hotel pareceram inadequados à sua plena satisfação, ele aceitara com gosto a hospitalidade de um seu amigo, notório cientista, o Dr. Druring. A casa do cientista, uma dessas residências imensas e antiquadas no que era agora um obscuro quarteirão da cidade, tinha um aspecto exterior e visível de reserva. Evidentemente não poderia ser associada aos elementos contíguos dos arredores modificados, e parecia ter desenvolvido algumas excentricidades em consequência de seu isolamento. Uma delas era uma “ala”, irrelevante do ponto de vista arquitetônico e não menos desafiadora quanto à sua finalidade, já que se tratava de uma combinação de laboratório, zoológico e museu. Era aí que o doutor saciava o lado científico de sua natureza no estudo das formas da vida animal que despertavam seu interesse e consolavam seu gosto – que, a bem da verdade, voltava-se às espécies inferiores. Para que um dos tipos superiores com agilidade e doçura captasse seus delicados sentidos, deveria manter ao menos certas carac-

terísticas rudimentares que o vinculasse aos "dragões da aurora", como sapos e cobras. Suas simpatias científicas eram nitidamente reptilianas. Ele adorava os plebeus da natureza e descrevia a si mesmo como o "Zola da zoologia". A mulher e as filhas, que, para sua desgraça, não compartilhavam dessa curiosidade esclarecida em relação aos trabalhos e maneiras de nossos desafortunados semelhantes, eram excluídas, com desnecessária austeridade, do que ele chamava o Serpentário, e estavam condenadas à companhia dos de sua própria espécie, ainda que, para amenizar os rigores de sua sorte, permitisse que elas, graças à imensa fortuna, superassem os répteis na beleza de seu entorno e brilhassem com um esplendor em tudo superior.

Do ponto de vista arquitetônico e "mobiliário", o Serpentário tinha uma simplicidade grave que se adequava à condição humilde de seus ocupantes, muitos dos quais, na verdade, não poderiam ter sido agraciados de forma segura com a liberdade necessária para o pleno gozo do luxo, já que tinham a incômoda peculiaridade de estarem vivos. Em seus próprios aposentos, porém, não sofriam nenhum tipo de restrição pessoal, por assim dizer, salvo aquela que os protegia do pernicioso hábito de morderem uns aos outros. E, como Brayton fora informado judiciosamente, era mais do que uma tradição que algum deles, em momentos diversos, fosse encontrado em partes das instalações onde explicar sua presença causaria constrangimento. Apesar do Serpentário e de suas estranhas associações (às quais, na verdade, deu pouca atenção), Brayton achava muito agradável a vida na mansão Druring.

III.

Além de um vivo choque de surpresa e de um calafrio de repulsa, o sr. Brayton não foi grandemente afetado. O primeiro pensamento que lhe ocorreu foi tocar a campainha, chamando um criado. No entanto, embora a corda da campainha balançasse bem ao seu alcance, ele não se moveu em sua direção. Veio-lhe à mente a ideia de que tal ato poderia submetê-lo à suspeita de medo, que certamente não sentia. Ele estava mais agudamente consciente da natureza inusitada da situação do que ameaçado por seus perigos. Era repulsiva, mas absurda.

O réptil era de uma espécie com a qual Brayton não estava familiarizado. E ele apenas podia conjecturar seu comprimento; na parte visível mais larga, o corpo parecia tão grosso quanto seu antebraço. De que maneira era perigoso, se é que o era? Era venenoso? Era um constritor? Seu conhecimento dos sinais de perigo da natureza não lhe permitiam dizer. Ele nunca havia decifrado seu código.

Se a criatura não era daninha, ao menos, era repulsiva. Era *de trop* – "estava fora do lugar" –, uma impertinência. A gema não estava à altura do engaste. Nem o gosto bárbaro de nosso tempo e país, que enchera as paredes dos cômodos com quadros; o soalho, com móveis, e a mobília com bricabraques, tinha lugar para este traço de vida selvagem da floresta. Além do mais – e que ideia insuportável! –, as exalações de sua respiração misturavam-se ao ar que ele mesmo respirava.

Esses pensamentos se formaram na mente de Brayton com maior ou menor definição e motivaram uma ação. O procedimento é o que chamamos de consideração e decisão. E é por isso que nós somos prudentes ou imprudentes. E é assim que a folha murcha na brisa de outono demonstra mais ou menos inteligência que seus semelhantes ao cair sobre a terra ou no lago. O segredo da ação humana é conhecido: alguma coisa contrai nossos músculos. Faz diferença se chamamos vontade às alterações moleculares preparatórias?

Brayton se pôs de pé, pronto a afastar-se lentamente da serpente, sem perturbá-la, se possível, na direção da porta. As pessoas se retiram assim da presença dos grandes, já que grandeza é poder, e poder é uma ameaça. Ele sabia que poderia andar para trás sem esbarrar em nada e encontrar a saída sem erro. Caso a criatura monstruosa o seguisse, o gosto que emboçara as paredes com pinturas proporcionara, da mesma forma, uma grande quantidade de armas mortais do Oriente; e ele poderia arrebatar uma delas, adequada à ocasião. Nesse meio-tempo, os olhos da serpente arderam com mais malevolência e crueldade do que antes.

Brayton ergueu o pé direito do soalho para dar um passo para trás. Nesse momento, sentiu uma forte aversão.

– Se sou considerado corajoso – murmurou ele –, então a coragem não passa de orgulho? Recuarei, já que não há ninguém para testemunhar o meu constrangimento?

Com o pé erguido, ele se equilibrava com a mão direita sobre o encosto de uma cadeira.

– Bobagem! – falou em voz alta. – Não sou um covarde tão grande assim para ter medo de parecer medroso para mim mesmo.

Ele ergueu um pouco mais o pé, dobrando levemente o joelho, e plantou-o bruscamente no soalho – um centímetro à frente do outro! Não podia imaginar como isso ocorreu. Uma tentativa com o pé esquerdo obteve o mesmo resultado. Mais uma vez, ele estava à frente do direito. A mão sobre o encosto da cadeira a apertava. O braço estava esticado, ligeiramente virado

para trás. Alguém que o visse perceberia que ele relutava em soltar. A cabeça maligna da serpente ainda se erguia da espiral interna como antes, com o pescoço reto. Ela não se movera, mas seus olhos eram agora como fagulhas elétricas, irradiando uma infinidade de agulhas luminosas.

O homem adquirira uma palidez acinzentada. Mais uma vez, deu um passo adiante e mais outro, arrastando parcialmente a cadeira que, após ser finalmente liberada, caiu com estrépito no soalho. Ele gemeu; a serpente não emitira som nem se movera, mas seus olhos eram como dois sóis ofuscantes. O próprio réptil era totalmente ocultado por eles, que emitiam anéis cada vez maiores, de cores fortes e vívidas, e que, ao se expandirem ao máximo, desapareciam sucessivamente feito bolhas de sabão. Parecia que se aproximavam de seu rosto e pouco depois estavam a uma distância incalculável. Em alguma parte, ele ouviu o bater contínuo de um grande tambor, com as irrupções intermitentes de música distante, inconcebivelmente doce, como os sons de uma harpa eólica. Reconheceu a melodia do sol nascente da estátua de Mênon, e pensou que estivesse em meio aos juncos da beira do Nilo, ouvindo, com sentido exaltado, ao hino imortal através do silêncio dos séculos.

A música cessou; antes, tornou-se, em graus imperceptíveis, o ribombar distante dos trovões de uma tormenta que se extinguia. Uma paisagem, reluzindo com sol e chuva, estendeu-se diante dele, arqueada com um arco-íris vívido, que emoldurava, em sua curva gigante, uma centena de cidades visíveis. A meia distância, uma imensa serpente, usando uma coroa, erguia a cabeça acima de suas volumosas convoluções e o encarava com os olhos de sua falecida mãe. Subitamente a paisagem encantadora pareceu erguer-se rapidamente, como a cortina em um teatro, e desapareceu no vazio. Alguma coisa o atingiu com um forte golpe no rosto e no peito. Ele caíra no chão, e o sangue escorria de seu nariz quebrado e dos lábios machucados. Por um momento, atordoado e aturdido, ele ficou deitado, de olhos fechados, com o rosto contra a porta. Alguns instantes depois, já tinha se recuperado e então compreendeu que a queda, ao desviar-lhe a vista, rompera o feitiço que o prendia. Agora ele sentia que, mantendo os olhos afastados, era capaz de retirar-se. Mas a ideia da serpente a poucos passos de sua cabeça, ainda que ele não a visse – e que talvez estivesse no ato mesmo de se lançar sobre ele e jogar as espirais ao redor de seu pescoço –, era horrível demais. Ele levantou a cabeça, encarou novamente aqueles olhos sinistros e mais uma vez ficou sob seu controle.

A serpente não se movera, e parecia que, de alguma forma, havia perdido o poder sobre sua imaginação. Já não se repetiam as ilusões magníficas de poucos minutos atrás. Debaixo da sobrancelha reta e estúpida, os olhos

pretos, semelhantes a contas, simplesmente reluziram, como da primeira vez, com uma expressão de indizível malignidade. Era como se a criatura, sabendo de seu iminente triunfo, estivesse determinada a não praticar mais artimanhas sedutoras.

Agora se seguiu uma cena horrorífica. O homem, prostrado no chão, a um metro da inimiga, ergueu o tronco, apoiando-se nos cotovelos, com a cabeça para trás e as pernas totalmente esticadas. Seu rosto estava branco entre as gotas de sangue; seus olhos, repuxados e abertos ao máximo. A espuma sobre os lábios caía em flocos. Fortes convulsões percorreram-lhe o corpo, criando ondulações praticamente serpentinas. Ele se dobrou sobre a barriga, movendo as pernas de um lado a outro. E cada movimento o aproximava um pouco mais da serpente. Ele jogou as mãos para frente, apoiando-se para manter a posição, mas avançou sobre os cotovelos de modo constante.

IV.

O Dr. Druring e a esposa estavam sentados na biblioteca, e o cientista estava de raro bom humor.

– Acabo de conseguir um esplêndido espécime de *ophiophagus* – falou ele –, em uma troca com outro colecionador.

– E o que é que isso pode ser? – quis saber a mulher sem muito interesse.

– Ora, que Deus me perdoe, que profunda ignorância! Querida, um homem que descobre após o casamento que a esposa não sabe grego tem direito ao divórcio. A *ophiofagus* é uma serpente que come outras serpentes.

– Espero que coma todas as suas – retrucou ela, distraidamente movendo o lampião. – Mas como ela captura as outras serpentes? Encantando-as, suponho.

– Isso é bem típico, querida – falou o doutor, com certa petulância. – Você sabe como me irrita qualquer alusão a essa superstição vulgar sobre o poder de fascinação das serpentes.

A conversa foi interrompida por um alarido muito alto que soou através da casa silenciosa como a voz de um demônio gritando em uma sepultura. Repetidas vezes o grito ressoou, com terrível clareza. De um salto, ambos ficaram de pé; o homem, confuso, a mulher, pálida e muda de pavor. Antes mesmo que os ecos do último aulido tivessem morrido, o doutor já havia saído do cômodo, subindo de dois em dois os degraus da escada. No corredor, diante dos aposentos de Brayton, se deparou com alguns criados que

vieram do andar de cima. Juntos, lançaram-se sobre a porta sem bater. Estava destrancada e cedeu. Brayton jazia morto, de barriga para baixo, no chão. A cabeça e os braços estavam parcialmente ocultos debaixo da pezeira da cama. Puxaram o corpo, virando-o de costas. O rosto estava coberto com sangue e espuma, os olhos estavam arregalados e fixos, fitando uma visão pavorosa!

– Morreu de ataque cardíaco – concluiu o cientista, ajoelhando-se e colocando a mão sobre o coração do outro. Nessa posição, ele casualmente olhou debaixo da cama. – Meu Deus! – emendou –, como é que essa coisa foi parar aqui?

Tateou debaixo da cama e pegou a serpente, lançando-a, ainda enrolada, no centro do cômodo, de onde, com um som desagradável, de algo arrastando, ela deslizou pelo soalho encerado até parar junto à parede, aí permanecendo imóvel. Era uma serpente empalhada. No lugar dos olhos, viamse duas contas de vidro.

PRODUÇÃO LITERÁRIA

LOUISA MAY ALCOTT

O TEXTO: Os diários e as cartas de Louisa May Alcott foram compilados em *Her Life, Letters, and Journals*, livro publicado em 1889, um ano após a sua morte. Esta tradução apresenta trechos do capítulo V da obra, intitulado "Authorship" ("Produção literária"), escritos entre 1855 e 1859, período em que a autora vendeu e publicou suas primeiras histórias. São, por vezes, acompanhados de pequenas observações adicionadas por Alcott *a posteriori*, entre colchetes. Escritos quase uma década antes de *Little Women* (1868), a leitura dos diários oferece uma valiosa amostra de duas dimensões do mundo de Alcott: as referências ao debate social em torno da abolição da escravidão nos anos que precederam a Guerra de Secessão nos Estados Unidos e as cenas e eventos familiares que mais tarde seriam transpostos para as páginas de *Little Women*.

Texto traduzido: Alcott, L. M. "Chapter V: Authorship". In. *Louisa May Alcott, Her Life, Letters, and Journals*. Cheney, Ednah D. (Ed.). Boston: Little, Brown and Company, 1898, pp. 79-105.

A AUTORA: Louisa May Alcott (1832-1888), escritora estadunidense, nasceu em Germantown, Pensilvânia. Filha de um educador e de uma assistente social, cresceu em um ambiente familiar que estimulava a formação educacional. Antes de se dedicar inteiramente à literatura, trabalhou como empregada doméstica, costureira e professora, escrevendo nos tempos restantes. Abolicionista, atuou como enfermeira durante a Guerra de Secessão. Aos vinte anos de idade, começou a publicar as primeiras histórias, incluindo infanto-juvenis, e a escrever os primeiros romances, até a publicação de seu célebre romance semiautobiográfico *Little Women*, em 1868.

A TRADUTORA: Rita Paschoalin é tradutora e legendadora, graduada em Letras pela UFCG e doutoranda em Estudos da Tradução pela UFSC.

Contato: rita.paschoalin@gmail.com

AUTHORSHIP

CHAPTER V.

"I feel as if I could write better now, of things I have felt and therefore know."

LOUISA MAY ALCOTT

Journal.

Twenty-two Years Old.

PINCKNEY STREET, BOSTON, *Jan.* 1, 1855.–The principal event of the winter is the appearance of my book "Flower Fables." An edition of sixteen hundred. It has sold very well, and people seem to like it. I feel quite proud that the little tales that I wrote for Ellen E. when I was sixteen should now bring money and fame.

I will put in some of the notices as "varieties." Mothers are always foolish over their first-born.

Miss Wealthy Stevens paid for the book, and I received $32.

[A pleasing contrast to the receipts of six months only in 1886, being $8000 for the sale of books, and no new one; but I was prouder over the $32 than the $8000.–L. M. A., 1886.]

April, 1855.–I am in the garret with my papers round me, and a pile of apples to eat while I write my journal, plan stories, and enjoy the patter of rain on the roof, in peace and quiet.

[Jo in the garret.–L. M. A.]

Being behindhand, as usual, I'll make note of the main events up to date, for I don't waste ink in poetry and pages of rubbish now. I've begun to *live*, and have no time for sentimental musing.

In October I began my school; Father talked, Mother looked after her boarders, and tried to help everybody. Anna was in Syracuse teaching Mrs. S–'s children.

My book came out; and people began to think that topsey-turvey Louisa would amount to something after all, since she could do so well as housemaid, teacher, seamstress, and story-teller. Perhaps she may.

In February I wrote a story for which C. paid $5, and asked for more.

In March I wrote a farce for W. Warren, and Dr. W. offered it to him; but W. W. was too busy.

Also began another tale, but found little time to work on it, with school, sewing, and house-work. My winter's earnings are,–

School, one quarter	$50
Sewing	$50
Stories	$20

if I am ever paid.

A busy and a pleasant winter, because, though hard at times, I do seem to be getting on a little; and that encourages me.

Have heard Lowell and Hedge lecture, acted in plays, and thanks to our rag-money and good cousin H., have been to the theatre several times,–always my great joy.

Summer plans are yet unsettled. Father wants to go to England: not a wise idea, I think. We shall probably stay here, and A. and I go into the country as governesses. It's a queer way to live, but dramatic, and I rather like it; for we never know what is to come next. We are real "Micawbers," and always "ready for a spring."

I have planned another Christmas book, and hope to be able to write it.

1855.–Cousin L. W. asks me to pass the summer at Walpole with her. If I can get no teaching, I shall go; for I long for the hills, and can write my fairy tales there.

I delivered my burlesque lecture on "Woman, and Her Position; by Oronthy Bluggage," last evening at Deacon G.'s. Had a merry time, and was asked by Mr. W. to do it at H. for money. Read "Hamlet" at our club,–my favorite play. Saw Mrs. W. H. Smith about the farce; says she will do it at her benefit.

May.–Father went to C. to talk with Mr. Emerson about the England trip. I am to go to Walpole. I have made my own gowns, and had money enough to fit up the girls. So glad to be independent.

[I wonder if $40 fitted up the whole family. Perhaps so, as my wardrobe was made up of old clothes from cousins and friends.–L. M. A.]

WALPOLE, N. H., *June, 1855.*–Pleasant journey and a kind welcome. Lovely place, high among the hills. So glad to run and skip in the woods and up the splendid ravine. Shall write here, I know.

Helped cousin L. in her garden; and the smell of the fresh earth and the touch of green leaves did me good.

Mr. T. came and praised my first book, so I felt much inspired to go and do another. I remember him at Scituate years ago, when he was a young ship-builder and I a curly-haired hoyden of five or six.

Up at five, and had a lovely run in the ravine, seeing the woods wake. Planned a little tale which ought to be fresh and true, as it came at that hour and place,–"King Goldenrod." Have lively days,–writing in A.M., driving in P.M., and fun in eve. My visit is doing me much good.

July, 1855.–Read "Hyperion." On the 16th the family came to live in Mr. W.'s house rent free. No better plan offered, and we were all tired of the city. Here Father can have a garden; Mother can rest and be near her good niece; the children have freedom and fine air; and A. and I can go from here to our teaching, wherever it may be.

Busy and happy times as we settle in the little house in the lane near by my dear ravine,–plays, picnics, pleasant people, and good neighbors. Fanny Kemble came up, Mrs. Kirkland and others, and Dr. Bellows is the gayest of the gay. We acted the "Jacobite," "Rivals," and "Bonnycastles," to an audience of a hundred, and were noticed in the Boston papers. H. T. was our manager, and Dr. B., D. D., our dramatic director. Anna was the star, her acting being really very fine. I did "Mrs. Malaprop," "Widow Pottle," and the old ladies.

Finished fairy book in September. Anna had an offer from Dr. Wilbur of Syracuse to teach at the great idiot asylum. She disliked it, but decided to go. Poor dear! so beauty-loving, timid, and tender. It is a hard trial; but she is so self-sacrificing she tries to like it because it is duty.

October.–A. to Syracuse. May illustrated my book, and tales called "Christmas Elves." Better than "Flower Fables." Now I must try to sell it.

[Innocent Louisa, to think that a Christmas book could be sold in October.–L. M. A.]

November.–Decided to seek my fortune; so, with my little trunk of home-made clothes, $20 earned by stories sent to the "Gazette," and my MSS., I set forth with Mother's blessing one rainy day in the dullest month in the year.

[My birth-month; always to be a memorable one.–L. M. A.]

Found it too late to do anything with the book, so put it away and tried for teaching, sewing, or any honest work. Won't go home to sit idle while I have a head and pair of hands.

December.–H. and L. W. very kind, and my dear cousins the Sewalls take me in. I sew for Mollie and others, and write stories. C. gave me books to notice. Heard Thackeray. Anxious times; Anna very home-sick. Walpole very cold and dull now the summer butterflies have gone. Got $5 for a tale and $12 for sewing; sent home a Christmas-box to cheer the dear souls in the snow-banks.

January, 1856.–C. paid $6 for "A Sister's Trial," gave me more books to notice, and wants more tales.

[Should think he would at that price.–L. M. A.]

Sewed for L. W. Sewall and others. Mr. J. M. Field took my farce to Mobile to bring out; Mr. Barry of the Boston Theatre has the play.

Heard Curtis lecture. Began a book for summer,–"Beach Bubbles." Mr. F. of the "Courier" printed a poem of mine on "Little Nell." Got $10 for "Bertha," and saw great yellow placards stuck up announcing it. Acted at the W.'s.

March.–Got $10 for "Genevieve." Prices go up, as people like the tales and ask who wrote them. Finished "Twelve Bubbles." Sewed a great deal, and got very tired; one job for Mr. G. of a dozen pillow-cases, one dozen sheets, six fine cambric neckties, and two dozen handkerchiefs, at which I had to work all one night to get them done, as they were a gift to him. I got only $4.

Sewing won't make my fortune; but I can plan my stories while I work, and then scribble 'em down on Sundays.

Poem on "Little Paul;" Curtis's lecture on "Dickens" made it go well. Hear Emerson on "England."

May.–Anna came on her way home, sick and worn out; the work was too much for her. We had some happy days visiting about. Could not dispose

of B. B. in book form, but C. took them for his paper. Mr. Field died, so the farce fell through there. Altered the play for Mrs. Barrow to bring out next winter.

June, 1856.–Home, to find dear Betty very ill with scarlet-fever caught from some poor children Mother nursed when they fell sick, living over a cellar where pigs had been kept. The landlord (a deacon) would not clean the place till Mother threatened to sue him for allowing a nuisance. Too late to save two of the poor babies or Lizzie and May from the fever.

[L. never recovered, but died of it two years later.–L. M. A.]

An anxious time. I nursed, did house-work, and wrote a story a month through the summer.

Dr. Bellows and Father had Sunday eve conversations.

October.–Pleasant letters from Father, who went on a tour to N. Y., Philadelphia, and Boston.

Made plans to go to Boston for the winter, as there is nothing to do here, and there I can support myself and help the family. C. offers 10 dollars a month, and perhaps more. L. W., M. S., and others, have plenty of sewing; the play *may* come out, and Mrs. R. will give me a sky-parlor for $3 a week, with fire and board. I sew for her also.

If I can get A. L. to governess I shall be all right.

I was born with a boy's spirit under my bib and tucker. I *can't wait* when I *can work*; so I took my little talent in my hand and forced the world again, braver than before and wiser for my failures.

[Jo in N. Y.–L. M. A.]

I don't often pray in words; but when I set out that day with all my worldly goods in the little old trunk, my own earnings ($25) in my pocket, and much hope and resolution in my soul, my heart was very full, and I said to the Lord, "Help us all, and keep us for one another," as I never said it before, while I looked back at the dear faces watching me, so full of love and hope and faith.

Journal.

BOSTON, *November, 1856. Mrs. David Reed's.*–I find my little room up in the attic very cosey, and a house full of boarders very amusing to study. Mrs. Reed very kind. Fly round and take C. his stories. Go to see Mrs. L. about A. Don't want me. A blow, but I cheer up and hunt for sewing. Go

to hear Parker, and he does me good. Asks me to come Sunday evenings to his house. I did go there, and met Phillips, Garrison, Hedge, and other great men, and sit in my corner weekly, staring and enjoying myself.

When I went Mr. Parker said, "God bless you, Louisa; come again;" and the grasp of his hand gave me courage to face another anxious week.

November 3d.–Wrote all the morning. In the P.M. went to see the Sumner reception as he comes home after the Brooks affair. I saw him pass up Beacon Street, pale and feeble, but smiling and bowing. I rushed to Hancock Street, and was in time to see him bring his proud old mother to the window when the crowd gave three cheers for her. I cheered too, and was very much excited. Mr. Parker met him somewhere before the ceremony began, and the above P. cheered like a boy; and Sumner laughed and nodded as his friend pranced and shouted, bareheaded and beaming.

My kind cousin, L. W., got tickets for a course of lectures on "Italian Literature," and seeing my old cloak sent me a new one, with other needful and pretty things such as girls love to have. I shall never forget how kind she has always been to me.

November 5th.–Went with H. W. to see Manager Barry about the everlasting play which is always coming out but never comes. We went all over the great new theatre, and I danced a jig on the immense stage. Mr. B. was very kind, and gave me a pass to come whenever I liked. This was such richness I didn't care if the play was burnt on the spot, and went home full of joy. In the eve I saw La Grange as Norma, and felt as if I knew all about that place. Quite stage-struck, and imagined myself in her place, with white robes and oak-leaf crown.

November 6th.–Sewed happily on my job of twelve sheets for H. W., and put lots of good will into the work after his kindness to me.

Walked to Roxbury to see cousin Dr. W. about the play and tell the fine news. Rode home in the new cars, and found them very nice.

In the eve went to teach at Warren Street Chapel Charity School. I'll help as I am helped, if I can. Mother says no one so poor he can't do a little for some one poorer yet.

Sunday.–Heard Parker on "Individuality of Character," and liked it much. In the eve I went to his house. Mrs. Howe was there, and Sumner and others. I sat in my usual corner, but Mr. P. came up and said, in that cordial way of his, "Well, child, how goes it?" "Pretty well, sir." "That's brave;" and with his warm hand-shake he went on, leaving me both proud and happy,

though I have my trials. He is like a great fire where all can come and be warmed and comforted. Bless him!

Had a talk at tea about him, and fought for him when W. R. said he was not a Christian. He is my *sort*; for though he may lack reverence for other people's God, he works bravely for his own, and turns his back on no one who needs help, as some of the pious do.

Monday, 14th.–May came full of expectation and joy to visit good aunt B. and study drawing. We walked about and had a good home talk, then my girl went off to Auntie's to begin what I hope will be a pleasant and profitable winter. She needs help to develop her talent, and I can't give it to her.

Went to see Forrest as Othello. It is funny to see how attentive all the once cool gentlemen are to Miss Alcott now she has a pass to the new theatre.

November 29th.–My birthday. Felt forlorn so far from home. Wrote all day. Seem to be getting on slowly, so should be contented. To a little party at the B.'s in the eve. May looked very pretty, and seemed to be a favorite. The boys teased me about being an authoress, and I said I'd be famous yet. Will if I can, but something else may be better for me.

Found a pretty pin from Father and a nice letter when I got home. Mr. H. brought them with letters from Mother and Betty, so I went to bed happy.

December.–Busy with Christmas and New Year's tales. Heard a good lecture by E. P. Whipple on "Courage." Thought I needed it, being rather tired of living like a spider;–spinning my brains out for money.

Wrote a story, "The Cross on the Church Tower," suggested by the tower before my window.

Called on Mrs. L., and she asked me to come and teach A. for three hours each day. Just what I wanted; and the children's welcome was very pretty and comforting to "Our Olly," as they call me.

Now board is all safe, and something over for home, if stories and sewing fail. I don't do much, but can send little comforts to Mother and Betty, and keep May neat.

December 18th.–Begin with A. L., in Beacon Street. I taught C. when we lived in High Street, A. in Pinckney Street, and now Al.; so I seem to be an institution and a success, since I can start the boy, teach one girl, and take care of the little invalid. It is hard work, but I can do it; and am glad to sit in a large, fine room part of each day, after my sky-parlor, which has no-

thing pretty in it, and only the gray tower and blue sky outside as I sit at the window writing. I love luxury, but freedom and independence better.

[…]

Journal.

Twenty-four Years Old.

January, 1857.–Had my first new silk dress from good little L. W.,–very fine; and I felt as if all the Hancocks and Quincys beheld me as I went to two parties in it on New Year's eve.

A busy, happy month,–taught, wrote, sewed, read aloud to the "little mother," and went often to the theatre; heard good lectures; and enjoyed my Parker evenings very much.

Father came to see me on his way home; little money; had had a good time, and was asked to come again. Why don't rich people who enjoy his talk pay for it? Philosophers are always poor, and too modest to pass round their own hats.

Sent by him a good bundle to the poor Forlornites among the ten-foot drifts in W.

February.–Ran home as a valentine on the 14th.

March.–Have several irons in the fire now, and try to keep 'em all hot.

April.–May did a crayon head of Mother with Mrs. Murdock; very good likeness. All of us as proud as peacocks of our "little Raphael."

Heard Mrs. Butler read; very fine.

May.–Left the L.'s with my thirty-three dollars, glad to rest. May went home with her picture, happy in her winter's work and success.

Father had three talks at W. F. Channing's. Good company,–Emerson, Mrs. Howe, and the rest.

Saw young Booth in Brutus, and liked him better than his father; went about and rested after my labors; glad to be with Father, who enjoyed Boston and friends.

Home on the 10th, passing Sunday at the Emerson's. I have done what I planned,–supported myself, written eight stories, taught four months, earned a hundred dollars, and sent money home.

June.–All happy together. My dear Nan was with me, and we had good times. Betty was feeble, but seemed to cheer up for a time. The long, cold, lonely winter has been too hard for the frail creature, and we are all anxious about her. I fear she may slip away; for she never seemed to care much for this world beyond home.

[…]

Journal.

Read Charlotte Brontë's life. A very interesting, but sad one. So full of talent; and after working long, just as success, love, and happiness come, she dies.

Wonder if I shall ever be famous enough for people to care to read my story and struggles. I can't be a C. B., but I may do a little something yet.

July.–Grandma Alcott came to visit us. A sweet old lady; and I am glad to know her, and see where Father got his nature. Eighty-four; yet very smart, industrious, and wise. A house needs a grandma in it.

As we sat talking over Father's boyhood, I never realized so plainly before how much he has done for himself. His early life sounded like a pretty old romance, and Mother added the love passages.

I got a hint for a story; and some day will do it, and call it "The Cost of an Idea." Spindle Hill, Temple School, Fruitlands, Boston, and Concord, would make fine chapters. The trials and triumphs of the Pathetic Family would make a capital book; may I live to do it.

August.–A sad, anxious month. Betty worse; Mother takes her to the seashore. Father decides to go back to Concord; he is never happy far from Emerson, the one true friend who loves and understands and helps him.

September.–An old house near R. W. E.'s is bought with Mother's money, and we propose to move. Mother in Boston with poor Betty, who is failing fast. Anna and I have a hard time breaking up.

October.–Move to Concord. Take half a house in town till spring, when the old one is to be made ready.

Find dear Betty a shadow, but sweet and patient always. Fit up a nice room for her, and hope home and love and care may keep her.

People kind and friendly, and the old place looks pleasant, though I never want to live in it.

November.–Father goes West, taking Grandma home. We settle down to our winter, whatever it is to be. Lizzie seems better, and we have some plays. Sanborn's school makes things lively, and we act a good deal.

Twenty-five this month. I feel my quarter of a century rather heavy on my shoulders just now. I lead two lives. One seems gay with plays, etc., the other very sad,–in Betty's room; for though she wishes us to act, and loves to see us get ready, the shadow is there, and Mother and I see it. Betty loves to have me with her; and I am with her at night, for Mother needs rest. Betty says she feels "strong" when I am near. So glad to be of use.

December.–Some fine plays for charity.

January, 1858.–Lizzie much worse; Dr. G. says there is no hope. A hard thing to hear; but if she is only to suffer, I pray she may go soon. She was glad to know she was to "get well," as she called it, and we tried to bear it bravely for her sake. We gave up plays; Father came home; and Anna took the housekeeping, so that Mother and I could devote ourselves to her. Sad, quiet days in her room, and strange nights keeping up the fire and watching the dear little shadow try to wile away the long sleepless hours without troubling me. She sews, reads, sings softly, and lies looking at the fire,–so sweet and patient and so worn, my heart is broken to see the change. I wrote some lines one night on "Our Angel in the House."

[Jo and Beth.–L. M. A.]

February.–A mild month; Betty very comfortable, and we hope a little.

Dear Betty is slipping away, and every hour is too precious to waste, so I'll keep my lamentations over Nan's [affairs] till this duty is over.

Lizzie makes little things, and drops them out of windows to the school-children, smiling to see their surprise. In the night she tells me to be Mrs. Gamp, when I give her her lunch, and tries to be gay that I may keep up. Dear little saint! I shall be better all my life for these sad hours with you.

March 14th.–My dear Beth died at three this morning, after two years of patient pain. Last week she put her work away, saying the needle was "too heavy," and having given us her few possessions, made ready for the parting in her own simple, quiet way. For two days she suffered much, begging for ether, though its effect was gone. Tuesday she lay in Father's arms, and called us round her, smiling contentedly as she said, "All here!" I think she bid us good-by then, as she held our hands and kissed us tenderly. Saturday she slept, and at midnight became unconscious, quietly breathing her life away till three; then, with one last look of the beautiful eyes, she was gone.

A curious thing happened, and I will tell it here, for Dr. G. said it was a fact. A few moments after the last breath came, as Mother and I sat silently watching the shadow fall on the dear little face, I saw a light mist rise from the body, and float up and vanish in the air. Mother's eyes followed mine, and when I said, "What did you see?" she described the same light mist. Dr. G. said it was the life departing visibly.

For the last time we dressed her in her usual cap and gown, and laid her on her bed,–at rest at last. What she had suffered was seen in the face; for at twenty-three she looked like a woman of forty, so worn was she, and all her pretty hair gone.

On Monday Dr. Huntington read the Chapel service, and we sang her favorite hymn. Mr. Emerson, Henry Thoreau, Sanborn, and John Pratt, carried her out of the old home to the new one at Sleepy Hollow chosen by herself. So the first break comes, and I know what death means,–a liberator for her, a teacher for us.

April.–Came to occupy one wing of Hawthorne's house (once ours) while the new one was being repaired. Father, Mother, and I kept house together; May being in Boston, Anna at Pratt Farm, and, for the first time, Lizzie absent. I don't miss her as I expected to do, for she seems nearer and dearer than before; and I am glad to know she is safe from pain and age in some world where her innocent soul must be happy.

Death never seemed terrible to me, and now is beautiful; so I cannot fear it, but find it friendly and wonderful.

May.–A lonely month with all the girls gone, and Father and Mother absorbed in the old house, which I don't care about, not liking Concord.

On the 7th of April, Anna came walking in to tell us she was engaged to John Pratt; so another sister is gone. J. is a model son and brother,–a true man,–full of fine possibilities, but so modest one does not see it at once. He is handsome, healthy, and happy; just home from the West, and so full of love he is pleasant to look at.

I moaned in private over my great loss, and said I'd never forgive J. for taking Anna from me; but I shall if he makes her happy, and turn to little May for my comfort.

[Now that John is dead, I can truly say we all had cause to bless the day he came into the family; for we gained a son and brother, and Anna the best husband ever known.

For ten years he made her home a little heaven of love and peace; and when he died he left her the legacy of a beautiful life, and an honest name to his little sons.–L. M. A., 1873.]

June.–The girls came home, and I went to visit L. W. in Boston. Saw Charlotte Cushman, and had a stage-struck fit. Dr. W. asked Barry to let me act at his theatre, and he agreed. I was to do Widow Pottle, as the dress was a good disguise and I knew the part well. It was all a secret, and I had hopes of trying a new life; the old one being so changed now, I felt as if I must find interest in something absorbing. But Mr. B. broke his leg, so I had to give it up; and when it was known, the dear, respectable relations were horrified at the idea. I'll try again by-and-by, and see if I have the gift. Perhaps it is acting, not writing, I'm meant for. Nature must have a vent somehow.

July.–Went into the new house and began to settle. Father is happy; Mother glad to be at rest; Anna is in bliss with her gentle John; and May busy over her pictures. I have plans simmering, but must sweep and dust and wash my dish-pans a while longer till I see my way.

Worked off my stage fever in writing a story, and felt better; also a moral tale, and got twenty-five dollars, which pieced up our summer gowns and bonnets all round. The inside of my head can at least cover the outside.

August.–Much company to see the new house. All seem to be glad that the wandering family is anchored at last. We won't move again for twenty years if I can help it. The old people need an abiding place; and now that death and love have taken two of us away, I can, I hope, soon manage to care for the remaining four.

The weeklies will all take stories; and I can simmer novels while I do my housework, so see my way to a little money, and perhaps more by-and-by if I ever make a hit.

[…]

October.–Went to Boston on my usual hunt for employment, as I am not needed at home and seem to be the only bread-winner just now.

My fit of despair was soon over, for it seemed so cowardly to run away before the battle was over I couldn't do it. So I said firmly, "There *is* work

for me, and I'll have it," and went home resolved to take Fate by the throat and shake a living out of her.

Sunday Mr. Parker preached a sermon on "Laborious Young Women." Just what I needed; for it said: "Trust your fellow-beings, and let them help you. Don't be too proud to ask, and accept the humblest work till you can find the task you want."

"I will," said I, and went to Mr. P.'s. He was out; but I told Mrs. P. my wants, and she kindly said Theodore and Hannah would be sure to have something for me. As I went home I met Mrs. L., who had not wanted me, as Alice went to school. She asked if I was engaged, and said A. did not do well, and she thought perhaps they would like me back. I was rejoiced, and went home feeling that the tide had begun to turn. Next day came Miss H. S. to offer me a place at the Girls' Reform School at Lancaster, to sew ten hours a day, make and mend. I said I'd go, as I could do anything with a needle; but added, if Mrs. L. wants me I'd rather do that.

"Of course you had. Take it if it comes, and if not, try my work." I promised and waited. That eve, when my bag was packed and all was ready for Lancaster, came a note from Mrs. L. offering the old salary and the old place. I sang for joy, and next day early posted off to Miss S. She was glad and shook hands, saying, "It was a test, my dear, and you stood it. When I told Mr. P. that you would go, he said, 'That is a true girl; Louisa will succeed.'"

I was very proud and happy; for these things are tests of character as well as courage, and I covet the respect of such true people as Mr. P. and Miss S.

So away to my little girl with a bright heart! for with tales, and sewing for Mary, which pays my board, there I am fixed for the winter and my cares over. Thank the Lord!

[…]

Journal.

Earned thirty dollars; sent twenty home. Heard Curtis, Parker, Higginson, and Mrs. Dall lecture. See Booth's Hamlet, and my ideal done at last.

My twenty-sixth birthday on the 29th. Some sweet letters from home, and a ring of A.'s and J.'s hair as a peace-offering. A quiet day, with many thoughts and memories.

The past year has brought us the first death and betrothal,–two events that change my life. I can see that these experiences have taken a deep hold, and changed or developed me. Lizzie helps me spiritually, and a little success makes me more self-reliant. Now that Mother is too tired to be wearied with my moods, I have to manage them alone, and am learning that work of head and hand is my salvation when disappointment or weariness burden and darken my soul.

In my sorrow I think I instinctively came nearer to God, and found comfort in the knowledge that he was sure to help when nothing else could.

A great grief has taught me more than any minister, and when feeling most alone I find refuge in the Almighty Friend. If this is experiencing religion I have done it; but I think it is only the lesson one must learn as it comes, and I am glad to know it.

After my fit of despair I seem to be braver and more cheerful, and grub away with a good heart. Hope it will last, for I need all the courage and comfort I can get.

I feel as if I could write better now,–more truly of things I have felt and therefore *know*. I hope I shall yet do my great book, for that seems to be my work, and I am growing up to it. I even think of trying the "Atlantic." There 's ambition for you! I'm sure some of the stories are very flat. If Mr. L. takes the one Father carried to him, I shall think I can do something.

December.–Father started on his tour West full of hope. Dear man! How happy he will be if people will only listen to and *pay* for his wisdom.

May came to B. and stayed with me while she took drawing lessons. Christmas at home. Write an Indian story.

January, 1859.–Send a parcel home to Marmee and Nan.

Mother very ill. Home to nurse her for a week. Wonder if I ought not to be a nurse, as I seem to have a gift for it. Lizzie, L. W., and Mother all say so; and I like it. If I couldn't write or act I'd try it. May yet. $21 from L.; $15 home.

Some day I'll do my best, and get well paid for it.

[$3,000 for a short serial in 1876. True prophet.–L. M. A.]

Wrote a sequel to "Mark Field." Had a queer time over it, getting up at night to write it, being too full to sleep.

March.–"Mark" was a success, and much praised. So I found the divine afflatus did descend. Busy life teaching, writing, sewing, getting all I can from lectures, books, and good people. Life is my college. May I graduate well, and earn some honors!

April.–May went home after a happy winter at the School of Design, where she did finely, and was pronounced full of promise. Mr. T. said good things of her, and we were very proud. No doubt now what she is to be, if we can only keep her along.

I went home also, being done with A., who went out of town early. Won't teach any more if I can help it; don't like it; and if I can get writing enough can do much better.

I have done more than I hoped. Supported myself, helped May, and sent something home. Not borrowed a penny, and had only five dollars given me. So my third campaign ends well.

May.–Took care of L. W., who was ill. Walked from C. to B. one day, twenty miles, in five hours, and went to a party in the evening. Not very tired. Well done for a vegetable production!

June.–Took two children to board and teach. A busy month, as Anna was in B.

September.–Great State Encampment here. Town full of soldiers, with military fuss and feathers. I like a camp, and long for a war, to see how it all seems. I can't fight, but I can nurse.

[Prophetic again.–L. M. A.]

October, 1859.–May did a fine copy of Emerson's Endymion for me.

Mother sixty. God bless the dear, brave woman!

Good news of Parker in Florence,–my beloved minister and friend. To him and R. W. E. I owe much of my education. May I be a worthy pupil of such men!

November.–Hurrah! My story was accepted; and Lowell asked if it was not a translation from the German, it was so unlike most tales. I felt much set up, and my fifty dollars will be very happy money. People seem to think it a great thing to get into the "Atlantic;" but I've not been pegging away all these years in vain, and may yet have books and publishers and a fortune of my own. Success has gone to my head, and I wander a little. Twenty-seven years old, and very happy.

The Harper's Ferry tragedy makes this a memorable month. Glad I have lived to see the Antislavery movement and this last heroic act in it. Wish I could do my part in it.

December, 1859.–The execution of Saint John the Just took place on the second. A meeting at the hall, and all Concord was there. Emerson, Thoreau, Father, and Sanborn spoke, and all were full of reverence and admiration for the martyr.

I made some verses on it, and sent them to the "Liberator."

[...]

PRODUÇÃO LITERÁRIA
CAPÍTULO V

"Sinto que sou capaz de escrever melhor agora, sobre coisas que vivi e que, portanto, conheço."

LOUISA MAY ALCOTT

Diário.

Vinte e dois anos de idade.

Pinckney Street, Boston, 1º de janeiro de 1855 – O principal evento do inverno é o lançamento de meu livro "Flower Fables". Uma edição de 1.600 exemplares. Tem vendido muito bem, parece que as pessoas gostaram. Sinto-me muito orgulhosa ao ver que as pequenas histórias escritas para Ellen E., quando eu tinha dezesseis anos, agora devem trazer fama e dinheiro.

Vou considerar algumas das críticas como "variedades". As mães são sempre tolas com seus primogênitos.

A Srta. Wealthy Stevens pagou pelo livro, recebi 32 dólares.

[Uma boa diferença em relação aos recibos referentes a apenas um semestre de 1886, com 8 mil dólares da venda de livros, nenhum novo; no entanto, senti mais orgulho pelos 32 dólares do que pelos 8 mil. L.M.A.]

Abril, 1855 – Estou no sótão, cercada por meus papéis e com um monte de maçãs para comer enquanto escrevo meu diário, planejo histórias e aprecio o tamborilar da chuva no telhado, em paz e em silêncio.

[Jo no sótão. – L.M.A.]

Atrasada como sempre, anotarei os principais eventos até o momento, uma vez que agora não desperdiço mais tinta com poesia e bobagens. Comecei a *viver* e não tenho tempo para reflexões sentimentais.

Em outubro, iniciei minha escola; papai fez palestras, mamãe cuidou dos necessitados e tentou ajudar todo mundo. Anna ficou em Syracuse dando aulas aos filhos da Sra. S.

Meu livro saiu; e as pessoas começaram a achar que a desmiolada da Louisa afinal pode servir para alguma coisa, pois se vira muito bem como empregada, professora, costureira e contadora de histórias. Quem sabe?

Em fevereiro, escrevi uma história pela qual C. pagou 5 dólares, e me pediu mais.

Em março, escrevi uma farsa para W. Warren, e o Dr. W. a ofereceu a ele; mas W.W. estava muito ocupado.

Comecei também outra história, porém, tive pouco tempo para escrever por causa da escola, da costura e das tarefas de casa. Meus ganhos de inverno são –

Escola, um trimestre	$50
Costura	$50
Histórias	$20

– se algum dia eu receber.

Um inverno animado e agradável porque, apesar dos tempos difíceis, parece que estou progredindo um pouco; e isso me encoraja.

Ouvi as palestras de Lowell e Hedge, encenei algumas peças e, graças ao dinheiro das vendas dos usados e ao bom primo H., fui ao teatro várias vezes – sempre meu maior prazer.

Os planos do verão ainda estão indefinidos. Papai quer ir à Inglaterra: não é uma ideia muito sensata, acho eu. É provável que a gente fique aqui; A. e eu iremos ao interior trabalhar como governantas. É um jeito inusitado de se viver, porém dramático, e eu até gosto; nunca sabemos o que virá depois. Somo verdadeiros "Micawbers" e estamos sempre "prontos para outra".

Planejei mais um livro de Natal e espero conseguir escrevê-lo.

1855 – A prima L.W. me convidou para passar o verão com ela em Walpole. Se eu não tiver alunos, devo ir, pois sinto falta das colinas e posso escrever meus contos de fadas por lá.

Na noite passada, na residência do Diácono G., apresentei meu monólogo humorístico sobre "A posição da mulher, de Oronthy Bluggage". Foi divertido, e o Sr. W. me propôs uma apresentação paga em H. Li "Hamlet" em nosso clube, minha peça favorita. Falei com a Sra. W. H. sobre a farsa; ela disse que vai montá-la por conta própria.

Maio – Papai foi a C. conversar com o Sr. Emerson sobre a viagem à Inglaterra. Estou prestes a ir a Walpole. Fiz meus próprios vestidos, e meu dinheiro foi suficiente para arrumar as meninas. Estou muito feliz por ser independente.

[Fico me perguntando se 40 dólares foram suficientes para toda a família. Talvez sim, pois meu guarda-roupa era composto por roupas usadas de primas e amigas. – L.M.A.]

Walpole, N.H., junho de 1855 – Viagem agradável e recepção carinhosa. Lugar adorável, no alto das colinas. É tão bom correr, saltitar pela floresta e subir a ravina magnífica. Vou escrever nesse lugar, eu sei que vou.

Ajudei a prima L. no jardim; o cheiro da terra fresca e o contato com o verde me fizeram bem.

O Sr. T. veio e elogiou meu primeiro livro, então, me senti muito inspirada a escrever mais um. Lembro-me dele em Scituate, anos atrás, no tempo em que ele era um jovem construtor de navios, e eu, uma pirralha de cinco ou seis anos de idade.

Acordei às cinco horas e fiz uma corrida deliciosa pela ravina, testemunhando o despertar da floresta. Imaginei uma breve história, que deve ser original e verdadeira, considerando que nasceu naquela hora e naquele lugar – "Rei Goldenrod". Tenho tido dias animados – escrevendo pelas manhãs, passeando durante as tardes e me divertindo à noite. Minha vinda para cá tem me feito muito bem.

Julho de 1855 – Li "Hyperion". No dia 16, minha família veio morar de graça na casa do Sr. W. Não houve alternativa melhor, e estávamos todos cansados da cidade. Aqui, papai pode ter um jardim; mamãe pode descansar e ficar perto da sobrinha querida; as crianças têm liberdade e ar puro; e A. e eu podemos ir a nossas aulas, onde quer que sejam.

Momentos agitados e felizes enquanto nos instalamos na pequena casa situada nas proximidades da minha querida ravina – peças, piqueniques, pessoas agradáveis e bons vizinhos. Fanny Kemble veio visitar, além da Sra. Kirkaland e de outras pessoas, e D. Bellows é o mais alegre dos alegres. Encenamos "Jacobita", "Rivais" e "Bonnycastles" diante de uma plateia de cem pessoas, e fomos resenhados nos jornais de Boston. H.T. foi nosso diretor, e Dr. B., D.D., nosso diretor de dramaturgia. Anna foi a estrela, sua atuação foi de fato muito boa. Fiz o papel da "Sra. Malaprop", da "Viúva Pottle" e das senhoras mais velhas.

Concluí o livro de contos de fada em setembro. Anna recebeu uma proposta do Dr. Wilbur, de Syracuse, para dar aulas no grande manicômio. Ela não

gostou, mas decidiu ir. Coitadinha! É uma amante da beleza, tímida e delicada. É uma árdua tarefa; mas ela é tão abnegada que tenta gostar só pelo senso de responsabilidade.

Outubro – A. foi para Syracuse. May ilustrou meu livro, e as histórias se chamam "Christmas Elves", melhor do que "Flower Fables". Agora devo tentar vendê-lo.

[Pobre Louisa, achando que um livro de Natal poderia ser vendido em outubro. – L.M.A.]

Novembro – Decidi sair em busca de minha sorte; então, com meu pequeno baú de roupas feitas em casa, os 20 dólares recebidos pelas histórias enviadas ao "Gazette" e meus manuscritos, parti sob as bênçãos de mamãe, em um dia chuvoso, no mês mais sem graça do ano.

[Mês do meu aniversário: sempre memorável! – L.M.A.]

Achei que era tarde demais para aproveitar o livro, então, deixei-o de lado e tentei dar aulas, costurar ou fazer qualquer outro trabalho honesto. Não vou ficar em casa de pernas para o ar enquanto tiver cabeça e um par de mãos.

Dezembro – H. e L.W. foram muito gentis, e meus queridos primos, os Sewalls, me acolheram. Costuro para Mollie e para outras pessoas, e escrevo histórias. C. me deu livros para resenhar. Ouvi Thackeray. Tempos nervosos; Anna sente muita saudade de casa. Walpole é muito fria e sem graça, agora que as borboletas do verão foram embora. Recebi 5 dólares por uma história e 12 pelas costuras; enviei uma caixa de Natal para animar as pobres almas em casa, cercadas de neve.

Janeiro de 1856 – C. pagou 6 dólares por "A Sister's Trial", deu-me mais livros para resenhar e quer novas histórias.

[Claro que queria, por esse preço. – L.M.A.]

Costurei para L.W. Sewall e para outras pessoas. O Sr. J.M. Field levou minha farsa ao Mobile para publicação; o Sr. Barry, do Teatro de Boston, está com a peça.

Ouvi a palestra de Curtis. Comecei um livro para o verão – "Beach Bubbles". O Sr. F., do "Courier", publicou um poema meu em "Little Nell". Recebi 10 dólares por "Bertha" e vi grandes letreiros amarelos anunciando a peça. Foi encenada no espaço dos W.

Março – Recebi 10 dólares por "Genevieve". Os preços sobem à medida que as pessoas gostam das histórias e perguntam quem as escreveu. Terminei "Twelve Bubbles". Costurei bastante e fiquei muito cansada. Uma encomenda em nome do Sr. G., de uma dúzia de fronhas, uma dúzia de lençóis,

seis finas gravatas de cambraia e duas dúzias de lenços, me fez trabalhar uma noite inteira até terminar, pois era um presente para ele. Recebi apenas 4 dólares.

Costurar não vai resolver minha vida, mas consigo planejar minhas histórias enquanto trabalho, e, depois, escrevo aos domingos.

Poema sobre "Little Paul"; a palestra de Curtis sobre "Dickens" ajudou. Assisti à fala de Emerson sobre "A Inglaterra".

Maio – Anna voltou, doente e esgotada; o trabalho foi demais para ela. Passamos alguns dias felizes, visitando as redondezas. Não consegui editar B.B. em formato de livro, mas C. o levou ao seu jornal. O Sr. Field faleceu, então, lá a farsa já era. Alterei a peça para a Sra. Barrow lançar no próximo inverno.

June de 1856 – Voltamos para casa e encontramos nossa querida Betty muito doente com escarlatina, contraída de umas crianças pobres de quem mamãe cuidou quando estavam com a doença. Elas viviam em cima de um porão antes usado como abrigo de porcos. O dono da casa (um diácono) não se dispôs a limpar o lugar até mamãe ameaçar processá-lo por negligência. Tarde demais para salvar dois dos pobres bebês ou evitar que Lizzie e May contraíssem a febre.

[L. não se recuperou e morreu em decorrência da febre, dois anos depois. L.M.A.]

Tempos angustiantes. Cuidei de crianças, fiz tarefas domésticas e escrevi uma história por mês durante o verão.

Dr. Bellows e papai se reuniram na noite de domingo.

Outubro – Boas cartas de papai, que viajou a Nova Iorque, Filadélfia e Boston.

Fiz planos de ir a Boston no inverno, pois não há nada a se fazer aqui, e lá posso me manter e ajudar minha família. C. oferece 10 dólares por mês, talvez mais. Há L.W., M.S. e outras pessoas; muitas costuras. *Talvez* a peça saia, e a Sra. R. irá me ceder um quarto no sótão a 3 dólares por semana, com lareira e refeições incluídas. Também costuro para ela.

Se eu conseguir cuidar das crianças de A.L., deve dar tudo certo.

Nasci com espírito de menino em pele de menina. *Não posso esperar* até *poder trabalhar*; então, agarrei meu pequeno talento com as mãos e saí pelo mundo outra vez, mais corajosa do que antes e mais atenta às minhas limitações.

[Jo em Nova Iorque. – L.M.A.]

Não costumo rezar com palavras; mas ao partir naquele dia, com todos os meus pertences no pequeno e velho baú, meu próprio dinheiro no bolso (25 dólares) e a alma cheia de esperança e determinação, meu coração estava pleno, então roguei ao Senhor: "Ajude-nos, e nos guarde uns para os outros", como nunca tinha feito antes, enquanto mirava os rostos queridos que me observavam, tão cheios de amor, esperança e fé.

Diário

Boston, novembro de 1856. Na casa da Sra. David Reed. – Acho meu quartinho no sótão muito aconchegante, e a casa cheia de hóspedes é muito divertida de se explorar. A Sra. Reed é muito gentil. Dou voltas e entrego a C. as histórias dele. Vou conversar com a Sra. L. sobre A. Não me querem. Um golpe, mas dou a volta por cima e procuro trabalhos de costura. Ouvi uma fala de Parker[1], e ele me faz bem. Convidou-me a visitar sua casa nas noites de domingo. De fato, fui e conheci Phillips, Garrison, Hedge e outros homens excelentes, e, toda semana, fico lá no meu canto, observando e me divertindo.

Quando saí, o Sr. Parker disse: "Deus a abençoe, Louisa, espero que volte", e seu aperto de mãos me deu coragem para encarar mais uma semana angustiante.

3 de novembro – Escrevi a manhã inteira. À tarde, fui ver a chegada de Sumner, em seu retorno após o caso Brooks[2]. Vi-o passar pela Beacon Street, pálido e debilitado, mas sorrindo e fazendo mesuras. Corri para Hancock Street e cheguei a tempo de vê-lo levar a velha e orgulhosa mãe à janela, e a multidão dar três vivas para ela. Eu também gritei e fiquei bastante empolgada. O Sr. Parker se encontrou com ele em algum lugar antes do início da cerimônia, e esse P. vibrou como um garoto. E Sumner riu e anuiu com a cabeça enquanto o amigo pulava e gritava, sem chapéu e radiante.

Minha querida prima L.W. conseguiu ingressos para uma série de palestras sobre "Literatura Italiana" e, ao ver minha velha capa, enviou-me uma nova, além de outras coisinhas úteis e bonitas bem ao gosto das garotas. Nunca me esquecerei de quão gentil ela sempre é comigo.

---

[1] Theodore Parker (1810-1860), teólogo e ativista abolicionista. (n.t.)

[2] Em 1856, o senador republicano e abolicionista Charles Sumner foi espancado pelo representante do estado da Carolina do Sul, Preston Brooks, fervoroso defensor da escravidão. Dias antes da agressão, Sumner tinha proferido um discurso no qual criticara com veemência o senador Andrew Butler, tio de Brooks. Sumner ficou gravemente ferido, recuperando-se ao longo de meses. (n.t.)

5 de novembro – Fui com H.W. conversar com o agente Barry sobre a eterna peça sempre prestes a sair, mas que nunca sai. Visitamos todo o grande teatro novo, e dancei uma jiga no imenso palco. O Sr. B. foi muito gentil e me deu um passe para eu usar sempre que quiser. Isso foi tão maravilhoso que nem liguei se a peça ia ser descartada, e voltei para casa cheia de alegria. À noite, vi La Grange[3] interpretando Norma e me senti tão à vontade naquele lugar. Foi muito impactante, e eu me imaginei no lugar dela, com túnicas brancas e uma coroa de folhas de carvalho.

6 de novembro – Costurei com alegria minha encomenda de doze lençóis para H.W. e fiz o trabalho com muita dedicação, depois da gentileza dele comigo.

Caminhei até Roxbury a fim de conversar com o primo Dr. W. sobre a peça e contar as boas novas. Retornei nos bondes novos, achei muito agradável.

À noite, dei aulas na Chapel Charity School, da Warren Street. Ajudarei assim como sou ajudada, se puder. Mamãe diz que ninguém é tão pobre a ponto de não poder ajudar alguém ainda mais pobre.

Domingo – Ouvi Parker falar sobre "Individualidade de Caráter" e gostei muito. À noite, fui à casa dele. A Sra. Howe estava lá, além de Sumner e outras pessoas. Sentei-me em meu cantinho de costume, mas o Sr. P. se aproximou e disse, com cordialidade: "Então, menina, como vai?" "Muito bem, senhor." "Que ótimo", e, depois daquele aperto de mãos acolhedor, seguiu em frente, deixando-me orgulhosa e feliz, apesar dos percalços. Ele é como uma grande fogueira da qual qualquer um pode se aproximar e se sentir aquecido e reconfortado. Deus o abençoe!

Na hora do chá, falei sobre ele e o defendi quando W.R. alegou que ele não era cristão. Ele é meu *tipo* de cristão; pois, embora talvez não reverencie o Deus de outras pessoas, ele atua com bravura em nome de seu próprio Deus, e nunca se nega a ajudar os necessitados, ao contrário de certos devotos.

Dia 14, segunda-feira – May chegou cheia de expectativa e animação por causa da visita à boa tia B. e da prática de desenho. Nós duas demos um passeio e tivemos uma boa conversa; depois, minha menina partiu para a casa de titia a fim de iniciar o que, espero, será um inverno agradável e proveitoso. Ela precisa de ajuda para desenvolver seu talento, e nisso eu não posso ajudar.

---

[3] Anna de La Grange (1825-1905), soprano francesa. (n.t.)

Fui ver Forrest[4] interpretando Otelo. É divertido perceber quão atenciosos com a Srta. Alcott estão os outrora frios cavalheiros, agora que ela tem passe livre no novo teatro.

29 de novembro – Meu aniversário. Senti-me desolada tão longe de casa. Escrevi o dia inteiro. Acho que progrido aos poucos, então, deveria estar contente. À noite, fui a uma pequena festa na casa dos B. May estava muito bonita, e acho que agradou a todos. Os rapazes me provocaram por ser escritora, e eu respondi que um dia seria famosa. Serei, se possível, mas talvez exista coisa melhor para mim.

Deparei-me com um lindo broche e uma linda carta de papai quando voltei. O Sr. H. os trouxe com cartas de mamãe e Betty, então, fui dormir feliz.

Dezembro – Ocupada com histórias de Natal e Ano Novo. Ouvi uma boa palestra de E.P. Whipple sobre "A Coragem". Achei que estava precisando, pois estou bem cansada de viver como uma aranha – tecendo o tempo todo por dinheiro.

Escrevi uma história, "A cruz na torre da igreja", inspirada pela torre diante de minha janela.

Visitei a Sra. L., e ela me convidou para dar aulas a A. durante três horas, todos os dias. Exatamente o que eu queria; e a recepção das crianças foi bem bonita e reconfortante para "Nossa Olly", como elas me chamam.

Agora, a hospedagem está garantida, e sobra um pouco, que posso enviar para casa – caso algo dê errado com as histórias e com a costura. Não faço muito, mas consigo enviar pequenos agrados para mamãe e Betty, além de manter May arrumada.

18 de dezembro – Comecei as aulas com A.L., na Beacon Street. Dei aulas a C. quando morávamos na High Street, A. na Pinckney Street e, agora, Al. Assim, devo ser uma instituição de sucesso, pois sou capaz de instruir o garoto, dar aulas a uma garota e tomar conta de um pequeno inválido. O trabalho é duro, mas dou conta. E gosto de passar algumas horas do dia em uma sala ampla e refinada, comparada ao meu quarto no sótão, sem qualquer beleza – apenas a torre cinzenta e o céu azul lá fora, sempre que me sento perto da janela para escrever. Gosto muito de luxo, porém, mais ainda de liberdade e independência.

[...]

[4] Edwin Forrest (1806-1872), ator estadunidense, intérprete de vários personagens shakespearianos. (n.t.)

Diário

Vinte e quatro anos de idade.

Janeiro de 1857 – Peguei meu primeiro vestido novo de seda com a pequena e boa L.W. – de excelente qualidade; e me senti como se todos os Hancoks e Quincys me olhassem nas duas festas em que estive na véspera de Ano Novo.

Um mês cheio e feliz – dei aulas, escrevi, costurei, fiz leituras para a "mamãezinha" e fui várias vezes ao teatro; ouvi boas palestras; e aproveitei muito bem minhas noites na casa de Parker.

Papai veio me visitar, a caminho de casa; um pouco de dinheiro; estava satisfeito, e lhe pediram que voltasse. Por que as pessoas ricas que apreciam a fala dele não pagam por ela? Os filósofos são sempre pobres e modestos demais para passar a sacolinha.

Enviei por meio dele uma boa quantia aos pobres Forlornites, cercados por três metros de neve, em W.

Fevereiro – Fui para casa como presente de Valentine`s Day, no dia 14.

Março – Tenho vários ferros na brasa agora, e tento mantê-los todos quentes.

Abril – May desenhou com lápis de cera o rosto de mamãe e o da Sra. Murdock; muito boa a semelhança. Ficamos orgulhosas como pavões de nossa "pequena Raphael".

Fiquei sabendo que a Sra. Butler leu; muito bom.

Maio – Despedi-me dos L's com meus 33 dólares, feliz por poder descansar. May foi para casa com seu desenho, feliz com o inverno de trabalho e sucesso.

Papai deu três palestras no espaço de W. F. Channing. Boa companhia – Emerson, Sra. Howe e os demais.

Vi o jovem Booth[5] em Brutus e gostei mais do que do pai dele; passeei e descansei depois de meus serviços; feliz por estar com papai, que gostou de Boston e de rever os amigos.

Voltei para casa no dia 10, passando o domingo na casa dos Emersons. Segui os planos – consegui me manter, escrevi oito histórias, dei aulas durante quatro meses, ganhei cem dólares e enviei dinheiro para casa.

---

[5] Edwin Booth, filho do também ator Junius Brutus Booth. (n.t.)

Junho – Todos felizes juntos. Minha querida vovó esteve comigo, e foi divertido. Betty se sentiu fraquinha, mas deu a impressão de se animar por um tempinho. O inverno longo, frio e solitário foi duro demais para a frágil criatura, e estamos todos preocupados. Eu temo que ela possa definhar aos poucos; ela nunca deu sinais de se importar muito com o mundo além de nossa casa.

[...]

Diário

Li sobre a vida de Charlotte Bronté. Uma vida muito interessante, mas muito triste. Tão talentosa; e, depois de tanto trabalho, bem quando sucesso, amor e felicidade chegam, ela morre.

Fico me perguntando se um dia serei famosa o suficiente a ponto de as pessoas se importarem com minha história e minhas lutas. Não chego a ser uma C.B., mas ainda sou capaz de fazer uma coisinha ou outra.

Julho – Vovó Alcott veio nos visitar. É uma doce velhinha; e fico feliz por conhecê-la e ver a quem papai puxou. 84 anos de idade, mas ainda muito esperta, disposta e sábia. Toda casa precisa de uma vovó.

Enquanto conversávamos sobre a infância de papai, percebi que eu nunca tinha me dado conta do quanto ele lutou. O início de sua vida é como um romance antigo, e mamãe acrescentou os capítulos românticos.

Tive uma ideia para uma história; vou escrevê-la um dia desses e vou chamá-la "O valor de uma ideia." Spindle Hill, Temple School, Fruitlands, Boston e Concord dariam ótimos capítulos. As agruras e triunfos da Família Patética dariam um livro excelente; que eu viva para escrevê-lo.

Agosto – Um mês de tristeza e ansiedade. Betty piorou; mamãe a levou ao litoral. Papai decidiu voltar para Concord; ele nunca se sente feliz longe de Emerson, o único amigo verdadeiro que o ama, o compreende e o ajuda.

Setembro – Mamãe usou seu dinheiro para comprar uma antiga casa perto da casa de R.W.E., e nós nos dispomos a mudar. Mamãe está em Boston com a pobre Betty, que está piorando muito. Anna e eu quase não paramos de brigar.

Outubro – Mudança para Concord. Ocuparemos metade de uma casa na cidade até a primavera, quando a antiga deve ficar pronta.

Achei a querida Betty parecida com uma sombra, apesar de meiga e paciente, como sempre. Montamos um bom quarto para ela, e esperamos que um lar, o amor e os cuidados consigam ajudá-la.

As pessoas são gentis e amigáveis, e o lugar antigo é agradável, mas eu não queria morar lá.

Novembro – Papai foi para o Oeste, levar a vovó. Nós nos preparamos para o inverno, onde quer que estejamos. Lizzie parece melhor, e montamos algumas peças. A escola de Sanborn faz as coisas com entusiasmo, e atuamos um monte.

Fiz 25 anos de idade este mês. Sinto meu quarto de século pesar bastante sobre meus ombros neste momento. Levo duas vidas. Uma parece agitada, com peças, etc.; a outra, muito triste – no quarto de Betty; pois, embora ela goste de nos ver atuando e adore observar enquanto nos arrumamos, a sombra está lá, e mamãe e eu conseguimos vê-la. Betty adora me ter ao lado dela, e eu fico com ela durante a noite, porque mamãe precisa descansar. Betty diz que se sente "forte" se estou por perto. Fico feliz em ser útil.

Dezembro – Algumas ótimas apresentações para a caridade.

Janeiro de 1858 – Lizzie piorou bastante; o Dr. G. diz não haver esperanças. É algo muito duro de se ouvir; mas, se o que lhe resta é o sofrimento, rezo para que parta logo. Ela ficou feliz em saber que iria "ficar bem", como costuma dizer, e tentamos nos manter firmes por ela. Interrompemos as peças; papai voltou; e Anna assumiu as tarefas de casa. Assim, mamãe e eu podemos nos dedicar a Lizzie. Dias tristes e silenciosos no quarto dela, e noites estranhas mantendo o fogo aceso e observando minha querida pequena sombra tentando driblar as longas horas de insônia sem me perturbar. Ela costura, lê, canta baixinho e fica olhando o fogo – tão meiga, paciente e tão abatida; meu coração se aperta diante da mudança. Escrevi algumas linhas uma noite dessas sobre "O anjo de nossa casa."

[Jo e Beth – L.M.A.]

Fevereiro – Um mês agradável; Betty se sente muito confortável, e temos um pouco de esperança.

Minha amada Betty está definhando, e o tempo é precioso demais para perder, então, vou deixar de lado minhas lamentações sobre [os assuntos de] vovó até essa função ter terminado.

Lizzie faz umas coisinhas que ela joga pela janela para as crianças da escola, sorrindo ao ver a surpresa delas. À noite, me pede para servir a comida como se fosse a Sra. Gamp, e tenta se manter alegre para que eu consiga me manter

também. Minha querida santinha! Eu vou ser uma pessoa melhor pelo resto da vida por causa dessas horas tristes ao seu lado.

14 de março – Minha querida Beth morreu às três horas dessa madrugada, depois de dois anos de sofrimento resignado. Na semana passada, ela interrompeu o trabalho, dizendo que a agulha estava "pesada demais" e, depois de nos doar seus pequenos pertences, preparou-se para partir com seu jeito simples, silencioso. Durante dois dias, Beth sofreu muito, implorando por éter, apesar de não fazer mais efeito. Na terça-feira, ela se deitou nos braços de papai e nos chamou a todos, sorrindo contente enquanto dizia "Todos aqui!". Acho que se despediu ali, enquanto segurava nossas mãos e nos beijava com carinho. No sábado, ela dormiu e, à meia-noite, ficou inconsciente, expirando sua vida em silêncio até as três da manhã; então, com um último olhar de seus lindos olhos, ela se foi.

Aconteceu algo curioso, e vou contar aqui, pois o Dr. G. disse que foi real. Um pouco depois do último suspiro, enquanto mamãe e eu ficamos em silêncio, observando a sombra cobrir aquele querido rostinho, eu vi uma bruma se erguer do corpo dela, flutuar para o alto e desaparecer. O olhar de mamãe seguiu o meu, e, quando perguntei "O que a senhora viu?", ela descreveu a mesma bruma leve. O Dr. G. disse que foi a vida se afastando, de um jeito visível.

Pela última vez, nós a arrumamos com o vestido e o chapéu de costume, e a colocamos na cama – finalmente em paz. O efeito do sofrimento era perceptível em seu rosto; pois, aos 23 anos de idade, ela se parecia com uma mulher de 40 anos, de tão abatida, e todo o lindo cabelo se fora.

Na segunda-feira, o Dr. Huntington conduziu a cerimônia na Capela, e cantamos o hino favorito de Lizzie. O Sr. Emerson, Henry, Thoreau, Sanborn e John Pratt a conduziram da velha morada à nova, em Sleepy Hollow; foi uma escolha da própria Lizzie. Enfim, a primeira despedida chegou, e sei o significado da morte – uma redentora para ela, uma professora para nós.

Abril – Cheguei a ocupar uma ala da casa de Hawthorne (que já foi nossa), enquanto a nova casa estava em obras. Papai, mamãe e eu ficamos juntos; May estava em Boston, Anna, na Fazenda Pratt e, pela primeira vez, Lizzie, ausente. Não sinto tanto a falta dela quanto achei que sentiria, pois ela me parece mais próxima e mais querida do que antes; e gosto de pensar nela livre da dor e do envelhecimento, em algum mundo onde sua alma inocente é feliz.

A morte nunca me pareceu algo terrível, e agora é até bonita; assim, não posso temê-la, e a acho amigável e maravilhosa.

Maio – Um mês solitário na ausência de todas as meninas, e com papai e mamãe envolvidos com a antiga casa, com a qual pouco me importo, pois não gosto de Concord.

No dia 7 de abril, Anna chegou e nos contou que estava noiva de John Pratt; portanto, mais uma irmã se vai. J. é um filho e um irmão exemplar – um verdadeiro homem –, cheio de ótimas expectativas, mas tão modesto que é possível passar despercebido. Ele é bonito, saudável e feliz; acaba de chegar do Oeste e está tão apaixonado, dá gosto de ver.

Eu lamentei, em segredo, minha grande perda, e afirmei jamais perdoar J. por tirar Anna de mim; mas posso perdoá-lo, se ele a fizer feliz, e buscarei conforto na pequena May.

[Após a morte de John, posso dizer, sem reservas, que todos tínhamos motivos para agradecer pelo dia de sua entrada na família; pois ganhamos um filho e um irmão, e um nome honesto para seus filhinhos. – L. M. A., 1873]

Junho – As meninas vieram para casa, e eu fui visitar L.W., em Boston. Vi Charlotte Cushman e caí de amores pelo palco. O Dr. W. pediu que Barry me deixasse atuar em seu teatro, e ele concordou. Eu ia fazer o papel da Viúva Pottle, pois o figurino era bom, e eu conhecia bem as falas. Era tudo segredo, e eu tinha esperança de tentar uma vida nova; a antiga já havia mudado tanto, senti que deveria encontrar algo que me absorvesse. Porém, o Sr. B. quebrou a perna, e eu tive de desistir; e quando a história veio a público, os caros e respeitáveis envolvidos ficaram horrorizados com a ideia. Tentarei outra vez, em breve, quero ver se tenho talento. Talvez meu destino seja o palco, em vez da escrita. A natureza deve se manifestar de alguma maneira.

Julho – Fomos à casa nova e começamos a nos instalar. Papai está feliz; mamãe, satisfeita por poder descansar; Anna está radiante com o gentil John; e May, ocupada com suas gravuras. Eu tenho alimentado alguns planos, mas preciso varrer, espanar e lavar minhas panelas um pouco mais, antes de seguir meu caminho.

Resolvi minha febre de palco escrevendo uma história e me senti melhor; mais uma história moral. Consegui 25 dólares, o que remendou os vestidos e chapéus de verão de todo mundo. O lado de dentro da minha cabeça serve, ao menos, para cobrir o de fora.

Agosto – Muitas visitas na casa nova. Todos parecem felizes pela família andarilha estar finalmente ancorada. Se depender de mim, não nos mudaremos mais pelos próximos 20 anos. As pessoas mais velhas precisam de um lugar fixo; e, depois que a morte e o amor nos tiraram duas de nós, eu serei, espero, em breve, capaz de cuidar dos quatro que restaram.

Todos os semanários vão publicar histórias; e posso elaborar romances enquanto cuido das tarefas domésticas e, assim, conseguir algum dinheiro; e talvez um pouco mais, em breve, se eu conseguir emplacar algum sucesso.

[...]

Outubro – Fui a Boston em minha busca costumeira por emprego, pois não precisam de mim em casa, e, ao que parece, sou o único arrimo no momento.

Meu ataque de desespero passou logo, pois me pareceu covarde fugir antes do final da batalha, não fui capaz de fazê-lo. Então, eu disse, com firmeza: "*Existe* um trabalho esperando por mim, e vou consegui-lo", e voltei para casa, determinada a agarrar o Destino pelo pescoço e a extrair dele meu sustento.

No domingo, o Sr. Parker pregou um sermão sobre "Jovens Mulheres Trabalhadoras". Era exatamente do que eu precisava, pois dizia assim: "Confie em seus companheiros e permita que eles a ajudem. Não seja orgulhosa demais para pedir, e aceite o trabalho mais humilde até encontrar o que deseja".

"Vou conseguir", eu disse, e fui à casa do Sr. P. Ele não estava; mas contei à Sra. P. sobre minhas necessidades. Com gentileza, ela afirmou: Theodore e Hannah com certeza teriam algo para mim. No caminho de casa, encontre a Sra. L., que havia dispensado meu trabalho, pois Alice estava na escola. Ela me perguntou se eu tinha compromisso; contou que A. não se saíra bem, e achava que talvez me quisessem de volta. Fiquei exultante e voltei para casa, com a impressão de que a maré tinha começado a mudar. No dia seguinte, a Srta. H. S. veio me oferecer uma vaga na Escola Reformista para Meninas, em Lancaster, a fim de costurar dez horas por dia, fazer roupas novas e consertos. Eu respondi que iria, pois sou capaz de fazer qualquer trabalho com agulhas; mas, acrescentei: se a Sra. L. me quisesse, eu preferia ficar com ela.

"Claro que prefere. Fique se puder e, se não for possível, considere minha proposta". Prometi e esperei. Na noite em que estava de malas prontas para Lancaster, recebi um recado da Sra. L. me oferecendo o antigo salário e a antiga posição. Cantei de alegria e, cedo no dia seguinte, contei à Srta. S. Ela ficou feliz e apertou minha mão, dizendo: "Foi um teste, querida, e você

mostrou firmeza. Quando eu disse ao Sr. P. que você iria, ele comentou 'Essa é uma garota de palavra; Louisa vai se dar bem'".

Eu me senti muito orgulhosa e feliz; acontecimentos desse tipo são testes de caráter e de coragem, e eu valorizo o respeito de pessoas corretas como o Sr. P. e a Srta. S.

Então, aí vou eu, cuidar de minha garotinha, com o coração em festa! Afinal, com as histórias e as costuras para Mary, que cobrem minhas despesas com moradia, o trabalho me garante o inverno e todas minhas necessidades. Graças ao Senhor!

[...]

Diário

Ganhei 30 dólares; enviei 20 para casa. Ouvi a palestra de Curtis, Parker, Higginson e da Sra. Dall. Vi o Hamlet de Booth, enfim, a atuação ideal.

Meu aniversário de 26 anos foi no dia 29. Recebi lindas cartas de casa, e um cacho dos cabelos de A. e J. como sinal de reconciliação. Um dia tranquilo, com muitos pensamentos e lembranças.

O ano passado nos trouxe a morte e um noivado – dois eventos que mudaram minha vida. Essas experiências tiveram um grande efeito e me transformaram ou me fizeram evoluir. Lizzie me ajuda no plano espiritual, e cada pequeno sucesso me torna mais autoconfiante. Depois de mamãe ficar cansada demais para se abater com meus humores, preciso cuidar deles sozinha, e tenho aprendido a manter a mente e as mãos ocupadas como forma de salvação, quando a decepção e o cansaço oprimem e entristecem minha alma.

Em meio ao sofrimento, acho que, de forma instintiva, aproximei-me de Deus e encontrei conforto na certeza de apoio quando nada mais restava.

Uma grande tristeza me ensinou muito mais do que qualquer pastor. E, se me sinto muito sozinha, encontro refúgio no Amigo Todo Poderoso. Se isso significa experimentar a religiosidade, então, é o que tenho feito; mas acho que essa é a lição que temos de aprender ao longo do caminho, e fico feliz em saber disso.

Depois de minha crise de desespero, sinto-me mais forte e animada, e me esforço de coração aberto. Espero que essa sensação perdure, pois preciso de toda a coragem e conforto possíveis.

Sinto que sou capaz de escrever melhor agora – com mais autenticidade, sobre coisas que vivi e que, portanto, *conheço*. Espero ainda escrever minha grande obra, pois essa parece ser minha tarefa, e estou amadurecendo para exercê-la. Sinto até vontade de tentar a "Atlantic"[6]. Quanta ambição! Tenho certeza de que algumas das histórias são bem enfadonhas. Se o Sr. L. ficar com a que papai entregou a ele, vou me achar capaz de fazer qualquer coisa.

Dezembro – Papai partiu rumo ao Oeste cheio de esperança. Querido! Como ele vai ficar feliz se as pessoas ao menos ouvirem e *pagarem* por sua sabedoria.

May veio a B. e ficou comigo enquanto fazia aulas de desenho. Natal em casa. Escrevendo uma história indiana.

Janeiro de 1859 – Enviei uma encomenda para Marmee e vovó.

Mamãe está muito doente. Vou passar uma semana em casa cuidando dela. Fico me perguntando se eu não deveria ser enfermeira, pois parece que levo jeito. Lizzie, L.W e mamãe, todas concordariam; e eu gosto do trabalho. Se eu não conseguisse escrever ou atuar, experimentaria. May ainda está comigo. Recebi 21 dólares de L.; 15 são para casa.

Um dia eu vou dar o melhor de mim e ser bem remunerada por isso.

[3 mil dólares por uma série curta, em 1876. Verdadeira profeta. – L.M.A.]

Escrevi uma sequência de "Mark Field." Foi um período atribulado, eu acordava no meio da noite a fim de escrever, agitada demais para dormir.

Março – "Mark" foi um sucesso, muito elogiada. Tive a impressão de que a inspiração divina chegou para valer. Tenho estado ocupada dando aulas, escrevendo, costurando, aprendendo todo o possível com palestras, livros e pessoas boas. A vida é minha faculdade. Que eu consiga me graduar com distinção e louvor!

Abril – May voltou depois de um inverno feliz na Escola de Desenho, na qual se saiu muito bem e foi considerada uma aluna cheia de potencial. O Sr. T. falou muito bem dela, e nós ficamos cheias de orgulho. Não restam mais dúvidas acerca do que May será, se ao menos conseguirmos ajudá-la no processo.

---

[6] *The Atlantic Monthly*, revista literária fundada em Boston, em 1857. (n.t.)

Também voltei para casa, pois tinha terminado o trabalho com A., que saiu da cidade mais cedo. Se puder evitar, não vou mais dar aulas; não gosto; se eu conseguir escrever o suficiente, consigo me sair muito melhor.

Fiz mais do que esperava. Paguei minhas despesas, ajudei May e mandei algum dinheiro para casa. Não pedi um centavo emprestado, e apenas 5 dólares me foram doados. Assim, minha terceira empreitada termina bem.

Maio – Tomei conta de L.W., que estava doente. Um dia, caminhei de C. a B., mais de 30 quilômetros, em cinco horas, e fui a uma festa à noite. Não me senti muito cansada. Nada mal para uma sedentária!

Junho – Assumi os cuidados e as aulas de duas crianças. Mês cheio, Anna estava em B.

Setembro – Há um grande Acampamento das Tropas da União aqui. A cidade está cheia de soldados, com todos os penduricalhos militares. Eu gosto de acampamentos, e queria uma guerra, para ver o que acontece. Não posso lutar, mas posso servir como enfermeira.

[Profética, outra vez. – L.M.A.]

Outubro de 1859 – May me fez uma ótima cópia do Endymion, de Emerson.

Mamãe completou 60 anos de idade. Que Deus abençoe essa mulher querida e forte!

Boas notícias de Parker, em Florença – meu amado pastor e amigo. Devo a maior parte de minha formação a ele e a R.W.E. Que eu seja merecedora de ser aluna de tais homens!

Novembro – Viva! Minha história foi aceita; e Lowell perguntou se não era uma tradução do alemão, achou tão diferente da maioria das histórias. Eu fiquei muito animada, e os 50 dólares serão muito bem-vindos. Parece que as pessoas valorizam muito aparecer na "Atlantic"; mas não insisti todos esses anos em vão, e ainda hei de publicar meus livros e ter minha própria fortuna. O sucesso me subiu à cabeça, e divago um pouco. Tenho 27 anos de idade e estou muito feliz.

A tragédia de Harper's Ferry[7] faz deste um mês memorável. Estou feliz por ter vivido até ver o movimento abolicionista e seu mais recente ato. Gostaria de poder fazer minha parte.

Dezembro de 1859 – A execução de São John, o Justo, aconteceu no dia 2. Houve uma reunião na associação, e toda Concord estava lá. Emerson,

---

[7] Tentativa de tomada do arsenal federal em Harper's Ferry, Virginia, com o intuito de permitir a rebelião de negros escravizados. O ato foi liderado pelo abolicionista John Brown, cuja execução Alcott menciona no parágrafo seguinte do diário. (n.t.)

Thoreau, papai e Samborn falaram, e todos estavam cheios de reverência e admiração pelo mártir.

Fiz alguns versos sobre o assunto e os enviei ao “Liberator”[8].

[...]

[8] *The Liberator*, jornal abolicionista semanal, editado e publicado em Boston entre 1831 e 1865. (n.t.)

ensaios

(n.t.) | Babilônia

TODA LITERATURA TEM SUA BABILÔNIA

HELEN WADDELL

O TEXTO: O prefácio de *Líricas chinesas* de Helen Waddell é um manifesto à tradução, sem os estandartes de *avant-guarde* ou os estardalhaços da profissão, pois fala da tradução como visão e ato. A partir de um dos cancioneiros mais clássicos da lírica chinesa antiga, aborda o processo de transliteração, que representa a chave de ingresso à cidade de Babel, origem imaginária de todas as línguas. Para esta tradução, recebeu o título alusivo de "Every literature has its Babylon" ("Toda literatura tem sua Babilônia"), a partir de uma de suas citações.

Texto traduzido: Waddell, Helen. Preface. In. *Lyrics from the Chinese*. Boston and New York: Houghton Mifflin Company, 1913.

A AUTORA: Helen Jane Waddell (1889-1965), poeta, tradutora e dramaturga irlandesa, nasceu em Tóquio e foi educada em Belfast. Formada em letras inglesas, é conhecida por documentar a história dos poetas goliardos medievais, no livro *The Wandering Scholars* (1927), e por traduzir sua poesia latina, nas antologias *Medieval Latin Lyrics* (1927) e *More Latin Lyrics* (póstumo, 1976). Escreveu também romances históricos (*Peter Abelard*, 1933), peças de teatro (*The Abbé Prévost*, 1933) e artigos em jornais e revistas, como *Manchester Guardian* e *The Nation*.

O TRADUTOR: Marco Calil é bacharel, licenciado e mestre em Letras Estrangeiras e Tradução pela PPG-LETRA-USP. Suas pesquisas voltam-se às letras, ciências e artes orientais, como o nexo das ciências e artes árabe-latinas na ocasião da Ibéria medieval e a dispersão de sistemas letrados Ásia afora, ante-e-além-Tibet. Para a (n.t.) traduziu Abū l-ᶜAla' al-Maᶜarrī e Ikkyū Sōjun.

EVERY LITERATURE HAS ITS BABYLON

"All languages are spoken in Babylon."

HELEN WADDELL

Preface of *Lyrics from the Chinese*

It is by candlelight one enters Babylon; and all roads lead to Babylon, provided it is by candlelight one journeys. It was by candlelight that John Milton read Didorus Siculus, and by the Third Book he had voyaged beyond the Cape of Hope and now was past Mozambic, and already felt freshly blowing on his face

Sabean odours from the spicie shore
Of Arabie the blest.

It was by candlelight that the sea coast of Bohemia was discovered, and the finding of it made a winter's tale. Baghdad is not a city to be seen by day; candlelight is the only illumination for all Arabian nights.

One sees most by candlelight, because one sees little. There is a magic ring, and in it all things shine with a yellow shining, and round it wavers the eager dark. This is the magic of the lyrics of the twelfth century in France, lit candles in *a casement ope at night*, starring the dusk in Babylon; candles flare and gutter in the meaner streets, Villon's lyrics, these; candles flame in its cathedral-darkness, Latin hymns of the Middle Ages, of Thomas of Celano and Bernard of Morlaix. For if Babylon has its Quartier Latin, it has also its Notre Dame. The Middle Ages are the Babylon of the religious heart.

Every literature has its Babylon. Or rather, like that other Babylon, not of the spirit, Babylon is one, and all nations have drunk of her wine. She, too, is the haven desired of *everyone that saileth any whither* by reason of her

costliness, her merchandise of gold and precious stones and pearls, of fine linen and purple and silk and scarlet, thyine wood and ivory, cinnamon and incense, wine and souls of men; and this Babylon too will have fallen when the sound of the flute is no more heard in her, and *the light of a candle shall shine no more at all*. All languages are spoken in Babylon, yet with the same accent; here are gateways of the Moors in Spain, Venetian waterways, streets of Old Paris, and over all the undiscerning twilight. All men meet in Babylon who go on pilgrimages, for all roads end in Babylon, the Road of the San Grael, the Road of the Secret Rose.

It is long since the East made good its claim to Babylon in one thousand and one nights, and now among all the taverns there is none more crowded than the Inn of the Rubaiyat; yet on the farther side the city stretches dim and all but unexplored. There are even the fragments of an old wall in the heart of it, the ruins of an *East Gate*, and beside it the shimmering darkness of a clump of willows. The scholars – for even scholars sometimes come to Babylon – have identified it as Yuen-K'ew, sometime chief city of the province of Ch'in, but this was by daylight; the theory is only tenable if Yuen-K'ew is the Chinese for Babylon.

For the Babylon beyond the broken wall is Old Babylon; its temple-lights are Songs of Sacrifice that were old when Buddha died. There are waste places with dark pools and the ghostly gleam of lotus; black reaches of a palace moat; and once a Chinese lantern flashes on a wall leprous with lichen and hideously stained. The streets are narrow, but they climb up and up, past darkened houses and *mounds of red earth from whose sides strange trees grow out*, and suddenly break into broad daylight, and wide grassy spaces, with the swift flight of swallows overhead. Looking down, Babylon lies in a luminous mist shot through with points of fire; but on the other side there is a great stretch of quiet water, and in its depths one sees the city of all legends, the oldest Babylon of all. There was morning glory on the trellis of the palace garden of Wei, and through fathoms of clear water one sees it yet. The very sunlight is molten; and the echoes of a drinking-song come faint but very joyous. The sound has travelled far. That water is thirty centuries deep.

It is through two stout volumes of *The Chinese Classics* that this road to Babylon runs; a pleasant edition, printed at Hong Kong, and sold there *At the Author's*. That author was Dr. Legge, sometime missionary in China, late Professor of Chinese at Oxford. He was not the first to find the road it was a Jesuit Father of the eighteenth century one Père Lacharme, who first passed under the *East Gate* into the city of the Shih-King, but he wrote of it

in Latin, and the book was not popular. This is the easier road; every lyric has its Chinese text, black and unfamiliar and satisfying; beneath it a prose translation of unflinching accuracy, and footnotes that unravel all things, from the habits of a sinister plant called tribulus – Shakespeare would have had it in his witches' cauldron – to the wickedness of the Duke Seuen in his palace of Wei. It is the footnotes that create so gracious a sense of security, an atmosphere in which even the Duke Seuen loses half his terrors: the kindly precision of a scholar without guile.

And a generous scholar; for at the end of *the great travail so gladly spent*, he leaves it to the pleasure of *anyone who is willing to undertake the labour... to present the pieces in a faithful metrical version*. These stones are from his quarry; it was under the great Sinologue's Act of Indulgence that these lyrics were chosen. And though their fidelity might be matter of dispute (in seven lines only has the original rendering been strictly kept, the opening line of Odes I., XI. and XXXIII., the second and third of Ode II., and the last of Odes XXVIII. and XXXVI.), the defence was made long ago in the preface to a seventeenth-century translation from the French, in five volumes folio. *The translator hath but turned the wrong side of the Arras towards us, for all translations, you know, are no other*, and it was only to compensate for the original colouring that a later hand *hath inserted… false stitches of his own*.

Toda literatura tem sua Babilônia

"Todas as línguas são faladas na Babilônia."

HELEN WADDELL

Prefácio de *Líricas chinesas*

É à luz de velas que se vai à Babilônia; e todos os caminhos levam à Babilônia, se à vela se viaje a ela. Foi à luz de velas que John Milton leu Diodoro Sículo, e pelo *Livro III* ele já tinha ultrapassado o Cabo da Boa Esperança e agora passava por Moçambique, em seu rosto já sentindo o fresco soprar de

sabeus aromas de costa temperada
da Arábia, a abençoada.

Foi à luz de velas que a costa da Boêmia foi desvelada, e sua descoberta fez um conto de inverno. Bagdá não é cidade de ser vista de dia; a luz das velas é a única iluminação para todas as noites árabes.

Mais se vê à vela, por pouco se ver dela. Há um círculo mágico, e nele tudo brilha um brilho amarelo, e em seu entorno vacilam trevas ardentes. Esta é a magia da lírica do século XII na França, velas acesas em *uma janela aberta à noite*, estrelando o lusco-fusco na Babilônia; velas reluzem e escorrem em ruelas, líricas de Villon, elas; velas ardem nas trevas da catedral, hinos latinos da Idade Média, de Tomás de Celano e Bernardo de Morlaix. Ora, se a Babilônia tem seu Quartier Latin, tem também sua Notre Dame. A Idade Média é a Babilônia do coração da religião.

Toda literatura tem sua Babilônia. Ou melhor, como aquela outra Babilônia, não a do espírito, Una é a Babilônia, todas as nações bebendo de seu vinho. Ela, também, é o paraíso desejado por *todos que partem a qualquer*

parte, em razão de sua luxúria, sua mercancia de ouro, pedras preciosas e pérolas, de linho fino e púrpura e seda e carmim, madeira de tuia e marfim, canela e incenso, vinho e almas humanas; e esta Babilônia também sucumbirá quando o som da flauta não mais nela tocar, e *a luz de uma vela não mais brilhar*. Todas as línguas são faladas na Babilônia, mas com o mesmo sotaque; aqui estão os portões dos mouros na Espanha, os canais venezianos, as ruelas da Velha Paris, e, acima de tudo, o crepúsculo sem discernimento. Todos que vão em peregrinação acabam na Babilônia, pois todos os caminhos acabam na Babilônia, o Caminho do Santo Graal, o Caminho da Rosa Secreta.

Já se passou muito tempo desde que o Oriente reivindicou a Babilônia em mil e uma noites, e agora, dentre todas as tavernas, não há mais lotada que a Pousada das Rubaiyat; no entanto, do lado mais distante, a cidade estende-se embaçada e quase inexplorada. Há até fragmentos de muros antigos no coração dela, as ruínas de tal *Portão Leste*, e, ao lado, a escuridão cintilante de um bosque de salgueiros. Os estudiosos – pois até mesmo os acadêmicos às vezes vêm à Babilônia – identificaram-na como Yuen-K'ew, outrora a cidade-chefe da província de Ch'in, mas isso à luz do dia; tal teoria só se sustenta se Yuen-K'ew for a Babilônia chinesa.

Que a Babilônia, além das muralhas em frangalhos, é a Babilônia Antiga; as luzes de seus templos são cânticos de sacrifício, já antigos quando morrera Buda. Há zonas desertas com remansos escuros e o brilho fantasmagórico do lótus; o tom negro vem de um fosso do palácio, quando uma lamparina chinesa clareia paredes leprosas de líquens, horrivelmente manchadas. As ruas são estreitas, mas vão subindo, subindo, passando por casas escurecidas e *montes de terra vermelha de cujos lados estranhas árvores crescem*, de repente irrompendo em plena luz do dia, em amplos espaços gramados, com o rápido voo de andorinhas no alto. Olhando para baixo, a Babilônia jaz em uma névoa luminosa atravessada de pontos de fogo; mas do outro lado há um grande corpo d'água parada, e em suas profundezas se vê a cidade de todas as lendas, a mais antiga Babilônia de todas. Havia esplendor matinal na treliça do jardim do palácio de Wei, e através de braças de água límpida ainda pode ser visto. A própria luz solar derrete-se; e ecos de canções alcoólicas vêm já fracos, mas festivos. O som viajou muito. Aquela água tinha trinta séculos de profundidade.

É por meio de dois volumes robustos de *The Chinese Classics* que esta estrada rumo à Babilônia vai; uma edição agradável, impressa em Hong Kong, e vendida lá, *At the Author's*. O autor era Dr. Legge, outrora missionário na China, falecido professor de Chinês em Oxford. Ele não foi o primeiro a encontrar tal caminho; foi um padre jesuíta do século XVIII, Père

Lacharme, que passou primeiro sob o *Portão Leste* rumo à cidade do Rei Shih, mas escreveu sobre isso em latim, não sendo o livro popular. Este é o caminho mais fácil; cada lírica tem seu texto chinês, em letras pretas e pouco familiares e atraentes; abaixo, uma tradução em prosa de precisão inabalável, e notas de rodapé que desvendam todas as coisas, desde os usos e costumes de uma planta sinistra chamada *tribulus* – Shakespeare a teria colocado em seu cadeirão de bruxas – até a maldade do Duque Seuen em seu palácio de Wei. São as notas de rodapé que dão uma sensação tão graciosa de segurança, uma atmosfera em que até o Duque Seuen perderia metade de seus terrores: a gentil precisão de um estudioso sem malícia.

E um estudioso generoso; pois, ao final do *grande trabalho tão alegremente laborado*, ele o relega ao bel prazer de *quem quer que esteja disposto a se dar o trabalho... de apresentar os trechos em uma versão métrica fiel*. Essas pedras são de sua pedreira; foi sob o grande Ato de Indulgência do Sinólogo que essas letras foram colhidas. E embora sua fidelidade possa ser matéria de disputa (apenas as sete linhas originais em tradução foram mantidas para o verso de abertura das Odes I, XI e XXXIII., o segundo e terceiro da Ode II, e o último das Odes XXVIII e XXXVI), a defesa foi feita há muito tempo no prefácio a uma tradução francesa do século XVII, em cinco volumes de fólio. *O tradutor não poderia senão nos ter deixado à mostra o lado avesso da tapeçaria, que toda tradução, se sabe, não é outra,* e isso apenas para compensar a coloração original a que uma mão posterior *deu falsos pontos de próprio punho...*

❧

RETORNO AO HOMEM

CESARE PAVESE

O TEXTO: O artigo "Ritorno all'uomo", de Cesare Pavese, foi publicado originalmente em 20 de maio de 1945, no jornal italiano *L'Unità*, poucos dias após o fim da Segunda Guerra Mundial. Foi incluído posteriormente em *Letteratura americana e altri saggi*, de 1951, livro que reúne uma série de ensaios escritos entre as décadas de 1930 e 1950, em que o escritor reflete sobre a relação entre a literatura e a sociedade em geral, a literatura americana e o tema do mito.

Texto traduzido: Pavese, Cesare. "Ritorno all'uomo". In. *La letteratura americana e altri saggi*. Torino: Einaudi, 1969, pp. 217-219.

O AUTOR: Cesare Pavese (1908-1950), escritor e crítico literário italiano, nasceu em Santo Stefano Belbo. Durante a infância, mudou-se com a família para Turim, onde começou a escrever, traduzir e se especializar em literatura americana, especialmente sobre a poesia de Walt Whitman, além de participar ativamente, como editor e autor, da Editora Einaudi, ao lado de amigos como Natalia Ginzburg e Italo Calvino. Dentre suas principais obras, estão o livro de poesias *Lavorare stanca* (1936), o romance *La luna e i falò* (1949) e as narrativas de *La belle estate* (1949), livro vencedor do Prêmio Strega, em 1950.

A TRADUTORA: Cláudia Tavares Alves é graduada em Estudos Literários e Letras e doutora em Teoria e História Literária, pela Unicamp. Tradutora, professora e pesquisadora, estuda a literatura italiana do século XX e contemporânea. Para a (n.t.) traduziu Goliarda Sapienza e Amelia Rosselli.

RITORNO ALL'UOMO

"Perché questo è l'ostacolo, la crosta da rompere:
la solitudine dell'uomo - di noi e degli altri."

CESARE PAVESE

Da anni tendiamo l'orecchio alle nuove parole. Da anni percepiamo i sussulti e i balbettii delle creature nuove e cogliamo in noi stessi e nelle voci soffocate di questo nostro paese come un tepido fiato di nascite. Ma pochi libri italiani ci riuscì di leggere nelle giornate chiassose dell'èra fascista, in quella assurda vita disoccupata e contratta che ci toccò condurre allora, e più che libri conoscemmo uomini, conoscemmo la carne e il sangue da cui nascono i libri. Nei nostri sforzi per comprendere e per vivere ci sorressero voci straniere: ciascuno di noi frequentò e amò d'amore la letteratura di un popolo, di una società lontana, e ne parlò, ne tradusse, se ne fece una patria ideale. Tutto ciò in linguaggio fascista si chiamava esterofilia. I più miti ci accusavano di vanità esibizionistica e di fatuo esotismo, i più austeri dicevano che noi cercavamo nei gusti e nei modelli d'oltreoceano e d'oltralpe uno sfogo alla nostra indisciplina sessuale e sociale. Naturalmente non potevano ammettere che noi cercassimo in America, in Russia, in Cina e chi sa dove, un calore umano che l'Italia ufficiale non ci dava. Meno ancora, che cercassimo semplicemente noi stessi.

Invece fu proprio così. Laggiù noi cercammo e trovammo noi stessi. Dalle pagine dure e bizzarre di quei romanzi, dalle immagini di quei film venne a noi la prima certezza che il disordine, lo stato violento, l'inquietudine della nostra adolescenza e di tutta la società che ci avvolgeva, potevano risolversi e placarsi in uno stile, in un ordine nuovo, potevano e dovevano trasfigurarsi in una nuova leggenda dell'uomo. Questa leggenda, questa classicità la presentimmo sotto la scorza dura di un costume e di un

linguaggio non facili, non sempre accessibili; ma a poco a poco imparammo a cercarla, a supporla, a indovinarla in ogni nostro incontro umano.

Noi adesso sappiamo in che senso ci tocca lavorare. I cenni dispersi che negli anni bui raccoglievamo dalla voce di un amico, da una lettura, da qualche gioia e da molto dolore, si son ora composti in un chiaro discorso e in una certa promessa. E il discorso è questo, che noi non andremo verso il popolo. Perché già siamo popolo e tutto il resto è inesistente. Andremo se mai verso l'uomo. Perché questo è l'ostacolo, la crosta da rompere: la solitudine dell'uomo – di noi e degli altri. La nuova leggenda, il nuovo stile sta tutto qui. E, con questo, la nostra felicità.

Proporsi di andare verso il popolo è in sostanza confessare una cattiva coscienza. Ora, noi abbiamo molti rimorsi ma non quello di aver mai dimenticato di che carne siamo fatti. Sappiamo che in quello strato sociale che si suole chiamar popolo la risata è più schietta, la sofferenza più viva, la parola piú sincera. E di questo teniamo conto. Ma che altro significa ciò se non che nel popolo la solitudine è già vinta – o sulla strada di esser vinta? Allo stesso modo, nei romanzi, nelle poesie e nei film che ci rivelarono a noi stessi in un vicino passato, l'uomo era più schietto, più vivo e più sincero che in tutto quanto si faceva a casa nostra. Ma non per questo noi ci confessiamo inferiori o diversamente costituiti dagli uomini che fanno quei romanzi e quei film. Come per costoro, per noi il compito è scoprire, celebrare l'uomo di là dalla solitudine, di là da tutte le solitudini dell'orgoglio e del senso.

Questi anni di angoscia e di sangue ci hanno insegnato che l'angoscia e il sangue non sono la fine di tutto. Una cosa si salva sull'orrore, ed è l'apertura dell'uomo verso l'uomo. Di questo siamo ben sicuri perché mai l'uomo è stato meno solo che in questi tempi di solitudine paurosa. Ci furono giorni che bastò lo sguardo, l'ammicco di uno sconosciuto per farci trasalire e trattenerci dal precipizio. Sapevamo e sappiamo che dappertutto, dentro gli occhi più ignari o più torvi, cova una carità, un'innocenza che sta in noi condividere. Molte barriere, molte stupide muraglie sono cadute in questi giorni. Anche per noi, che già da tempo ubbidivamo all'inconscia supplica di ogni presenza umana, fu uno stupore sentirci investire, sommergere da tanta ricchezza. Davvero l'uomo, in quanto ha di più vivo, si è svelato, e adesso attende che noialtri, cui tocca, sappiamo comprendere e parlare.

Parlare. Le parole sono il nostro mestiere. Lo diciamo senza ombra di timidezza o di ironia. Le parole sono tenere cose, intrattabili e vive, ma fatte per l'uomo e non l'uomo per loro. Sentiamo tutti di vivere in un tempo in cui bisogna riportare le parole alla solida e nuda nettezza di quando l'uomo le

creava per servirsene. E ci accade che proprio per questo, perché servono all'uomo, le nuove parole ci commuovano e afferrino come nessuna delle voci più pompose del mondo che muore, come una preghiera o un bollettino di guerra.

Il nostro compito è difficile ma vivo. È anche il solo che abbia un senso e una speranza. Sono uomini quelli che attendono le nostre parole, poveri uomini come noialtri quando scordiamo che la vita è comunione. Ci ascolteranno con durezza e con fiducia, pronti a incarnare le parole che diremo. Deluderli sarebbe tradirli, sarebbe tradire anche il nostro passato.

RETORNO AO HOMEM

"Porque este é o obstáculo, a casca a ser rompida:
a solidão do homem - nossa e dos outros."

CESARE PAVESE

Há anos prestamos atenção a novas palavras. Há anos percebemos os sobressaltos e os balbucios das novas criaturas e fazemos as colheitas em nós mesmos e nas vozes sufocadas de nosso país como um tépido sopro de nascimento. Mas poucos livros italianos puderam ser lidos nos dias ruidosos da era fascista, naquela absurda vida desocupada e retraída que coube então a nós levar, e, mais do que livros, conhecemos homens, conhecemos a carne e o sangue de onde nascem os livros. Em nossos esforços para compreender e viver, vozes estrangeiras nos deram suporte: cada um de nós frequentou e amou com amor a literatura de um povo, de uma sociedade distante, e falou sobre isso, traduziu-a, fez dela uma pátria ideal. Tudo isso, em linguagem fascista, chamava-se xenofilia. Os mais moderados nos acusavam de vaidade exibicionista e de fátuo exotismo, os mais austeros diziam que procurávamos nos gostos e modelos do além-mar e do além-Alpes um alívio à nossa indisciplina sexual e social. Naturalmente, não podiam admitir que estávamos procurando na América, na Rússia, na China e sabe-se lá onde, um calor humano que a Itália oficial não nos dava. E menos ainda, que estávamos procurando por nós mesmos.

Mas foi exatamente assim. Ali, nós procuramos e encontramos a nós mesmos. Pelas páginas duras e bizarras dos romances, pelas imagens dos filmes, chega até nós a certeza inicial de que a desordem, o estado violento, a inquietude da nossa adolescência e de toda a sociedade que nos envolve, podiam se resolver e se mitigar em um estilo, em uma nova ordem, podiam e deviam se transfigurar em uma nova lenda do homem. Pressentimos essa lenda, esse caráter clássico, sob a casca dura de um traje e de uma linguagem

não fáceis, nem sempre acessíveis; mas pouco a pouco aprendemos a procurá-la, a supô-la, a adivinhá-la a cada encontro humano.

Agora sabemos em que sentido cabe a nós trabalhar. Os sinais dispersos, que nos anos de escuridão extraíamos da voz de um amigo, de uma leitura, de alguma alegria e de muita dor, agora compõem um discurso claro e uma certa promessa. E o discurso é este: que nós não iremos em direção ao povo. Porque já somos povo e todo o resto não existe. Se muito, iremos em direção ao homem. Porque este é o obstáculo, a casca a ser rompida: a solidão do homem – nossa e dos outros. A nova lenda, o novo estilo está todo aqui. E, com ele, a nossa felicidade.

Propor-se a ir em direção ao povo é, na verdade, confessar má consciência. Ora, nós temos muitos remorsos, mas não o de ter esquecido de qual carne somos feitos. Sabemos que no estrato social que se costuma chamar de povo a risada é mais genuína, o sofrimento, mais vivo, a palavra, mais sincera. E levamos isso em consideração. Mas o que mais isso pode significar senão que no povo a solidão já foi vencida – ou que está prestes a ser vencida? Assim também ocorre nos romances, nos poemas e nos filmes que nos revelam a nós mesmos em um passado próximo, o homem sendo mais genuíno, mais vivo e mais sincero do que tudo o que fazemos em nossa própria casa. Mas não é por isso que nos assumimos inferiores ou constituídos de uma maneira diferente da dos homens que fazem romances e filmes. Para nós, assim como para eles, a tarefa é descobrir, celebrar o homem para além da solidão, para além de todas as solidões do orgulho e do sentido.

Esses anos de angústia e de sangue nos ensinaram que a angústia e o sangue não são o fim de tudo. Uma coisa se salva do horror, e é a abertura do homem em direção ao homem. Disso temos certeza, pois o homem nunca esteve menos sozinho do que nestes tempos de temerosa solidão. Houve dias em que bastou o olhar, o piscar de olhos de um desconhecido, para nos fazer titubear e nos afastar do precipício. Sabíamos e sabemos que, por toda parte, nos olhos mais ignorantes ou mais turvos, está incubada uma caridade, uma inocência que faz parte de nós compartilhar. Muitas barreiras, muitas muralhas estúpidas caíram nesses dias. Até para nós, que há tempos já obedecíamos à súplica inconsciente de cada presença humana, foi um estupor nos sentirmos investidos, submergidos por tanta riqueza. De fato, o homem, no que há de mais vivo, se revelou, e agora espera que o resto de nós saiba compreender e falar.

Falar. As palavras são o nosso ofício. Dizemos isso sem qualquer sombra de timidez ou ironia. As palavras são coisas tenras, intratáveis e vivas, mas

feitas para o homem, e não o homem para elas. Todos sentimos que estamos vivendo um tempo em que é preciso trazer de volta as palavras à sólida e nua limpeza de quando o homem as criava para se servir delas. E acontece que é exatamente por isso, porque servem ao homem; as novas palavras nos comovem e nos prendem, como nenhuma outra voz das mais pomposas do mundo que morre, como uma oração ou um boletim de guerra.

Nossa tarefa é difícil, mas viva. É também a única que tem um sentido e uma esperança. São homens aqueles que esperam as nossas palavras, pobres homens como nós, quando esquecemos que a vida é comunhão. Eles nos escutarão com dureza e confiança, prontos para encarnar as palavras que dissermos. Desiludi-los seria traí-los, e seria também trair nosso passado.

folhetim

(n.t.) | Babilônia

Aranka, o espírito das águas

Cezar Petrescu

O texto: Escrito por Cezar Petrescu, "Aranca, o espírito das águas" é um conto fantástico, publicado em forma de folhetim da revista *Viața Romînească*, nos volumes LXXV e LXXVI de 1928. Foi depois publicado no volume *Aranca, știma lacurilor*, em 1929, incluído no ciclo „Fantasticul interior", no qual o autor descreve um mundo alucinatório, investigando as obsessões mais profundas do subconsciente humano. O conto apresenta uma aventura paranormal vivida por um bibliófilo no castelo dos condes Kemény na Transilvânia, que tinha a reputação de ser um lugar assombrado por fantasmas, tendo sido posto a leilão após o falecimento de seus donos sem descendentes. O último membro da família, a condessa Aranka, havia desaparecido misteriosamente há vários anos, e em torno dela se desenvolve a trama. Para esta edição, o original e a tradução seguem também em formato folhetinesco, publicado em duas partes.

Texto traduzido: Petrescu, Cezar. „Aranca, știma lacurilor". In. *Proză fantastică*. Iași: Editura Junimea, 1986, pp. 93-146.

O autor: Cezar Petrescu (1892-1961), romancista e jornalista romeno, nasceu em Cotnari, Iași. Prolífico escritor, sua obra inclui romances, contos, peças, memórias, prosa fantástica e literatura infantil. Inspirado nas obras de Balzac, idealizou uma série de romances que espelhasse *A Comédia Humana*, a *Cronică românească a veacului XX* (*Crônica romena do século XX*). Ao lado de Lucian Blaga, fundou a revista *Gândirea*, em 1921, e também os jornais *Cuvântul* e *Curentul*. Entre suas obras, estão *Întunecare* (1928), *Calea Victoriei* (1930) e *Noi vrem pământ* (1938). Foi laureado com o Prêmio Nacional de Literatura em 1931 e eleito membro da Academia Romena em 1955.

O tradutor: Fernando Klabin, paulistano, morou em Bucareste, onde se formou em Ciência Política e desenvolveu, entre outras, atividades no campo turístico. Tem procurado difundir no Brasil a literatura romena, tendo já traduzido *As Seis Doenças do Espírito Contemporâneo*, de Constantin Noica, *Senhorita Christina*, de Mircea Eliade, *Nos cumes do desespero*, de Emil Cioran, entre outros. Para a (n.t.) traduziu Max Blecher, Eugen Ionescu, George Bacovia, Urmuz, Ciprian Vălcan, Oscar Lemnaru e Paul Celan.

Nota: "Traducerea a fost inițiată în cadrul programului Rezidențele FILIT pentru traducători 2018, la Ipotești."

Aranca, știma lacurilor

"Contesa Ana Kemény naşte o fetiţă care
e botezată Aranka Maria Ştefania."

CEZAR PETRESCU

Tovarăşul meu de drum, avocat dr. juridic Silvestru Hotăran, se dovedi la început întruparea cea mai desăvîrşită a prevederii. După cum era, fără îndoială, şi cea mai corpolentă.

Încă nu părăsisem Clujul, şi ne aflam blocaţi în maşină de o sută şi una de coşuri, pachete, pacheţele, sticle, franzele, cornuri, flacoane, borcane şi cutii de conserve; lungi, late, dreptunghiulare, sferice, cilindrice, dodecaedrice şi încă de alte multe şi surprinzătoare forme ignorate atît de geometria în spaţiu, cît şi de cea plană.

– S-ar spune că mergem să inaugurăm o popotă sau o expoziţie de produse alimentare! am încercat să ironizez această inofensivă pasiune gastronomică.

Şi-o nimerisem cu ironia, exact în clipa cînd avocatul dr. juridic Silvestru Hotăran, luîndu-şi seama că tot nu şi-a completat colecţia, atinse cu mîna grăsună umărul şoferului, să oprească la al treilea *Magazin de coloniale şi delicatese*.

Tovarăşul mă privi pe deasupra ochelarilor înrămaţi în baga de culoarea zahărului ars, cu gravitatea ardelenească impermeabilă glumei.

Mă privi şi mă compătimi.

Apoi, serios şi metodic, îmi explică într-un aspru rechizitoriu orînduit pe capitole, că n-am de ce rîde.

Vom rămîne cel puţin trei zile într-un ţinut cu adevărat pustiu, printre oameni sălbatici şi ostili. El mai urma să asigure masa magistratului, expertului, grefierului şi eventualilor licitatori, dacă publicaţiile de lichidare vor fi ademenit cumva amatorii de lucruri vechi, mobile istorice, cărţi rare, tablouri şi poate chiar

vreun mizantrop îndestul de sătul de lume şi de nebun, pentru a achiziţiona castelul cu stafii.

Datoria lui era deci să apere prin toate mijloacele, interesele clienţilor care l-au onorat cu încrederea absolută, dîndu-i procură pe nevăzute, de la Pesta, să transforme în cecuri această moştenire neaşteptată. Iar experienţa profesională şi umană l-a învăţat că asemenea operaţiuni se încheie mai expeditiv şi fără dificultăţi cînd toţi: magistraţi, experţi şi licitatori, se află după digestia moleşitoare a unei cine îmbelşugate, decît atunci cînd, iritaţi de gustarea frugală pe un colţ de masă şi preocupaţi de problema dejunului de a doua zi, îşi răcoresc nervozitatea născocind tot soiul de şicane.

Zeflemeaua mea uşuratică îi confirma astfel, încă o dată, lipsa de grijă şi frivolitatea straniei speţe omeneşti pe care o reprezentam şi care se rezuma la vocabularul său, în epitetul incriminat de „scatiu transcarpatic".

Acestea fiind spuse, dr. Silvestru Hotăran se răsuci să mă bată pe umăr prietenos, cu o palmă lată cît o broască ţestoasă.

Îşi îmbuna într-acest chip, severitatea rechizitoriului şi îmi dovedea că personal, îmi acordă oarecare circumstanţe atenuante, fiindcă nu eu purtam vina acestor infirmităţi, ci răspunzător era mediul nevrednic care mi-a ucis instinctul robust de cumpăt şi de conservare.

Pe urmă, coborî descurcîndu-şi anevoie picioarele scurte şi groase, dintre cutii şi pachete.

Intră în băcănie şi nu apăru decît după un sfert de oră, urmat de un băiat cîrn şi pistruiat, în şorţ alb, cu braţele încărcate de alte coşuri, pachete, borcane şi sticle, înfăţişînd alte forme geometrice inedite, care se vede că tot îi mai lipseau pentru completarea colecţiei.

Şoferul, nerăbdător, dădu drumul motorului. Tovarăşul meu îi făcu însă semn să aştepte. Nu isprăvise.

Traversă strada, la farmacie.

Prin geamul vitrinei, îl văzui înfundîndu-şi buzunarul mantalei de praf, cu misterioase pachete ambalate în tradiţionala hîrtie subţire, pestriţă şi mătăsoasă; şnuruite, sigilate şi etichetate, fără de care laborios şi indispensabil ritual, orice gingaşă fiică a lui Esculap nu eliberează nici o cataplasmă de bătături.

– Iată cel puţin o precauţie deplin justificată! mi-am spus singur, împins de demonul frivolităţii şi recidivînd fără nici o ruşine, după o atît de cruntă admonestare. Iată o precauţie pe care o înţeleg! După ingurgitarea atîtor copioase provizii, un medicament contra indigestiei e absolut indicat. Astfel, lichidarea ar ameninţa să rămînă fără magistrat, expert şi licitatori, sucombaţi cu toţii in corpore şi în convulsiuni, după cel dintîi supraabundent dejun... Bine

hrănitul şi mult încercatul meu tovarăş nu neglija nimic. Îl admiram!... În alte vremuri, ar fi meritat comanda supremă a aprovizionării şi echipării unei întregi armate. Cu el n-ar fi existat nici o neplăcută sau catastrofală surpriză. Ar fi dus-o la victorie sigură.

Mă pregăteam să-i exprim acest omagiu, pentru a repara impresia imprudentelor reflecţii de adineaori. Dar tovarăşul, pipăindu-şi cu deplină satisfacţie pachetul în buzunar, în timp ce-şi dădea drumul cu toate cele o sută zece kilograme ale corpolenţei sale pe perna elastică, lămuri laconic:

– Chinină.

– Chinină? am întrebat nedumerit. De ce nu atunci termometru, vată termogenă şi de ce nu o mică farmacie ambulantă?... Cum văd, mergem la capătul lumii şi nu mai e vorba de o simplă plimbare, ci de o adevărată expediţie plină de riscuri... Dacă mă avertizai din vreme, doctore, ştiam cel puţin să-mi pregătesc testamentul!... Nu vreau să-mi las succesorii, legitimi şi nelegitimi, pradă procedurii şi avocaţilor, care nu sînt, după cum ştii, cu toţii expeditivi şi maniaci de corectitudine ca dumneata...

După un timp, cu perfidă intenţie de a cuceri definitiv bunăvoinţa tovarăşului meu de drum şi de a face iertat tonul nepotrivit de glumă de pînă acum, am continuat, ca pentru mine singur, convins că am pus degetul pe o sensibilă slăbiciune omenească:

– Parol! Mă gîndesc într-adevăr că nici unul la o mie de moştenitori, n-au norocul acestor veri şi nepoţi de a douăsprezecea spiţă, ai contelui Kemény. Judecă serios... Să le cadă o moştenire la care nu se aşteptau! Să se dezintereseze complet de ea! Să nu trimită măcar un om de încredere pentru a vedea la faţa locului despre ce e vorba!... În ultimul moment, cînd primesc avertismentul că succesiunea ameninţă să fie confiscată de statul român, să aleagă la întîmplare, dintr-un anuar oarecare, un avocat despre care nu aveau nici o informaţie. Şi să cadă tocmai peste cel mai stăruitor, mai prob şi mai priceput, cum nu l-ar fi putut alege nici după cea mai minuţioasă anchetă cu detectiv secret; iată un noroc pe care aceşti ciudaţi moştenitori mi se pare că nu-l meritau. Stranie moştenire, stranii moştenitori!

Tovarăşul de drum, nu lăsă să străbată pe figura iremediabil gravă, nici un semn că monologul meu i-a făcut plăcere ori nu. Îmi păru că nici n-a ascultat.

Dădusem greş.

M-am simţit deodată umilit şi ridicol, după această inconştienţă verbală prin care, în chipul cel mai vulgar, îmi arătam voioşia că pot evada din oraşul cu ziduri sure, dintr-o dimineaţă cu atît de strălucitor soare, şi certitudinea că la

capătul drumului mă aştepta capturarea unei cărţi rare şi vechi, incunabule din ediţiile cele mai preţioase, licitate pe o sumă accesibilă modestului meu buget.

Biblioteca acestui magnat maghiar, latinist, erudit şi despotic, se bucura după toate spusele, de-o faimă veche în toată fosta Ungarie. Iar amatori serioşi nu prea ameninţau să apară. Şi chiar dacă s-ar fi ivit, proaspăta amiciţie cu dr. avocat Silvestru Hotăran mă privilegia între toţi.

Aveam răgaz să cercetez pe îndelete rafturile dulapurilor, să pipăi legături originale, bătrîne de trei, de patru şi cinci veacuri; să răsfoiesc infoliile; să verific autenticitatea manuscriselor, confruntîndu-le cu diversele cataloage şi publicaţii de specialitate cu care veneam înarmat.

Mai descoperisem ceva.

Cu toată dorinţa neclintită şi lăudabilă de a apăra înverşunat interesele clienţilor, ghicisem îndată în armătura împuternicitului avocat dr. juridic Silvestru Hotăran, un punct vulnerabil. Mi-a părut departe de a preţui valoarea adevărată a acestor cărţi şi manuscrise. Le socotea un capital pierdut şi infructuos. Un capriciu ereditar şi risipelnic al defunctului conte Kemény, în a cărui familie această nebunie nu fusese nici cea dintîi nici cea de pe urmă.

Expertul improvizat după decizia unui tribunal de provincie, ca şi magistratul desigur, n-aveau de unde să fie mai preveniţi. Nu era exclus să decidă vînzarea bibliotecii cu kilogramul, într-o ignoranţă pe care imaginaţia mea o exagera cu fiecare clipă trecută; promiţîndu-mi o adevărată orgie de biblioman, asemeni visurilor de avar, cînd descoperă prin somn hrube fără capăt, tixite cu saci de galbeni şi sipete de mărgăritare.

Iar acum, cînd eram aproape să-mi realizez neastîmpărul insomniilor, iată că-mi primejduiam singur izbînda finală, îndepărtîndu-mi protecţia atotputernicului procurist, cu necurmata-mi piuială de scatiu gureş şi insuportabil, care nu-i era nicidecum pe plac.

Doctorul Silvestru Hotăran avea toată dreptatea. Veneam dintr-o lume care-şi pierduse cu adevărat, în frivolitate, instinctul robust de cumpăt şi de conservare.

M-am hotărît să repar printr-o tăcere cît mai insondabilă şi cu aparenţa unei profunde meditaţii, culpabila-mi verbozitate, care provocase dezaprobarea tovarăşului meu de drum, din fire taciturn, grav, bănuitor – şi după cum îi aplicasem diagnoza în secreta mea apreciere lăuntrică – îndestul de sărac cu duhul; biet avocat de capitală provincială, abrutizat de articole de cod, jurisprudenţe şi chichiţe de procedură.

Instalat, aşadar, în această ostentativă tăcere, am aprins o ţigară, două, a treia.

Fîşîitul rapid al roţilor de gumă, schimbarea succesivă a decorului rustic la fiecare viraj, aerul încă răcoros şi parfumat de roua fîneţelor şuvoind pe lîngă

urechi, soarele triumfal al dimineţii, îmi aduceau pe buze exclamaţii de beatitudine îndată înăbuşite.

Tovarăşul meu, absent de la toate acestea, cu geanta tixită de acte pe genunchii scurţi, îşi recapitula preocupările profesionale. Căci din timp în timp, deschidea agenda scurtă şi groasă cît o cutie de chibrituri, cerceta o dată, adăuga un semn hieroglific cu creionul subţire cît un chibrit, şi părea că a uitat cu desăvîrşire prezenţa-mi redusă la neant prin supliciul tăcerii.

Sub înfăţişarea sumbrelor meditaţii, îmi jucau maliţios sub ţeastă, cele mai hître şi ireverenţioase gînduri.

Îmi asemuiam tovarăşul cu un Buda obez. Îmi propuneam să-l utilizez decisiv argument împotriva celor ce susţin după erezia lui Henry Béraud şi William Johnston, că oamenii depăşind o sută de kilograme sînt comunicativi, optimişti, fără grijă şi de o irezistibilă bonomie.

Pe urmă, mă întrevedeam întorcîndu-mă cu automobilul încărcat de infolii şi de manuscrise; poate urmat de un camion cărînd toată biblioteca răposatului conte, întru dispreţuitorul surîs superior al doctorului Silvestru Hotăran. Ah! îmi făgăduiam o diabolică revanşă. După ce-i voi escamota de sub nas volumele cele mai preţioase, suportînd cu resignare reflecţiile împotriva vinovatei deşertăciuni de a arunca banii în hîrtie tipărită şi fără nici o valoare; cînd totul va fi sfîrşit, îi voi şopti în ureche fabuloasele preţuri reale ale fiecărui tom:

„O Biblie în superbă legătură originală în secolul al XVI-lea: 120.000 lei! O ediţie princeps din *Discursul asupra metodei*, cu dedicaţia lui Descartes: 80.000 lei! Autografele lui Jean-Jacques, Voltaire, Diderot; alte zeci şi sute de mii!”.

Savurînd stupefacţia crescîndă de pe această figură, în sfîrşit zdruncinată din placiditatea-i scandaloasă, mă voi răsuci într-un picior cu o reverenţă batjocoritoare:

– Iată, onorabile doctor, ce acuitate de simţ practic şi ce geniu al afacerilor, poate mocni sub aparenta frivolitate, a noastră, a scatiilor transcarpatici!

Tovarăşul, nebănuind aceste asasine şi ingrate reflecţii, privea acum cu o inocentă îngîndurare peste umărul şoferului, şoseaua desfăşurată rectiliniu.

Am urcat, mai apoi, dealuri în serpentină; am străbătut mai apoi sate secuieşti şi ungureşti, tăcute şi monotone cu dezolatele lor case identice; am gonit mai apoi pe valea unui rîu cu argintate lunci de plopi şi de sălcii; un defileu spintecat în munţi stîncoşi, şi din nou s-a deschis orizontul linear al şesului, cu depărtate cupole de biserici şi sate cu acoperişuri de ţiglă roşie, între livezi.

Indicatorul kilometric se menţinea uniform, între 100-110. Motorul pulsa regulat şi fin, ca inima metalică a unui ceasornic. Şoseaua ne aspira vertiginos. Am socotit că străbătusem mai bine de jumătate de cale.

Îmi comprimasem în gîtlej şi această inofensivă constatare, consecvent jurămîntului către mine însumi, cînd, neaşteptat, doctorul Silvestru Hotăran rupse el tăcerea:

– Aşadar, dragă domnule, te-a mirat că am cumpărat chinină?

Într-adevăr uitasem.

Tovarăşul meu nu-şi dezminţea reputaţia de fenomen. I-au trebuit trei ore de reculegere, ca să răspundă la o întrebare, la care renunţasem după două minute. Era frate bun cu englezul flegmatic din nu ştiu ce anecdotă, cînd îşi trezeşte nevasta din somn, după miezul nopţii, să-i spună cît e ora, luîndu-şi seama că-l întrebase aşa ceva, înainte de prînz, cu două zile în urmă...

– Da! M-a surprins această chinină... Am mărturisit cu indiferenţă, fiindcă acum curiozitatea era răcită. M-a surprins mai ales cantitatea... Mi-ai arătat un pachet respectabil, să ajungă pentru o infirmerie!

Doctorul Silvestru Hotăran îşi pipăi pachetul în buzunarul mantalei de praf şi îşi exterioriză într-un mormăit gutural şi aprobativ, mulţumirea că-l are asupră-şi şi că e intact.

Dură tăcere. Evaluată la zece kilometri, prin asemuire cu calculele astronomice care măsoară distanţele interastrale, în ani, luni, zile şi ceasuri lumină. Zece kilometri, adică cinci minute, după viteza înregistrată pe banda kilometrajului. Tovarăşul se decise să continuie:

– Am înţeles după mirarea dumitale, dragă domnule, că tot nu ştii lămurit unde merem...

– La castelul contelui Kemény! am răspuns în sublima-mi candoare. Castelul cu stafii...

– O! tune-le dracu de stafii, că nu de ele vorbim. Aiste-s basme din proşti. Află dumneata, dragă domnule, că merem într-un ţinut blăstămat şi stricat de ape. Patru mii de jugăre de bălţi, papură, heleştaie cum ziceţi voi în regat, smîrcuri, nămol şi zăvoiuri inundabile. O sălbăticie de te doare inima! Un ţinut care numa-n zece ani de irigaţie intelighentă ar fi însemnat pentru groful Kemény aur. Aur şi sănătate!... Ci fiindcă n-a fost minte, au rămas bălţi. Bălţi înseamnă ţînţari. Ţînţarii înseamnă friguri. Iară chinina înseamnă deocamdată singurul mediţin bun pentru frigurile de baltă, ori, cum se spune în termen savant, pentru malarie. Dreptu-i, domnule dragă?

– Drept! fui silit să recunosc implacabila logică a doctorului Silvestru Hotăran.

– Atuncia dacă dreptu-i, nu te mai mira, mă rog frumos, că am coborît la apoticar să cumpăr chinină. Ai să înghiţi şi dumneata odată cu mine, în fiecare

dimineaţă şi seară cîte un praf. Dăm frumos şi celorlalţi oaspeţi. (Nu m-am putut opri să surîd, imaginîndu-mi figurile celorlalţi oaspeţi ai doctorului Silvestru Hotăran, trataţi în loc de aperitiv şi desert, cu prafuri amare.) Dăm şi la slugi. Ai să-i vezi şi dumneata şi să te prindă durerea... Eu am fost îngrozit, dragă domnule. Încă n-au ieşit pe-ntregul din rîndul animalelor şi i-au îndobitocit mai vîrtos frigurile şi delirium. A patra oară merg calea asta şi nu-i pot vedea în ochi. Viermi omeneşti, domnule! Moluşte, domnule!... Neam cu sîngele otrăvit din tată în fiu, de aerul rău pe care-l răsuflă şi de hematozoar. Ci cred că nici soarta familiei Kemény nu-i străină de aceste bălţi, blestematele. Am să-ţi spun dumitale istoria şi-ai să înţelegi sigur că am dreptate.

Astfel, tovarăşul meu de drum, cuprins de unul din acele rare accese de expansiune, prin care oamenii din fire tăcuţi se eliberează de reflecţiile îndelung înăbuşite, îmi povesti amănunţit istoria şi sfîrşitul familiei Kemény.

Pe măsură ce înainta am înţeles că dă o însemnătate exagerată şi desigur, îndestul de simplistă, ţînţarilor. Ţînţarii – după el – distruseseră o familie!

– Chinina – vorbi avocatul dr. Silvestru Hotăran, bătîndu-şi pachetul din buzunarul mantalei de praf – o cură zdravănă de chinină şi s-ar fi gătat! N-am mai umbla astăzi pe drumuri. Pe drumuri, ca să luăm parte la risipa în patru vînturi, a unei avuţii agonisite în şapte veacuri. Eu, dragă domnule, ştii ce aş fi făcut?

– Nu ştiu ce-ai fi făcut! mi-am mărturisit umilit netrebnica-mi ignoranţă.

Domnul avocat dr. Silvestru Hotăran rîse foarte înveselit şi foarte satisfăcut. Îi plăcea grozav, se vede, această francheţă. Nici nu se aştepta doar, să-i răspund cine ştie ce ispravă! Ştia că nu sînt capabil să scot din uşuratica-mi minte de scatiu transcarpatic vreun gînd chibzuit şi matur.

– Eu, dragă domnule, aş fi săpat nişte irigaţii faine! Aş fi sleit smîrcurile şi bălţile. Aş fi secat blestemata de apă, să fac patru mii de jugăre de fîneţe şi arături... Asta-i ispravă de gospodar! Dădeam valoare pămîntului. Adunam coroane bune în fiecare an şi atunce baiu, de ţînţari şi de friguri. La minte bună, treabă bună! Aduceam frumos, sănătate şi prosperitate... Pe urmă, dragă domnule, cînd ai coroane bune schimbate în lei, nu-i multă bătaie de cap să afli şi un praf de chinină pentru expropiere. Cine vrea să trăiască nu moare!

Mi-a părut foarte rău, în sinea mea, că şi cei din urmă Kemény nu s-au dovedit vrednici de asemenea judecată înţeleaptă şi că n-au avut măcar norocul unor sfătuitori atît de energici, ca dr. avocat Silvestru Hotăran, de faţă. Îi mîna însă viaţa spre un alt destin; spre întîmplările neguroase şi romantice, pe care mi le împărtăşea, cu o oarecare uimire şi cu îndestul dispreţ compătimitor, tovarăşul meu de drum.

Această familie Kemény dura de la începuturile Ungariei feudale.

Căpitani vestiţi prin bravură; cruciaţi pierduţi fără urmă în expediţiile pentru eliberarea Sfîntului Mormînt; sfetnici, curteni, cărturari subţiri, diplomaţi şi cardinali din viaţa acestor Kemény apar la fiecare filă din hronicul Ungariei.

Moşiile se întindeau vaste, în pustă, cît cuprind ochii. Castele cu arogante turnuri străjuiau în vreo trei domenii de ale lor, ţărmul Dunării. Cestălalt castel, din smîrcuri, fusese numai capriciul vreunui senior de acum patru veacuri, cînd poate ţinutul nici nu fusese invadat de apă şi va fi fost salubru şi fertil.

Rămăsese pustiu, poate uitat, ca orice aşezare fără însemnătate, printre atît de falnice latifundii. Pînă acum vreo opt decenii, cînd contele Armin Kemény, văduv şi lovit de un subit dezgust pentru deşertăciunile vieţii de curte, după o viforoasă existenţă, a descins într-un asfinţit, în fruntea unui convoi de chervane.

Din aceste care cu roţi înalte de pustă şi cu coviltire de papură, oameni pletoşi au descărcat a doua zi cu răcnete de luare-aminte, mobile grele şi uriaşe, lăzi de cărţi, panoplii de arme, armuri care-au fost întinse pe iarbă ca tot atîţia morţi dezgropaţi ai războaielor vechi, paravane, talere de faianţă şi o mie de nimicuri care alcătuiesc confortul şi decorul absolut necesar al unui atît de străvechi grof. Porţile ruginite au fost desferecate cu chei mai grele decît cele de la porţile iadului. Au fost deschise în lături ferestrele cu pervazuri putrede. Şi cînd slugile au purces să mături păianjenii, s-au înălţat, orbite de lumină, stoluri de lilieci care sălăşluiau din neam de neam, în ungherele grinzilor negre.

Aici s-a instalat contele Armin, într-o viaţă ermetică şi cîinoasă.

Explicaţiile acestei hotărîri au fost în zvonurile din acea vreme, multe şi contradictorii.

Se spunea că şi-ar fi tocat cheagul averii, în desfrînate petreceri la Pesta. Ba, că ar fi căzut în dizgraţia Curţii. În sfîrşit, merse vestea că s-ar fi retras ca o vietate păduratică, rănită de moarte, să uite durerea unei crunte drame conjugale, pe urma căreia îşi culcase străpuns cu spada, în duel, cel mai bun şi nedespărţit prieten, în vreme ce contesa se stingea de lingoare, într-o primăvară repede, undeva în Italia, nimicită de umilinţă şi de durere.

Adevărate ori născocite, întîmplările n-au fost cercetate de aproape, de nimeni. Pesta era departe. Calea lungă, peste cîmpii pustii. Oamenii munciţi de alte griji.

Era în miezul anului 1848. Kossuth ridicase steagul republicii libere a Ungariei. Honvezii lui Görgey şi Hatvany puseseră pe goană armatele imperiale şi se treziseră deodată în faţă cu un duşman nou, dîrz şi obraznic. Valahii unui oarecare practicant de avocat Avram Iancu, luptînd cu coase şi cu ciomege,

fortificaţi în văgăunile munţilor şi conduşi de popi care-şi arogaseră impertinente titulaturi romane, de tribuni şi centurioni.

Din multe castele, stăpînii bejeniseră spre locuri mai sigure. Cînd s-au întors, Armin Kemény nu le-a călcat nimănui pragul, nici nu le-a deschis uşile. Între zidurile umede, îmbătrînea ursuz şi bărbos. Cînd apărea încruntat, cu flinta de vînătoare pe umăr şi înconjurat de haita de cîini, sau cu cizmele înalte pînă peste genunchi şi încărcat de complicate unelte de pescuit, toată suflarea omenească din cale intra în pămînt.

Căci asemenea întîlniri nu isprăveau bine. Întotdeauna descoperea o pricină de mînie, dezlănţuită în ocări răstite şi în lovituri repezi de harapnic.

Înduioşare şi dragoste nu arăta decît pentru cîini şi pentru cai. Iar dintre vietăţile omeneşti, numai pentru singurul copil care avea să-i prelungească neamul: Andor.

Cînd îl adusese în caleaşcă de la Pesta, acest Andor număra cinci ani. Străveziu şi palid, în haina de catifea albastră cu guler de valanciennă, copilul deschisese ochii înfricoşat la aceste sălbatice locuri, fiindcă întîia oară ieşea dintre pernele moi, jilţurile cu picioarele scunde de broască, încăperile cu oglinzi cît peretele şi parcul cu arbori domesticiţi, retezaţi, aliniaţi şi ajustaţi, ai palatului de la Pesta, pe ţărmul Dunării, cu faţa spre insula Margit.

Era fără vlagă, întîrziat în creştere, somnoros. Poate va fi fost nevoie de alt aer, aspru şi rece, din înălţimile munţilor, pentru a biciui sîngele şi a altoi vigoare acestui vlăstar de neam ostenit.

Părintele a crezut însă că va înlocui asemenea lipsă, crescîndu-l departe de moleşeala capitalei, îndemnîndu-l de timpuriu să capete dragoste de cîmp, de baltă, de vînat, trezindu-l odată cu zorile răcoroase, învăţîndu-l să poruncească şi să se ceară ascultat.

I-a adus dascăl, un călugăr cărturar de la Roma, pentru învăţătură elină şi latinească. Iar pentru cealaltă pregătire a vieţii, un maestru de călărie şi altul de vînătoare.

Aceştia din urmă au fost trimişi nu peste multă vreme, îndărăt. Nu-şi găseau folosire. Copilul arăta dragoste bolnăvicioasă numai pentru carte şi pentru reverie trîndavă; iar pentru exerciţiile violente, dovedea o repulsie femeiască.

O singură aşteptare a contelui Armin nu dăduse greş. Feciorul ştia să poruncească, să bată din picior şi să se facă temut. Într-atîta doar se adunaseră toate puterile sleite ale celor douăzeci de generaţii, care umpluseră hronicul Ungariei cu isprăvile lor.

Tînărul cu fruntea bombată şi cu ochii muiereşti, se învineţea de mînie cînd găsea împotrivire; vinele scriau sfori groase în jurul tîmplelor; privirea se

aprindea fulgeroasă din leneşa visare. Ultimul Kemény nu-şi dezminţea măcar într-aceasta sîngele focos al familiei: era capricios şi despotic.

Ce-a însemnat viaţa celor doi singuratici în castelul cu porţile totdeauna zăvorîte, nimeni nu putea şti cu precizie. Argaţii erau puţini la număr. Cel mai apropiat sat, la două poşte. Avocat dr. juridic Silvestru Hotăran se văzuse silit să reconstituie această existenţă din scrisorile de afaceri, actele, însemnările şi celelalte documente din arhiva familiei, pe care le puricase cu de-amănuntul vreme de două luni, cînd orînduise dosarul moştenirii. Îşi însemnase aceste date pe cele patru feţe ale unei coale de hîrtie, care-i stătea la îndemînă şi pe care, pentru mai multă uşurinţă a înţelegerii şi o mai repede scurtare a povestirii, mi-o va citi. Deschise ghiozdanul burduhos de pe genunchi. Îşi vîrî înlăuntru nasul rotund încălecat de ochelarii înrămaţi în bagă de culoarea zahărului ars, şi scoase la lumină coala scrisă mărunt, în care istoricul ultimilor Kemény se afla consemnat în ordine cronologică, aşa cum era de aşteptat de la un om atît de metodic şi scrupulos ca tovarăşul meu de drum.

Domnul avocat dr. Silvestru Hotăran îşi aburi ochelarii, îi şterse de praf cu o batistă, trecu cîrligele după ureche şi citi această:

PRESCURTARE

Despre viaţa şi actele defuncţilor Armin, Andor, Ana şi Aranca Kemény, începînd de la anul 1860 pînă la anul 1926.

Februarie 1860. Junele conte Andor împlineşte şaptesprezece ani. Cu prilejul aniversării, discuţie violentă între părinte şi copil asupra carierei ce urmează săşi aleagă tînărul conte. Contele Armin vrea pentru copil cariera armelor. Contele Andor o respinge indignat. Se declară mulţumit cu viaţa claustrată între cărţi, afirmînd că nu doreşte nimic altceva.

Iunie 1862. Contele Andor tînjeşte de o boală nelămurită. (Friguri! Ţînţari! – sublinie avocat dr. Silvestru Hotăran.)

Mai 1863. Contele Andor din nou arată aceleaşi simptome. Febră, insomnie, oroare de zgomot şi de mişcare. Un medic de la Pesta, adus şi consultat, prescrise aer liber, plimbare, vînat, canotaj, călărie... exerciţii violente... Diagnoză: Criză tîrzie de pubertate. (Imbecilul, declară satisfăcut dr. Silvestru Hotăran. Imbecilul! Chinină trebuia să prescrie, nu exerciţii violente!)

Ianuarie 1867. Contele Armin se răneşte singur cu puşca, la vînătoare. O lună de nemişcare în pat. Contele Andor comandă trei lăzi cu cărţi, de la Pesta, Viena şi Lipsca.

Iunie 1868. Contele Armin aduce din Germania şase perechi de pui de lutră, pentru aclimatizare în bălţile domeniului. Contele Andor începe o monografie a familiei Kemény, cu documente din arhiva familiei şi cu date procurate prin corespondenţă cu abatele Matteo Bandello, de la diferiţi călugări cărturari din Roma şi Pesta, cu intrare liberă la Biblioteca Vaticanului şi alte arhive publice şi particulare.

August 1868. Contele Andor întrerupe lucrarea. Febră, insomnie etc. (Iarăşi ţînţarii! bate hîrtia cu dosul palmei, avocat dr. juridic Silvestru Hotăran.)

Decembrie 1870. Contele Armin împuşcă într-o singură zi trei lupi. Contele Andor află documente încă necunoscute despre isprăvile cavalerului Ştefan Koloman Andrei Kemény, plecat cu oastea lui Frederic Barbarossa în a treia cruciadă.

Februarie 1871. Ceartă violentă între contele Armin şi Andor. Abatele Matteo Bandello este expediat în plină noapte, pe viscol, cu sania, sub învinuirea că, împotriva tuturor avertismentelor, întreţine bolnăvicioasa înclinare a tînărului conte pentru „trîndăvia cărturărească”. Copilul şi părintele nu-şi vorbesc două luni. Fiecare ia masa în cameră separată. Contele Armin împuşcă doi lupi, mai multe vulpi şi născoceşte două sisteme de capcane, după modelul propriu, pentru lutrele care s-au înmulţit simţitor. Contele Andor a terminat ultima parte din *Viaţa eroică a cavalerului Ştefan Koloman Andrei Kemény*.

Iulie 1874. Contele Andor cade la pat. Febră, viziuni, delir. (Anofelul! dă din cap tovarăşul meu de drum.)

Octombrie 1878. Contele Armin îndiguieşte partea sudică a bălţilor, pentru a mări suprafaţa lacului numit „Lacul turcilor”, în amintirea bătăliei unde au fost înecate rămăşiţele unei oaste turceşti.

Contele Andor trimite pe ascuns bani abatelui Matteo Bandello să-i completeze ştirile despre a treia cruciadă, din arhiva secretă a Vaticanului.

Aprilie 1879. Contele Armin aduce canal de apă pînă în parcul castelului, pentru a comunica direct, cu barca, pînă la Lacul turcilor. (Nenorocitul! — surîde cu o mare compătimire avocat dr. juridic Silvestru Hotăran. Îşi aduce miasmele mai aproape de casă... Nu-i erau destul!) Contele Andor descoperă amănunte neaşteptate despre ultimii ani ai cavalerului Ştefan Koloman Andrei Kemény, căzut în captivitatea musulmanilor.

Iunie 1880. Contele Andor cade la pat de unde nu se mai ridică pînă în septembrie. Febră, viziuni, delir. Îi apare întîia oară arătarea cavalerului Ştefan Kemény.

Ianuarie 1881. Bătrînul conte Armin se întoarce cu aprindere la plămîni de la vînătoare, zace două zile şi moare dimineaţa de Sf. Iulian. Contele Andor trimite răvaş abatelui Matteo Bandello, să sosească de urgenţă.

Martie, acelaşi an. Abatele Matteo Bandello se instalează în castel, aducînd două lăzi cu cărţi, documente transcrise etc. Contele Andor capătă toate documentele doveditoare că eroul său, cavalerul Ştefan Koloman Andrei Kemény în captivitatea lui Saladin, trece la mahomedanism, se îndrăgosteşte de nepoata sultanului, o ia în căsătorie şi devine unul din comandanţii oastei turceşti care apără cetatea Zara, împotriva cruciadei a patra.

Noiembrie 1882. Contele Andor e ales membru corespondent şi membru de onoare al mai multor societăţi istorice de la Pesta, în urma primelor două volume din *Viaţa eroică a cavalerului Ştefan Koloman Andrei Kemény*, tipărite în primăvara aceluiaşi an.

Mai 1883. Contele Andor e din nou bolnav. Febră, delir, viziuni. În fiecare noapte îi apare arătarea lui Ştefan Koloman Andrei Kemény, făcîndu-i un semn misterios şi dispărînd cu cîntatul cocoşilor.

Iunie, acelaşi an. Contele Andor porunceşte să se taie toţi cocoşii din cuprinsul castelului.

August, acelaşi an. Discuţie violentă între contele Andor şi abatele Matteo, care îl învinuieşte de idei eretice, predilecţie pentru un erou sperjur etc. Abatele Bandello este expediat la prima gară, în timpul nopţii.

Noiembrie 1884. În urma inundaţiilor, zăgazurile de la Lacul turcilor cedează, iar toată regiunea e acoperită de apă. Contele Andor comandă la Lipsca şi Viena, un ciclu de cărţi despre ştiinţele oculte, reîncarnare, spiritism, magnetism etc.

Aprilie 1885. Contele Andor cere librarilor săi de la Pesta şi Viena să-i completeze operele lui Allan Kardek, Swedenborg, Samuel Taylor Coleridge, Sfîntul Denis Areopagitul, Ruysbroeck l'Admirable.

Iunie 1887. Contele Andor se îmbolnăveşte din nou. Febră, delir, viziuni.

Iulie, acelaşi an. Contele Andor intră în comunicaţie directă cu spiritul cavalerului Ştefan Kemény.

Ianuarie 1889. Contele Andor aruncă în foc manuscrisul părţii a treia şi ultima din *Viaţa eroică a cavalerului Ştefan Koloman Andrei Kemény*. Se decide să o refacă, după dictarea directă a spiritului, care acum îi e nedespărţit în castel.

Mai 1890. Contele Andor capătă după mai multe indicii, siguranţa că este spiritul reîncarnat al cavalerului Ştefan Koloman Andrei Kemény; după cum spiritul poetului celt Allan Kardek s-a reîncarnat în Hippolyte Denisard Rivail, şeful doctrinei spiritiste.

Ianuarie 1891. Contele Andor intră în corespondenţă cu mai mulţi pionieri ai spiritismului din Europa şi din America.

Iulie 1892. Febră, insomnie, delir.

August, acelaşi an. Contele Andor descoperă printr-o metodă ocultă care îi aparţine, că rămăşiţele pămînteşti din oastea lui Soliman Magnificul care s-au înecat în mlaştinile din jurul castelului numite „Lacul turcilor”, au fost comandate de Hussein Ibuzolair, strănepot direct al cavalerului Ştefan Koloman Andrei Kemény turcitul. Armata maghiară care i-a împins în mlaştini, înecîndu-i, luptase sub conducerea unui Kemény. Astfel căpitani din aceeaşi viţă a familiei Kemény se războiseră fără să se cunoască, unul pentru apărarea creştinătăţii şi altul pentru steagul verde, cu semiluna mahomedană. Contele Andor cere prin corespondenţă, de la diferite biblioteci din Pesta şi Viena, date despre ocupaţia turcească în Ungaria, între anii 1520- 1566.

Octombrie, acelaşi an. Informaţiile obţinute de la arhivele din Pesta şi Viena îl nemulţumesc. Contele Andor renunţă la ele, urmînd să le completeze prin mijlocirea unui medium.

Ianuarie 1893. Contele Andor cheamă prin scrisoare, după recomandaţiile baroanei Clara Peyron, cunoscută prin corespondenţă, celebrii medium, soţii Florence şi Nicholas Blacke.

Februarie 1893. Sosirea soţilor Florence şi Nicholas Blake. Contele Andor semnează o scrisoare, prin care oferă despăgubire de 20.000 coroane soţilor Blacke, pentru o şedere de şase luni în castel.

August, acelaşi an. Plecarea soţilor Blacke. Contele Andor descoperă după o săptămînă, dispariţia mai multor lucruri de valoare, între care, parte din bijuteriile familiei. Scrie o reclamaţie adresată justiţiei. Se răzgîndeşte şi nu o mai trimite. Originalul petiţiei se află în arhiva familiei.

Aprilie 1894. Contele Andor îşi propune să caute un medium, printre persoanele simple şi ignorante, care să nu-i înşele buna-credinţă. Scrie mai multe scrisori. E nemulţumit de toate răspunsurile.

Septembrie, acelaşi an. Încunoştinţat de avocat că în domeniul de vînătoare al familiei, în pădurile vecine Sibiului, se află mai multe lăzi cu documente pînă atunci neglijate, contele Andor părăseşte întîia dată castelul, la vîrsta de 51 ani. Rămîne două săptămîni la Racoviţa, lîngă Sibiu. Oferă 30.000 coroane ţăranului Gheorghe Porumbacu pentru a-i încredinţa fiica sa Ana Gh. Porumbacu, în care a găsit toate însuşirile unui medium excepţional. Gh. Porumbacu refuză.

Octombrie, acelaşi an. Prin intermediul avocatului din Sibiu, contele Andor ridică oferta la 40.000 coroane. Săteanul Gh. Porumbacu refuză.

Ianuarie 1895. Contele Andor face din nou drumul la Sibiu şi de aici la Racoviţa, pentru a stărui personal. Săteanul Gh. Porumbacu refuză.

Martie, acelaşi an. Prin intermediul avocatului, contele Andor cere în căsătorie pe Ana Gh. Porumbacu.

Aprilie, acelaşi an. Contract de căsătorie între contele Andor Kemény, proprietar, născut la 15 februarie 1838 şi Ana Gh. Porumbacu, profesie casnică, născută la 2 octombrie 1877. Contele Andor constituie dotă soţiei sale 200.000 coroane şi o rentă viageră de 3.000 coroane anual, săteanului Gh. Porumbacu din Racoviţa, comitatul Sibiului.

Septembrie, acelaşi an. Contesa Ana Kemény încearcă să fugă noaptea, din castel, în înţelegere cu o servitoare care angajează căruţă etc. Contele Andor surprinde servitoarea, o loveşte pînă la sînge. Contesa e închisă în cele două camere nord-vestice de sub turnul castelului.

Octombrie, acelaşi an. Contele Andor renunţă la şedinţele spritiste şi magnetice. E îndrăgostit de contesă.

Noiembrie, acelaşi an. Contesa Ana Kemény încearcă să trimită o scrisoare părinţilor, prin altă servitoare, cerînd să o elibereze numaidecît. Contele interceptează scrisoarea. Într-un acces de violenţă răneşte mortal servitoarea vinovată. Victima e îngropată lîngă capela castelului.

Decembrie, acelaşi an. Contele Andor comandă de la Pesta diferite cadouri feminine: bijuterii, haine, blănuri etc. Se informează despre posibilitatea unei călătorii în Italia, ignorînd complet în viaţa pe care a dus-o pînă acum, atît mijloacele de călătorie, cît şi formalităţile respective.

Martie 1896. Contele Andor şi contesa Ana Kemény plecară în călătorie în Italia.

Iunie 1896. Contele şi contesa se află în Elveţia.

Septembrie 1896. Întoarcerea contelui şi contesei Kemény.

Mai 1897. Contesa Ana Kemény naşte o fetiţă care e botezată Aranka Maria Ştefania.

Ianuarie 1900. Contele Andor angajează printr-un birou de la Londra, o guvernantă pentru Aranka: Miss Elisabeta Landor.

August 1901. Contesa Ana se îneacă în canalul din parcul castelului. Cercetările nu pot dovedi dacă e vorba de sinucidere sau de accident. Contele Andor încearcă să se sinucidă la rîndul său. E salvat de un servitor bătrîn – actualul păzitor al castelului. Zace o lună de pneumonie. Ridicat din pat, reia preocupările spiritiste şi magnetice.

Cheamă spiritul contesei Ana.

Mai 1902. Febră, insomnie, delir.

Iunie, acelaşi an. O pereche de servitori, angajaţi de curînd, cer rezilierea contractului, sub cuvînt că nu pot locui sub un acoperămînt unde se arată în fiecare noapte o vedenie albă, care cutreieră coridoarele.

Septembrie, acelaşi an. Contele Andor se închide în bibliotecă unde guvernanta îl aude vorbind singur cu spiritul contesei Ana.

Aprilie 1903. Contele Andor face comunicări interesante societăţilor spiriste, magnetice şi diferitelor publicaţii spiritiste din Anglia, Franţa, Germania şi America, despre: fluidul magnetic, efluvii, corp astral, corpul odic, aura, materializări etc.

Iunie 1905. Contele Andor scrie unui coleg spiritist că se află în posesiunea tuturor dovezilor că defuncta contesă Ana Kemény, fostă Ana Porumbacu din Racoviţa, era reîncarnarea principesei Azisa, nepoata sultanului Saladin. Aceeaşi de care se îndrăgostise acum şapte sute de ani cavalerul Ştefan Koloman Andrei Kemény şi pentru care se turcise. Contele Andor, la rîndul său, fiind o altă reîncarnare terestră a cavalerului Ştefan Koloman Andrei Kemény, căsătoria sa nu fusese decît o repetare, dinainte dictată, a unui act din ciclul reîncarnărilor pămînteşti. Copia scrisorii cu răspunsul se află în arhiva familiei.

Septembrie 1907. Contesa Aranka e internată pentru completarea studiilor într-un pension din Cambridge (Anglia).

Ianuarie 1910. Contele Andor prezidează congresul Uniunii spiritiste de la Londra, unde face senzaţionale comunicări despre lanţul reîncarnărilor terestre, telekinezie etc.

Iunie 1911. Contesa Aranka se întoarce în vacanţă din Anglia. În scrisorile adresate colegelor de şcoală se arată cu totul încîntată de sălbăticia şi atmosfera romantică a domeniului părintesc. Aici îşi poate exercita în voie pasiunea pentru vînătoare, pescuit, canotaj etc. Se plînge că nu poate avea tovarăş la aceste expediţii pe bătrînul conte pe care îl descrie ca pe un ursuz, „cu frunte exagerată şi cu barbă idem, de gnom” şi care n-a fost niciodată să-şi vadă pînă unde i se întinde hotarul moşiei.

Iulie 1913. Contele Andor face un voiaj la Londra, chemat de mai mulţi confraţi întru spiritism. Se întoarce însoţit de contesa Aranka, în penultima vacanţă.

Decembrie 1914. Contele Andor e chemat la Budapesta pentru a da relaţii asupra legăturilor cu diferiţi savanţi englezi inamici. Contesa Aranka, obligată să rămînă în Ungaria, refuză să-l întovărăşească în capitală. Vînează, patinează, a deschis copci în gheaţă pentru a pîndi lutrele aduse odinioară de bunicul Armin Kemény şi prăsite în mod alarmant.

Iunie 1915. Contesa Aranka aduce un meşter de la Pesta să repare toate bărcile rămase în părăsire de la moartea bunicului Armin. Îşi petrece toată ziua pe apă.

Ianuarie 1916. Contele Andor nu mai părăseşte biblioteca. Vorbeşte singur. Contesa Aranka îşi permite glume ireverenţioase, care produc conflict între părinte şi copilă. Contesa Aranka împuşcă două vulpi.

Iunie 1916. Contele Andor e grav bolnav. Delir, de astă dată fără febră. Un medic, chemat de la Pesta, ordonă imediata îngrijire într-un sanatoriu. Contesa Aranka îl însoţeşte în capitală, unde intră soră de caritate într-un spital de răniţi, pentru a nu rămîne inactivă. Apariţia sa face senzaţie în anumite cercuri înalte din Budapesta. Un pictor celebru şi nemobilizabil, cere onoarea de a-i face portretul. Contesa Aranka acceptă, dar nu-şi poate găsi astîmpăr în timpul pozei. Mărturiseşte în această vreme pictorului, că nu poate suporta viaţa efeminizată din capitală şi abia aşteaptă să se poată întoarce la viaţa liberă şi pitorească de acasă.

Decembrie 1916. Consultul medicilor ajunge la concluzia că boala contelui Kemény e incurabilă, însă că poate dura zece, doisprezece ani. Contesa Aranka se întoarce la castelul părintesc. Vînează trei lupi în prima săptămînă.

Martie 1917. Contesa Aranka suferă întîia oară de singurătate. Insomnie. Într-un carnet de însemnări notează că o dezgustă abrutizarea servitorilor bătrîni. În două nopţi consecutive i se arată vedenia albă din coridoare, de care pînă acum şi-a rîs.

Iulie, acelaşi an. Febră, insomnie (A venit şi rîndul ei! dă din umeri domnul avocat dr. Silvestru Hotăran. Febră, adică: ţînţari! Malarie!)

Martie 1918. Soseşte în covalescenţă, după ce a fost rănit pe frontul galiţian, sublocotenentul în rezervă Tivadar Vágo, feciorul moşneagului servitor de încredere, care şi astăzi păzeşte castelul Kemény, acelaşi care a scăpat de la înec, în august 1901, pe contele Andor. Tivadar Vágo e democrat şi revoluţionar. Vorbeşte entuziasmat despre revoluţia din Rusia. De cîteva ori însoţeşte pe contesa Aranka în expediţiile cu barca în diferite lacuri ale domeniului.

Mai 1918. Tivadar Vágo este rechemat la regiment la Pesta. În tot cursul verii expediază respectuoase scrisori din localităţile unde se afla cu regimentul. Contesa Aranka născoceşte procedee noi de pescuit.

Iunie 1918. Contesa Aranka suferă de febră, temperatură etc. Dar refuză să rămînă în casă. Pînă noaptea tîrziu, se află cu barca pe lac, vînînd sau pescuind.

Ianuarie 1919. Contesa Aranka vînează un lup şi două vulpi. Tivadar Vágo a încetat să scrie. După informaţiile ulterioare, se află înregimentat în armata revoluţionară a lui Béla Kun.

14 martie 1919. Castelul Kemény e atacat de trupe neregulate revoluţionare. Contesa Aranka împuşcă doi soldaţi pe fereastră.

14 martie 1919. Trupele neregulate se retrag pentru a face front unei armate româneşti în înaintare. Apare locotenentul de rezervă Tivadar Vágo, comandant al unei trupe roşii, sfătuind servitorii să părăsească domeniul şi în special pe contesa Aranka să se refugieze pentru a scăpa de răzbunarea soldaţilor împuşcaţi. Contesa Aranka refuză.

18 martie 1919. Contesa Aranka dispare. Ultima dată a fost văzută seara, înainte de apusul soarelui, cu barca şi cu o carabină militară.

18 martie 1919-20 decembrie 1926. Toate cercetările pentru a descoperi urma contesei Aranka nu dau nici un rezultat. Tivadar Vágo se află refugiat în Rusia, împreună cu mai mulţi conducători ai revoluţiei ungare.

21 decembrie 1926. Contele Andor moare octogenar în sanatoriul Sf. Géllért din Budapesta, după ce timp de zece ani îşi pierduse cu desăvîrşire raţiunea şi se socotea reîncarnarea terestră a cavalerului Ştefan Koloman Andrei Kemény.

22 decembrie 1926. Deschiderea succesiunii Kemény.

*

– Aceasta e tot, dragă domnule! îşi încheie prea lunga lectură, avocat dr. Silvestru Hotăran. Aceasta e tot, şi întăreşte spusele mele. Un neam întreg scos din viaţă de anofel!... Toată nebunia contelui Andor; stricăciunea de nervi a fetei de ţăran înălţată la rang de contesă şi alegînd moartea sau fuga în locul vieţii din asemenea temniţă împresurată de ape, firea şuie a contesei Aranka şi dispariţia dînsei fără urme; toate dovedesc că boala s-a încuibat adînc şi că nici un altoi de sînge proaspăt n-a mai putut aduce salvare neamului. O vreme, am socotit că a fost o fugă romantică.

– Romantică şi sentimentală? am subliniat, fiindcă şi eu preferam aceeaşi concluzie.

– Da, dragă domnule. Romantică şi sentimentală. Mă cugetam că poate contesa Aranka, ascultînd pornirile ei plebee, a fugit cu feciorul servitorilor, locotenentul revoluţionar... Informaţiile mele au dovedit însă că Tivadar Vágo a plecat singur în Rusia după răsturnarea lui Béla Kun şi că se află astăzi, amnistiat şi om nevoiaş, de afaceri, la Pesta. Contesa Aranka n-a dat semn că este în viaţă. Toate publicaţiile legale, în termen, n-au fost de folos... Succesiunea trece asupra ramura depărtată a familiei, cu care ramul principal nu mai păstra nici o legătură de trei sferturi de secol... Castelul e păzit de slugile vechi, de credinţă. Slugi bătrîne şi cu mintea bolnavă de nălucile frigurilor. Toţi jură cu mîna pe Sfînta Cruce, că încăperile castelului şi împrejurimile parcului sînt umblate noaptea de

stafia contesei Aranka. Pînă ce nu plecase dînsa, era contesa Ana. Acum e contesa Aranka!... Vezi bine, dintr- această rătăcire a minţii, dragă domnule, unde i-a adus balta şi ţînţarii. Dealtminteri, dumneata cu ochii dumitale, ai să vezi şi ai să te cugeţi. Pe urmă ai să-mi dai mie dreptate, cum toţi mi-au dat pînă-n ceasul prezinte. Ne apropiem...

Avocat dr. juridic Silvestru Hotăran îşi împături documentul cronologic. Îl închise în geanta doldora, verificînd minuţios toate resorturile încuietorilor. Apoi se întinse pe spate, cu un suspin de uşurare, între pernele moi ale maşinii.

Ne apropiam într-adevăr. Se simţea suflînd împotriva automobilului, vîntul jilav şi mirosul putred, de apă stătută.

Şoseaua rămase înaltă, ca muchia unui dig, împresurată de o parte şi de alta de smîrcuri glodoase. Ici-colo, din apele negre, se ridicau copaci noduroşi cu scorburi imense şi cu crengi torturate, care noaptea vor fi luînd desigur înfăţişări spectrale de spaimă.

Zburau păsări necunoscute, speriate din păpurişuri care-şi clătinau latele săbii vegetale.

Dar ceea ce nelinişte într-adevăr, strecurînd un sentiment insuportabil, de oroare şi de dezgust, era întinderea aceasta de apă chiftită; abia de-un lat de palmă ridicată deasupra pămîntului: amestec de fertilitate şi de putreziciune, cu flori cărnoase şi păroase ca animalele vii şi cu vietăţile oribile, care se ghiceau mişunînd în glodul gras, înnodîndu-se, tîrîndu-se, vînîndu-se; reptile şi insecte cu o sută de picioare, moluşte moi cu hidoase convulsiuni, lipitori înciotate în struguri băloşi, un întreg univers vîscos şi veninos, dospind ca într-o imensă etuvă.

Din humusul negru veneau valuri de fermentare acră.

Mici insule, scoţîndu-şi cucuiele ierboase din fongositatea verzuie, păreau tot atîtea abcese intrate în putreziciune.

Departe, în zarea aburită de umezeală, sălciile moarte străjuiau domeniul acesta al iremediabilei tristeţi, cu braţe carbonizate şi ciunge, care speriau orizontul.

– Aur! mormăi avocat dr. juridic Silvestru Hotăran. Un drenaj sistematic, şi aur ar fi însemnat pămîntul acesta untos ca păcura...

N-am răspuns.

Ochii se chinuiau să desluşească din fuga maşinii, dacă ceea ce-mi părea uneori că mişcă mătreaţa spongioasă a apei era un pistil de floare monstruoasă ori numai un bot de animal cuibărit în nămol.

Strigătul claxonului fu bizar şi mat. Cu toată sonoritatea absorbită de smîrcuri. Un strigăt înăbuşit cu vată. Şi roţile călcau acum fără zgomot, pe drumul capitonat cu iarbă, tăiată din şosea pînă la porţile de fier ruginit.

Nu se mişca nimic. Totul era părăsit şi deşert, cum n- ar mai fi locuit nimeni de o sută, de sute de ani.

În poarta cu rugina asudată de umezeală, un singur semn al veacului ne reintegra în timp. Publicaţia roşie de licitaţie, lipită cu clei de făină.

– Dorm! se impacientă avocat dr. Silvestru Hotăran. Dorm, bestiile! Mai sună! porunci şoferului.

Abia la a treia chemare, în dosul porţii se auzi cineva mişcîndu-se, scrîşnind zăvoarele, şi grele, laturile se deschiseră izbindu-se de perete.

O jivină de om, păroasă, cu mîinile pînă la genunchi, îşi ridică pălăria verzuie cu labă de iepure la ceafă.

Avocat dr. juridic Silvestru Hotăran vorbi mînios ceva în limba lui Petőfi, din care n-am fost vrednic să înţeleg niciodată un singur cuvînt. Omul răspunse mergînd cu pălăria în mînă, lîngă maşină, pe drumeagul năpădit de buruieni.

De după zid apăru o monstruoasă arătare: un guşat cu traista de carne lucioasă, căscînd ochii cîrpiţi, rînjind dinţii galbeni într-un rîs grotesc şi strîmbîndu-se tîmp la noi. Cînd maşina fu lîngă el, dădu un răcnet şi dispăru fluturîndu-şi zdrenţele.

– Poftim! vezi şi dumneata, dragă domnule, printre ce oameni sîntem condamnaţi să trăim cîteva zile... se tîngui avocat dr. Silvestru Hotăran, descurcîndu-şi picioarele dintre pachete şi scoborînd cu un geamăt.

M-am tras cîţiva paşi îndărăt, să cuprind în întregime cu privirea, faţada castelului cu stafii.

Răspundea exact închipuirii: cu cele două rînduri de ferestre înguste şi opace, cu turnurile laterale, cu uşile inexpugnabile de stejar ferecat în ţinte, cu muşchiul ruginiu, crescut între blocurile de piatră. Era solemn, întunecat, invadat de umezeală. Fuliginos şi mut.

– Ai timp! mă strigă avocat dr. juridic Silvestru Hotăran din capul scărilor. Ai timp să-l vezi, mai tîrziu... Toată mizeria e dincolo, în cealaltă faţadă, spre parc... Acum să ne scuturăm praful, dragă domnule, să ne dezmorţim, să ne spălăm ochii şi să aflu ce surprize mi-a mai pregătit justiţia. Îmi spune acest Micloş, că am primit telegrame şi acte... Mie nu-mi plac niciodată telegramele. Nu anunţă decît complicaţiuni neprevăzute, după cum vei fi aflat şi dumneata...

Am renunţat să văd deocamdată „mizeria” de dincolo — cum o numea avocat dr. Silvestru Hotăran, şi l-am urmat pe scările intrării.

M-am oprit orbit, să-mi deprind ochii cu întunericul şi plămînii cu mirosul înecăcios şi iute, de mucegai. M-am lovit de un om rece şi am sărit repede în lături.

Omul era numai o armură; iar alte armuri, cu coifuri pe ochi şi cu gesturi încremenite, păzeau sala de jur împrejur.

Avocat dr. Silvestru Hotăran îşi aruncă în cea mai desăvîrşită lipsă de pietate, cascheta în pumnul metalic al unui fost Kemény; pardesiul de praf, pe braţul altuia: apoi, nerăbdător, desfăcu telegramele şi adresele justiţiei, apropiindu-se de lumina uşii.

După mormăielile guturale am înţeles că nu-i aduceau veşti pe plac.

Păşi apăsat pe lespezile de piatră, cu mîinile la spate, mototolind între degetele grase cît cinci perechi din würşti congestionaţi, vraful de hîrtii. Se opri în faţa unei armuri cu pieptul de metal lucios. O măsură din vîrful prelung al picioarelor articulate, pînă în creştetul coifului cu crucea dublă. Şi amîndoi: uriaşul înalt, dar cu mijlocul subţire în solzii laţi de oţel, şi omul în contemporan veston de stofă englezească, îmbumbat peste abdomenul sferic, au părut un moment că se înfruntă cu un egal dispreţ.

Avocat dr. Silvestru Hotăran întoarse brusc spatele omului de fier şi se însenină la figură. Îmi fu uşor să pricep că nu se încruntase nicidecum agresiv la armura inofensivă, ci numai că meditase la neprevăzute complicaţii; că găsise o dezlegare şi că luase o hotărîre.

– În definitiv, putea fi ceva şi mai rău! rosti avocat dr. Silvestru Hotăran. Imaginează-ţi dragă domnule, că trebuie să amînăm cu patru zile termenul şi că trebuie să mă prezint la reşedinţă, chiar astăzi. (Consultă ceasul priponit cu lanţ gros de aur, între nasturii vestei.) Adică să plec în cel mult o oră, dacă vreau să ajung înainte de închiderea tribunalului. Cum facem? Te-am încurcat de la treburile dumitale...

– Facem foarte simplu! am răspuns cu voioşie, ca unul care nu prea aveam cine ştie ce treburi de încurcat şi nu păstram agenda plină de misterioase hieroglife, pentru întrebuinţarea dinainte destinată a zilelor şi a ceasurilor. Simplu, fiindcă rămîn aici, dacă nu încurc pe nimeni... Dumneata te duci la reşedinţă. Te întorci, cînd ai terminat. Îmi laşi ceva din provizii. Slavă Domnului, este de unde! Această împrejurare îmi face chiar plăcere. Am timp să cercetez pe îndelete biblioteca.

Nu mărturisisem adevărata pricină. Că mă ademeneau mai ales aceste două, trei zile, fiindcă mai bine voi înţelege romanticile şi fumegoasele peripeţii, atît de prozaic rezumate de avocat dr. Silvestru Hotăran, în referatul său sec ca un raport de expertiză.

Singur, eliberat de prezenţa preaterestrului meu tovarăş de drum, voi avea răgaz să respir această atmosferă. Să mă înveninez de ea! — cum spunea avocat dr. Juridic Silvestru Hotăran. Şi să reconstitui acest împătrit roman, altfel de cum îl voia interpretarea lipsită de fantezie a celui mai înverşunat şi corpolent duşman, pe care l-au avut cîndva bălţile, ţînţarii şi malaria.

Tovarăşul de drum preţui însă în felul său această promptă hotărîre. Mă găsi „băiat fain" – şi mă bătu afectuos pe umăr cu palma-i lată cît broasca ţestoasă.

– Nu crede că n-am înţeles!... Ce plăcere poate să-ţi facă trei zile de plictiseală, singur, în ticăloşia de-aici?... Adevărul este că în delicateţea dumitale, dragă domnule, nu vrei să mă incomodezi şi eşti gata să te sacrifici. Apreciez aceasta!... Dar fiindcă aşa ai hotărît, aşa să rămînă! Acum, hai să ne spălăm ochii şi să gustăm ceva...

L-am lăsat pe avocat dr. juridic Silvestru Hotăran în aceste dulci iluzii asupra presupusei mele delicateţe şi am mers să ne răcorim ochii.

Ştergîndu-şi mîinile cu şervetul, vrăjmaşul anofelilor observă pe sticla ferestrei un imprudent inculpat. Îşi aşeză repede ochelarii pe nasul rotund, se plecă să-l studieze cu cea mai mare luare-aminte şi se ridică pufnind de satisfacţie:

– Anofel! mă asigură. Observi colea, cum ţine coada?... Ceilalţi, vulgari şi inofensivi, o poartă jos. Acesta o ţine ridicată: canalia e infectată de hematozoar. Exact ceea ce-ţi spuneam.

Am mulţumit pentru acest supliment de informaţii, care-mi rememorau îndepărtatele lecţii de igienă de pe băncile şcolii. Dar n-am arătat prea gravă alarmare. Avocat dr. juridic Silvestru Hotăran înţelegea însă altfel lucrurile. Se apropie în vîrful picioarelor, încruntat sub ochelarii bombaţi, cum ar fi pîndit pe la spate un teribil adversar, ridică mîna cu lentă precauţiune şi brusc, cu degetul, îl strivi într-o asasină răsucitură.

Abia mi-am stăpînit înveselirea. Îndeletnicirile prea gravului avocat dr. juridic erau îndestul de comice şi de un efect derizoriu. Ucisese unul; dar cele patru mii de jugăre de smîrcuri mai furnizau încă vreo cîteva milioane de „canalii". Războiul era cu totul inegal. Inamicul se bucura de rezerve inepuizabile.

– Să nu uit cumva, să-ţi las chinina! îşi aminti avocat dr. juridic Silvestru Hotăran. Şi am să te rog serios, să iei în fiecare dimineaţă şi seară, cîte o doză. Nu vreau să te am pe suflet...

– Eh! Pentru conştiinţa unui avocat, o victimă mai mult ori una mai puţin...

– Iertare, dragă domnule! Conştiinţa mea e limpede ca acest cristal! – se apără avocatul dr. juridic, dovedindu-se încă o dată impermeabil la frivolele glume.

Şi spunînd, luă cu o mînă, de pe masă, un pahar de cristal, să-mi arate în zare cît de virginală îşi simte conştiinţa.

Paharul era prăfuit, cu urme opace şi grase ca o placă de amprente digitale.

– Trebuia şters niţel în prealabil!... am întins batista cu nevinovăţie.

Avocat dr. juridic Silvestru Hotăran binevoi, în sfîrşit, să surîdă biruit, aşezînd la loc paharul cel ce arăta mai scîrnav ca o conştiinţă încărcată de criminal.

– Domnule, domnule, sînteţi cu toţii nişte... Nici nu găsesc cuvîntul... Nişte... răi!

– Răi, doctore... Adevărate „canalii”, ca anofelul.

– Lasă! Am să te văd eu!... mă ameninţă cu degetul gras şi roşcovan, ca un veritabil francfurter cu hrean. Acum să te predau lui Micloş. Îţi las cheile. Trei zile rămîi aici, singurul custode.

Avocat dr. juridic Silvestru Hotăran mă predă lui Micloş care cu toată bătrîneţea gîrbovindu-i spinarea, lipi călcîiele cizmelor milităreşte şi rosti respectuos, ceva, cam aşa:

– *Egészenrendelkezéséreállok!*

– Ce spune? am întrebat.

– Ci dracu să-l ia! îmi tălmăci avocat dr. juridic Silvestru Hotăran. Plecăciuni de-ale lor, de-ale slugilor. Zice că-ţi stă la dispoziţie.

– Răspunde-i că-i mulţumesc, dar că n-am să prea am nevoie. Cum nu înţeleg nimic din limba onorabilului Micloş, nici n-am să-i pot cere nimic!...

Avocatul dr. juridic îi transmise această sinceră părere de rău, la care moşneagul îmi răspunse tot atît de respectuos şi servil ceva, cam ca:

– *Sziwesenfelajánlomönnekszolgálataimat!*

– Să-mi dea înainte de toate un foarfece! am exclamat rîzînd. Ca să pot despărţi subiectele de predicat...

Tovarăşul nu aprecia însă uşurătatea generoasă cu care acceptam aceste complicaţii; după cum şi Micloş mi s-a părut crunt ofensat de veselia mea prin nimic justificată.

Nu răspundeau cu zîmbet măcar de politeţe, la această exuberanţă mai mult sau mai puţin meridională. Amîndoi mă dezaprobau, deşi pentru motive diferite.

Dar ca să mă scutească de neînţelegerile viitoare din lipsa unui tălmaciu, avocat dr. Silvestru Hotăran porunci din vreme unde să-mi fie pregătit patul, la ce oră să se servească masa şi alte vulgare amănunte ale cotidianului.

Mi s-a părut că sluga arată un fel de teamă surprinsă şi că mă priveşte cu dezaprobare.

– Ce vrea? am întrebat.

– Prostii! rosti cu dispreţ avocat dr. Silvestru Hotăran. Au început iar, cu prostiile lor!... Se miră cum ai să dormi singur aici trei nopţi. Întreabă dacă nu te temi de stafii! Se pare că domniţa Aranka a început să se plimbe iar prin coridoare şi prin parc... Zice că nimeni n-a rezistat... Acum opt ani, un locotenent român încartiruit aici a plecat după prima noapte... N-a vrut să spună de ce; dar a preferat să doarmă cu soldaţii în corturi... Iar acum trei ani, un servitor tînăr, un flăcău tocmit să taie copacii bătrîni din parc, s-a înecat după a doua noapte... Cum vezi, te las în plin mister, dragă domnule! Noroc că n-am grijă; eşti destul de civilizat ca să nu te impresioneze basmele acestor sălbatici.

– O, cît despre asta! am spus cu bărbăţie şi cu un gest larg, care desfidea toate duhurile tenebrelor.

Apoi, avocat dr. juridic Silvestru Hotăran ordonă să descarce cele o sută şi una de pachete, supraveghe rînduiala lor la rece, îmbracă mantaua de praf de pe mîna ţeapănă a armurii transformată în cuier, se scufundă între pernele moi ale maşinii şi porni spunînd şoferului să mîne cu viteză maximă.

– Ia seama, anofelul! îmi recomandă ultima oară, agitînd mîna cu degetul ridicat într-o protectoare ameninţare.

– Şi stafiile! am spus, din capătul scărilor, cu un rîs stupid.

Poarta se trînti grea închizîndu-mă înlăuntrul zidurilor de piatră, înalte cît trei staturi de om.

[...]

(va urma)

FOILETON

21º

Aranka, o espírito das águas

"A condessa Ana Kemény dá à luz uma menina,
batizada com o nome de Aranka-Maria Ştefania."

CEZAR PETRESCU

Meu colega de viagem, o advogado doutor em ciência jurídica Silvestru Hotăran[1], desde o início provou encarnar a mais perfeita cautela. Dado o seu talhe, encarnava sem dúvida também a mais corpulenta.

Não havíamos ainda saído de Cluj[2] e, dentro do carro, já nos encontrávamos obstruídos por mil e um cestos, pacotes, pacotinhos, garrafas, baguetes, pãezinhos, frascos, potes e latas de conserva; compridos, largos, retangulares, esféricos, cilíndricos, dodecaédricos e de mais outras tantas e surpreendentes formas ignoradas tanto pela geometria espacial quanto pela geometria plana.

– Poder-se-ia dizer que estamos a caminho da inauguração de um refeitório de quartel, de uma exposição de produtos alimentícios ou que estamos transportando provisões de um mês para náufragos do polo norte!

Tentei ironizar aquela inofensiva paixão gastronômica no exato momento em que o advogado doutor em ciência jurídica Silvestru Hotăran, ao se dar conta de uma lacuna na coleção, pousou a mão gorducha no ombro do chofer para que este parasse na terceira "Loja de especiarias e delicatéssen".

---

[1] Ao longo do texto, o autor graceja com o estereótipo do romeno transilvano, nutrido em especial pelos bucarestinos, a começar pelo nome que dá ao advogado: Silvestru evoca a floresta (do latim *silva*) que define o nome da província histórica (Transilvânia, *do outro lado da floresta*) e o fato de os étnicos romenos transilvanos com frequência escolherem nomes de origem latina para evidenciar sua pretensa origem romana, diferenciando-se assim das populações coabitantes magiar e germânica; ao passo que Hotăran é um sobrenome inventado a partir do verbo romeno *hotărî*, decidir, o que garantiria a tenacidade e a probidade do personagem. O sobrenome também evoca o substantivo romeno *hotar*, fronteira, sugerindo que o advogado fosse *aquele da fronteira da floresta*. Vale lembrar que a Transilvânia, parte do Império Austro-Húngaro até o seu desmantelamento no fim da I Guerra Mundial, passou a integrar oficialmente o território da Romênia desde 1920, com a assinatura do Tratado de Trianon. (n.t.)

[2] Principal cidade na Transilvânia. (n.t.)

O colega me olhou por cima das lentes dos óculos de armação de tartaruga da cor do açúcar queimado, com aquela gravidade transilvana impermeável a gracejos[3].

Fitou-me e lançou-me um olhar cheio de comiseração.

Em seguida, sério e metódico, explicou-me, em um áspero requisitório dividido em tópicos, que eu não deveria ter razões para rir.

Passaríamos pelo menos três dias em uma área perfeitamente deserta, em meio a uma gentalha hostil e abrutalhada. Ele tinha ainda o dever de garantir as refeições do magistrado, do especialista, do escrivão e de eventuais licitantes, caso os anúncios da liquidação houvessem atraído indivíduos interessados em objetos antigos, móveis históricos, livros raros e quadros, e quem sabe também algum misantropo farto das coisas e louco o suficiente para adquirir o castelo mal-assombrado.

Seu dever era o de defender, por todos os meios, o interesse dos clientes que o honraram com sua confiança absoluta, outorgando-lhe uma procuração às cegas, lavrada em Peste, a fim de converter em cheques aquela herança inesperada. Ademais, sua experiência de vida lhe havia ensinado que tais operações podem se concluir da maneira mais diligente e descomplicada desde que todos – magistrados, especialistas e licitantes – se encontrem submersos na indolente digestão de um jantar copioso. Um aperitivo frugal e apressado tornaria todos irritados e preocupados com a questão do almoço do dia seguinte, o que os faria dar asas à ansiedade e maquinar todo tipo de tramoia.

Meu senso de humor leviano lhe confirmava, assim, uma vez mais, o descuido e a frivolidade da estranha espécie humana que eu representava, e que em seu vocabulário se resumia ao epíteto recriminador de "pintassilgo transcarpático".

Dito isto, o doutor Silvestru Hotăran se virou para bater em meu ombro com um gesto amistoso, erguendo uma manzorra do tamanho do casco de uma tartaruga.

Amenizava, dessa maneira, a severidade do requisitório e confirmava que, pessoalmente, me concedia certa circunstância atenuante, pois não eu tinha cul-

[3] O tom da relação entre o narrador e o advogado é marcado, com visível comicidade, por uma rixa histórica entre bucarestinos (ou valáquios como um todo, representados pelo narrador) e transilvanos (representados pelo advogado), deixando-se entrever a visão estereotipada de ambos os lados, a exemplo do que ocorre entre cariocas e paulistanos. Os bucarestinos seriam ágeis, corruptos e folgazões, enquanto os transilvanos encarnariam a pachorra e a probidade. No caso, parte substancial das diferenças culturais e de mentalidade se deve a um desenvolvimento histórico diverso das duas regiões: *grosso modo*, a Valáquia esteve por muitos séculos sob influência ou dominação otomana, ao passo que a Transilvânia integrou por quase um milênio o reino húngaro, até 1918, quando passou a fazer parte do Reino da Romênia. Ambas as regiões passaram então a constituir, junto com a Moldávia, Bessarábia e Bucovina, um país de raro e fascinante multiculturalismo. (n.t.)

pa por tais enfermidades, e sim, o indigno ambiente que havia em mim eliminado o robusto instinto de discernimento e de conservação.

Em seguida, desceu, mal conseguindo desembaraçar as pernas curtas e roliças por entre caixas e pacotes.

Entrou na mercearia para ressurgir só quinze minutos depois, seguido de um garoto sardento de nariz arrebitado, avental branco, com os braços repletos de mais cestas, pacotes, potes e garrafas, retratando formas geométricas inéditas que evidentemente faltavam para completar a coleção.

O chofer, impaciente, ligou o motor. O colega, porém, fez-lhe sinal de que aguardasse. Não terminara.

Atravessou a rua na direção da farmácia.

Pela vidraça da vitrine, vi como entupiu o bolso do guarda-pó com misteriosos pacotes embalados no tradicional papel fino, listrado e sedoso; todos amarrados, lacrados e etiquetados conforme um laborioso e indispensável ritual, sem o qual nenhuma garbosa filha de Esculápio se atreve a dispensar um único emplastro para calo.

– Eis ao menos uma precaução plenamente justificada! – pensei comigo mesmo, incitado pelo demônio incorrigível e reincidindo sem nenhuma vergonha depois de uma tão inclemente admoestação. Eis uma cautela que sou capaz de compreender! Após ingurgitar provisões tão copiosas, um remédio contra indigestão é absolutamente indicado. De outra maneira, a liquidação correria o risco de ficar sem magistrado, sem especialista e sem licitantes, sucumbidos todos à mesa, em convulsão, logo após o primeiro jantar superabundante. Meu versado e bem alimentado colega nada negligenciava. Era de se admirar. Se fossem outros os tempos, ele teria merecido o comando supremo do aprovisionamento e do equipamento de um exército inteiro. Com ele, nenhuma surpresa desagradável ou catastrófica poderia ocorrer. A vitória estaria garantida.

Preparei-me para lhe render essa homenagem, no intuito de corrigir a impressão das imprudentes reflexões de poucos minutos atrás. Mas o colega, apalpando com enorme satisfação o pacote no bolso enquanto despejava todos os seus cento e dez quilogramas sobre o assento elástico, esclareceu, lacônico:

– Quinino.

– Quinino? – perguntei, confuso. Então, por que não termômetro, gaze termogênica e por que não também uma pequena farmácia portátil? Pelo visto, estamos indo para o fim do mundo e não se trata mais de um simples passeio, mas de uma verdadeira aventura repleta de ameaças… Se tivesse me avisado mais cedo, doutor, eu teria deixado pronto o meu testamento. Não quero que

meus herdeiros, legítimos ou ilegítimos, venham a ser vítimas de processos e advogados, pois nem todos são, como bem sabe, diligentes e maníacos por justiça como você…

Depois de algum tempo, no pérfido intuito de conquistar definitivamente a boa-vontade do meu colega de viagem e de ver perdoado o tom inadequado de deboche de até então, continuei dizendo, como se para mim mesmo, certo de que havia colocado o dedo em uma ferida tão sensível quanto humana:

– Palavra de honra! Acho mesmo que nem um por mil de todas as pessoas que se veem na posição de herdeiros têm a sorte desses primos e sobrinhos de décimo-segundo grau do conde Kemény. Avaliaram muito cuidadosamente… Recebem uma herança inesperada. Desinteressam-se dela por completo. Não mandam ao menos uma única pessoa de confiança verificar *in loco* do que se trata. No último momento, ao serem advertidos de que a sucessão corre o risco de ser confiscada pelo Estado romeno, escolhem ao acaso, em um anuário qualquer, um advogado que desconhecem. E acabam justamente por contratar o mais perseverante, o mais probo e o mais capaz, um advogado que nem mesmo com detetive secreto, por meio de minuciosa investigação, seria capaz de se encontrar, eis uma sorte que esses estranhos herdeiros, a meu ver, não mereciam. Estranha herança, estranhos herdeiros!

O colega de viagem não deixava entrever, em sua expressão irremediavelmente austera, nenhum sinal de que o meu monólogo o houvesse ou não agradado. Tive a impressão de que nem ouvira.

Fracassara.

Senti-me de repente humilhado e ridículo depois daquela incontinência verbal que revelava, da maneira mais vulgar possível, minha alegria por poder fugir da cidade de fachadas cinzentas em uma manhã de sol tão brilhante, e minha certeza de que, no fim do caminho, me aguardava a captura de livros raros e antigos, incunábulos das mais preciosas edições, a serem leiloados por um valor acessível ao meu modesto orçamento.

A biblioteca desse magnata magiar, latinista, erudito e déspota, conforme tudo o que se diz, gozava de longa fama em toda a antiga Hungria. Pessoas seriamente interessadas, porém, pouco ameaçavam aparecer. E, mesmo que surgissem, a recente amizade com o doutor advogado Silvestru Hotăran me privilegiava.

Dispunha de tempo para pesquisar em detalhe as prateleiras dos armários, para colocar as mãos em encadernações originais de três, de quatro, de cinco séculos, para folhear in-fólios, para verificar a autenticidade de manuscritos, con-

ferindo catálogos e publicações de especialidade com que eu vinha devidamente munido.

Descobrira também outra coisa.

Apesar de todo o seu invejável e inabalável desejo de defender com tenacidade o interesse dos clientes, identifiquei na hora, na armadura do procurador advogado doutor em ciência jurídica Silvestru Hotăran, um ponto vulnerável. Ele me pareceu longe de apreciar o verdadeiro valor daqueles livros e manuscritos. Considerava-os um capital perdido e estéril. Um capricho hereditário e perdulário do falecido conde Kemény, em cuja família essa loucura não teria sido a primeira e nem a última.

O especialista improvisado pela decisão de um tribunal do interior, assim como o magistrado, sem dúvida, não tinham como ser melhores conhecedores. Uma possibilidade seria decidir-se pela venda da biblioteca a peso, em uma ignorância que minha imaginação exagerava a cada instante que passava, prometendo uma verdadeira orgia bibliomaníaca, semelhante ao sonho do avarento que descobre, enquanto dorme, túneis intermináveis, repletos de sacos de moedas de ouro e baús abarrotados de pérolas.

E, agora, ao me encontrar prestes a aplacar o motivo de minhas insônias angustiadas, eis que eu mesmo punha sozinho em perigo a vitória final, afastando de mim a proteção onipotente do procurador com meu pipilar ininterrupto de pintassilgo tagarela e insuportável, que não lhe apetecia em absoluto.

O doutor Silvestru Hotăran estava coberto de razão. Eu vinha de um mundo que de fato perdera, na frivolidade, o instinto robusto de discernimento e conservação.

Decidi corrigir, por meio do mais insondável silêncio e de uma aparência de profunda reflexão, minha condenável verborreia, que incitara a desaprovação de meu colega de viagem, por natureza taciturno, sério, precauto e – conforme o diagnóstico proferido em meus mais secretos e íntimos tribunais – bastante pobre de espírito: mero advogado de capital provinciana, embrutecido pelos artigos dos códigos, pela jurisprudência e pelos subterfúgios das causas em juízo.

Instalado, portanto, nesse ostensivo silêncio, acendi um cigarro; dois cigarros; três cigarros.

O chiado veloz das rodas de borracha, a paisagem rústica que se transformava a cada curva, a profusão do frescor e do perfume do orvalho que cobria a pastagem e o sol triunfal da manhã traziam-me aos lábios exclamações de felicidade que eu sufocava de imediato.

Meu colega, distante de tudo aquilo, com a maleta repleta de documentos pousada sobre seus joelhos curtos, recapitulava as preocupações profissionais. Pois, de vez em quando, abria uma agenda do tamanho de uma caixa de fósforos, procurava uma determinada página, adicionava um sinal hieroglífico com um lápis da grossura de um fósforo, parecendo ter-se esquecido completamente de minha presença, engolida pelo vácuo graças ao suplício do silêncio.

Sob o disfarce de sombrias reflexões, pululavam maliciosamente em minha cabeça os mais pândegos e irreverentes pensamentos.

Comparava meu colega a um Buda obeso. Tencionava utilizá-lo como argumento decisivo contra as afirmações baseadas na heresia de Henri Béraud[4] e William Johnston[5]. Segundo eles, as pessoas que pesam mais de cem quilos são comunicativas, otimistas, despreocupadas e de uma irresistível bonomia.

Em seguida, eu me imaginava voltando com o automóvel carregado de infólios e manuscritos; seguido talvez de um caminhão contendo toda a biblioteca do falecido conde, diante do sorriso superior e desdenhoso do doutor Silvestru Hotăran. Ah! Jurava uma diabólica vingança. Após escamotear debaixo de seu nariz os volumes mais valiosos, suportando com resignação suas ponderações contra a vergonhosa vaidade de se atirar dinheiro em papel impresso e sem valor, sussurraria em seus ouvidos, quando tudo terminasse, os verdadeiros e fabulosos preços de cada tomo:

"Bíblia em esplêndida encadernação original do século dezesseis: 120.000 lei! Edição *princeps* do *Discurso sobre o Método*, com dedicatória de Descartes: 80.000 lei! Autógrafos de Jean Jacques, Voltaire, Diderot: outras dezenas e centenas de milhares de lei!"

Saboreando a crescente estupefação de sua figura finalmente arrancada à escandalosa placidez, rodopiaria em um pé só, em uma reverência zombeteira:

– Eis, ilustríssimo doutor, que acuidade de senso prático e que gênio empresarial podem se esconder debaixo da aparente frivolidade de pintassilgos transcarpáticos!

O colega, sem desconfiar de tais reflexões ingratas e criminosas, fitava inocente e pensativo, por cima do ombro do chofer, o desenho retilíneo do nosso trajeto.

Depois, estrada acima, avançamos por suaves encostas em serpentina; atravessamos vilarejos sículos e húngaros, silenciosos e monótonos, com suas casas

[4] Henri Béraud (1885-1958), escritor francês, autor do romance *Le Martyre de l'obèse* (1922). (n.t.)
[5] William Johnston (1871-1929), escritor estadunidense, autor do romance *Les plaisirs de l'obèse*, traduzido em 1923 do inglês para o francês por Henri Béraud. (n.t.)

desoladas, idênticas todas; passamos em alta velocidade pelo vale de um rio margeado por lezírias prateadas de álamos e salgueiros; um desfiladeiro talhado em montanhas rochosas e, de novo, o horizonte linear da planície, salpicado por longínquas cúpulas de igrejas e vilarejos com telhados de telha vermelha, entre pomares.

O velocímetro se mantinha uniforme, entre 60 e 70. O motor pulsava brando e regular, como o coração metálico de um relógio. A estrada nos engolia vertiginosamente. Pelos meus cálculos, já teríamos percorrido mais da metade do caminho.

Comprimi na garganta também essa inocente constatação, em respeito à promessa feita a mim mesmo, quando, de chofre, o próprio doutor Silvestru Hotăran rasgou o silêncio:

– Então, caro senhor, surpreendeu-lhe o fato de eu ter comprado quinino?

Realmente havia esquecido.

Meu colega não desmentia a reputação de verdadeiro fenômeno. Eram-lhe necessárias três horas de recolhimento para responder a uma pergunta da qual eu tinha desistido dois minutos depois de fazê-la. Era irmão gêmeo do inglês fleumático de não sei que anedota, que acorda a esposa de madrugada para lhe dizer as horas, lembrando-se de que ela lhe havia perguntado algo assim pela manhã, dois dias antes…

– Sim! Esse quinino me surpreendeu… confessei indiferente, pois agora a curiosidade arrefecera. Sobretudo a quantidade me surpreendeu… Você me mostrou um pacote respeitável, suficiente para uma enfermaria inteira!

O doutor Silvestru Hotăran apalpou o pacote no bolso do guarda-pó e emitiu, em um grunhido gutural e aprovador, o contentamento de tê-lo consigo e intacto.

Duro silêncio. Avaliado em dez quilômetros, à semelhança dos cálculos astronômicos que medem distâncias interastrais em anos, meses, dias e horas-luz. Dez quilômetros, ou seja, dez minutos, de acordo com a velocidade registrada pelo velocímetro. O colega decidiu continuar:

– Depreendo, pela sua surpresa, caro senhor, que ainda não sabe muito bem aonde vamos…

– Ao castelo do conde Kemény! – respondi em meu sublime candor. Ao castelo mal-assombrado…

– Mal-assombrado o diabo, não é disso que estamos falando. Histórias para boi dormir. Pois fique sabendo, caro senhor, que estamos nos dirigindo a uma área condenada e arruinada pelas águas. Quatro mil jeiras de charco, junco,

açudes como dizem vocês lá no sul, pântano, lama e arvoredos alagáveis. Um abandono de cortar o coração. Uma propriedade que em apenas dez anos de irrigação inteligente poderia ter significado muito dinheiro para o conde Kemény. Dinheiro e saúde! Mas como lhe faltaram miolos, sobrou apenas um brejo. Brejo significa mosquitos. Mosquitos significam febre. E o quinino significa, por enquanto, o único remédio contra a febre palustre ou, como se diz na linguagem científica, malária. Correto, caro senhor?

– Correto! — disse eu, obrigado a reconhecer a lógica implacável do doutor Silvestru Hotăran.

– Portanto, ao ser correto, pare por gentileza de se surpreender com o fato de eu ter ido ao boticário comprar quinino. Você vai engolir junto comigo, toda manhã e toda noite, um pouco desse pó. Vamos também ter a cortesia de oferecê-lo aos outros hóspedes. (Não pude conter um sorriso, imaginando a expressão dos outros hóspedes do doutor Silvestru Hotăran, mimados com um pó amargo ao invés de aperitivos e sobremesa). Vamos também oferecê-lo aos criados. Você também vai conhecê-los e ficar escandalizado. Eu mesmo fiquei horripilado, caro senhor. A febre e o delírio já os embruteceram de tal maneira, que a animalidade quase que já substituiu por completo sua natureza. Já é a quarta vez que percorro este trajeto, e não suporto sequer olhar para eles. Vermes humanos, meu senhor. Moluscos, meu senhor. Gente que, de pai para filho, herdou o sangue envenenado pelo hematozoário e pelo ar insalubre que ali paira. Suspeito inclusive de que nem mesmo o destino da família Kemény esteja alheio a esse brejo maldito. Vou-lhe contar a história, e com certeza vai me dar razão.

Assim, tomado por um daqueles raros acessos de extroversão, graças aos quais pessoas caladas por natureza se livram de reflexões longamente sufocadas, meu colega de viagem contou-me, em uma riqueza de detalhes, a história e a desgraça da família Kemény.

Na medida em que avançava, percebi que atribuía aos mosquitos um significado excessivo e, decerto, bastante simplista. Os mosquitos – dizia ele – aniquilaram toda uma família!

– Quinino – disse o advogado doutor Silvestru Hotăran, batendo no pacote do bolso do guarda-pó – um sério tratamento com quinino e teria se curado! Não estaria eu hoje viajando para lá e para cá. Participando do desperdício, aos quatro ventos, de uma riqueza acumulada em sete séculos. Sabe o que, caro senhor, eu teria feito?

– Não sei o que você teria feito! – confessei, humilhado, a minha miserável ignorância.

O senhor advogado doutor Silvestru Hotăran deu risada, alegre e satisfeitíssimo. Gostava extraordinariamente, pelo visto, desse tipo de franqueza. Não que esperasse que eu lhe respondesse sabe-se lá que maravilha! Sabia-me incapaz de arrancar da minha cabeça oca de pintassilgo transcarpático qualquer tipo de pensamento maduro e razoável.

– Eu, caro senhor, teria mandado abrir uns belos canais de irrigação. Teria secado o charco e o pântano. Teria drenado a maldita água, teria transformado tudo aquilo em quatro mil jeiras de pasto e lavoura. Isso, sim, é atitude de proprietário. Dar valor a terra. Juntaria uma boa quantidade de coroas todo ano e, então, ai dos mosquitos e da febre. O trabalho é pai do êxito. Traria saúde e prosperidade. Ademais, caro senhor, com uma boa quantidade de coroas trocadas em lei, não seria nenhuma dor de cabeça dar um jeito de evitar a expropriação[6]. Quem quer viver não morre.

Lamentei muito, pensei com meus botões, que os descendentes do Kemény não houvessem se mostrado dignos de raciocínio tão judicioso, e nem tivessem tido ao menos a sorte de ter conselheiros tão enérgicos como o doutor advogado Silvestru Hotăran, ali presente. A vida, porém, lhes reservara outro destino, tendo-os conduzido a acontecimentos obscuros e românticos, aos poucos revelados pelo meu colega de viagem com certo assombro, comiseração e bastante desprezo.

As raízes da família Kemény remontam aos primórdios da Hungria feudal.

Capitães famosos por sua bravura, cruzados desaparecidos sem deixar vestígios nas expedições de libertação do Santo Sepulcro, conselheiros, cortesãos, intelectuais sofisticados, diplomatas e cardeais da estirpe dos Kemény constam de cada página da *Chronica Hungarorum*.

Seus vastos domínios se estendiam pelas estepes, a perder de vista. Castelos de torres arrogantes vigiavam, em três de suas propriedades, as margens do Danúbio. Esse outro castelo, o do pântano, fora apenas o capricho de um nobre de quatro séculos atrás, quando aquela área talvez nem estivesse invadida pela água, e ainda fosse fértil e salubre.

Permanecera vazio, esquecido talvez, como qualquer outro assentamento insignificante, em meio a tão esplêndidos latifúndios. Até oito décadas atrás, quando o conde Armin Kemény, já viúvo e tomado por um súbito desgosto pelas vaidades da vida da corte, após uma existência tumultuosa, chegou, na hora do crepúsculo, liderando um comboio de carroças com rodas enormes de estepe e toldos de palha.

---

[6] Menção à reforma agrária ocorrida entre 1921 e 1937 que, só na Transilvânia, expropriou cerca de 1.600.000 hectares. (n.t.)

Delas, homens peludos descarregaram, no dia seguinte, sob gritos de “cuidado, cuidado!“, móveis pesados e gigantescos, caixotes cheios de livros, panóplias de armas, armaduras que foram estendidas na grama como mortos desenterrados de antigas batalhas, biombos, pratos de finíssima faiança e milhares de ninharias que forjavam o conforto e a decoração absolutamente necessários a um conde de tão fidalga origem. Os portões enferrujados foram destrancados com chaves mais pesadas que as das portas do Inferno. Abriram de par em par as janelas de parapeitos podres. E, quando os criados se puseram a varrer as teias de aranha, alçaram-se, ofuscados pela luz, revoadas de morcegos que, há gerações, habitavam as quinas das vigas enegrecidas pelo tempo.

Ali se instalou o conde Armin, numa existência hermética e austera.

As explicações para tal decisão se espalharam, na época, sob a forma de diversos boatos contraditórios.

Dizia-se que ele teria dissipado quase toda a fortuna em festas licenciosas em Peste. Ou que teria caído em desgraça na Corte. Enfim, rezava a lenda que ele teria se recolhido, como um bicho do mato mortalmente ferido, no intuito de aplacar a dor de um terrível drama conjugal. Esse drama o teria impelido a passar ao fio da espada, em um duelo, seu melhor e mais inseparável amigo, enquanto a condessa fenecia velozmente de febre tifoide, em plena primavera, em algum lugar da Itália, devastada pela humilhação e sofrimento.

Reais ou frutos da imaginação popular, tais fatos acabaram não sendo verificados de perto por ninguém. Peste ficava longe. Trajeto comprido, por campos desolados. A gente se deixava corroer por preocupações outras.

Meados de 1848. Kossuth erguia a bandeira da república livre da Hungria. Os defensores da pátria, conduzidos por Görgey e Hatvany, puseram as tropas imperiais para correr, mas logo se viram diante de um inimigo novo, tenaz e atrevido. Eram os valáquios liderados por uma espécie de aprendiz de advogado, Avram Iancu, que lutavam empunhando foices e bastões, entrincheirados nos barrancos dos montes e comandados por padres que se arrogavam títulos romanos impertinentes de tribunos e centuriões.

Os nobres abandonaram seus numerosos castelos e foram buscar refúgio em lugares mais seguros. Acabaram retornando mais tarde. Armin Kemény não bateu à porta de nenhum deles, e nem os abrigou. Entre paredes úmidas, ele envelhecia, rabugento e barbudo. De vez em quando aparecia, assustador, olhar severo, com o mosquete de caça no ombro, rodeado por sua matilha de cachorros, ou de botas compridas que ultrapassavam os joelhos, coberto de complicados instrumentos de pesca, fazendo toda criatura fugir do seu caminho.

Pois tais encontros nunca terminavam bem. Ele sempre descobria um motivo de fúria, e arrebentava em vitupérios ameaçadores e golpes curtos de chicote.

Amor e ternura ele demonstrava apenas para com seus cães e cavalos. E, dentre as criaturas humanas, só para com o único filho que haveria de dar continuidade à dinastia: Andor.

Quando chegou de carruagem de Peste, Andor contava cinco anos de idade. Esquálido, lívido, metido em uma roupa de veludo azul com gola de renda valenciana, a criança lançou um olhar apavorado para aquelas bandas selvagens, pois era a primeira vez que deixava as almofadas macias, as poltronas de pernas curtas de sapo, os cômodos com espelhos do tamanho de uma parede e o parque de árvores aclimatadas, podadas, alinhadas e ajustadas do palácio de Peste, às margens do Danúbio, defronte à ilha Margit.

Era desprovido de vigor, crescia devagar, estava sempre sonolento. Talvez tivesse necessidade de outro tipo de ar, gélido e cortante, do alto das montanhas, a fim de tonificar o sangue e semear robustez naquele rebento de estirpe fatigada.

O pai, porém, pensou que supriria tal deficiência ao criá-lo longe do torpor da capital, estimulando-o desde cedo a nutrir amor pelo campo, pelo charco, pela caça, fazendo-o acordar junto com o frescor dos crepúsculos, ensinando-o a ordenar e a exigir obediência.

Mandou trazer de Roma um preceptor, um monge erudito que lhe ensinasse Grego e Latim. E, para o outro tipo de preparo para a vida, um mestre em equitação e outro em caça.

Os dois últimos, porém, foram mandados de volta pouco tempo depois. Eram inúteis. O menino demonstrava um amor exclusivo e doentio pelos livros e pelo devaneio indolente; pelos exercícios violentos, ele manifestava uma repulsa feminina.

Uma única expectativa do conde Armin foi atendida. O filho sabia mandar, bater o pé e se fazer temido. É que, para isso, reunira-se nele toda a força alquebrada de vinte gerações que haviam populado a *Chronica Hungarorum* com suas façanhas.

O jovem de testa arqueada e olhos de mulher ficava roxo de fúria sempre que o contrariassem, as veias engrossavam como cordas em torno das têmporas, o olhar antes lânguido e sonhador ora relampejava. O último dos Kemény nem nisso desmentia o sangue inflamado da família: era caprichoso e despótico.

Como era a vida daqueles dois solitários no castelo de portões sempre trancados, ninguém sabia com exatidão. Criados havia poucos. O mais próximo vilarejo, a vinte léguas dali. O advogado doutor em ciência jurídica Silvestru

Hotăran se viu obrigado a reconstituir aquela vida a partir de cartas de negócios, certidões, anotações e outros documentos do arquivo da família, que ele minuciosamente esmiuçou durante dois meses para formar o dossiê da herança. Anotara as informações nas quatro faces de uma folha de papel dobrada que estava ao seu alcance e que, para uma melhor compreensão e para um resumo mais rápido da história, haveria de ler para mim.

Abriu a pasta gorda apoiada em seus joelhos e meteu para dentro dela seu nariz redondo, subjugado pelos óculos em armação de tartaruga cor de açúcar queimado, e exibiu a página coberta por uma escrita miúda, em que toda a história dos últimos Kemény estava registrada em ordem cronológica, assim como era de se esperar de uma pessoa tão metódica e escrupulosa como meu colega de viagem.

O senhor advogado doutor Silvestru Hotăran embaçou os óculos, limpou a poeira com um lenço, encaixou as hastes por detrás das orelhas e leu o que segue:

RESUMO

Da vida e dos documentos dos falecidos Armin, Andor, Ana
e Aranka Kemény, a partir do ano de 1860, até o ano de 1926.

Fevereiro de 1860. O jovem conde Andor completa dezessete anos. Por ocasião do aniversário, discussão violenta entre pai e filho com relação à carreira que o jovem conde deve escolher. O conde Armin quer que o filho siga a carreira das armas. O conde Andor recusa, indignado. Declara-se contente com a vida enclausurada em meio aos livros, afirmando não desejar outra coisa.

Junho de 1862. O conde Andor sofre de uma doença ignota. (Febre! Mosquitos! – sublinha o advogado doutor Silvestru Hotăran).

Maio de 1863. O conde Andor manifesta de novo os mesmos sintomas. Febre, insônia, aversão a barulho e movimento. Um médico, trazido de Peste para uma consulta, prescreve ar puro, caminhadas, caçadas, remo, equitação, exercícios violentos… Diagnóstico: crise tardia de puberdade. (Imbecil! – declara, satisfeito, o doutor Silvestru Hotăran. Imbecil! Deveria ter prescrito quinino, e não exercícios violentos!)

Janeiro de 1867. O conde Armin se fere sozinho com a espingarda durante uma caçada. Um mês imobilizado no leito. O conde Andor encomenda três caixotes de livros em Peste, Viena e Leipzig.

Junho de 1868. O conde Armin traz da Alemanha seis casais de filhote de lontra para aclimatar no pântano da propriedade. O conde Andor começa a

redigir uma monografia sobre a família Kemény, com base em documentos do arquivo da família e em informações obtidas por meio de correspondência entre o abade Matteo Bandello e diversos monges eruditos em Roma e Peste, que tinham entrada franca na Biblioteca do Vaticano e outros arquivos públicos e particulares.

Agosto de 1868. O conde Andor interrompe o trabalho. Febre, insônia etc. (De novo os mosquitos! – com o dorso da mão, golpeia o papel o advogado doutor em ciência jurídica Silvestru Hotăran).

Dezembro de 1870. O conde Armin alveja em um só dia três lobos. O conde Andor descobre documentos ainda desconhecidos sobre as façanhas do cavaleiro Ştefan-Koloman-Andrei Kemény, que acompanhou Frederico Barbarossa na Terceira Cruzada.

Fevereiro de 1871. Briga violenta entre os condes Armin e Andor. O abade Matteo Bandello é expulso e obrigado a ir embora de trenó no meio da madrugada, durante uma tempestade de neve, após ser acusado de manter, apesar de todas as advertências, a doentia inclinação do jovem conde pela "indolência erudita". Pai e filho não se falam por dois meses. Cada um faz suas refeições em salas separadas. O conde Armin alveja dois lobos, várias raposas e inventa dois sistemas de armadilha, baseados em um modelo próprio, para as lontras que se multiplicaram sensivelmente. O conde Andor termina a última parte de *A vida heroica do cavaleiro Ştefan-Koloman-Andrei Kemény*.

Julho de 1874. O conde Andor cai de cama. Febre, visões, delírio. (O anófeles!, balança a cabeça meu colega de viagem).

Outubro de 1878. O conde Armin constrói um dique na parte meridional do pântano, a fim de aumentar a superfície do lago chamado "Lago dos Turcos", em comemoração à batalha em que morreu afogada parte de uma tropa turca. O conde Andor envia dinheiro às escondidas para o abade Matteo Bandello para poder completar as informações sobre a Terceira Cruzada, a serem colhidas no arquivo secreto do Vaticano.

Abril de 1879. O conde Armin estende o canal de água até o parque do castelo, comunicando-se, assim, diretamente, de barco, com o "Lago dos Turcos". (Desgraçado! – sorri com grande comiseração o advogado doutor em ciência jurídica Silvestru Hotăran. Leva os miasmas para mais perto da casa… Não eram suficientes para ele!). O conde Andor descobre detalhes inesperados sobre os últimos anos da vida do cavaleiro Ştefan-Koloman-Andrei Kemény, capturado pelos muçulmanos.

Junho de 1880. O conde Andor cai de cama, de onde não sai até setembro. Febre, visões, delírio. Testemunha pela primeira vez a aparição do cavaleiro Ştefan Kemény.

Janeiro de 1881. O velho conde Armin retorna de uma caçada com congestão pulmonar, jaz durante dois dias na cama e morre na manhã de São Juliano. O conde Andor manda um bilhete ao abade Matteo Bandello para que venha com urgência.

Março do mesmo ano. O abade Matteo Bandello se instala no castelo, levando dois caixotes cheios de livros, transcrições de documentos etc. O conde Andor obtém todos os documentos que comprovam o fato de que seu herói, o cavaleiro Ştefan-Koloman-Andrei Kemény, prisioneiro de Saladino, converte-se ao islamismo, apaixona-se pela sobrinha do sultão, casa-se com ela e se torna um dos comandantes do exército turco que defende a cidadela de Zara contra a Quarta Cruzada.

Novembro de 1882. O conde Andor é eleito membro correspondente e membro honorário de diversas sociedades históricas de Peste, após a publicação, na primavera daquele mesmo ano, dos dois primeiros volumes de *A vida heroica do cavaleiro Ştefan-Koloman-Andrei Kemény*.

Maio de 1883. O conde Andor adoece de novo. Febre, delírio, visões. Toda noite é visitado pela aparição de Ştefan-Koloman-Andrei Kemény, que lhe faz sempre um sinal misterioso e desaparece ao primeiro cantar do galo.

Junho do mesmo ano. O conde Andor ordena que todos os galos da área do castelo sejam degolados.

Agosto do mesmo ano. Discussão violenta entre o conde Andor e o abade Matteo, que o acusa de ideias heréticas e de predileção por um herói perjuro etc. O abade Matteo Bandello é expulso e levado embora, no meio da noite, para a estação ferroviária mais próxima.

Novembro de 1884. Em consequência das inundações, a barragem do "Lago dos Turcos" cede e toda a área fica debaixo d'água. O conde Andor encomenda em Leipzig e Viena uma coleção de livros sobre ciências ocultas, reencarnação, espiritismo, magnetismo etc.

Abril de 1885. O conde Andor pede aos livreiros de Peste e Viena que completem sua coleção de obras de Allan Kardek, Swedenborg, Samuel Taylor Coleridge, São Dionísio Areopagita e Ruysbroeck, o Admirável.

Junho de 1887. O conde Andor adoece de novo. Febre, delírio, visões.

Julho do mesmo ano. O conde Andor entra em comunicação direta com o espírito do cavaleiro Ştefan Kemény.

Janeiro de 1889. O conde Andor atira às chamas o manuscrito da terceira e última parte de *A vida heroica do cavaleiro Ştefan-Koloman-Andrei Kemény*. Decide reescrevê-la de acordo com o que lhe dita diretamente o espírito, que doravante é presença inseparável no castelo.

Maio de 1890. O conde Andor obtém cada vez mais indícios de que ele seja o espírito reencarnado do cavaleiro Ştefan-Koloman-Andrei Kemény, assim como o espírito do poeta celta Allan Kardec reencarnou em Hippolyte Denizard Rivail, chefe da doutrina espírita.

Janeiro de 1891. O conde Andor enceta correspondência com vários pioneiros do espiritismo na Europa e nos Estados Unidos.

Julho de 1892. Febre, insônia, delírio.

Agosto do mesmo ano. O conde Andor descobre, graças a um método ocultista concebido por ele mesmo, que a tropa de Suleiman, o Magnífico, que se afogou no pântano ao redor do castelo, chamado "Lago dos Turcos", fora comandada por Hussein Ibuzolair, bisneto direto do cavaleiro islamizado Ştefan-Koloman-Andrei Kemény. O exército magiar que os impeliu na direção do pântano, afogando-os, lutara sob a liderança de um Kemény. Assim, capitães da mesma estirpe da família Kemény se degladiaram desconhecendo quem eram, um em defesa da cristandade e outro pela bandeira verde da lua crescente islâmica. O conde Andor solicita por carta a diversas bibliotecas de Peste e Viena informações sobre a ocupação turca na Hungria entre 1520 e 1566.

Outubro do mesmo ano. As informações obtidas nos arquivos de Peste e Viena não o satisfazem. O conde Andor desiste delas, planejando completá-las com o auxílio de um médium.

Janeiro de 1893. O conde Andor chama por carta, por recomendação da baronesa Clara Peyron, conhecida sua por correspondência, o célebre casal de médiuns Florence e Nicholas Blacke.

Fevereiro de 1893. Chegada do casal Florence e Nicholas Blacke. O conde Andor lavra uma declaração que garante uma remuneração no valor de 20 mil coroas ao casal Blacke, por uma estada de seis meses no castelo.

Agosto do mesmo ano. Partida do casal Blacke. O conde Andor constata, uma semana mais tarde, o desaparecimento de vários objetos preciosos, entre os quais parte das joias da família. Redige uma queixa endereçada à justiça. Volta atrás e não a envia. O original da petição se encontra entre os documentos da família.

Abril de 1894. O conde Andor decide encontrar um médium entre pessoas simples e ignorantes que não enganem a sua boa-fé. Redige várias cartas. Insatisfeito com todas as respostas.

Setembro do mesmo ano. Ao ser avisado por seu advogado de que, na propriedade de caça da família, no bosque próximo a Sibiu, encontram-se vários baús cheios de documentos até então negligenciados, o conde Andor deixa o castelo pela primeira vez, na idade de 56 anos. Permanece duas semanas em Racoviţa, perto de Sibiu. Oferece 30 mil coroas ao camponês Gheorghe Porumbacu para lhe confiar sua filha Ana Porumbacu, em quem identificara todas as características de um médium excepcional. Gheorghe Porumbacu recusa.

Outubro do mesmo ano. Por intermédio de seu advogado em Sibiu, o conde Andor aumenta a oferta para 40 mil coroas. O aldeão Gheorghe Porumbacu recusa.

Janeiro de 1895. O conde Andor viaja de novo até Sibiu e, de lá, para Racoviţa, para tratativas pessoais. O aldeão Gheorghe Porumbacu recusa.

Março do mesmo ano. Por intermédio do advogado, o conde Andor pede a mão de Ana Porumbacu.

Abril do mesmo ano. Contrato de casamento entre o conde Andor Kemény, latifundiário, nascido em 15 de fevereiro de 1838, e Ana Porumbacu, prendas domésticas, nascida em 2 de outubro de 1877. O conde Andor estabelece o dote da esposa em 200 mil coroas, bem como uma pensão vitalícia no valor de 3 mil coroas anuais ao aldeão Gheorghe Porumbacu de Racoviţa, no condado de Sibiu.

Setembro do mesmo ano. A condessa Ana Kemény tenta fugir do castelo durante a madrugada, mancomunada com uma criada que arranja uma carroça etc. O conde Andor flagra a criada e lhe aplica uma surra até ensanguentá-la toda. A condessa fica trancada nos dois quartos a noroeste sob a torre do castelo.

Outubro do mesmo ano. O conde Andor desiste das sessões espíritas e magnéticas. Está apaixonado pela condessa.

Novembro do mesmo ano. A condessa Ana Kemény tenta mandar uma correspondência aos pais, por intermédio de outra criada, implorando que a libertem com urgência. O conde Andor intercepta a missiva. Em um acesso de violência, ele fere a criada mortalmente. A vítima é enterrada junto à capela do castelo.

Dezembro do mesmo ano. O conde Andor encomenda em Peste diversos presentes femininos: joias, roupas, peles etc. Informa-se quanto à possibilidade de uma viagem à Itália, ignorando por completo, devido à vida que levara até então, tanto os meios de transporte, quanto as respectivas formalidades.

Março de 1896. O conde Andor e a condessa Ana Kemény partem em viagem à Itália.

Junho de 1896. O conde e a condessa estão na Suíça.

Setembro de 1896. Retorno do conde e da condessa Kemény.

Maio de 1897. A condessa Ana Kemény dá à luz uma menina, batizada com o nome de Aranka-Maria Ştefania.

Janeiro de 1900. O conde Andor, por intermédio de um escritório em Londres, emprega uma governanta para Aranka: *Miss* Elisabeta Landor.

Agosto de 1901. A condessa Ana morre afogada no canal do parque do castelo. As investigações são incapazes de afirmar se se tratou de suicídio ou acidente. O conde Andor, por sua vez, tenta se suicidar. É salvo por um velho criado – atual zelador do castelo. Jaz com pneumonia durante um mês. Após curar-se, retoma as práticas espíritas e magnéticas.

Invoca o espírito da condessa Ana.

Maio de 1902. Febre, insônia, delírio.

Junho do mesmo ano. Um casal de criados, recentemente admitido, solicita a rescisão do contrato, alegando ser impossível morar debaixo de um teto onde toda noite aparece um vulto branco que passeia pelos corredores.

Setembro do mesmo ano. O conde Andor se tranca na biblioteca, onde a governanta o ouve falando sozinho com o espírito da condessa Ana.

Abril de 1903. O conde Andor envia, para sociedades espiritualistas e magnéticas e para várias publicações espiritualistas da Inglaterra, França, Alemanha e Estados Unidos, interessantes comunicações a respeito de fluido magnético, eflúvios, corpo astral, corpo ódico, aura, materializações etc.

Junho de 1905. O conde Andor declara, em uma carta endereçada a um colega espiritualista, estar de posse de todas as provas conforme as quais a falecida condessa Ana Kemény, nascida Ana Porumbacu, de Racoviţa, era a reencarnação da princesa Moawia, sobrinha do sultão Saladino. A mesma pela qual se apaixonara, setecentos anos antes, o cavaleiro Ştefan-Koloman-Andrei Kemény, e por quem ele se convertera ao islamismo. Portanto, o casamento do conde Andor, sendo ele, por sua vez, a reencarnação do cavaleiro Ştefan-Koloman-Andrei Kemény, não passou de uma repetição predestinada de um ato do ciclo de reencarnações terrestres. A cópia da carta, com a respectiva resposta, se encontra no arquivo da família.

Setembro de 1907. A condessa Aranka é mandada para um internato em Cambridge (Inglaterra) a fim de terminar os estudos.

Janeiro de 1910. O conde Andor preside o congresso da União Espiritualista de Londres, ocasião em que apresenta comunicações sensacionais sobre a cadeia de reencarnações terrestres, telecinese etc.

Junho de 1911. A condessa Aranka retorna da Inglaterra para passar férias. Nas cartas endereçadas aos colegas de escola, revela estar absolutamente encantada com o caráter rústico e a atmosfera romântica da casa dos pais. Ali ela pode exercer à vontade sua paixão pela caça, pela pesca, pelo remo etc. Queixa-se de não poder ter como companheiro nesses passeios o velho conde, que descreve como rabugento, "com uma testa exagerada e uma barba idem de gnomo", e que jamais teria conferido até onde vão os limites da propriedade.

Julho de 1913. O conde Andor empreende uma viagem a Londres, chamado por diversos confrades do espiritismo. Retorna acompanhado de Aranka, em suas penúltimas férias.

Dezembro de 1914. O conde Andor é intimado a se apresentar em Budapeste para dar declarações sobre suas conexões com diversos cientistas ingleses inimigos. A condessa Aranka, obrigada a permanecer na Hungria, recusa-se a acompanhá-lo até a capital. Realiza caçadas, patinagem, abre buracos no gelo para observar as lontras, trazidas no passado pelo avô Armin Kemény e que proliferaram de maneira alarmante.

Junho de 1915. A condessa Aranka manda vir um artesão de Peste para consertar todos os barcos abandonados desde a morte do conde Armin. Passa todos os dias na água.

Janeiro de 1916. O conde Andor não sai mais da biblioteca. Fala sozinho. A condessa Aranka se permite lançar piadas irreverentes, que acabam gerando conflito entre pai e filha. A condessa Aranka alveja duas raposas.

Junho de 1916. O conde Andor adoece gravemente. Delírio, desta vez sem febre. Um médico, vindo de Peste, ordena que seja tratado imediatamente em um sanatório. A condessa Aranka o acompanha até a capital, onde se torna irmã de caridade em um hospital de feridos de guerra, para não ficar ociosa. Sua chegada causa sensação nos círculos de alto nível de Budapeste. Um pintor célebre e inválido pede-lhe a honra de a retratar. A condessa Aranka aceita, sem, porém, manter-se calada enquanto posa. Acaba confessando ao pintor que não suporta a tediosa vida da capital e que mal vê a hora de poder voltar à vida livre e pitoresca de sua casa.

Dezembro de 1916. A junta médica chega à conclusão de que a doença do conde Andor Kemény é incurável, mas que pode durar de 10 a 12 anos. A condessa Aranka retorna ao castelo dos pais. Alveja três lobos na primeira semana.

Março de 1917. A condessa Aranka sofre de solidão pela primeira vez. Insônia. Em um caderno de anotações, registra estar enojada com o embru-

tecimento dos velhos criados. Em duas noites consecutivas, testemunha o vulto branco dos corredores, que até então ridicularizava.

Julho do mesmo ano. Febre, insônia (Agora é a vez dela!, dá de ombros o senhor advogado doutor Silvestru Hotăran. Febre, ou seja: mosquitos! Malária!).

Março de 1918. Chega convalescente, após se ferir em batalha na Galícia, o subtenente de reserva Tivadar Vágo, filho do velho criado de confiança, que ainda hoje toma conta do castelo Kemény, o mesmo que salvou, em agosto de 1901, o conde Andor do afogamento. Tivadar Vágo é democrata e revolucionário. Fala com entusiasmo sobre a revolução na Rússia. De vez em quando, acompanha a condessa Aranka em seus passeios de barco em diversos lagos da propriedade.

Maio de 1918. Tivadar Vágo é chamado de volta para o regimento, em Peste. Durante todo o verão, envia respeitosas cartas das localidades em que se encontra com o regimento. A condessa Aranka concebe novos procedimentos de pesca.

Junho de 1918. A condessa Aranka sofre de febre, calafrios etc. Mas se recusa a permanecer dentro de casa. Até tarde da noite permanece em seu barco no lago, caçando ou pescando.

Janeiro de 1919. A condessa Aranka alveja um lobo e duas raposas. Tivadar Vágo cessa de escrever. Segundo informações posteriores, encontra-se arregimentado pelo exército revolucionário de Béla Kun.

14 de março de 1919. O castelo Kemény é atacado por tropas irregulares revolucionárias. A condessa Aranka alveja dois soldados pela janela.

15 de março de 1919. As tropas irregulares recuam a fim de fazer frente a um exército romeno que avança. Aparece o tenente de reserva Tivadar Vágo, comandando tropas vermelhas e aconselhando os criados a abandonarem a propriedade e, em especial, a condessa Aranka a se refugiar para escapar da vingança pelos soldados alvejados. A condessa Aranka recusa.

18 de março de 1919. A condessa Aranka desaparece. É vista pela última vez no fim da tarde, antes do crepúsculo, em um barco dotado de uma carabina militar.

19 de março de 1919 - 20 de dezembro de 1926. Todas as investigações para descobrir o paradeiro da condessa Aranka não produzem resultado. Tivadar Vágo se encontra refugiado na Rússia, junto com diversos líderes da revolução húngara.

21 de dezembro de 1926. O conde Andor morre octogenário no Sanatório São Gerardo Sagredo de Budapeste, após dez anos de perda completa da razão e de

se acreditar a reencarnação terrestre do cavaleiro Ştefan-Koloman-Andrei Kemény.

22 de dezembro de 1926. Abertura da sucessão da família Kemény.

*

– Isso é tudo, caro senhor!, concluiu a longuíssima leitura o advogado doutor Silvestru Hotăran. Isso é tudo e só vem fortalecer o que eu já havia dito. Toda uma estirpe aniquilada pelo anófeles. Toda a loucura do conde Andor; os nervos destruídos da filha do camponês alçada ao nível de condessa, tendo que escolher entre a morte e a fuga de tal prisão perpétua rodeada por água; a natureza delicada da condessa Aranka e seu desaparecimento sem vestígios; tudo isso comprova que a doença havia se enraizado profundamente e que nem o aporte de sangue novo não foi mais capaz de salvar a família. Houve um tempo em que pensei se tratasse de uma fuga romântica.

– Romântica e sentimental?, enfatizei, porque preferia a mesma conclusão.

– Amor, caro senhor. Romântica e sentimental. Conjeturava que talvez a condessa Aranka, obedecendo a instintos plebeus, houvesse fugido com o filho do criado, o tenente revolucionário. Colhi, porém, informações que comprovam o fato de que Tivadar Vágo partiu sozinho para a Rússia após a queda de Béla Kun, foi anistiado e é, hoje, um empresário falido em Peste. A condessa Aranka não deu nenhum sinal de vida. Todos os anúncios legais, publicados dentro do prazo, foram inúteis. A sucessão passa por ramos longínquos da família, com os quais o ramo principal não mantinha mais nenhuma ligação há três quartos de século. O castelo vem sendo guardado por velhos criados de confiança. Criados idosos, de mentes adoecidas pelas alucinações da febre. Todos juram com a mão sobre a Santa Cruz que, pelos aposentos do castelo e pelas redondezas do parque, passeia de noite o espectro da condessa Aranka. Antes de ela desaparecer, era a condessa Ana. Agora é a condessa Aranka. Veja bem, caro senhor, que perda de razão o pântano e os mosquitos produziram. Aliás, você vai ver com seus próprios olhos e tirar suas próprias conclusões. E depois vai me dar razão, assim como todos me deram até o presente momento. Estamos chegando…

O advogado doutor em ciência jurídica Silvestru Hotăran dobrou o documento cronológico, fechou-o na maleta abarrotada, verificando minuciosamente seus fechos, e se deixou inclinar para trás, com um suspiro de alívio, no assento macio do carro.

Estávamos, de fato, chegando. Batia contra o automóvel um vento úmido e um odor podre de água estagnada.

A estrada ficou alta, como no cume de um dique, rodeada de um lado e de outro por um pântano lamacento. Aqui e ali, daquelas águas negras, erguiam-se árvores nodosas que apresentavam cavidades imensas e galhos tortuosos, e que, à noite, com certeza, deveriam assumir formas assustadoramente fantasma-góricas.

Esvoaçavam pássaros desconhecidos, espantados, dentre o junco cujas folhas largas balançavam como espadas vegetais.

Mas o que realmente produzia desassossego, insinuando uma sensação insuportável de horror e repugnância, era aquela extensão de água parada, da pro-fundidade de um palmo, mistura de fertilizante e podridão, com flores carnudas e peludas como animais, com criaturas horrendas que se deixavam adivinhar grassando pelo lodo gorduroso, emaranhando-se, arrastando-se, perseguindo-se: répteis e insetos com uma centena de patas, moluscos ge-latinosos de medonhas pulsações, sanguessugas se reproduzindo em bagos gosmentos, todo um universo viscoso e venenoso, fermentando como em uma imensa estufa.

Do húmus negro bafejavam ondas azedas de fermentação.

Pequenas ilhas, que revelavam suas extremidades cobertas de grama a partir da fungosidade esverdeada, pareciam abscessos em processo de putrefação.

Ao longe, no limiar enevoado pela umidade, salgueiros mortos vigiavam aquela terra de insondável tristeza, com braços que assustavam o horizonte, carbonizados e amputados.

– Ouro!, murmurou o advogado doutor em ciência jurídica Silvestru Hotăran. Com uma drenagem sistemática, esta terra ensebada como piche teria significado ouro…

Não respondi.

O olhar tinha dificuldade em distinguir, na velocidade do carro, se aquilo que, por vezes, fazia mover a caspa esponjosa da água era um pistilo de flor monstruosa ou apenas o focinho de um animal escondido na lama.

A estridência da buzina foi bizarra e opaca. Toda a sonoridade foi absorvida pelo lodaçal. Uma estridência abafada em algodão. Até as rodas agora giravam sem fazer barulho pelo caminho atapetado de grama cortada desde a estrada até os portões de ferro enferrujados.

Nada se movia. Tudo estava abandonado e deserto, como se ninguém mais houvesse ali morado por centenas de anos.

No portão com ferrugem transpirada de umidade, um único sinal daquele século nos reintegrava ao tempo. O anúncio vermelho da licitação, grudado com cola de farinha.

– Estão dormindo!, impacientou-se o advogado doutor Silvestru Hotăran. Estão dormindo, as bestas! Buzine de novo!, ordenou ao chofer.

Só da terceira vez, por trás do portão, ouviu-se alguém se movendo, fazendo ranger as trancas e, então, pesadas, as folhas do portão se abriram, chocando-se contra as paredes.

Um brutamonte peludo, com braços que pendiam até os joelhos, inclinou o chapéu esverdeado até a nuca com sua pata de coelho.

O advogado doutor em ciência jurídica Silvestru Hotăran imprecou alguma coisa no vernáculo de Petőfi, do qual jamais fui digno de entender uma única palavra. O homem respondeu caminhando com o chapéu na mão, ao lado do carro, pela trilha invadida pelo mato.

Por trás do muro surgiu uma monstruosa aparição: uma criatura papuda com um bócio luzidio, arregalando uns olhos remendados, revelando dentes amarelos num riso grotesco e fazendo-nos caretas como um idiota. Quando o carro passou ao seu lado, ele soltou um berro e sumiu, seus trapos tremulando ao vento.

– Pois bem! Veja só, caro senhor, com que tipo de gente estamos condenados a viver durante alguns dias… lamuriou-se o advogado doutor Silvestru Hotăran, desemaranhando as pernas dentre os pacotes e desembarcando com um gemido.

Dei alguns passos para trás, a fim de contemplar em sua totalidade a fachada do castelo mal-assombrado.

Correspondia exatamente à minha imaginação: duas fileiras de janelas estreitas e opacas, torres laterais, portas inexpugnáveis de carvalho guarnecidas de tarraxas e um musgo cor de ferrugem, que cobria os blocos de pedra. Era solene, sombrio, invadido pela umidade. Fuliginoso e mudo.

– Vai ter tempo!, gritou na minha direção o advogado doutor em ciência jurídica Silvestru Hotăran, do alto da escada. Vai ter tempo de admirá-lo mais tarde. A miséria toda está do outro lado, na outra fachada, para o lado do parque… Agora vamos nos livrar da poeira, caro senhor, vamos nos desa-mortecer, vamos lavar o rosto e descobrir que novas surpresas da justiça estão à minha espera. O Micloş já me contou ter recebido vários telegramas e documentos… Nunca gostei de telegramas. Só trazem complicações imprevistas, assim como verá…

Desisti por enquanto de ver a "miséria" do outro lado – assim como dizia o advogado doutor Silvestru Hotăran, e o segui escada acima.

Estaquei ofuscado na entrada, tentando acostumar os olhos à escuridão e os pulmões ao perfume asfixiante e ardido de bolor. Encostei em uma pessoa fria e rápido pulei para o lado contrário.

A pessoa era só uma armadura, uma dentre inúmeras armaduras que, com viseiras sobre os olhos e gestos crispados, formando um círculo, guardavam a sala.

O advogado doutor Silvestru Hotăran jogou, sem qualquer cerimônia, o chapéu no punho metálico de um antigo Kemény, o guarda-pó no braço de outro e, impaciente, abriu os telegramas e a correspondência da justiça, aproximando-se da luz que vinha da entrada.

Pelos seus murmúrios guturais, percebi que não traziam notícias muito agradáveis.

Enquanto caminhava de mãos para trás, a passos firmes sobre as placas de ardósia, ele amassava entre os dedos gordos, que pareciam cinco pares de linguiças congestionadas, toda a papelada. Estacou diante de uma armadura com peitoral metálico e luzidio. Mediu-a da longa extremidade dos pés articulados até a ponta do elmo com cruz dupla. E ambos: o gigante comprido, de cintura fina em escamas largas de aço, e o homem de paletó contemporâneo de tecido inglês, abotoado sobre o abdômen esférico, pareciam, em certo momento, se enfrentar com igual desprezo.

O advogado doutor Silvestru Hotăran virou-se de costas de repente para o homem de ferro, com uma expressão de alívio. Foi fácil compreender que ele não havia em absoluto franzido o cenho de maneira agressiva para a inofensiva armadura, mas havia apenas refletido sobre complicações imprevistas; encontrara a solução e tomara uma decisão.

– Definitivamente, podia ser pior, promulgou o advogado doutor Silvestru Hotăran. Imagine, caro senhor, que será necessário ampliar o prazo em quatro dias e que devo me apresentar, ainda hoje, na sede do condado. (Consultou o relógio, preso entre os botões do colete por uma correia grossa de ouro). Ou seja, preciso partir no máximo em uma hora se eu quiser chegar ainda antes do fechamento do tribunal. Como faremos? Não quero atrapalhar os seus planos…

– Faremos da maneira mais simples!, respondi bem disposto, eu que não tinha sabe-se lá que planos que alguém pudesse atrapalhar, muito menos uma agenda cheia de hieróglifos misteriosos que determinavam um futuro dividido em dias e horas. Posso simplesmente permanecer aqui, se não atrapalhar ninguém. Você vai para a sede do condado. Volta quando estiver pronto. Deixa-me um pouco de provisões. Graças a Deus tem de sobra! Esta circunstância até que me apetece. Terei tempo de examinar em detalhe a biblioteca.

Não confessei o verdadeiro motivo. Aqueles dois ou três dias me incitavam a melhor compreender as românticas e esfumadas peripécias que o advogado doutor Silvestru Hotăran resumira de maneira tão prosaica em seu relatório seco, à semelhança de um laudo pericial.

Sozinho, livre da presença demasiado telúrica do meu colega de viagem, teria tempo de sorver aquele ambiente, envenenar-me nele, assim como dizia o advogado doutor em ciência jurídica Silvestru Hotăran, e reconstituir aquele romance quadruplicado de maneira diferente da interpretação desprovida de fantasia do mais encarniçado e corpulento inimigo que o pântano, os mosquitos e a malária já tinham visto.

Meu colega de viagem, porém, apreciou a seu modo minha pronta decisão. Considerou-me um "băiat fain"[7] – e bateu afetuosamente em meu ombro, com sua palma da largura do casco de uma tartaruga:

– Não ache que não compreendi!… Que prazer você poderia ter aqui, sozinho, durante três dias de tédio, neste lugar desgraçado? A verdade é que, em sua delicadeza, caro senhor, você não quer me incomodar e está disposto a se sacrificar. Sei apreciar esse tipo de coisa. Mas tendo em vista que assim decidiu, que assim fique decidido! Agora vamos lavar o rosto e comer uma entrada…

Deixei o advogado doutor em ciência jurídica Silvestru Hotăran em sua doce ilusão no que dizia respeito à minha pressuposta delicadeza, e fomos refrescar o rosto.

Enquanto enxugava as mãos na toalha, o adversário do anófeles identificou, na vidraça da janela, um imprudente indiciado. Meteu rapidamente os óculos sobre o nariz redondo, inclinou-se para estudá-lo com a maior atenção e se endireitou, fungando de satisfação:

– Anófeles!, assegurou-me. Olhe bem como ele enverga a cauda! Os outros, vulgares e inofensivos, têm a cauda virada para baixo. Esse a mantém erguida: o canalha está infectado pelo hematozoário. É exatamente o que eu dizia!

Agradeci-lhe o suplemento de informações, que me faziam recordar as distantes aulas de higiene nas carteiras da escola. Mas não manifestei pânico. O advogado doutor em ciência jurídica Silvestru Hotăran, porém, via as coisas de outra maneira. Aproximou-se na ponta dos pés, crispado sob os óculos convexos, como se emboscasse por trás um terrível adversário, ergueu a mão com lentíssima precaução e, bruscamente, esmagou-o com o dedo em uma rotação assassina.

[7] "Cara legal". O autor faz aqui uso de expressão romena típica transilvana, sublinhando a origem do advogado. (n.t.)

Mal pude controlar o riso. As ocupações do circunspecto advogado doutor em ciência jurídica eram bastante cômicas e surtiam um efeito derrisório. Matara um, mas aquelas quatro mil jeiras de brejo eram o lar de mais alguns milhões de "canalhas". A guerra era perfeitamente desigual. O inimigo gozava de reservas inesgotáveis.

– Não devo me esquecer de lhe deixar o quinino!, recordou o advogado doutor em ciência jurídica Silvestru Hotăran. E lhe peço encarecidamente que tome uma dose pela manhã e outra à noite. Não quero ter essa preocupação…

– Ora! Para a consciência de um advogado, uma vítima a mais ou a menos…

– Perdão, caro senhor! Minha consciência é tão translúcida quanto esse cristal! – defendeu-se o advogado doutor em ciência jurídica, comprovando mais uma vez sua impermeabilidade a piadas frívolas.

E, em seguida, pegou de cima da mesa uma taça de cristal para me mostrar, através dela, quão virginal sua consciência se sentia.

A taça estava empoeirada, cheia de manchas opacas e gordurosas, como uma chapa de impressões digitais.

– Deveríamos antes limpá-la um pouco!… e estendi um lenço inocente.

O advogado doutor em ciência jurídica Silvestru Hotăran deu finalmente as graças de um sorriso vencido, recolocando a taça no lugar, mais imunda que a consciência pesada de um criminoso.

– Meu senhor, meu senhor, vocês são todos uns… Nem consigo encontrar a palavra… Uns… malditos!

– Malditos, doutor… Verdadeiros "canalhas", como o anófeles!

– Pode deixar! Você ainda vai ver… ameaçou-me com o dedo gordo e avermelhado, como uma verdadeira salsicha com raiz-forte. Agora vou apresentá-lo ao Micloş. Aqui estão as chaves. Durante três dias, você será aqui o único responsável.

O advogado doutor em ciência jurídica Silvestru Hotăran apresentou-me ao Micloş que, com toda a antiguidade que lhe curvava as costas, uniu à maneira militar os calcanhares das botas e proferiu respeitosamente algo parecido com:

–*Egészenrendelkezéséreállok*!

– O que foi que ele disse?, perguntei.

– Que o diabo o carregue! – traduziu o advogado doutor em ciência jurídica Silvestru Hotăran. Uma reverência deles, dos criados. Disse que está à sua inteira disposição.

– Diga que agradeço, mas que não tenho muita necessidade. Como não entendo nada da língua do honorável Micloş, nem posso lhe pedir nada.

O advogado doutor em ciência jurídica lhe transmitiu minhas sinceras desculpas, no que o velho respondeu, da mesma maneira respeitosa e servil, algo parecido com:

– *Szivesenfelajánlomönnekszolgálataimat*!

– Que ele me dê uma tesoura antes de tudo! – exclamei, dando risada. Para eu separar os sujeitos do predicado…

Meu colega em nada apreciava a superficialidade com que eu aceitava aquelas novas complicações, assim como também Micloş me pareceu terrivelmente ofendido pela minha injustificada alegria.

Todavia, a fim de me poupar de futuros desentendimentos devido à ausência de um intérprete, o advogado doutor Silvestru Hotăran ordenou com antecedência qual deveria ser o meu quarto, a que horas deveriam ser servidas as refeições e outros detalhes vulgares do quotidiano.

Tive a impressão de que o criado manifestou uma espécie de temor surpreso, e que me fitava com desaprovação.

– O que ele quer?, perguntei.

– Bobagens!, disse com desprezo o advogado doutor Silvestru Hotăran. Começaram de novo com as mesmas bobagens. Ele está admirado com o fato de você passar três noites sozinho aqui. Perguntou se não tem medo de fantasmas. Parece que a senhorita Aranka começou de novo a passear pelos corredores e pelo parque. Disse que ninguém resistiu… Oito anos atrás, um tenente romeno aquartelado aqui teria ido embora depois da primeira noite… Não quis dizer a razão, preferindo dormir com os soldados nas barracas. E, há três anos, um jovem empregado, um garoto contratado para cortar as árvores velhas do parque, morreu afogado depois da segunda noite… Como vê, deixo-o no mais pleno mistério, caro senhor… Sorte que não preciso me preocupar; você é suficientemente civilizado para não se deixar impressionar pelas fábulas desses broncos.

– Oh! Sem sombra de dúvidas!, disse com robustez, encenando um gesto largo que desafiava todos os espíritos das trevas.

Em seguida, o advogado doutor em ciência jurídica Silvestru Hotăran mandou descarregar em ordem seus mil e um pacotes, coisa que ele supervisionou com rigor. Vestiu o guarda-pó pendurado na mão rígida da armadura transformada em cabide, afundou-se no assento macio do carro e foi embora, recomendando ao chofer que guiasse na velocidade máxima.

– Tome cuidado: o anófeles!, foi o seu último conselho, agitando a mão com o dedo erguido em protetora ameaça.

– E os fantasmas!, repliquei, do alto da escadaria, com um sorriso estúpido.

O portão pesado bateu em um estrondo, fechando-me do lado de dentro dos muros de pedra da altura de três homens.

[...]

(continua)

FOLHETIM
21º

memória

(n.t.) | Babilônia

O MISSIONÁRIO
CLAUDE FARRÈRE

O TEXTO: No dia 2 de fevereiro de 1941, nas páginas da revista carioca *Vamos Ler!,* Clarice Lispector publicou sua primeira tradução intitulada "Le missionnaire" ("O missionário"), um breve conto do escritor francês Claude Farrère que integra a coletânea *Contes d'outre et d'autres mondes*, de 1921. No conto, ambientado na época colonial, dois franceses viajam a cavalo até um posto fronteiriço que separa a China e o Tonquim, para descansar após uma longa viagem. Hospedam-se em uma cabana rústica, onde são acolhidos por um "homem da Ásia", na verdade, um missionário espanhol solitário, com quem travam conversa, ceiam e fumam ópio. A título de memória, a reprodução da tradução mantém o português da época, com exceção do título, dispondo-a pela primeira vez ao lado de sua contraparte, o original.

Preparação dos originais: Gleiton Lentz, da (n.t.).
Fac-símile: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.
Fontes consultadas: Em português: Farrère, C. "O missionario". *Vamos Ler!,* Rio de Janeiro, 2 jun. 1941, p. 32, 33 e 64. Em francês: Farrère, C. "Le missionaire". In. *Contes d'outre et d'autres mondes.* Paris: Dorbon-Ainé, 1921, pp. 19-24.

O AUTOR: Claude Farrère (1876-1957), escritor o oficial da marinha francês, nasceu em Lyon. Após seguir inicialmente os passos do pai, abandonou a carreira militar para se concentrar em sua atividade como escritor. Escreveu muitas novelas, a maioria ambientada em cidades exóticas como Istambul, Saigon e Nagasaki, tendo vencido o Prêmio Goncourt de 1905 com o livro *Les civilisés*. Escreveu também contos fantásticos, *L'Autre côté* (1928), e muitas histórias sobre o mar, como *La Nuit en mer* (1928) e *La Sonate à la mer* (1952). Em 1935 foi eleito para a Academia Francesa.

A TRADUTORA: Clarice Lispector (1920-1977), escritora e jornalista brasileira, nasceu em Chechelnyk, na Ucrânia. Autora de romances, contos e ensaios, dedicou-se também à tradução. Começou a traduzir textos científicos quando ainda era estudante de Direito, nos anos 1940, e depois, documentos oficiais para a Agência Nacional. A partir da década de 1960, traduziu obras para a Reader's Digest e para editoras como a Artenova, Ediouro e Rocco. Comentou sobre o ofício de traduzir em uma crônica publicada na *Revista Jóia*, "Traduzir procurando não trair" (1968), na qual tece reflexões acerca do ofício do tradutor, especialmente sobre a busca por ser fiel ao original.

LE MISSIONAIRE

"Sous la grande croix de bois qui suppliciait un dieu d'Occident noirci, il avait allumé une petite lampe."

CLAUDE FARRÈRE

Pour Edmond Jaloux.

Ce soir, affirma Paul de C..., nous coucherons, si le cœur nous en dit, dans un lit.

La prophétie était audacieuse : nos bidets trottaient depuis quatre jours, le long de la frontière sino-tonkinoise. Et, quatre nuits durant, nous avions dormi à la belle étoile, sur une simple natte matelassée d'une couverture.

J'étais donc sceptique. Paul de C..., qui connaît son Tonkin, comme moi mon Bois de Boulogne, répéta, précis :

– Dans un lit. Un lit avec draps et moustiquaire. Car voici les rochers de Such-Zen, et le poste de Bac-Liet n'est pas à deux lieues d'ici.

L'hospitalité des officiers de la frontière est proverbiale. Du coup, je ne doutai plus. Je questionnai :

– Bac-Liet ? jamais entendu parler de Bac-Liet. Un poste important ?

– Du tout. Un poste abandonné. Point de soldats. Mais un missionnaire, un vieil Espagnol pittoresque, qui sûrement se mettra en quatre pour nous être agréable. Et vous savez, mon vieux, vous verrez là une silhouette de prêtre comme ils n'en ont pas à Rome !

Celui-ri campe depuis trente ans sur la frontière chinoise, et le voisinage influe.

Paul de C... n'en dit pas plus long, parce que les rocs de Such-Zen surplombaient maintenant notre route, et qu'il était imposible de songer désormais à rien autre qu'à cette falaise sublime, hérissée d'aiguilles comme une

crête de dragon, et rayée par le soleil couchant de longues ombres obliques, telle la peau d'un tigre géant.

Et tout d'un coup, le soleil s'enfonça sous l'horizon, avec cette rapidité singulière qui caractérise les chutes de jour sous les tropiques. Il fit nuit brusquement, nuit noire.

Alors, au bout du sentier, dans le lointain, une petite lumière rougeoya, la lumière d'une lanterne de papier huilé qui pendait à la porte d'une cahute de bois brut : la mission.

Sur le seuil, un Chinois nous accueillit, grave ; et sa queue de soie balaya le sol quand il nous salua avec cérémonie, la tête penchée à gauche, les deux poings serrés l'un contre l'autre et secoués par respectueuses saccades. Il était tout de bleu vêtu, à la mode cantonaise. Et ses pommettes saillaient de ses joues creuses, jaunes.

Je demandai le missionnaire. Il sourit, s'inclina derechef :

– C'est moi.

Ahuri, je le regardai.

Un Chinois ?… Non. A détailler chaque trait, les yeux n'étaient pas bridés, ni le nez aplati. Mais ce teint de jaunisse, cette face osseuse, et ce crâne rasé, poli comme vieil ivoire. Ce n'était pas un Européen non plus, certes ! La Chine irrésistible avait passé sur l'être d'autrefois, effaçant peu à peu sa race première pour lui en imposer une nouvelle, qu'elle avait gravée, caractère après caractère, sur sa peau, dans sa chair, et plus profond peut-être, dans ses moelles. Je le regardais. Où était l'Espagnol ardent, nerveux, hautain ? Je ne voyais plus qu'un homme d'Asie, fataliste et lent.

Nous étions entrés cependant. Nos boys dessellaient les bêtes et les emmenaient je ne sais où pour la nuit. Dans la cabane au sol de terre battue, une seule lampe brûlait, pendue au plafond par une chaîne de cuivre. Des images pieuses tapissaient les quatre murs. Le lit, – une paillasse de rotin, – occupait un coin. Et déjà, deux autres paillasses semblables avaient pris place à côté de celle-là, attestant l'hospitalité de notre hôte. Un enfant chinois, l'unique serviteur, tirait d'un vieux coffre du linge empilé.

– Vous êtes chez vous, – dit le missionnaire.

Il parlait lentement, en cherchant ses mots, comme parlent les moines forcés par exception de rompre le silence monastique.

Pourtant, quand l'enfant, ayant achevé les lits, disposa le couvert du souper, – couvert rustique, – le prêtre l'interpella en chinois d'une voix qui n'hésitait plus. La vérité, c'est qu'il avait à demi oublié les idiomes inutiles de

l'Occident. Il s'excusa, sa longue bouche mince nous grimaçant un sourire d'Extrême-Asie.

– Il y a... si longtemps... trente années... que je suis... Chinois.

Et il n'essaya plus de parler. Nous soupâmes en silence, de riz et de patates douces. Il n'y a point de pommes de terre dans le Kouang-Toung ni dans le Kouang-Si.

Cependant, Paul de C..., à la fin du repas, questionna notre hôte :

– Trente ans de Chine, murmura-t-il d'abord... Padre, retournerez-vous un jour chez vous, dans votre village d'Espagne ?

La figure jaune et grave ne cilla même pas au souvenir.

– Jamais. Il n'y a plus... d'Espagne... Ici, je mourrai... Ces mains-ci... ont creusé ma tombe... Elle est prête... ici... derrière le mur...

Il frappa le bois, entre l'image d'une vierge et l'image d'un saint.

– Au moins, fit Paul de C..., avez-vous des consolations spirituelles ? Avez-vous baptisé beaucoup de Chinois ?

La réponse vint, immédiate et paisible :

– Non... peu. Peu de chrétiens chinois... Tous très idolâtres.

– Mais vous, au moins, Padre, vous gagnez le paradis, ici !...

La voix froide et brute hésita :

– Oui... ou non... Dieu sait... Dieu... peut-être...

– Mais vous avez la foi, la foi qui sauve !

Cette fois, le prêtre se tut une longue seconde. Puis, plus bas, il murmura un seul mot :

– Obéissance.

Le souper était fini. Le missionnaire se leva, rangea lui-même nos écuelles, disposa les moustiquaires. Il ne fallut qu'un instant pour que la salle à manger fût devenue dortoir.

Mais alors, j'eus une surprise : le missionnaire ne se couchait pas, – pas encore. Dans un coin de la case, sous la grande croix de bois qui suppliciait un dieu d'Occident noirci, il avait allumé une petite lampe chinoise, et, maintenant, préparait un bambou, un fourneau, une aiguille, – tout l'attirail immuable des fumeurs d'opium.

Nous le regardions faire, étonnés. Il nous sourit encore, de son sourire chinois, mince et jaune :

– Avant de dormir... je fume toujours... douze pipes.

Il se coucha sur le flanc gauche, près de la lampe. Et sa main, aux ongles très longs, nous invita, d'un geste hospitalier, à fumer aussi, si nous voulions.

Nous fumâmes. Et ce fut une nuit d'opium, pareille à toutes les nuits d'opium. Notre hôte, équitablement, répartissait les pipes entre nous trois.

Seulement, quand l'antique réveille-matin qui servait d'horloge marqua minuit, le prêtre laissa retomber soudain le bambou et l'aiguille, et souffla la lampe.

– Jeûne... dit-il, parce que demain, messe.

Au petit jour, il revêtit son surplis. La chapelle était adossée à la case: une autre case, plus petite encore.

Paul de C..., bon catholique, offrit de servir la messe. Le missionnaire, avant d'accepter, passa deux fois sa main sur son front :

– Oui, dit-il enfin. Mais... j'étais étonné.... parce que depuis trente années... personne ne m'a servi...

Il était sur le seuil de la chapelle. Il regarda tour à tour les deux cases appuyées l'une à l'autre, puis le champ à l'entour des cases, et la brousse à l'entour du champ, et les montagnes roses qui bornaient l'horizon. Il répéta :

– Personne... depuis trente années. Ni conversions, ni fidèles... ni consolations... Et Dieu ? je ne sais pas !.... Mais l'obéissance... et les pipes...

Le sourire chinois reparut sur les lèvres minces. Une résignation absolue régnait sur tout le visage jaune. Et trèscalmes, les paroles rituelles résonnèrente :

– *Introïbo ad altare Dei...*

O MISSIONÁRIO

"Sob uma grande cruz de madeira que supliciava um Deus denegrido do Ocidente, ele acendera uma pequena lampada."

CLAUDE FARRÈRE

Esta noite – afirmou Paul de C... – nós nos deitaremos, segundo me diz o coração, numa cama.

A profecia era audaciosa: nossos bipedes trotavam ha quatro dias, ao longo da fronteira sino-tonquinesa.

E, durante quatro noites, dormiramos sob as estrelas, numa simples esteira acolchoada com um cobertor.

Eu estava portanto cético. Paul de C..., que conhece seu Tonkin como eu meu Bois de Boulogne, repetiu, preciso:

– Uma cama. Uma cama com lençois e mosquiteiro. Porque eis aí os rochedos de Such-zeu, e o posto de Bac-Lied não dista sinão duas leguas daqui.

A hospitalidade dos oficiais da fronteira é proverbial. De repente, não duvidei mais. Perguntei:

– Bac-Lied? Nunca ouvi falar de Bac-Lied! Um posto importante?

– Absolutamente. Um posto abandonado. Nenhum soldado. Mas um missionario, um velho espanhol pitoresco, que com certeza se meterá em quatro para nos ser agradavel. E você, meu velho, verá uma figura de padre como nem em Roma existe! Ele acampou ha trinta anos na fronteira chinesa e a visinhança aflue.

Paul de C... não disse mais nada, porque os rochedos de Such-Zeu pioravam agora o nosso caminho, e era impossivel pensar daqui em diante em alguma coisa além deste magnifico penhasco, eriçado de agulhas como uma

crista de dragão, e listrado pelo sol poente, com longas sombras obliquas, tal qual a pele de um imenso tigre.

E, de uma vez, o sol mergulhou no horizonte, com a singular rapidez que carateriza o cair do dia, nos tropicos.

Fez-se noite, bruscamente, noite negra. Então, no fim do atalho, no longe uma pequena luz avermelhou; a luz de uma lanterna de papel azeitado, que pendia á porta de uma cabana de madeira tosca: a missão.

Na soleira da porta, um chinês nos acolheu, grave; e a sua cauda de seda varreu o chão, quando nos saudou cerimonioso, a cabeça inclinada para a esquerda, as duas mãos apertadas uma contra a outra e agitadas por respeitosas sacudidelas. Estava todo vestido de azul, á moda cantonesa.

As maçãs saltavam de suas faces cavadas, amarelas.

Perguntei pelo missionario, Ele sorriu, inclinou-se de novo:

– Sou eu.

Surpreso, eu o olhei. Um chinês?... Não. Estudando com atenção, via-se que os olhos não eram estreitos nem o nariz achatado. Mas este colorido de itericia, esta face ossuda, e este cranio liso, polido como velho marfim...

Não era mais um europeu, certamente! A China irresistivel passara sobre o ser doutróra, apagando pouco a pouco a sua raça primitiva para lhe impôr uma nova, que ela gravou, carater após carater, sobre sua pele, na sua carne, e mais profundo, talvez, na sua medula. Eu o olhava.

Onde estava o espanhol ardente, nervoso, altivo? Eu não via sinão um homem da Asia, fatalista e louco.

Não obstante, tinhamos entrado.

Nossos "boys" desselaram os animais, e os levaram, não sei onde, para passar a noite. Na cabana de chão de terra batida, ardia uma só lampada, suspensa ao této por uma corrente de cobre. Imagens piedosas cobriam as quatro paredes. O leito – um enxergão de junco – ocupava um canto. E já dois outros enxergões semelhantes tinham tomado lugar ao lado daquele, atestando a hospitalidade do nosso hospedeiro.

Um menino chinês, o unico criado, tirou, de uma velha arca, roupa branca empilhada.

– Estais em vossa casa, disse o missionario.

Falava lentamente, procurando as palavras, como falam os religiosos forçados por exceção a romper o silencio monástico. Todavia, quando o menino ajeitou os leitos, e dispôs o talher de cear – talher rustico – o padre in-

terpelou-o em chinês com uma voz que não hesitava mais. A verdade é que ele quasi esquecera as linguas inuteis do Ocidente. Ele se desculpou; sua longa boca delgada carateou-nos um sorriso da extrema Asia.

– Ha... tanto tempo... trinta anos... que eu sou... chinês.

E não tentou mais falar. Ceamos em silencio, arroz e batatas doces. Não ha batatas comuns em Kuang-Tung nem em Kuang-Si.

Nesse interim, Paul de C..., ao final da refeição, perguntou ao nosso hospedeiro! – Trinta anos de China – murmurou, começando – padre, voltareis um dia para vossa casa, na vossa aldeia da Espanha?

A figura amarela e grave nem mesmo pestanejou, á recordação.

– Nunca – Não ha mais... – Espanha... Aqui, morrerei... Estas mãos... cavaram a minha sepultura... Ela está pronta... aqui... atrás da parede...

Bateu na madeira, entre a imagem de uma virgem e a imagem de um santo.

– Ao menos – fez Paul de C... – Tendes consolações espirituais? Tendes batisado muitos chineses?

A resposta veio, imediata e tranquila:

– Não... poucos. – Poucos cristãos chineses... Todos, muito idolatras.

– Mas vós, ao menos, padre, ganhais o paraiso, aqui!...

A voz fria e rispida hesitou:

– Sim... ou não... Deus sabe... Deus?... talvez...

Mas vós tendes a fé, a fé que salva!

Desta vez, o padre silenciou um longo segundo. Depois, mais baixo, murmurou uma só palavra:

– Obediencia.

A ceia estava finda. O missionário levantou-se, pôs em ordem ele proprio nossas tigelas, dispôs os mosquiteiros.

Ele não faltou sinão um instante porque a sala de jantar foi transformada em dormitorio.

Então, tive uma surpresa: o missionario não se deitava ainda. Num canto da cabana, sob uma grande cruz de madeira que supliciava um Deus denegrido do Ocidente, ele acendera uma pequena lampada chinesa, e, agora, preparava um bambú, um forno, uma agulha, toda a equipagem imutavel dos fumadores de opio. Nós o olhavamos preparar-se, surpreendidos. Ele nos sorriu ainda, com o seu sorriso chinês, delgado e amarelo.

– Antes de dormir... fumo sempre doze cachimbos...

Deitou-se sobre o flanco esquerdo, perto da lampada. E sua mão, de unhas muito compridas, convidou-nos, num gesto hospitaleiro, a fumar tambem, si quisessemos.

Fumámos. E foi uma noite de opio, igual a todas as noites de opio. Nosso hospedeiro repartia os cachimbos entre nós tres, com equidade. Somente, quando o antigo despertador que servia de relogio marcou meia-noite, o padre deixou cair de repente o bambú e a agulha e soprou a lampada.

– Jejum... – disse ele – Porque, amanhã, missa.

De madrugada, vestiu a sobrepeliz.

A capela era encostada á cabana, uma outra cabana menor ainda.

Paul de C..., bom catolico, ofereceu-se para ajudar á missa. O missionario, antes de aceitar, passou duas vezes a mão sobre a fronte:

– Sim – disse ele finalmente – Mas... eu fiquei abalado... porque desde trinta anos... nenhuma pessoa me ajuda...

Estava na soleira da capela.

Olhou alternadamente as duas cabanas apontadas uma a outra, depois o campo ao redor das cabanas, o espinhal ao redor do campo, e as montanhas roseas que limitavam o horizonte.

Repetiu:

– Ninguem... desde trinta anos.

Nem conversões, nem fieis... nem consolações... E Deus? não sei!... Mas a obediencia... e os cachimbos...

O sorriso chinês reapareceu nos labios delgados. Uma resignação absoluta reinava sobre todo o semblante amarelo. E muito calmas, as palavras rituais ressoaram:

– Introibo ad altare Dei...

tabuinha

(n.t.) | Babilônia

HINO A NISABA

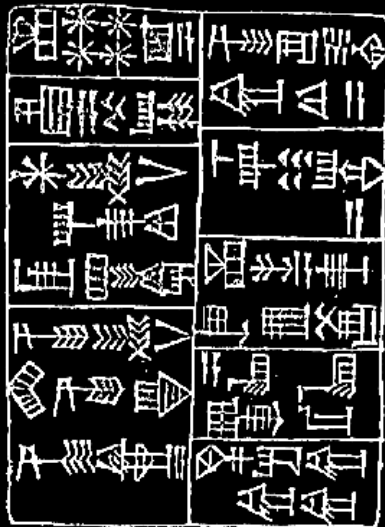
ANÔNIMO

O TEXTO: Hino dedicado a Nisaba, deusa suméria da escrita e da colheita, considerada a padroeira dos escribas. Originalmente adorada como uma deusa dos grãos, era representada pelo símbolo de um único talo de grão. Depois, passou a ser venerada como a deusa da escrita, segurando um estilete de ouro e uma placa de argila com a imagem de um céu estrelado. A transição ocorreu à medida que a escrita se tornou mais importante para documentar o comércio de grãos, pois muitas tabuinhas terminam com a frase "Nisaba seja louvada" para homenageá-la. Na tabuinha aqui traduzida, ela carrega uma placa de lápis-lazúli, onde lê o futuro por meio de presságios celestiais, pois, sem ela, as colheitas não podiam ser calculadas. O fragmento descreve sua origem, nascida de Uras, a deusa do subterrâneo, e seus atributos, como possuir os sete juncos (pois o sete era um número místico para os sumérios e os juncos usados para escrever na argila) e ser dotada de cinquentas *me´s*, os poderes divinos. Conclamada a maior deusa de E-kur, templo dedicado ao deus do céu, Enlil, nomeia-se, ao final, a deusa da terra, Aruru, que domina sobre Kalam (Suméria), e do barro, uma referência às tabuinhas e à escrita. Na tradição médio-oriental, o hino é conhecido como *Nin-mul-an-gim* (*Senhora tingida como as estrelas celestes*), e na tradição ocidental, como "Hino a Nisaba" ou Nisaba A.

Texto traduzido: Thureau-Dangin, Fr. "Le déesse Nisaba". In. *Revue d'Assyriologie et d'Archéologie orientale*, n. 7, 1909, pp. 107-111. **Placa:** *Nin-mul-an-gim* (Nisaba A). In. CDLI - Cuneiform Digital Library Initiative.

O AUTOR: De autoria desconhecida, o Hino a Nisaba pertence a um agrupamento conhecido como *Tétrade*, que compreende quatro hinos em sumério que eram usados como uma ponte entre o currículo elementar e a Década, uma sequência padrão usada para o treinamento dos escribas. Esta tradução apresenta a tabuinha que contém as nove primeiras linhas do hino, cunhadas em sumério, em uma placa de pedra datada do período de Ur III (c. 1900-1600 a.C.), encontrada na antiga cidade de Girsu. Atualmente, encontra-se no Museu Arqueológico de Istambul.

O TRADUTOR: Gleiton Lentz, editor da (n.t.), é pós-doutor em Estudos da Tradução (PGET/UFSC), doutor em Literatura (UFSC/Università di Firenze), tradutor e revisor. Dedica-se ao estudo das escritas antigas e suas literaturas, incluindo a maia e a suméria. Para a (n.t.) traduziu En-hedu-Ana.

Nin-mul-an-gim

Hino a Nisaba

Senhora tingida como as estrelas celestes

Oh, senhora tingida como as estrelas celestes,

Que seguras na mão a tabuinha de lápis-lazúli!

Oh, Nisaba, nascida no grande redil de Uras,

Nutrida com bom leite em relva alcalina sagrada,

E que abre a boca para os sete. . . juncos!

Dotada perfeitamente de cinquenta grandes me's,

Oh, minha senhora, a mais poderosa em E-kur!

Aruru, deusa da Terra de Kalam,

. . . e do barro!

Estela da Torre de Babel, Babilônia
ARQUIVO (n.t.)

INTERNAS:
Aline Daka (p. 3)
Etemenanki, 2021
Nanquim sobre papel, negativada
ARQUIVO (n.t.)

Etemenanki (p. 5)
Estela da Torre de Babel, c. 604-562 a.C
Estela
SCHØYEN COLLECTION, OSLO

VINHETAS:

Fotos de:
Babilônia (pp. 8, 60, 68, 250, 265, 317 e 327)
Iraque
ARQUIVO (n.t.)

ENTRADAS:
Cantares mexicanos (p. 9)
Capa de *Cantares mexicanos*, séc. XVI
Manuscrito MS 1628
BIBLIOTECA NACIONAL DE MÉXICO, MÉXICO D.F.

Exekias (p. 20)
Detalhe de *Aquiles e Pentesilea,* 525 a.C.
Ânfora grega
BRITISH MUSEUM, LONDRES

Sheila Alvarado (p. 29)
María Emilia Cornejo, 2018
Ilustração para o livro *Había una vez una peruana*
EDITORIAL XILÓFONO, LIMA

COMTE DE VILLIERS DE L'ISLE-ADAM
HISTOIRES
INSOLITES
Spiritus
PARIS
LIBRAIRIE MODERNE

Renato Silva (p. 318)
Sem título, 1941
Ilustração para o conto “O missionário”
HEMEROTECA DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL, RIO DE JANEIRO

Tabuinha (artefato) (p. 328)
Hino a Nisaba, c. 1900-1600 a.C.
Tabuinha cuneiforme
ARKEOLOJI MÜZELERI, ISTAMBUL

Aline Daka (pp. 329-330)
Nisaba, 2021
Nanquim sobre papel
ARQUIVO (n.t.)

CONTRACAPA:
Ruínas da fundação de Etemenanki, Babilônia, Iraque
Fotografia
ARQUIVO (n.t.)

A (n.t.) | 20º acabou-se de editar em 15 de setembro de 2021,
na Ilha do Desterro, Santa Catarina, Brasil.

Fontes ocidentais: **Book Antiqua**, **Baramond**
Grego antigo, russo e romeno: **Palatino Linotype**
Japonês: MS Mincho Sumério: **Segoe Historic**